

10 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS EM TODO O MUNDO

BARBARA BRETTON

Autora de *Fetichos de Amor* e *A Magia do Amor*

Sonhos Encantados

*O que faria se as pessoas que amamos,
os sítios que conhece,
desaparecessem de repente?*

ROMANCE MÁGICO

Quinta Essência

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Título original: Spun by Sorcery

Título: Sonhos Encantados

Tradução: Maria Filomena Duarte

Revisão: Domingas Cruz

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789895559312

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Barbara Bretton, 2010

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leva.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leva.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico

*Para Alaskan Sass, Moonshh, Anna92, Lemonsong, Wagsmeows, Twoszee, Treklady,
Kristyh1981, Tishkits, Miaknit, Ria19 e todas as maravilhosas
tricotadeiras de Ravelry's Read e Knit/Crochet Swap! que são mais divertidas do que um saco
de caxemira levíssima a preço de saldo.*

CHLOE
SUGAR MAPLE, VERMONT

O que faria se as pessoas de quem gostasse, os sítios que conhecesse, desaparecessem sem avisar? A sua cidade, a sua casa, a loja de lãs que construiu a partir do zero, os seus melhores amigos, os seus inimigos, os marcos familiares que fizeram parte do seu mundo desde que nasceu, todos eles se eclipsassem da face da Terra num abrir e fechar de olhos?

Talvez pensasse que tinha bebido de mais ou que alguém tivesse acrescentado um cogumelo esquisito à sua salada quando você não estava a olhar. As pessoas desaparecem. Os gatos e os cães desaparecem. As chaves do carro, os marcadores de tricô, os nossos óculos de sol preferidos.

Mas não a nossa terra natal.

As terras natais não são portáteis. Não podemos transportá-las na caixa de um camião e levá-las para outro sítio. De vez em quando, a Mãe Natureza mete a mão no seu saco de truques e testa o vigor de uma pequena vila. Envia tornados e tempestades de neve, incêndios e inundações e depois observa, admirada, o modo como as pequenas vilas se vergam, mas resistem.

E decerto nunca desaparecem sem deixar rasto.

Pelo menos era o que eu julgava até me acontecer isto.

Sou Chloe Hobbs, uma feiticeira-em-formação semi-humana. Quando não estou a estudar o *Livro dos Feitiços*, podem encontrar-me na Sticks & Strings, a minha loja de lãs tremendamente popular, ou no edifício da Câmara, onde exerço as funções de presidente *de facto* de Sugar Maple, uma pequena vila turística no Norte de Vermont.

Mas há muito mais coisas em Sugar Maple que saltam à vista. A nossa fachada pitoresca esconde realidades que podem pôr em perigo a nossa existência. Sugar Maple é habitada pelos descendentes de seres oprimidos que fugiram de Salem durante os Julgamentos das Bruxas. Desesperada por encontrar um refúgio, a minha antepassada Aerynn conduziu outras almas em perigo para uma cidade índia a norte, chamada Sinzibukwud, onde foram recebidas de braços abertos e com generosidade.

A nossa loja de ferramentas pertence a uma família de lobisomens. A nossa bibliotecária principal é uma magnífica *troll* norueguesa. As minhas melhores amigas são um ser metamórfico e uma feiticeira. É uma família de vampiros que se ocupa da agência funerária. E quem podia esquecer Forbes, o Gigante da Montanha, que é sonâmbulo?

E esta é somente uma pequena parte da nossa população atual.

De uma maneira geral, o lado humano da minha linhagem não me favorece em relação aos outros habitantes da vila, mas dá jeito quando temos de lidar com os burocratas de Montpelier. Com raras exceções, não fomos chamados a lidar com eles ao longo do tempo, mas ultimamente parece que estamos a receber mais do que a nossa dose de atenção da gente bem-pensante da capital do estado.

A morte chocante de uma turista chamada Suzanne Marsden em Snow Lake, em dezembro

passado, é um bom exemplo. Penso que havíamos voado abaixo do radar durante tanto tempo que nos tínhamos tornado complacentes. Durante séculos e séculos tínhamos sido uma vila sem criminalidade e por isso estávamos desprevenidos. Esquecíamos que o mal existia realmente e que por vezes estava ali mesmo ao nosso lado.

A única coisa boa que resultou dessa tragédia foi Luke MacKenzie. Luke é cem por cento *Homo sapiens* e o nosso recém-cunhado chefe da polícia.

Mais importante ainda, ele é também o amor da minha vida, um facto a que os ouvidos coletivos de Sugar Maple parecem estar muito atentos.

Isadora, a poderosa chefe das fadas da Nova Inglaterra, nunca fora uma das minhas maiores fãs, mas de certo modo tínhamos conseguido coexistir até ao dia em que Luke chegou para investigar a morte de Suzanne.

Daí em diante, Isadora e eu entrámos em guerra. Só de pensar que um ser humano de carne e osso vivia em Sugar Maple ela ficava à beira de um ataque de nervos e resolvia arranjar uma maneira de empurrar a vila para o outro lado do nevoeiro, para o reino das fadas, onde podia reinar em todo o seu esplendor.

Ela percebeu antes de mim que o amor era a chave para abrir a feiticeira que me habitava e que os meus poderes emergentes transformariam a nossa luta numa guerra entre (quase) iguais. Julguei que tinha conseguido bani-la em dezembro, mas subestimei a necessidade de vingança da fada guerreira. Ela conseguiu atravessar o escudo do banimento e esta noite, num daqueles momentos que só acontecem uma vez na vida, quando o Sol e as estrelas se encontravam em alinhamento mágico e eu me sentia mais vulnerável do que nunca, ataco.

Não vos vou mentir. Esta noite, foi o toca-e-foge durante algum tempo, enquanto lutávamos pelo espírito de uma menina e pelo futuro de Sugar Maple. Quando a terra começou a tremer e aquele desvairado espetáculo de luz atravessou o céu e a ex-mulher de Luke... bem, digamos que me vi obrigada a apelar a todos os segredos do *Livro dos Feitiços* a que tive acesso para sair vencedora.

Não é para me gabar nem nada que se pareça, mas, no espaço de uma hora terrena, travei a luta da minha vida, derrotei a minha arqui-inimiga, reuni mãe e filha e salvei a minha terra natal de uma certa catástrofe. Por fim, sincronizei-me com a minha magia. A parte não humana da minha linhagem já não me assustava. (*Okay*, talvez ainda me assustasse um pouco, mas eu ia no bom caminho.)

E, melhor ainda, não assustava Luke. Automóveis voadores. Cascatas encantadas. Demónios com um machado na mão, prontos a atacar. A maioria dos outros humanos do sexo masculino teria zarpado assim que se visse transformada num boneco Ken, mas não Luke. Ficou ali, suportou tudo e há poucos minutos pronunciou as palavras que sempre desejei ouvir.

Já não estás sozinha.

Chloe Hobbs, a mulher que passara toda a sua vida bastante só, encontrara finalmente a sua alma gémea. Agora, quando eu encarava o futuro, via uma casa e uma família, o que, para uma mulher Hobbs, é o verdadeiro pote de ouro no extremo do arco-íris.

As mulheres Hobbs só amam uma vez. Sei que isto parece um disparate e próprio do século XVIII, mas fomos feitas assim. Quando uma descendente de Aerynn se apaixona é para sempre e nem toda a magia do universo chega para alterar esta simples realidade. Não seria de pensar que uma de nós tivesse conseguido sair-se bem em três séculos?

Mas nenhuma mulher Hobbs alcançara tal proeza até agora.

Luke amava-me por aquilo que eu era, com poderes mágicos e tudo, e não pretendia modificar-me. Sabia que o meu destino estava amarrado à minha singular vilória de Vermont e convivia bem com isso. Para meu deleite, gostava tanto de Sugar Maple como eu e ansiava construir um futuro comigo.

A luta com Isadora fora decisiva e brutal. Ela atirou Luke contra as rochas várias vezes quando ele tentava salvar a alma da filha da condenação eterna e eu fiquei atterrada ao pensar que o corpo-totalmente-mortal dele sucumbiria ao castigo que Isadora pusera no seu caminho. Os meus genes de feiticeira protegeram-me do pior dos ataques de Isadora, mas o meu lado humano ainda se ressentiu.

Por fim, liguei o poder dos meus antepassados ao futuro predestinado do sistema solar e bani a líder das fadas para sempre ou até o Sol morrer. O que acontecesse primeiro. Fosse qual fosse o ponto de vista, ela passara à história.

E agora o resto da minha vida podia começar. Luke e eu íamos instalar-nos na casinha acolhedora que eu herdara da minha mãe adotiva, Sorcha. Ele manteria a vila livre de todo o mal, nomeadamente de burocratas metedidos e turistas desordeiros. Eu desenvolveria o meu negócio de fios para tricô e, juntos, trariamos ao mundo outra geração de mulheres Hobbs.

Com um pouco de sorte (e talvez um toque de magia), quiçá acabássemos por vir a ser um daqueles maravilhosos casais de idade que jantam às quatro da tarde e terminam as frases um do outro. Contemplei o homem que amava e enterneci-me. Então, era assim. Quem diria? Ele tinha o olho esquerdo quase fechado devido ao inchaço, um golpe profundo na face que lhe chegava ao canto da boca e estava todo sujo. Respirava a custo e andava devagar, tentando evitar que a dor nas costelas magoadas levasse a melhor.

Reparou que eu o observava.

– Tu não estás com um aspeto muito melhor – disse ele com um sorriso cansado.

– Para mim, estás ótimo – respondi. Ele estava vivo. Não muito mais do que isso.

– Crepes de mirtilo – retorquiu e eu ri-me. – Uma grande pilha com ovos, bacon e cinco litros daquele xarope de que vocês andam sempre a gabar-se.

– Nada de crepes – decidi eu. – Quero uma omeleta grande e fofa com *cheddar* derretido e pimentos *jalapeño*. – Quem havia de dizer que combater as forças do mal deixava uma rapariga tão esfomeada?

– Muito café.

– Com natas e açúcar – acrescentei. – Este não é o momento para contar calorias.

– O Fully Caffeinated só abre daqui a uma hora, pelo menos – disse ele.

– Para quê o Fully Caffeinated? Eu faço um pequeno-almoço vulgar.

Ele mostrou-se cético. Não o censurei. Até agora a minha dependência da Food Network não se traduzira em mais do que uma fantasia com manteiga e alho.

– Tu preparas os crepes. Eu trato dos ovos – disse ele.

A situação era cada vez melhor. Nós éramos o casal de sonho por excelência. Conseguíamos defrontar demónios e confeccionar ótimos pequenos-almoços sem falhar. Se ser feliz era isto, eu podia habituar-me, sem dúvida.

Estão a perceber onde isto me leva? Eu devia saber que era bom de mais para ser verdade.

Os primeiros raios de sol da manhã atravessavam as copas das árvores enormes quando nos

aproximámos da clareira a menos de seis metros mais à frente. Ouvi um restolhar de folhas à minha esquerda e o piar ténue de um mocho algures ao longe. Estávamos quase a chegar a casa.

O final feliz que os meus antepassados haviam procurado estava ao meu alcance. A meu lado, Luke pegou-me na mão e senti o círculo dourado a fechar-se à nossa volta. Era isso. Este era o meu caminho. Este era o meu destino.

O matagal era denso. Seguiu-o em direção à clareira. A posição dos ombros de Luke alterou-se e o silêncio que se instalou à sua volta quase lhe fez perder a força nos joelhos.

Virou-se para mim. Olhámos um para o outro. Não foi preciso ele pronunciar as palavras porque as senti entranhadas nos ossos.

Sugar Maple desaparecera.

CHLOE

Passei por Luke, fiquei a olhar para a extensão de terreno aberto na direção de Sugar Maple e varreu-se-me literalmente tudo da mente.

Nenhum inferno devastador engolira a vila reduzindo-a a um monte de cinzas. Nenhum tornado esfrangalhara os edifícios transformando-os em palitos. Nenhuma inundação súbita arrastara as casas, os estabelecimentos e os seres grandes e pequenos.

Sugar Maple... desaparecera.

Era como se a vila nunca tivesse existido. Nem caminhos, nem trilhos. Somente árvores maduras e mato cerrado no espaço que Sugar Maple ocupara outrora.

No sítio em que antes se erguia uma vila só havia ervas e árvores. Nem plantas nem árvores novas. As ervas eram densas e o verão exuberante, apesar de o fim do inverno ainda vir longe. As copas das árvores chegavam ao céu e os ramos despontavam furiosamente semanas antes do tempo. Avistei ao longe as montanhas que rodeavam Sugar Maple.

O meu cérebro fechou-se. A minha cabeça encheu-se de ruído branco. De repente, eu estava em movimento, atravessava o campo aberto com Luke no meu encaço e corria para o sítio onde antes existia Sugar Maple.

Não sei se foi a adrenalina, a magia ou talvez uma combinação sobrenatural de ambas, mas passei-lhe o recibo. Podia ter sido qualificada como *sprinter* para os Jogos Olímpicos. Quase a chegar... quase a chegar... mais uns metros...

Pás!

Nem sei ao certo como aconteceu, mas, quando me preparava para atravessar o denso arvoredo que antes assinalava a entrada em Sugar Maple, fui içada por uma onda invisível e empurrada para trás, a voar, na direção de Luke.

O homem que eu amava deixou escapar um ronco quando choquei com ele e caímos os dois no chão com um ruído surdo. Fiquei ali deitada em cima dele, a tentar recuperar o fôlego, enquanto ele revirava os olhos.

Desembarcei-me de Luke como se ele estivesse em chamas.

– Estás bem, Luke? Diz alguma coisa! Estás bem?

Ele gemeu e as suas órbitas voltaram à posição inicial.

– Que diabo foi aquilo? – perguntou assim que se recompôs. – Parecia que estavas a fazer *windsurf*.

– Era exatamente o que parecia.

– Não saias daqui – disse, levantando-se devagar. – Vou ver o que se passa.

– Não julgas mesmo que vou ficar aqui, pois não?

Ele abanou a cabeça.

– Fiz o meu melhor.

Ao vê-lo todo concentrado e profissional, era quase possível farejar o polícia que havia nele. Senti-me como se fizesse parte do episódio de um dos meus espetáculos preferidos.

O pior foi a falta de cuidado. Ele aproximou-se do perímetro daquilo que antes era Sugar Maple com uma precisão fria e metódica. Fiquei desvairada. Desatei a correr para uma pequena abertura no renque de árvores e desta vez choquei com a espuma invisível da memória dotada de mente própria.

Fui projetada para trás pelo ricochete e sugada outra vez por uma força desconhecida. Quanto mais eu lutava, mais ela me agarrava. Tentei perfurá-la com as unhas, mas foi como perfurar gelatina. Tentei abocanhá-la, dar um pontapé, esmurrá-la, mas de nada serviu.

Custou-me a encher o peito de ar. Os pulmões estavam vazios, esgotados devido ao esforço. Tentei gritar por Luke, mas não saiu nenhum som. *Larga-me larga-me larga-me...*

Umhas mãos fortes agarraram-me pelos tornozelos e puxaram-me com força. Recuei como um elástico, fui projetada para cima e para a frente e caí sobre o flanco direito, com a perna dobrada.

Luke examinou-me para ver se estava ferida, mas, tanto quanto nos pareceu, a única lesão era o que restava da minha dignidade.

– Obrigada pela ajuda, mas como sabes eu podia ter saído dali pelos meus próprios meios – disse eu quando nos reunimos.

– Podias?

– Mais cedo ou mais tarde, seria capaz.

– Mais cedo seria o ideal.

Nada a argumentar.

– Porque não tentas? – sugeri. – Talvez um humano consiga.

Ou talvez não.

Ele foi acionado como uma bola. Fez ricochete entre muros invisíveis e depois derrapou até parar a uns seis metros de mim. Senti uns remorsos terríveis por sugerir sequer que tentasse. Luke era grande e forte mas não passava de um humano. Havia limites para a dose de castigo que o seu corpo mortal conseguia suportar.

Voltámos à estaca zero e eu já não estava convencida de que houvesse outra estaca.

– Ela venceu – concluí, quando a realidade (que nunca fora a minha melhor amiga) se abateu sobre mim como um tsunami. – Não sei como. Não sei quando. Mas a Isadora conseguiu vencer.

– Nós estávamos na cascata – recordou-me Luke. – É o único portal a que a história de Sugar Maple faz referência. Se a vila tivesse sido empurrada para o outro lado do nevoeiro, nós teríamos visto.

Apontei para a floresta cerrada onde antes ficava a minha terra natal.

– Mas aconteceu.

– De acordo, mas talvez não da maneira que tu julgas – disse ele, cauteloso.

A minha pulsação acelerou-se de repente.

– Continua.

Ele tinha um ar terrivelmente desconfortável quando os seus olhos verde-escuros se encontraram com os meus.

– Talvez fosse alguma coisa que tu disseste.

Saíram-me chispas das pontas dos dedos e ele deu um salto para trás.

– Ei! – exclamou abanando o espaço que nos separava. – É só uma teoria. Eu sou polícia. Atiramos tudo à parede e vemos o que fica agarrado.

Soprei os dedos e brindei-o com um sorriso acanhado.

– Desculpa. É genético.

– As chispas ou o teu feitiço?

Optei pela elegância.

– Achas mesmo que posso ter dito alguma coisa que provocou isto?

Ele encolheu os ombros e manteve-se distante.

– Tu é que és a feiticeira-em-formação. Diz-me tu.

Tentei reproduzir mentalmente a luta na cascata, mas deparei com uma confusão de imagens tresloucadas, emoções desvairadas e palavras ininteligíveis.

– Recordo-me de ter dito *fortaleza contra o mal e através do espaço e do tempo*, mas nada que pudesse banir uma vila.

Ou podia? Uma dúvida doentia floresceu dentro de mim.

– Lembras-te quando eu disse *passa para a escuridão*?

– Referes-te ao momento em que me empurraram a cabeça contra as rochas ou quando me dobraram a perna para trás como se fosse a argola da tampa de uma lata de *Pepsi*?

– Desculpa-me por pensar que poderias estar atento – respondi num certo tom acintoso – Eu também estava ocupada.

– Pois, mas eu estava ocupado a tentar manter os miolos dentro do crânio.

Ele tinha razão.

– Isto não nos leva a parte nenhuma – comentei.

– Não digo o contrário.

Estendi-lhe as mãos com as palmas viradas para cima.

– Desculpa. Agora percebo. Voar é doloroso.

– Por sinal, a fase de voo não é assim tão má. A aterragem é que é o diabo. – A expressão dele suavizou-se. – Estou a pensar que um pouco de magia vinha a calhar neste momento.

Fiz uma careta.

– Talvez fosse a magia que nos arranjou este sarilho. Que outra coisa poderia ter sido, pergunto eu? A Isadora estava entretida a lutar connosco e mais ninguém na vila tem esse poder.

O silêncio dele indicou-me que eu acertara. Em geral, adorava baralhá-lo com a minha lógica, mas hoje sentia-me triste. Era uma daquelas vezes em que eu preferia estar enganada.

– Achas que o *Livro dos Feitiços* pode fornecer algumas respostas?

Tentei rir-me.

– Ou ele ou uma *Magic 8 Ball*.

O *Livro dos Feitiços* era como um disco rígido celestial que armazenava mais de trezentos anos de conhecimentos mágicos recolhidos pelas mulheres Hobbs que me haviam antecedido. Devia haver lá qualquer coisa que ajudasse uma pobre feiticeira a recuperar a sua terra natal desaparecida.

Fechei os olhos e inspirei demoradamente, a tremer. Tudo o que aprendera sobre o *Livro* nos últimos meses encontrava-se a dançar, fora do meu alcance. Nem sequer me lembrava como aceder ao índice.

Acalma-te, recomendei a mim própria. A magia era como um *Grand Danois* de seis meses. Se não lhe mostrássemos quem é que mandava, seríamos nós a dormir no tapete.

– *Livro dos Feitiços*, ordeno-te que apareças à minha frente – cantarolei com a minha melhor

voz de feiticeira-em-formação.

– *Ordeno?* – Luke parecia muito divertido.

– *Criminosos e vítimas?* – ripostei.

Okay, talvez a linguagem da magia fosse um pouco antiquada. Eu trataria de atualizar o jargão depois de encontrar a nossa vila desaparecida.

– *Livro dos Feitiços!* – A minha voz retiniu no campo-iluminado-pela-aurora. – Vem até mim, agora!

Aguardei o estremecimento da consciência que antecedia o aparecimento do *Livro*, mas ele não se fez sentir.

Aumentei o volume.

– Agora, *Livro!* Ordeno-te que apareças à minha frente!

Dir-se-ia que eu não dispunha de poderes mágicos nenhuns.

– Raios, *Livro!* – gritei, abandonando qualquer pretensão a mestra da feitiçaria. – Tens de me ajudar de qualquer maneira!

Aceitaria qualquer coisa. Um sussurro. Um pequeno clarão. O mais infimo sinal de que ainda estava ligada a todas aquelas coisas que faziam de mim uma feiticeira esforçada com um coração-demasiado-humano.

Devia ter cometido um erro qualquer. Agora, bastava eu desfazer esse erro e tudo voltaria a ser como era. Talvez ainda melhor do que antes, porque os problemas com Isadora haviam finalmente terminado.

Negação. Onde estaríamos sem ele? E infelizmente eu acreditava em cada palavra.

Ainda ia no princípio no que dizia respeito aos meus poderes mágicos. Os meus dotes haviam dado um grande salto em frente nas últimas semanas, mas eu continuava a ser a nova empregada do supermercado local, aquela com uma longa fila que serpenteava até à secção dos congelados. Ela sabia o que estava a fazer, mas era lenta e ponderada e tinha dificuldade em distinguir a aceлга do ruibarbo.

A única diferença entre mim e a empregada do Stop & Shop era que, quando eu cometia um erro, não estragava o jantar de ninguém, estragava a vida a todos.

– Há alguma coisa que eu possa fazer? – perguntou Luke.

Neguei com a cabeça.

– Parece-me que o *Livro dos Feitiços* também desapareceu.

Não sou daquelas mulheres que desatam a chorar assim que a vida se torna um pouco difícil. E muito menos o tipo de rapariga que despeja todos os problemas para cima de um homem e espera que seja ele a suportar a carga.

Mas, no momento em que Luke me puxou para os seus braços e eu vi aquelas faíscas prateadas e brancas tão familiares a chispar entre nós, fui-me abaixo.

– Eles desapareceram – disse entre soluços. – Toda a gente desapareceu...

As minhas gatas *Pyewacket*, *Dinah*, *Blot* e *Lucy* vigiam a casinha que herdei de Sorcha, a minha mãe adotiva. *EZ* ia e vinha quando lhe apetecia. E a minha preferida, a velha e sábia *Penelope*, que me fazia companhia na loja e fornecia a sua própria dose de magia quando era necessário.

Desaparecido? Elas não podiam ter desaparecido. Eram a família que nunca tive, as companheiras sinceras com um fraquinho por *Fancy Feast* e ratos de pano.

A minha mente teceu ruas que já não existiam. Lá estava a velha igreja onde funcionava a Câmara, a tal com a grande janela de vitral que representava São Jorge a matar o dragão. O relvado com o farol deslocado que se erguia em homenagem a Salem, onde todos nós começámos. Os nossos canteiros de flores mundialmente famosos, uma cortesia do Clube de Jardinagem de Sugar Maple e da Sociedade de Horticultura, e a ciclovia que atravessava a vila até Snow Lake.

E a minha loja de artigos de tricô, a Sticks & Strings, onde conheci Luke e lançámos faiscas pela primeira vez sobre o meu cesto de lã em bruto que se autoabastecia.

– O meu monte de lã! – soluzei e depois chorei ainda mais alto.

– Estás a chorar por causa do teu tricô? – Luke parecia horrorizado, mas não fazia tricô. Eu não podia esperar que ele compreendesse. Ou seja, ele ainda não se apercebera da diferença entre fio e lã.

– Eu sei que parece t-terrível e sinto-me envergonhada... bem, não propriamente envergonhada. Devia estar. Sei que devia estar e... Luke, deixa de olhar para mim como se eu fosse uma facinora. Eu sou uma tricoteira!

O meu monte de lã fazia parte da minha história. Perdê-lo era como perder uma parte de mim própria. Uma parte mesmo muito *grande* de mim própria. Do tamanho do Grand Canyon. Caxemira, mohair, angorá, *qiviut*, *sport weight*, lã penteada, DK, leve e fina como teias de aranha. Sacos de lã em bruto e cestos de fios de lã, incluindo um cesto muito especial herdado da Aerynn que se enchia sozinho da lã mais sedosa e fina. Agulhas feitas de madeira local, polidas pelas mãos das mulheres Hobbs que me antecederam. O fuso que pertencera a Sorcha. A roda de fiar da minha mãe.

Há pessoas que guardam diários manuscritos, livros secretos em cujo papel despejaram as suas vidas. O meu tricô era o meu diário. A minha vida em fibra. Cada meada tinha uma história: onde estava eu quando a encontrei, com quem, o que me fez sentir.

Cada amostra desencadeava recordações de projetos concluídos e abortados, de risos com as minhas companheiras de tricô quando uma das gatas brincava com uma amostra de lã não cardada ou ficava emaranhada numa meada de merino tingido à mão, de quando ensinara a Janice a fazer cordão sem agulha, ou quando ajudara a Lynette a manejar tabelas de renda. E de todas as maravilhosas amigas e desconhecidas que tinham passado pela Sticks & Strings nos últimos dez anos.

Aquela loja, aquelas pessoas, as minhas queridas gatas, eram a minha vida. Eram a minha família.

Luke amava-me, mas só me conhecia no contexto de Sugar Maple.

Sem Sugar Maple, eu não sabia ao certo se me reconheceria.

LUKE

Eu vira muita coisa enquanto fora polícia numa grande cidade. Assassínios, raptos, lutas de gangues, assaltos à mão armada e alguns massacres rituais que ainda assombravam os meus sonhos quando eu permitia. Todos os polícias tinham os seus demónios. Tem a ver com o território. Se puder acontecer, acontecerá a cada um de nós pelo menos uma vez.

Vocês já viram séries policiais na televisão. Ninguém vai para a polícia sem ter uma vaga ideia, pelo menos, daquilo que a profissão acarreta.

Velamos pela segurança dos bons e prendemos os maus.

Bastante linear.

Simplista? Não discutiria a semântica, mas o simplismo ajuda a cumprir a missão.

Sou um homem. Os homens resolvem problemas. Como não interessa. Ginástica mental ou força bruta, desde que façamos o nosso trabalho.

Mas na academia não nos tinham ensinado Como Resgatar uma Vila Desaparecida das Fadas Guerreiras, portanto, só me restava abraçá-la até ela deixar de chorar e ter esperança que isto não passasse de uma avaria cósmica.

O céu estava um pouco mais desanuviado quando ela se recompôs.

– Dava tudo por aqueles crepes de que falámos – disse ela, enquanto limpava os olhos à manga e olhava para mim.

– E uma grande cafeteira de café.

Ela fez um sorriso forçado.

– Agora sabemos por que motivo é que a Rainha nunca larga a sua bolsa. Traz chocolates e *Slim Jims* em caso de emergência. – O sorriso dela soçobrou e eu vi a realidade a tentar entrar. – Estamos em apuros, não estamos?

Primeira regra do MacKenzie: nunca mentir a uma mulher que é mais inteligente que eu.

– E dos grandes – respondi.

– Era o que eu pensava. – Ela calou-se por instantes. – Portanto, a má notícia é que não temos comida.

– E a pior notícia é que não temos para onde ir. – O café, a pizaria, a loja que vendia comida chinesa para fora e o mini-mercado tinham desaparecido e o Golden Arches mais próximo ficava a uns bons dezasseis quilómetros a pé.

Ela enfiou as mãos no fundo dos bolsos das calças de ganga.

– Pior ainda, não temos dinheiro para comprar comida, partindo do princípio que conseguírmos encontrá-la.

– Perdi a minha carteira na cascata.

– Deixei a minha na loja – disse ela.

E como se isto não bastasse para nos deprimir, resolvemos fazer um inventário dos reveses.

Nem família.

Nem amigos.

Nem comida.

Nem carros.

Nem casa.

Nem roupas.

Nem móveis.

Nem gatas.

Nem dinheiro.

Nem documentos de identificação.

Nem computadores portáteis, nem telemóveis, nem *paggers*, nem *Blackberrys*, nem *iPods*.

– Eu tentava fazer aparecer uma caixa Multibanco por artes mágicas, mas tenho medo que me prendas – disse ela.

– Avança – disse eu. – E, entretanto, arranja um automóvel com o depósito cheio e uns *Egg McMuffins*.

– Não és pobre a pedir, pois não, chefe? – Ela fechou os olhos e começou a falar em voz baixa.

Fiquei à espera.

Continuou a falar em voz baixa. Três notas de dólar, duas moedas de vinte e cinco cêntimos e meia dúzia de moedas de um cêntimo apareceram aos nossos pés no meio de uma nuvem de fumo verde que cheirava a uísque com hortelã-pimenta num dia de Derby.

– Oh, bolas! – exclamou ela, inclinando-se para apanhar os trocos. – E eu que tentava fazer aparecer uma mão-cheia de Franklins. – Chloe deitou um olhar perscrutador na minha direção. – Acho que as tuas vibrações de polícia estão a dar cabo da minha magia.

– As minhas vibrações de polícia?

– O teu cheiro a polícia, mas no bom sentido, queria eu dizer.

O diabo é que queria, mas deixei passar.

– Então, o que devo fazer?

– Vai para o pé daquelas bétulas brancas e eu tento outra vez.

Eu já tinha vivido o suficiente para saber que, quando se tratava de magia, eu estava no nível mais baixo da cadeia alimentar. Afastei-me uns vinte metros em passo apressado e esperei que ela apelasse aos seus poderes e tentasse de novo.

Uma baforada de fumo verde. Uma labareda cor de laranja. Depois, um chorrilho de pragas de marinheiro seguidas por um trovão que me fez lembrar que a mulher que eu amava era tudo menos ordinária.

Também me lembrei que, quanto mais irritada ela estava, mais graves eram os sarilhos que podíamos arranjar. No mês anterior, eu passara uma tarde inteira na pele de um boneco Ken após uma troca inspirada, por isso possuía alguma experiência pessoal.

– Acalma-te, Sininho – disse eu assim que me juntei a ela. – Não precisamos de mais desastres naturais.

Chloe agarrou-me no braço.

– Ouviste aquilo?

Ouviu-se um ruído surdo e prolongado vindo do outro extremo do campo.

– Trovoada? – perguntei.

– Não me parece.

– Caramba! – disse eu. – Aquilo parece o teu carro.

E tinha razão. O *Buick* monstruoso de Chloe saltou para o prado no meio de uma saraivada amarela, vermelha e cor de laranja e vinha direito a nós.

Chloe desatou a correr para o automóvel, mas eu agarrei-a pela cintura e deitei-a ao chão.

– Larga-me! – gritou ela, mas, quanto mais se debatia, mais eu a agarrava.

Apesar de ser um grande apreciador do Stephen King, não ia permitir que algum de nós protagonizasse um *remake* de *Christine*.

O *Buick* guinava de um lado para o outro no campo como um carro do lixo atacado de loucura, com os pneus a girar, o motor a esforçar-se. Carreguei Chloe ao ombro como se fosse um bombeiro e escondemo-nos no matagal. Deixei-a escorregar para debaixo de mim, o que noutras circunstâncias teria sido uma boa coisa, mas agora era uma questão de sobrevivência.

No mundo em que eu crescera, os automóveis não se conduziam sozinhos, mas aqui em Sugar Maple tudo era possível.

Por isso, o facto de ver um *Buick* de duas toneladas e com vinte anos a surgir do nada não me surpreendeu.

Porém, quando ele derrapou e parou, o rosto conhecido atrás do volante deixou-me de boca aberta.

CHLOE

Nunca tinha visto uma coisa mais linda na minha vida do que a minha amiga Janice Meany ao volante do meu velho e adorado *Buick*.

A menos que fosse a minha adorada gata *Penny* no banco do passageiro, empoleirada no cimo de uma extraordinária montanha de lã em bruto.

Janice debruçou-se na janela do lado do condutor.

– Onde têm estado? – perguntou. – Julguei que vocês... – A voz faltou-lhe e ela engoliu o resto da frase, mas eu percebi exatamente o que ia dizer.

Levantei-me de um salto e corri para o automóvel. A minha amiga, o meu carro, a minha gata e *uma parte* da minha lã!

Luke abriu a porta do lado do condutor e Janice saiu logo. Sorri quando ele lhe deu um abraço desajeitado que ela retribuiu com uma ternura que nunca demonstrara até então.

– As suas costelas? – perguntou ao vê-lo estremecer. Passou-lhe as mãos pelos flancos, murmurando uma fórmula mágica que eu não reconheci. – Deixe passar uma hora. Vai ficar fino.

Luke mostrou-se cético, mas eu sabia que daí a sessenta minutos ele começaria a acreditar nos dotes curativos da minha amiga.

Janice não era uma mulher muito sensível nem emotiva, mas deu-me um abraço tão forte que quase me fez estalar as costelas perfeitamente saudáveis.

A gata *Penny* soltou um miau ensurdecedor e nós desatámos a rir.

– Anda cá, *Pen!* – chamei, e ela saltou para o meu colo com a energia de um gatinho. O seu ronronar tão familiar, que fazia lembrar um cortador de relva, pareceu-me uma sinfonia. *Penny* era o meu apoio. Vivera sempre comigo, com a minha mãe e com a mãe dela. Segundo a lenda, Aerynn trouxera *Penelope* quando fugira de Salem e eu acreditava que isso fosse verdade. Em mais que uma ocasião, *Penny* servira de conduta entre várias dimensões e, embora parecesse um disparate, quando a coisa dava para o torto eu sabia que podia contar com ela.

E, como se isto não bastasse, Janice salvara a minha lã! Nuvens de roxo e verde, amarelo, vermelho e cor de laranja, tons quentes de castanho, pretos retintos e todas as variações possíveis de branco-pérola saíam pelas janelas abertas. Noro e Colinette, Rowan e Malabrigo, provenientes de tintureiros independentes locais, baterias e rolos de fibra, a roda de fiar de Aerynn e tudo o resto que Janice conseguiu enfiar lá dentro ou amarrar ao tejadilho.

Estava tão excitada que as palavras saíam-me em catadupa.

– Eu não... nós não podíamos... quero dizer, julgávamos que nunca mais... – Calei-me e respirei fundo. Encarei Janice. – Então, onde está Sugar Maple?

Ela arregalou os olhos castanhos e fitou-nos alternadamente, a mim e a Luke.

– Eu ia perguntar-vos a mesma coisa.

– Mas tu estás aqui. Julguei...

– Vocês também estão aqui – assinalou ela. – Esperava que tivessem algumas respostas.

– Como diabo é que você conseguiu isto? – perguntou Luke, apontando para o carro repleto de lâ. Os homens não faziam cerimônia. – Porque é que o feitiço que levou Sugar Maple não a levou também?

– Olá... – retorquiu Janice. – E eu a julgar que vocês tinham ficado contentes por me ver.

– Tinhas razão – disse eu a Luke. – A culpa é minha. Quando liguei o destino da Isadora à morte do Sol, devo ter feito alguma referência a Sugar Maple.

– Onde foste buscar essa ideia? – perguntou Janice.

Enumerei a sucessão de acontecimentos tal como os conhecia.

– Que outra resposta pode haver?

– Não foi a Isadora nem foste tu – afirmou Janice. – Não foi nada disso que aconteceu.

Luke vestiu a pele do polícia.

– Se não foi a Isadora nem a Chloe, o que aconteceu e porque não foi você arrastada com os outros habitantes da vila?

Janice deitou-lhe um olhar tão demorado que até me custou a engolir. Quando reagia assim, tudo podia acontecer. Luke teve sorte por não ficar agachado algures numa folha de lírio a pedir socorro.

Só consegui respirar com facilidade quando Janice abandonou aquele olhar e começou a falar.

– A vila estava dividida ao meio quanto a permitir ou não que a Isadora nos levasse para o outro lado do nevoeiro. Talvez mais dividida do que algum de vós imaginava. Em todo o caso, quanto mais nos aproximávamos da hora zero, mais feia a situação se tornava. Os Weaver ameaçaram a família da Lilith se não fossem avante com o plano da Isadora. O Cyrus tentou meter-se e arranjar um entendimento qualquer quando a Renate...

Luke interrompeu-a:

– Onde diabo está a vila?

– Já lá vou. – Ela deitou-me um olhar exasperado e eu resisti ao impulso de transformá-lo no macaco que-não-dizia-disparates até ela concluir a sua história. – Como eu ia dizendo, os dois lados faziam um braço de ferro e a Renate começou a gritar que eles iam perder a oportunidade e o Paul Griggs disse que só por cima do seu cadáver, e foi então que aqueles minis-sismos começaram e nós percebemos... – Janice abanou a cabeça. – A Lynette foi à tua casa buscar as meninas. Eu corri para a loja para levar a *Penny*, o cesto e a maior quantidade da tua lâ particular que consegui enfiar no *Buick*. Tencionava levar tudo para além dos limites da vila, onde ficaria a salvo do que estava prestes a acontecer.

« Esperei enquanto pude pela Lynette, mas ela não apareceu. Preparava-me para abandonar o carro, saltar para o lado da fronteira de Sugar Maple e ir ter com o Lorcan e os miúdos quando a vila se apagou como uma lâmpada fundida e desapareceu.

– Desapareceu? – Eu tinha dificuldade em seguir a cronologia. – Você disse que desapareceu e não que foi empurrada para o outro lado do nevoeiro?

– Desapareceu – repetiu Janice. – E aposto os meus últimos *Fig Newton* que a Isadora não teve nada a ver com isso.

Ela tinha *Fig Newtons*?

– Então quem teve? – perguntou Luke.

– Isto não passa de uma suposição, mas como eles não receberam um sinal ou fosse lá o que fosse que esperavam da Isadora, aposto que os Weaver e o resto do contingente das fadas

tentaram empurrar Sugar Maple para o outro lado do nevoeiro pelos seus próprios meios.

Luke refletiu nas palavras de Janice durante algum tempo.

– Eles tinham esse tipo de poder?

– Não individualmente, mas juntos talvez.

Olhei para Janice.

– Tu leste algumas coisas sobre o transporte de terras. Sabes que é uma tarefa difícil. Se eles conseguissem, o processo teria deixado as mesmas marcas de um tornado e nós teríamos visto.

– Bem, *alguma coisa* aconteceu – sublinhou Janice, como os olhos marejados de lágrimas – porque o meu marido e os meus filhos desapareceram e...

Desta vez, Janice não conseguiu conter as lágrimas e eu abracei-a enquanto ela chorava no meu ombro.

Luke era como a maioria dos homens, humanos e não só, e a emoção pura e dura causava-lhe desconforto. Virou-se para o sítio onde antes ficava a vila e fingiu que examinava a paisagem até os soluços de Janice abrandarem e se reduzirem a uns sobressaltos ocasionais.

Eu própria estava à beira de outro ataque de choro. Janice estaria junto da família nesse momento se não tivesse perdido tempo a salvar *Penny* e a minha mãe e não levasse o *Buick* a abarrotar para o outro lado da fronteira da vila, por uma questão de segurança. Pensando bem, talvez nada disto tivesse acontecido se eu não houvesse começado por estragar tudo.

– Talvez esta situação seja temporária – sugeri eu, enquanto ela se assoava a um guardanapo do Fully Caffeinated que eu encontrara no chão do meu carro. – Talvez eles tivessem poder suficiente para fazer desaparecer Sugar Maple, mas não para a manter afastada durante muito tempo. Pelo que sabemos, reaparecerá a qualquer momento.

– Eu não apostaria a loja das mães nisso – disse Janice. – Nunca subestimes a Renate Weaver e o seu clã. Eles são mais poderosos do que deixam transparecer.

Não era exatamente o que eu queria ouvir.

– Quem me dera saber porque é que eles se furtaram ao dever de obediência.

– Tu sabes porquê. Encetaste uma relação conjugal com o inimigo. – Janice olhou para Luke. – Desculpe, mas é verdade.

Se estas palavras o incomodaram, ele não demonstrou. Continuava na sua pele de polícia.

– E se a vila foi empurrada para o outro lado do nevoeiro e a Isadora lançou um feitiço para ajudar a destruir as marcas? – alvitrou Luke.

– Ora, ora – respondi de chofre. – Se a Isadora soubesse que existia uma hipótese remota de eles empurrarem Sugar Maple para o outro lado do nevoeiro, não se daria ao trabalho de destruir as pistas. Alugaria um painel publicitário em Times Square. – Respirei fundo. – Acho que fui eu.

Janice desatou a rir.

– Querida, gosto muito de ti, mas, no que respeita a magia, ainda usas fraldas. Não conseguirias fazer nada disto e muito menos por engano.

Quando isto acabasse, eu e Janice haveríamos de conversar. Muita coisa mudara desde a última vez que eu vira a minha amiga. Eu já não era a feiteiceira assustada-com-a-sua-própria-sombra que ela conhecera e de quem gostava. Eu nunca mais teria medo dos meus poderes em crescimento.

– O que quero dizer é que acho que fiz asneira e bani a vila juntamente com a Isadora.

Janice fez uma careta.

– Impossível. Em termos de feitiços, não existe nenhuma ligação entre lugares e indivíduos. O poder de que precisavas para destruir a Isadora não era nada comparado com aquele que era necessário para banir uma vila.

Mas, para mim, a lógica era incontestável. Eu criara um feitiço que ligara a expulsão de Isadora à morte do nosso Sol e, pouco depois, descobrimos que a nossa vila também desaparecera. Porque seria eu a única que parecia capaz de unir estes dois pontos?

A gata *Penny* miou e começou a espernear encostada a mim. Pu-la na erva coberta de orvalho e ela afastou-se para fazer as suas necessidades enquanto nós, encostados ao *Buick*, olhámos através do campo para a grande extensão de árvores que antes era uma vila.

– O que há de errado nisto? – perguntou Janice entredentes.

– Além do facto de a *Penny* condescender em pôr as patas no solo húmido?

– Eu estava a pensar em nós. Porque ficámos cá fora e não lá dentro?

– Porque não podemos entrar – respondi.

– Tentaste?

Luke e eu revirámos os olhos.

– É claro que tentámos – respondi. – O que julgas que estávamos a fazer antes de apareceres?

– Eu estava com dificuldade em disfarçar a irritação na voz.

Luke apressou-se a levá-la para junto do escudo que protegia o perímetro.

– E o campo? – perguntou Janice.

– Território neutro – disse ele.

– Bem, foi um castigo por má condução – comentou Janice.

– Isso é do *Buick*, não é do feitiço – disse Luke com um sorrisinho na minha direção.

– Como soubeste que estávamos aqui? – perguntei, ignorando o comentário de Luke. – Quero dizer, o que fizeste desde que Sugar Maple desapareceu até agora? – Como sabia ela sequer que nós estávamos ali?

Janice arregalou os olhos.

– Não... não tenho a certeza

– Deves ter feito alguma coisa – disse eu. – Passaram umas horas.

Ela parecia perdida nos seus pensamentos.

– Não consigo lembrar-me de nada depois de a vila desaparecer. Só dei comigo a conduzir aquele monte de sucata a que tu chamas automóvel através do campo.

– Acha que adormeceu? – perguntou Luke.

– Não era propriamente o momento indicado para passar pelas brasas – observou Janice.

– Um transe qualquer? – alvitrei.

– Acho que é possível, mas só depois de vocês perguntarem é que pensei no lapso de tempo.

– Temos de fazer uma lista. – Procurei papel e uma caneta num dos meus sacos de tricô. E ignorei os risos atrás de mim. – Não ouço ideias melhores. – Peguei numa *Bic* escalavrada que era quase tão velha como o meu carro e numa ementa do Wong Foo's com as primeiras carreiras de uma amostra de renda escritas no verso. – Primeiro tu, Luke. O que viste quando te aproximaste do perímetro?

– Além da vila desaparecida, queres tu dizer?

Eu amava-o, mas ele estava a dois passos de ser transformado num ornamento da capota.

– A vila desapareceu, assim como a ponte – reconheceu ele. – Em seu lugar, há uma floresta.

Janice gemeu, mas tentei ver as coisas pela positiva.

– Isso é bom. – A minha imitação de Pollyanna precisava de ser burilada. – A ausência da ponte implica que não há trânsito para a vila, o que quer dizer que passaremos despercebidos durante mais algum tempo. – A Ponte Toothaker era o único acesso que permitia entrar ou sair da vila.

– Qual vila? – retorquiu Luke. – Espero que a UPS apareça com uma entrega para a Sticks & Strings. Esta história vai ser explosiva.

– Bolas! – Às vezes, a paixão cerceava a eloquência. Vi as horas no relógio de pulso de Luke. – O Joe costuma chegar à minha loja por volta das nove e um quarto.

Durante três séculos, o feitiço protetor de Aerynn afastara a nossa realidade de olhares curiosos, mas agora não havia uma vila para proteger, o escudo protetor já não existia e seria impossível explicar o desaparecimento de uma comunidade.

– Alguém tem uma lona bastante grande? – perguntou Janice e nós não conseguimos conter o riso.

– Talvez uma das velhas colchas orientais do Forbes – disse eu. Forbes era o nosso gigante da montanha residente.

– Um dos roupões da Midge Stallworth talvez resulte.

– Ou tu podias criar outro feitiço protetor – sugeriu Luke.

O polícia que arranjasse uma solução. Definitivamente, ele era mais otimista que eu. Até então, os seus poderes pareciam ter sofrido o mesmo destino de Sugar Maple. Ter-se-ia ele esquecido da minha tentativa patética de fazer aparecer algum dinheiro para gastar?

– Trata disso – disse-me Janice. – Tem de haver alguma coisa no *Livro dos Feitiços* que possa ajudar.

Não tive coragem de dizer à minha amiga que até agora o *Livro dos Feitiços* estava Desaparecido em Combate e que nos encontrávamos entregues a nós próprios.

LUKE

A Janice que eu conhecera até agora era uma espécie de Julia Roberts autoconfiante que controlava totalmente o mundo real e todos os outros mundos. Conciliava uma família grande com um casamento feliz e um negócio florescente, aparentemente sem dificuldade.

Às vezes, eu quase esquecia que ela era uma feiticeira descendente de uma longa linha de feiticeiros e que podia fazer-me desaparecer num ápice.

Não sei bem se ela alguma vez se esquecia de que eu era humano.

A Janice que se encontrava agora ao meu lado era um caos. Agarrou-me no braço quando Chloe tentou chamar o *Livro dos Feitiços* para junto dela e apertava-o cada vez mais a cada tentativa falhada.

– Ela está a esforçar-se – segredou-me Janice ao ouvido. – O que aconteceu na cascata? Ela está bem?

– Está exausta – respondi, quando as unhas dela se enterraram mais na palma da minha mão. – Vai ficar bem. – Eu cavalgava na fronteira entre a mentira e o desejo.

Quanto mais Chloe tentava, mais calada ficava. A sua magia arduamente conquistada parecia uma recordação distante. Fiskas amarelas irrompiam aos seus pés a cada tentativa abortada, depois esmoreciam rapidamente e extinguíam-se. Era quase o mesmo que assistir a um acidente ferroviário em câmara lenta.

– Onde está a *Penny*? – Chloe aproximou-se de nós a correr. – Preciso da *Penny*!

Ela pegou na gata enorme e voltou a correr para o meio do campo.

– Oh! – disse Janice. – Isto não me cheira bem.

Não vou dizer que compreendo, mas aquela gata velha e experiente era uma espécie de mensageira interdimensional entre Chloe e o mundo que nós, os outros, não conseguimos ver. No entanto, hoje, nem *Penny* fazia a diferença.

Olhei de relance para o meu relógio. Talvez tivéssemos de esperar mais noventa minutos até que o mundo real e todos os seus problemas descessem sobre o que antes era Sugar Maple.

– Não vou a lado nenhum – declarou Chloe quando veio ter connosco. Trazia *Penny* enrolada sobre os ombros como se fosse um xaile de malha. – Experimentei todos os feitiços que conheço exceto o abracadabra.

Levantou-se um vento revigorante vindo de oeste e reparei que o céu escurecera visivelmente nos últimos minutos. Os primeiros dias de abril em Vermont são uma lotaria. O dia pode começar frio, aquecer e acabar com uma tempestade de neve, tudo num período de vinte e quatro horas.

No momento certo, começaram a cair uns flocos brancos grandes e fofos.

– Oh, ótimo – resmungou Chloe. – Era só o que nos faltava.

– Detesto neve – disse Janice. – Os nossos antepassados deviam-se ter instalado em Boca.

Houve mais umas peças do *puzzle* que mudaram de sítio, colidiram e depois encontraram o seu lugar.

– Estou a pensar que a neve é exatamente aquilo de que precisávamos. – Montes de neve. Uma tempestade de neve, mesmo no meio do local em que ficava Sugar Maple.

Chloe e Janice trocaram um olhar do género *o que podemos esperar de um humano*.

Ignorei. Sabia que estava perto de qualquer coisa.

– A resposta é esta. Talvez, se combinares os poderes, consigas criar uma tempestade de neve e bloquear a vila.

– Não disponho de muitos neste momento – disse Chloe, claramente angustiada. Voltou-se para Janice. – E tu?

Janice fez um ar de troça.

– Veremos.

O plano era simples, mas, se resultasse, exigir-nos-ia tempo para compreender o que se passava e, com sorte, para descobrir como recuperar a vila.

Os poderes de Janice era terrenos. O mundo natural era o seu elemento e, em circunstâncias normais, isto seria uma brincadeira de crianças para ela. Os poderes de Chloe eram mais difíceis de caracterizar e mais mercurianos. Contudo, o seu potencial parecia ilimitado.

Elas deslocaram-se para o meio do campo aberto que nos separava da floresta que antes era Sugar Maple e depois Chloe chamou a gata *Penny*, que se afastara enquanto conversávamos. *Penny* aproximou-se, como que a planar, saltou sem esforço e mais uma vez instalou-se aos ombros de Chloe no momento em que as duas mulheres deram as mãos. Como me tinham avisado para manter a minha vibração de polícia à distância, encostei-me ao *Buick* a ver o espetáculo.

CHLOE

Eu ia fundo, mais fundo do que nunca, e voltava sempre de mãos vazias. Não fora apenas Sugar Maple que desaparecera. O *Livro dos Feitiços* também se eclipsara, assim como a minha magia.

– Vá lá – insistiu Janice. – Tu és capaz.

– Não sou. O *Livro* não está a responder.

– Não está a responder? O que queres dizer com isso? Ele tem de responder.

– Ele não tem de fazer coisa nenhuma. É o *Livro dos Feitiços*.

– Não é o teu chefe? Obriga-o a ouvir!

Para ela era fácil falar. Fora mágica toda a vida. A magia era tão natural para Janice como respirar. Para mim, ainda me dava palmadinhas na cabeça e me esfregava a barriga, assente só num pé no meio de um furacão.

– Não posso obrigá-lo a ouvir, Jan. Ainda estou a aprender.

– Podes fazer o que quiseres.

– Não, não posso. Ele faz o que faz e eu vou atrás.

– Falas como se fosses desistir.

Ela tinha razão. Eu estava a desistir. Em face dos problemas, refugiava-me no meu eu não mágico. Só que o meu eu não mágico já não existia. Eu devia-o a todos os que tinham vindo antes de mim.

– Tenta outra vez – insistiu Janice. – Agora és o ser mais importante por estas bandas.

Vi o medo nos olhos dela e os meus encheram-se de lágrimas de solidariedade. Tinha chorado mais nas últimas horas do que em toda a minha vida e isso não me agradava.

– Nem te atrevas – avisou-me ela. – Se começares, eu também começo e desta vez não conseguirei parar.

Eu não tinha laços de sangue com ninguém que estivesse em causa, mas ela tinha marido e filhos, mãe, pai e irmãos, sobrinhas e sobrinhos, toda uma rede familiar perdida algures com Sugar Maple. Se me cabia alguma responsabilidade nesta situação, era minha obrigação tentar fazer isto bem.

Agachei-me e fiz o meu melhor. Pedi, tentei convencer, bajulei, supliquei e ordenei ao *Livro dos Feitiços* que se mostrasse e nos ajudasse a sair desta confusão, mas ele não se deu a ver.

– Que se lixe! – Luke olhou para mim, surpreendido. – O *Livro dos Feitiços* que vá para o diabo – disse eu. – Eu sou capaz de fazer isto sem o *Livro*.

Eu reuniria todos os saberes que já dominava e depositá-los-ia nas mãos dos meus antepassados. *Aerynn, se estás aí, ajuda-nos, por favor!*

Luke observava-nos, mas a verdade é que não havia muito que ver. O que se passara ali não modificara só a paisagem. A minha magia e a de Janice haviam sido severamente reduzidas e levariam tempo a ser reabastecidas. Tempo que nós não tínhamos.

Mas nós éramos imparáveis. O ar à volta de Janice deslocava-se em ondas verticais, como o calor a sair de um pavimento no verão, mas ainda não havia sinais de magia.

Janice lançara os alicerces e competia-me arranjar uma maneira de prosseguir a construção. Na noite anterior, eu fizera o impossível e salvara o espírito de uma menina de uma eternidade no inferno. Fazer surgir uma tempestade de neve – mesmo com poderes reduzidos – seria fácil.

É claro, havia mulheres que diziam que dar à luz era fácil também, portanto, acho que era tudo relativo. Teci o meu feitiço à volta das energias de Janice, juntei às minhas às outras e ordenei às nuvens que se abrissem e desencadeassem um nevão exatamente onde precisávamos dele.

Mas, por muito que eu tentasse, nada aconteceu. Agora sabia o que era a magia. Sabia o que sentia quando a magia atravessava o meu corpo, a maneira como os músculos dos braços e das pernas se retesavam, a pulsação acelerada, a sensação quase sexual de antecipação. E, acreditem, ela não estava lá.

Penny abandonara-nos, voltara para o carro e espreitava-me pela janela de trás. Os seus olhos dourados, curiosamente iguais aos meus, pareciam brilhar com uma energia que me aqueceu a pele como o sol estival. Sentia-me cada vez mais solta e descontraída. O momento prolongou-se e eu detetei uma mudança. Em vez de acelerar, a minha pulsação abrandava. Senti um arrepio, que me fez pele-de-galinha nos braços.

Ao meu lado, Janice deu um grito:

– Está a nevar!

Neve batida pelo vento, ao princípio, flocos de neve grandes e fofos que caíram como açúcar refinado e que depois se transformaram em neve a sério.

Do género daquela que demonstrava toda a intenção de se transformar numa tempestade que encerrava escolas, estabelecimentos e estradas e tirava uma vila do mapa.

Acreditem, é preciso gostar muito de magia.

Luke estava eufórico quando nos juntámos a ele ao pé do carro.

– Mais quinze minutos e ninguém conseguirá aproximar-se de casa.

A tempestade forte também impediria as vistas aéreas. Não haveria aviões a voar sobre as nossas cabeças no futuro previsível. Nem helicópteros da imprensa intronizados destinados a preencher um ciclo de vinte e quatro horas.

Mas, mesmo assim, não podíamos deixar nada ao acaso.

– Vou telefonar para o condado a dar conta da ponte derrubada e do nevão e a avisar que lhes direi quando deverão mandar os limpa-neves e a equipa técnica – disse Luke. Como chefe da polícia, as suas palavras seriam tomadas à letra. Além disso, se a Mãe Natureza e os nossos poderes colaborassem, haveria neve mais do que suficiente para os manter ocupados assim que a tempestade acabasse.

Com um pouco de sorte, isso dar-nos-ia quarenta e oito horas. Eu não sabia o que íamos fazer com essas horas, mas logo veríamos.

À parte o facto de Sugar Maple continuar Desaparecida em Combate e de nós estarmos cansados, com fome e sem dinheiro, as coisas estavam mesmo a resultar.

– Falaste em *Fig Newtons*? – perguntei a Janice. Talvez eu me tivesse babado um pouco, mas não podia garantir.

– Não vais tocar nos meus *Fig Newtons*.

– Jan, estamos esfomeados. Não temos comida nem dinheiro para a comprar. Desiste dessas bolachas ou bato-te.

– Vê no porta-luvas, querida – disse Janice. – Prometo que é melhor do que bolachas.

CHLOE

Não só a surpresa de Janice era melhor do que bolachas como era melhor do que a magia.

Ela enfiara a minha bolsa de malha preferida no porta-luvas, com a minha carteira, os meus cartões de crédito e todo o dinheiro que havia na loja. Além disso, tivera tempo para entrar no gabinete de Luke, na porta ao lado, e pegar no seu dinheiro de bolso.

– Você também lá tinha um cartão American Express, o telemóvel e a sua antiga carta de condução de Massachusetts, por isso também os trouxe – disse-lhe ela.

Não era preciso muito para nos fazer felizes. Um telefone com um resto de carga, uns objetos de plástico, um punhado de presidentes mortos e de repente o mundo era nosso. Janice podia passar vários dias sem comer, mas eu e Luke partilhávamos a necessidade humana de ingerir alimentos com regularidade. Eu não podia falar por Luke, mas sabia que pensaria melhor depois de ter algumas omeletas de batata no bucho.

– Divirtam-se – disse Janice. – Eu fico aqui.

– Estás doida? – perguntei. – Vai nevar cada vez mais.

– Eu arrisco-me a suportar a tempestade de neve.

Desatei a rir.

– Ela tem medo que eu conduza – disse eu a Luke. – É só isso e mais nada.

Janice não negou.

– Querida, a única coisa pior do que conduzir o teu *Buick* é andar no teu *Buick* contigo ao volante.

Quem podia censurá-la? Toda a gente sabia que eu detestava conduzir. E, para piorar as coisas, toda a gente parecia concordar que eu era horrível a conduzir na melhor das hipóteses. A única roda atrás da qual gostavam de me ver era a roda de fiar.

Para alívio de Janice, Luke concordou em conduzir. Passou-me pela cabeça que talvez isso fosse vantajoso para nós. Se nos mandassem parar, o facto de o chefe da polícia ir ao volante era a garantia de que não nos fariam perguntas.

A neve era infernal, mas fiel ao feitiço que lançámos, centrava-se sobre Sugar Maple e uns dois quilómetros à volta. Quando chegámos a meio caminho para o Golden Arches, já nos tínhamos adiantado à tempestade e estávamos livres.

O McDonald's ficava num enorme centro comercial duas vilas mais à frente. Discutimos a hipótese de comer no carro, mas o engodo do aquecimento interior foi demasiado tentador para resistirmos. *Penny* abriu um olho assim que eu saí do carro e adormeceu imediatamente depois de eu prometer que traria alguma coisa para ela.

Vinte minutos depois, Luke, Janice e eu estávamos a comer um monte de *Egg McMuffins*, pilhas de omeletas de batata naqueles invólucros de papel todo catita e a beber café que dava para nos manter acordados até ao dia de Ação de Graças. A conversa limitou-se a «Passa-me o *ketchup*» e «Preciso de mais um café».

Tal era a dimensão do caos que a mente podia processar sem se incendiar. Era bom estar ali

sentada naquele restaurante agradável e quente, a comer *muffins* com ovo e queijo, a emborcar café e a fingir que as nossas vidas não estavam de pernas para o ar.

É depois chegou a hora de agirmos à séria. Deitámos o lixo fora. Eu pedi um *Egg McMuffin* para a *Penny* e levei mais uns cafés para o caminho. Podíamos estar tramados, mas pelo menos não morreríamos à fome.

– Está a nevar! – exclamei quando saímos do McDonald’s e atravessámos o parque de estacionamento em direção ao *Buick*.

Janice parou logo.

– Não devia estar a nevar aqui. Nós acautelámos isso.

– Talvez seja uma coincidência – disse Luke, olhando para os flocos que rodopiavam por cima da nossa cabeça. – Talvez os Serviços Meteorológicos tivessem previsto a queda de neve.

Eu perguntava a mim própria se nos teríamos esmerado em demasia com a neve. Se as estradas estivessem intransitáveis ao ponto de impedir a passagem das viaturas de transporte e de turismo, também estariam intransitáveis para nós.

Mais uma vez, podíamos recorrer à magia para nos ajudar. Recusei-me a preocupar-me com o assunto até ser necessário.

O Walmart ficava do outro lado do centro comercial e, felizmente para nós, abria cedo. Fizemos uma lista de artigos de primeira necessidade no verso de um guardanapo de papel (areão para gatos, água engarrafada, *Chips Ahoy*). Luke foi à procura de uma caixa Multibanco enquanto eu e Janice fazíamos as compras.

*

– E agora? – perguntou Janice quando nos reunimos no parque de estacionamento e ponderámos as nossas opções.

– Acho que devíamos regressar a Sugar Maple – disse eu. Que outra coisa havíamos de fazer? Não tínhamos mais nenhum sítio para onde ir.

– Sugar Maple não existe – lembrou-me Luke da caixa Multibanco.

– Eu sei – disse com energia. – É por isso que temos de voltar para lá. – Não era esta a primeira regra da investigação? Mantermo-nos concentrados no local do crime? Mais cedo ou mais tarde, o culpado voltaria para festejar a vitória e um detetive inteligente estaria à espera.

A menos, evidentemente, que o culpado fosse um dos detetives, o que desencadeava uma série de complicações totalmente diferentes. Eu não queria pensar nisso. Sei que nem Luke nem Janice acreditavam que eu tivesse alguma coisa a ver com o desaparecimento de Sugar Maple, mas não bastava a lealdade para me convencer de que estava completamente inocente.

– Esqueceste-te da tempestade de neve? – Luke parecia irritantemente calmo e um pouco aborrecido. Apeteceu-me transformá-lo num marcador de tricô rosa-choque, mas precisávamos dele para conduzir. – É provável que a esta hora as estradas estejam intransitáveis.

– Temos de voltar – insisti. – Preciso de encontrar o *Livro dos Feitiços*. – Ele sabia muito bem como o *Livro* era importante.

– O que te leva a pensar que ele está lá?

– Ei, calma, MacKenzie – protestou Janice virando-se para ele. – Não me parece que você tenha ideias brilhantes.

– A Janice tem razão – concordei eu. – Tu és o ás dos detetives da grande cidade. – Estava tão irritada que até via a aura rubra a formar-se à minha volta. – Se és tão esperto, o que farias?

– É fácil – respondeu ele. – Iria para Salem.

LUKE

Chloe olhou para mim como se me tivesse transformado numa rã.

– Salem não é uma grande ideia, Luke.

– Salem! – A voz de Janice subiu pelo menos duas oitavas. – Você está doido?

– Qual é o problema? – perguntei. – Com os diabos, vocês têm um monumento em honra da cidade no vosso relvado coletivo. – A réplica do farol que iluminava o jardim da vila. Até os nomes das ruas se inspiravam em referências a Salem. E estas eram apenas duas entre muitas alusões. Se reparássemos bem, veríamos que Salem estava presente em todo o lado.

– Pense nisso, Einstein. – Janice estava praticamente a cuspir bolas de fogo para cima de mim.

– Os Julgamentos das Bruxas dizem-lhe alguma coisa?

– Isso aconteceu há mais de trezentos anos.

– E nada se alterou desde então.

– Ora – disse eu. – Seja realista, Janice. Qual foi a última vez que alguém morreu na fogueira por feitiçaria?

– Elas foram *enforcadas* em Salem – corrigiu-me Janice. – Cinja-se aos factos.

– Vá lá, amigos. – Chloe parecia um homem mais sensato a dar conselhos. – Acabem com isso. Trata-se de um assunto de Sugar Maple, Luke. Nunca há de compreender.

– E tu compreendes?

Ela podia ser mágica mas era humana, também, e essa ligação forte era algo que nós partilhávamos. Fora criada como um ser mortal. Impunha-se que reconhecesse o absurdo da posição de Janice.

Mas eu só vi incerteza nos seus grandes olhos dourados.

– Tanto quanto me é possível – respondeu ela baixinho.

Eu tirara pelo menos duas dúzias de cursos sensíveis enquanto pertencera à corporação. *Workshops* sobre discriminação racial, intolerância religiosa, assédio sexual, crimes de ódio de todo o género. Em todos eles, desempenhara o papel de ambas as partes. Por muitas análises que se fizessem, a mensagem era simples. A diversidade era salutar. A intolerância, não. Percebi. Concordei. Sempre concordara.

No entanto, toda esta questão dos humanos contra os Outros ultrapassava-me. Só isso bastaria para me deter, mas não me deteve. O meu dedo mindinho dizia-me que eu estava prestes a descobrir qualquer coisa, e um bom polícia nunca ignorava o seu dedo mindinho mesmo que este lhe causasse problemas.

Cresci relativamente perto de Salem. Conhecia a zona como a palma das minhas mãos. Salem era um porto de mar e uma aldeia piscatória em Massachusetts e nada mais.

– Alguma vez foram a Salem? – perguntei a Chloe e Janice. – Andaram pelas ruas, conversaram com as pessoas, foram às docas e respiraram o ar impregnado de sal?

A expressão dorida de Janice apanhou-me de surpresa.

– Uma vez, fiquei lá três minutos e vim-me embora. Não conseguia respirar.

– Eu fui até lá num fim de semana quando andava na Universidade de Boston – disse Chloe. – Não consegui passar da placa Chegou a Salem. – Ela sofrera um ataque de urticária e fora parar às Urgências.

Reorganizei-me.

– Estamos fritos. Talvez tenhamos quarenta e oito horas até que alguém daqui diga no noticiário que Sugar Maple desapareceu. Não vamos encontrar respostas nem na Internet nem na biblioteca pública e não vale a pena tentar recolher impressões digitais nem amostras de ADN. Salem é a nossa melhor opção.

– Você é sempre assim tão bem-disposto? – gracejou Janice. – Não admira que vocês, humanos, gastem tanto dinheiro em psiquiatras e *Prozac*.

Ótimo! Mais uma alfinetada de Janice aos humanos. Eu não percebia como acabara ela por tornar-se uma das melhores amigas de Chloe, cujo pai fora cem por cento mortal.

– O que julgas que iremos encontrar em Salem? – perguntou Chloe. – Outro *Livro dos Feitiços*? Uma comissão de boas-vindas?

Janice fulminou-me com o olhar.

– O Pai Natal com uma banda e a chave da cidade?

– Talvez nada – admiti. – Talvez tudo. Só saberemos quando lá chegarmos. É a maneira de descobrir.

– Você tem a certeza que foi detetive? – perguntou Janice. – Não é isso que vemos na televisão.

Ignorei. O trabalho de detetive era de facto muito parecido com a publicidade. Talvez só dez por cento dos nossos esforços dessem em alguma coisa, mas ninguém sabia quais os dez por cento que abrangeriam todas as nossas bases.

Chloe olhou para mim por cima da cabeça de Janice.

– Acho que é melhor sairmos daqui. A nossa ligação a Salem não é relevante para o que está a acontecer agora.

– Então, porquê todas as referências a Salem na vila? – perguntei, desafiando-a. – Porquê manter viva a ligação durante todos estes anos? Isso deve ter algum significado.

– Claro que tem – respondeu ela. – A história... a tradição.

– Talvez seja tempo de empurrá-la para o século vinte e um.

Chloe e Janice franziram o sobrolho.

Reorganizei-me outra vez.

– Sei que todos nós acreditamos que a melhor maneira de fazer regressar Sugar Maple é recuperar o *Livro dos Feitiços* e, como o *Livro* não responde ao chamamento da Chloe, temos de presumir que ele está com a vila.

– Continua – disse Chloe.

– A meu ver, tudo se resume a saber onde poderemos encontrar outro *Livro dos Feitiços*.

Chloe deu uma gargalhada sonora.

– Só há um *Livro dos Feitiços*.

– Tens a certeza? – perguntei.

Ela hesitou.

– Sempre acreditei nisso.

– *Okay*, admitamos que tens razão e que só existe um *Livro*. Sabemos que o *Livro* teve origem

em Salem e que os conhecimentos foram adquiridos lá. E se uma parte desses conhecimentos ficou em Salem?

Janice surpreendeu toda a gente, incluindo ela própria, quando disse:

– O Luke tem alguma na manga.

Luke? Ela chamou-me Luke. Eu era quase sempre ou um pronome na terceira pessoa ou « o humano» .

Chloe ficou atrapalhada.

– Levei quatro meses a dominar uma percentagem ínfima de um capítulo do *Livro*. Os conhecimentos que ele encerrava antecedem sem dúvida nenhuma a chegada de Aerynn a Sugar Maple.

Janice fez um sinal afirmativo.

– Quase todos nós na vila acreditávamos que os conhecimentos se foram acumulando ao longo de eras e não apenas de alguns séculos.

Chloe desviou o olhar da amiga para mim.

– Portanto, estás a dizer que talvez nem todos os nossos antepassados tenham fugido de Salem com a Aerynn.

Eu quase ouvi o *clac* quando mais umas peças do *puzzle* encaixaram no seu lugar.

– Estou a dizer que essa é uma hipótese. Também é possível que ainda existam algumas lendas que forneçam uma pista. – Era o que caracterizava o trabalho de um polícia. Impunha-se seguir todas as pistas porque nunca se sabia onde se poderiam esconder as respostas.

– O Luke tem razão, Chloe. Talvez Salem seja a nossa única esperança.

O meu olhar cruzou-se com o de Chloe.

– Salem é o único sítio do mundo que tem uma ligação com Sugar Maple. Fica a quatro horas de automóvel. Se não encontrarmos nada, podemos voltar para aqui ao anoitecer.

Não tínhamos nada a perder.

CHLOE

Perguntem a qualquer tricoteadeira e ela dir-vos-á que a única coisa melhor que tricotar a ver televisão é tricotar numa viagem de estrada. Entreguei de novo as chaves do carro a Luke e, empurrando para o lado uma explosão de Dream na Cor Smooshy, reclamei o lugar do passageiro. As circunstâncias podiam ter sido muito melhores, mas tenho de admitir que a perspectiva de passar umas horas a tricotar sem pensar em nada me faziam muito feliz.

Janice conseguiu encolher-se no banco de trás, no meio dos cestos e dos sacos de lã, dos rolos e de uma gata muito dengosa, *Penny*, e já tinha feito três carreiras de uma meia arrendada quando Luke saiu com o *Buick* do parque de estacionamento do Walmart.

Embrenhei-me no meu modelo por defeito de uma meia com virola. Trabalhava com uma meada de *Noro Kureyon Sock* em magníficos tons saturados de azul e roxo mesclados de cor-de-rosa vivo e de um verde-garrafa esbatido e, como sempre, o caos que reinava na minha mente desapareceu quando antecipei as transições das cores e saboreei o contacto do fio de lã com os meus dedos.

Ninguém disse uma palavra quando nos dirigimos para a autoestrada e deixámos a neve para

trás. Acho que todos nos interrogávamos sobre quando (e talvez se) voltaríamos. Eu preferia ter cosido os lábios com lã a admiti-lo, mas estava assustada. Este era o único mundo que eu conhecia. Exceto o período dolorosamente breve na Universidade de Boston quando tinha dezoito anos, eu passara a vida inteira em Sugar Maple e agora a vila desaparecera.

Encontrava-me tão fora da minha zona de conforto que era ridículo. Quanto mais nos afastávamos de Sugar Maple, menos confiança tinha no nosso regresso.

E se nunca mais voltássemos?

Olhei de relance para Luke. Ele tinha uma vida à sua espera no mundo dos humanos. Um ou dois telefonemas e arranjaria outro emprego noutra vila, a pensar num novo futuro. Voltaria para onde pertencia, com mortais que iam trabalhar todos os dias, que se apaixonavam e desapaixonavam, que casavam e tinham filhos, que se preocupavam com os seus carros e com o facto de as vacinas para a gripe estarem ou não dentro do prazo de validade. Dentro de pouco tempo, os meses passados em Sugar Maple parecer-lhe-iam uma história que acontecera a outra pessoa qualquer.

Eu sabia que ele me amava. Sabia que ele queria que eu fizesse parte da sua vida. Há um ano, talvez conseguisse que isto resultasse. Mas agora que eu tinha poderes mágicos, não estava tão certa disso.

E Janice... não pude deixar de pensar no que ela estava a viver.

Luke perguntou se nos importávamos que ele sintonizasse o rádio para uma estação que transmitia comentários desportivos. Eu e Janice mentimos e respondemos que não. Precisávamos do nosso tricô. Ele precisava dos seus Red Sox. Aguentaríamos. Ele manejou o botão, mas em vez de comentários sobre basebol só encontrou estática.

– O teu rádio não funciona – comentou Luke. – Talvez queiras investir numa antena.

– Faço quinhentos quilómetros por ano – respondi, continuando a tricotar. – Não ligo esse rádio desde que a gasolina era a vinte cêntimos o litro.

Ele soltou uma enorme gargalhada e por instantes a situação não nos pareceu tão triste.

– Mais um ano e conseguirás arranjar placas de matrícula históricas – disse Luke. – Baixar o prémio do seguro.

– Mais um ano e ela andarà a empurrar esta coisa em Osborne Avenue – disse Janice e desta vez rimo-nos todos.

– Um pouco de respeito – exigei eu. – Ele está a levar-nos para onde queremos ir, não está?

– Eu dava dinheiro para ter uma bagageira do tamanho da tua – admitiu Janice. – É possível esconder três ou quatro corpos lá dentro.

Luke fitou-a através do retrovisor.

– Você quer irritar-me outra vez?

– Há pessoas que seguem a lógica da *Quinta Dimensão*. Eu rejo-me pelos *Sopranos*.

– Não me esquecerei disso – retorquiu Luke, mas um sorriso fugaz suavizou o comentário do polícia de horário nobre.

Eu sabia que a presença de Janice era desconfortável para Luke. Ele não dissera nada, mas o seu xeixo crispava-se sempre que ela estava por perto. Não que o censurasse. Janice fora dolorosamente clara quanto ao que sentia pelos humanos mais que uma vez.

Mas, até agora, tudo bem. Uma parte da tensão nervosa que me fizera empinar os ombros até às orelhas dissipou-se e recostei-me no banco concentrando-me no tricô.

Uns meditavam. Outros refugiavam-se no trabalho. Quando estava tensa, transformava o fio de lã em meias. Montes de meias. Mais meias do que qualquer mulher mentalmente sã com uns pés normais conseguiria usar numa vida inteira. Agora que Luke fazia parte dela, eu tinha começado a fazer peúgas de tricô para ele (uma tarefa laboriosa quando os pés em questão calçavam sapatos número quarenta e quatro) e a gaveta das peúgas já estava a rebentar pelas costuras.

Não que essa falta de espaço me detivesse. Podíamos sempre comprar outra gaveta para peúgas. Estava profundamente embrenhada em toda aquela maravilha penugenta roxa, azul e verde quando a neve veio ao nosso encontro.

– O que é isto...? – Ele espreitou pela janela e ligou os limpa-para-brisas. – Está a cair uma tempestade de neve lá fora.

Senti-me varrida por uma onda de inquietação.

– Porque está a atingir-nos? – perguntei. – Julguei que íamos a fugir dela.

Janice limpou a condensação da janela lateral e espreitou lá para fora.

– Já não vamos – disse ela.

– Talvez constasse das previsões meteorológicas para hoje – sugeri eu. – É possível que não tenha nada a ver com o feitiço.

Não acreditava numa palavra do que estava a dizer. Nem os outros.

Luke murmurou qualquer coisa irrepitível quando o carro derrapou visivelmente para a esquerda. Abrandou e voltámos à estrada.

– Como diabo consegues andar aqui sem um veículo de tração às quatro rodas?

– É fácil – atalhou Janice. – A nossa amiga não conduz se houver mais de três centímetros de neve no solo.

Retirei um bocadinho de matéria vegetal da minha lã e deitei-o no cinzeiro, que nunca era usado.

– Já me custa a conduzir quando o tempo está soalheiro e seco. Para quê abusar da sorte?

– A Câmara está a pensar fazer uma lei para a manter afastada da estrada quando há uma camada de neve com mais de três centímetros no condado.

Bati-lhe com a minha lã Noro.

– Essa proposta foi rejeitada sem passar à votação.

O sorriso de Janice era completamente depravado.

– Só porque tu juraste que te manterias afastada voluntariamente da estrada.

– Muito obrigada – disse eu. – Fizeste-me cair uma malha.

Juro-vos que Janice sufocou um grito de tal maneira que sugou o oxigénio do carro.

– O que disseste?

– Deixei cair uma malha e é tudo tua... – Foi a minha vez de sufocar um grito. Nunca tinha deixado cair uma malha em toda a minha vida de tricoteira. Nem uma vez.

Janice estremeceu ao olhar para a meia que estava a tricotar e em seguida aproximou-a da luz.

– Não acredito nisto. – Vasculhou num dos sacos à procura de uma régua e em seguida encostou-a à malha. – Caramba! – exclamou. – Não estou a dar folga à malha.

– Dar folga é bom? – perguntou Luke, abrandando consideravelmente a velocidade.

– É muito aconselhável – respondi. Caso contrário, aquela maravilhosa camisola que estamos a

fazer para o namorado só serve a uma criança de colo.

A Sticks & Strings era conhecida por ser a loja em que a lã nunca se emaranhava, as mangas ficavam sempre do mesmo tamanho e a tensão do ponto nunca falhava. Vinham clientes de todo o condado para participar nos nossos *workshops* de fim de semana e nas nossas aulas. Tricotadeiras medrosas, aterradas com malhas caídas, pontos errados, mangas desiguais, todas as mil e uma coisas que podem correr mal, e correm mal, num projeto. Mas quando pegavam na meada seguinte, trabalhavam sem rede.

Nunca me passara pela cabeça que as minhas competências no domínio do tricô pudessem ficar a dever alguma coisa a um bom amuleto e a uma certa dose de magia externa. Preferia pensar que dependiam da boa qualidade dos genes.

Tanto melhor para a Tricotadeira Prodigiosa.

Janice deixou-se cair para trás no banco, a falar sozinha, enquanto desfazia a meia e procurava à sua volta uma agulha circular mais pequena.

Eu afadigava-me a apanhar a malha caída com uma agulha metálica de croché.

– Filha de uma cabra – protestei, quando as malhas reapareceram. – Afinal, acho que não sou uma professora assim tão má.

Eu sabia que, no cômputo geral, uma malha caída numa meia durante uma viagem de estrada não era muito grave, mas sentia-me bastante atrapalhada. Quando acontecia alguma coisa que nunca tinha acontecido, não era preciso ter poderes mágicos para saber que os sarilhos espreitavam.

Como a tempestade que agora despejava neve por cima de nós mais depressa do que os limpa para-brisas conseguiam afastar.

– Talvez fosse melhor abrandares – sugeri a Luke quando a traseira do carro guinou para a esquerda.

– Eu vou a trinta – respondeu ele assim que corrigiu a manobra. – Se for mais devagar, andaremos para trás.

– Então anda para trás – disse eu, agarrada à minha agulha Addi Turbos como se a minha vida dependesse disso. – Tenho um mau pressentimento.

– Senti o carro a abrandar um pouco.

– Vinte – disse ele.

A gata *Penny* abandonou o banco traseiro e saltou para o meu ombro esquerdo.

– Olha – comentei, tentando gracejar. – Até a *Penny* está preocupada.

– Esquece a gata e deixa o Luke conduzir – resmungou Janice. – Ele também é da Nova Inglaterra. Sabe o que é neve.

– Obrigado – disse Luke, olhando para Janice pelo retrovisor. – Fico em dívida para consigo.

– Quem me dera gravar essas palavras – respondeu Janice.

Continuaram a trocar gracejos, o que noutro dia talvez me deixasse mais satisfeita do que ter a minha própria criação de alpacas, mas, se me dessem a escolher, teria preferido menos conversa e mais condução.

Querem saber porque é que eu andava bastante a pé por todo o lado de novembro a abril? Aqui vai: era por causa daquela sensação doentia e incontrolável quando percorria a estrada coberta de gelo encurralada em quase duas toneladas de metal.

Okay, talvez esteja a exagerar um bocadinho. Não era assim tão mau, mas parecia. Da

segunda vez que sofremos uma ligeira derrapagem, Luke conseguiu voltar à estrada num abrir e fechar de olhos, mas aquele aperto na boca do estômago demorou mais a passar.

Tenho uma longa história com estradas cobertas de gelo. Uma zona de gelo misturado com terra que Dane, o filho de Isadora, fez aparecer por artes mágicas roubou-me os meus pais quando era pequena. Ia no carro com eles quando aquilo aconteceu e nunca me esqueci. Não me recordo verdadeiramente do acidente. Dizem que isto é bom, mas não tenho a certeza.

A verdade é que também não me lembro de muitas coisas da minha vida antes dessa noite terrível. Recordo-me vagamente de um humano e da imagem da minha mãe, uma linda feiticeira que optou por ficar com ele noutra dimensão em vez de viver nesta comigo.

Por isso, não confio em automóveis. Não confio no gelo. E espreitarei sempre por cima do ombro, na eventualidade de Isadora vir atrás de mim. Julguei que a tinha banido para sempre na noite em que o filho dela, Gunnar, morreu para nos salvar, a mim e a Luke, da catástrofe. Eu tinha matado inadvertidamente Dane, o irmão gémeo de Gunnar, sem uma ponta de remorso, e atraído Isadora a uma cilada com o objetivo de pôr termo à influência dela em Sugar Maple. Mas Isadora era tão desembaraçada quanto poderosa e, há menos de doze horas, eu concluíra o processo da expulsão dela de uma maneira que só o cosmos na sua infinita sabedoria poderia desfazer.

Ou não?

Uma estrada coberta de gelo. Um homem ao volante. E a última descendente de Aerynn sentada ao lado dele.

Isto não ia acabar bem.

CHLOE

É difícil acreditar, mas as coisas iam rapidamente de mal a pior.

A gata *Penny* parecia sentir a minha inquietação. O seu ronronar, semelhante a um barco a motor, transformou-se em algo mais parecido com uma rosnadela e os pelos da minha nuca eriçaram-se em jeito de resposta.

– Detesto isto – murmurei, virada para o pelo preto e macio da gata. – Não posso acreditar que vamos a conduzir no meio de um nevão. Não devíamos conduzir nestas condições.

O nevão que se devia ter concentrado em Sugar Maple.

– Tem calma – aconselhou Luke num tom de voz destinado a apaziguar um suspeito enfurecido. – Conduzo com neve desde os dezasseis anos. Vai correr tudo bem.

– Não te custava muito abrandar.

– Acompanho o trânsito.

Abri os olhos e olhei lá para fora.

– Não há trânsito. Somos os únicos loucos que andam na estrada.

– Chloe, vou a vinte – disse ele.

– Não é suficiente.

– Mudei de ideias – informou Janice do banco de trás. – A Chloe tem razão. – A neve também está a assustar-me. Abrande!

– Porque não descobres um sítio para parar? – sugeri. – Podemos esperar que a tempestade amaine um pouco.

– Não é boa ideia – explicou ele, com o queixo crispado como granito. – Só porque não vês automóveis, isso não significa que eles não estejam lá. Podíamos acabar com um camião TIR na bagageira. É melhor continuarmos a andar.

Talvez ele tivesse razão. A visibilidade era inferior a zero lá fora. Seríamos um alvo fixo.

Fechei os olhos com força e mergulhei no meu tricô.

– Consegues fazer tricô de olhos fechados? – perguntou Luke.

– Consigo fazer tricô a dormir – respondi e comecei a falar-lhe do tempo em que acordava depois de dormir uma soneca e descobria que tinha armado um xaile de rosetas, quando a traseira do carro guinou para a esquerda e atravessámos a nossa faixa de rodagem, galgámos a barreira de proteção e caímos na berma.

O tempo parou. O carro deslizou no ar como se fôssemos amparados pelas nuvens e tive de lembrar-me que estávamos a cair.

Disse a mim própria que o manto de neve amorteceria a nossa queda e que o *Buick*, grande como um tanque, aguentaria o impacto. E que nos havíamos de rir disto mais tarde, mas não estava a engolir.

Estávamos tramados.

A minha pele aqueceu, arrefeceu e voltou a aquecer. Era como se eu estivesse a arder de dentro para fora. O fluxo de adrenalina na minha corrente sanguínea impedia-me de ouvir quase

tudo exceto os batimentos cardíacos.

Entrámos em parafuso, como um daqueles bombardeiros em *Top Gun* pouco antes de se despenhar no oceano. Um parafuso que parecia eternizar-se, adiando o inevitável.

Janice nunca mais veria a família. O corpo mortal de Luke estilhaçar-se-ia como vidro. A nossa história acabaria como a dos meus pais, a meio caminho de felizes-para-sempre.

– Não! – A palavra saiu-me da boca com a força de um tiro. – Não!

Agora não. Aqui não. Outra vez não.

Eu não tinha chegado até aqui para deixar que as nossas vidas escorregassem por entre os meus dedos.

Infelizmente, dispunha de menos de um segundo e meio para impedir que tal acontecesse.

LUKE

Perdi a virgindade no meu quinto dia em funções. Nos primeiros dias, cumprira o dever dos recrutas, emparceirando com os veteranos que contavam os dias que faltavam para a reforma. Zonas de baixa criminalidade, pouca excitação. Podíamos andar vinte anos naquilo sem suar.

Quase no fim do turno do quinto dia, recebemos um telefonema, demos meia volta e dirigimo-nos para Langley Crescent, junto de um liceu particular. Era uma estrada tramada: curvas quase fechadas, mal compensadas, com uma vala sem barreira de proteção.

Um miúdo a abarrotar de cerveja e de hormonas tinha atravessado a estrada, galgado a vala e escorregado no aterro até à estrada lá em baixo.

Fui o primeiro a chegar junto dele. Bastou um olhar para me debruçar e vomitar o almoço. Dezassete anos e a mãe dele nem o reconheceria.

Portanto, sabia o que ia acontecer e sabia também que era demasiado tarde para parar.

O carro inclinava-se e virávamo-nos ora para um lado ora para o outro como num parque de diversões. A gravidade vencia sempre. Sabia que não ia escapar a isto, mas talvez Chloe conseguisse.

Peguei neste pensamento e agarrei-me a ele enquanto o chão corria para nós.

CHLOE

A menos de trinta centímetros do chão, lembrei-me das palavras.

– Nas asas dos meus antepassados, afastem-nos do perigo!

E salvámo-nos assim, sem mais nem menos.

Sem trovões nem relâmpagos. Sem foguetório. O poder da magia resultou, pura e simplesmente, afastou-nos do caminho para o desastre e depositou-nos de novo na estrada como se nada tivesse acontecido.

Desta vez, não precisei de dizer a Luke que parasse. Ele não tinha alternativa. As mãos dele, como as minhas, tremiam demasiado para se agarrarem ao volante.

Assim que parámos, Janice abriu a porta, debruçou-se e disse adeus ao seu *Egg McMuffin*. Eu também sentia o estômago às voltas, mas só consegui agarrar-me à pobre *Penny* e esperar que o

pânico esmorecesse.

Luke virou-se e olhou para mim. Senti-me corar enquanto a expressão dele passava do alívio para o assombro total.

– Foste tu – exclamou ele, e eu fiz um sinal afirmativo.

Fui eu.

Nunca ninguém olhara para mim daquela maneira. Senti-me envergonhada, orgulhosa e totalmente desligada do que hoje passava por ser a realidade.

– Foste tu – repetiu ele outra vez, com um sorriso incrível a despontar na face. – Nós não tínhamos a mais pequena hipótese, mas tu conseguiste!

– Consegui – confirmei, também com um sorriso incrível. – A minha mente estava vazia, mas de repente as palavras saíram.

A linguagem bela e floreada da magia. Nunca mais permitiria que alguém gozasse com ela.

Acontecia-nos alguma coisa quando enganávamos a morte. Talvez fosse apenas a adrenalina que ainda nos corria nas veias e não tinha mais nada que fazer depois do perigo passado, mas os meus sentidos estavam bem alerta e, a avaliar pela expressão dele, o mesmo acontecia com os de Luke.

Ele inclinou-se para mim.

Eu inclinei-me para ele.

Uma explosão de faíscas brancas e prateadas preencheu o espaço que nos separava como se festejássemos o 4 de julho em privado.

Os nossos lábios tocaram-se. A nossa respiração misturou-se. Lágrimas de alívio e de alegria deslizaram pela minha face e ele afastou-as com as pontas dos dedos. Tínhamos estado tão perto de perder tudo que eu só desejava abraçá-lo e nunca mais o largar.

– Oh, vá lá! – Janice recostou-se no banco e fechou a porta do carro. – Até parece que voltei ao liceu.

Beijámo-nos mais uma vez só porque podíamos. Eu podia olhar para a cara dele para sempre e...

– As tuas nódoas negras desapareceram! – exclamei. – Os golpes sararam! Ninguém diria que estiveste envolvido numa luta.

Ele mudou de posição várias vezes.

– Já não me doem as costelas.

Virámo-nos ambos para Janice.

– Acabem com os aplausos – disse ela com um sorriso presunçoso mas satisfeito. – Podem agradecer-me quando isto tudo acabar.

– Iremos jantar à estalagem – disse eu, sentindo-me tremendamente otimista. A Estalagem de Sugar Maple pertencia a Renate e Colm Weaver, as fadas amigas que se haviam tornado inimigas devido à influência de Isadora.

Eu sentia a falta dos meus velhos amigos. Queria que as coisas voltassem a ser como eram.

É claro que, para que isto acontecesse, tínhamos de encontrar a vila primeiro.

Durante algum tempo, mantivemos um silêncio confortável enquanto a nossa pulsação voltava ao normal. Eu apostava que tínhamos finalmente ultrapassado a tempestade, porque o nevão já não era um nevão mas uma acumulação de flocos que não eram para tomar totalmente a sério. Os limpa-neves do condado deviam andar em força a desimpedir as autoestradas, mas

demorariam algum tempo a chegar a pequenos acessos como aquele em que nos encontrávamos.

A tempestade podia ter passado, mas a estrada à nossa frente ainda estava coberta de neve e de gelo, à espera que houvesse um acidente.

Janice e eu éramos a favor de ficar ali até que espalhassem sal na estrada, mas Luke discordava completamente.

– O tempo está a passar – disse Luke. – Faltam-nos poucos quilómetros para chegarmos à autoestrada. Se conseguirmos sair daqui, o pior terá ficado para trás.

Reajustou os espelhos. Não sei qual era a opinião de Janice, mas por instantes admiti a hipótese de fazer um intervalo. Olhei para ela. Janice encolheu os ombros e recomeçou a fazer tricô. Boa opção. Era isso ou uma flecha tranquilizante. A lã macia, as cores vivas e a textura escorregadia da minha adorada Addis recentraram-me imediatamente.

– Precisas mesmo de repensar todo o problema dos dedos – disse Janice. – Não só este método é mais intuitivo como não tens de te preocupar com o facto de a lã não chegar para acabar o par.

– Ouvi os argumentos e reconheço que fazem sentido, mas quando se trata de meias para usar todos os dias, sou pela virola, pela saliência do calcanhar e pelo reforço – disse eu, trabalhando ao mesmo tempo.

– Eu faço um reforço nos dedos.

– Não creio que fiquem tão elegantes.

Janice descalçou o sapato e pôs o pé direito na consola.

– Diz-me que esta não é uma meia fabulosa.

– Claro que é uma meia fabulosa – respondi eu. – Tu és uma tricoteadeira espantosa. Só que eu prefiro a virola.

A gata *Penny*, que acompanhara a conversa aos meus pés, aparentemente fartou-se de ouvir falar de tricô e soltou um uivo sobrenatural.

– Obrigado, *Pen* – agradeceu Luke. – Eu não teria dito melhor.

Ignorei-o, mas não consegui ignorar o desconforto óbvio da gata.

– Oh, acho que ela precisa do tabuleiro de areão – disse eu.

O que, no fim de contas, talvez não fosse aquilo que quem estava dentro do carro queria ouvir.

– Porque não o pões no banco de trás? – sugeriu Luke.

– Não concordo. – Janice parecia muito agastada, e quem podia censurá-la?

– Detesto dizer isto, Luke, mas temos de parar outra vez.

Havia um miradouro panorâmico oitocentos metros mais adiante e Luke parou no minúsculo espaço contíguo para que *Penny* pudesse fazer as suas necessidades.

Janice e eu olhámos uma para a outra depois de eu colocar o tabuleiro improvisado atrás do carro.

– Talvez aquilo esteja sujo – comentei, apontando para o barracão onde se lia «Sanitários Unissexo».

– É o mais provável.

– Mesmo assim, talvez não seja má ideia.

Janice concordou.

– Nunca se sabe quando a oportunidade voltará a surgir.

Lembrei a Luke que pusesse a *Penny* dentro do carro assim que ela acabasse e disse-lhe que

não nos demorávamos.

– Despachem-se. São quase onze horas e ainda nem vamos a meio caminho.

O barracão estava pior por dentro do que por fora. Dei comigo a desejar trazer um fato protetor.

– Ainda bem que és curandeira – disse eu enquanto lavava as mãos num fio de água gelada. – Este sítio é uma incubadora de bactérias.

Janice via-se ao espelho encardido.

– Porque não me disseste como estava o meu cabelo? – resmungou ela e depois começou a pentear-se.

– Não podes fazer isso no carro? – perguntei enquanto ela passava os dedos pelos cabelos compridos e ondulados. – O Luke está à espera.

– Está-se bem aqui – disse ela, mas eu sabia que a sua noção de bem-estar era muito diferente da minha.

Dei um retoque no meu rabo-de-cavalo e desejei mais uma vez ter nascido com cabelos ruivos e encaracolados em vez de ter um espanador louro na cabeça. Em seguida, apressei-me a voltar para junto de Luke.

Que, como se viu, estava em cima de uma árvore.

LUKE

Sou um tipo de cães. Fui criado com cães. Gosto de cães. Sei o que significa quando um cão abana a cauda ou eriça os pelos do dorso como se estes fossem os espinhos de um ouriço-cacheiro.

Os cães são simples e diretos. Os cães não nos dão cabo da cabeça.

Os gatos são um mistério para mim. Os sinais dos gatos são como as pinturas rupestres que representam animais e das quais deve ocupar-se um estudioso da espécie.

Dir-se-ia que o facto de a mulher que eu amava ser uma feiticeira-em-formação bastaria para lidar com isto, mas o destino ainda não ajustara as contas comigo. Ela tinha gatos. Montes de gatos.

E um deles falava.

Sim, isto também me assustava. Realmente era impossível habituarmo-nos a um gato que sabia explicar-nos física quântica ou transformar-nos num rato de pano se o espírito o ajudasse.

A verdade é que, com exceção da fala, da magia e do tabuleiro de areão, eu gostava da *Penelope*. Era uma gata mansa. Não bufava nem arranhava como uma prima-dona. Não dava saltos nem se pendurava nos cortinados. Dormia, comia e dormia ainda mais. Era uma gata caseira e sempre fora antes de nós sermos um conjunto desconexo de colónias com sotaque inglês.

Por outras palavras, a gata *Penny* não se arriscaria a conhecer o grande espaço exterior se este lhe magoasse o traseiro felpudo.

Então, o que diabo estava ela a fazer em cima de uma árvore?

E a pergunta ainda mais importante era: o que diabo estava eu a fazer empoleirado na mesma árvore a tentar que ela descesse acenando-lhe com um *Egg McMuffin*?

– *Okay* – disse, tentando fincar o pé no ramo coberto de neve. – Cometi um erro. Não te devia ter voltado as costas.

A gata *Penny* fitou-me com aqueles irritantes olhos dourados.

– *Vá lá* – incitei estendendo-lhe o bocado. – Tu sabes que o queres.

Ela não disse *vai-te lixar* em voz alta, mas podia ter dito. Era óbvio que a gata não se contentava com *fast food*.

– Agora me lembro porque não fui bombeiro – disse eu entredentes quando ela subiu mais um pouco. Os polícias não faziam estes disparates.

Aliás, nem os cães. Não se via um cão-de-água nem um rottweiler em cima de uma árvore. Um cão contentava-se com o piso térreo.

– Luke!

Olhei para baixo e vi Chloe a olhar para mim.

– A tua gata está em cima da árvore.

– Impossível! A *Penny* não sobe às árvores.

Nesse momento, a gata *Penny* soltou mais um daqueles uivos que dera durante toda a manhã.

– Raios, quero que ela acabe com aquilo.

– *Penelope*, vem cá para baixo – disse ela.

Juro que não vi a gata mexer-se. Um segundo antes, ela olhava para mim do ramo mais alto. Logo a seguir, estava enrolada ao pescoço de Chloe como uma gibóia.

E eu continuava empoleirado na árvore.

– Vens para baixo sozinho ou queres que te faça descer por artes mágicas? – perguntou Chloe.

Representei o meu melhor papel de lenhador e deixei-me cair de pé ao lado dela.

Não passaria pela cabeça de ninguém que um gato fosse capaz de olhar para nós com desdém, mas *Penelope* conseguiu.

– A gata detesta-me – disse eu quando voltávamos para o carro, avançando a custo através da neve. – Qual foi a última vez que ela subiu a uma árvore? Por volta de mil setecentos e doze?

– Não és tu – disse Chloe. – É por causa de Sugar Maple. Ela tem saudades de casa.

– Foi a gata que te disse?

– A gata diz-te umas quantas coisas se não te calares.

O que teria sido estranho na minha vida anterior, mas na minha nova vida não era estranho, era verdade.

CHLOE

Pousei a *Penelope* no chão, aos meus pés. Luke ligou o aquecimento e quando saímos do parque de estacionamento já ela tinha adormecido.

– Devias ter comprado uma daquelas transportadoras para gatos no Walmart – disse Janice enquanto trabalhava na sua meia no banco de trás. – Ou uma trela.

– Vou comprar uma assim que chegarmos a Salem.

Até aí, *Penny* ficava dentro do carro.

Eu julgava que a história invulgar de *Penny* a tornava imune ao comportamento tresloucado dos felinos, mas não antecipara o efeito que uma mudança de paisagem poderia surtir nela. Sons diferentes, vistas diferentes, cheiros diferentes. Talvez ela se sentisse tão perdida como eu sem Sugar Maple.

Eu ia a meio da perna da minha meia quando chegámos à autoestrada. Havia sol. A estrada à nossa frente estava desimpedida e seca.

– Quanto tempo levamos a chegar a Salem? – perguntei a Luke quando ele se integrou no trânsito.

– Mais duas horas e meia, sem tempestades de neve nem gatas fugitivas.

Eu conseguiria acabar a primeira meia e fazer um bom bocado da segunda. Com um bocadinho de sorte, cairia na zona do tricô, onde só havia cor, textura e o tilintar suave e ritmado das minhas agulhas. Em suma, não queria pensar no que nos esperava. Preferia pensar na maneira como o azul-turquesa contrastava com a cor púrpura.

Por fim, Luke conseguiu sintonizar uma estação de comentários desportivos e eu desliguei da conversa. No banco de trás, Janice já estava na zona e preparava-se para começar a segunda meia.

– Estás a fazer tricô para Munchkins? – perguntei-lhe por cima do ombro. – Não é possível que

estejas a fazer meias para os pés de um adulto. Eu ainda nem acabei o calcanhar da primeira.

– Meias com dedos, querida – disse ela piscando o olho. – Eu disse-te que embala.

Conversámos sobre remates elásticos durante algum tempo e depois mergulhámos num silêncio cúmplice. No rádio, um locutor falava do início da Major League. Luke parecia concentrado.

Era de esperar.

Continuei a fazer tricô em silêncio durante algum tempo. Atrás de mim, Janice adormeceu, com a cabeça almofadada por um monte de Manos e Araucania. O aquecimento revelou-se excessivo para *Penny*, que se acomodou na consola entre mim e Luke. Não parecia muito cansada após as suas aventuras no grande espaço exterior. Contudo, mostrava-se involuntariamente concentrada em Luke.

– O que se passa? – perguntou ele quando um grande camião castanho da UPS passou por nós à esquerda. – Ela não tem tirado os olhos de mim.

– Acho que vocês os dois engrenaram quando tu estavas empoleirado naquela árvore.

– Ela gozou-me à grande em cima daquela árvore. Se não tivesses aparecido, ainda estaria lá em cima a acenar-lhe com aquele estúpido *Egg McMuffin*.

Penny esticou as patas dianteiras e aproximou-se mais de Luke. Apoiou o queixo na coxa dele.

– Demasiado tarde, bichana – disse ele. – Comi-o.

Ela esticou-se outra vez e assentou a parte de cima do corpo no colo dele.

– Isto não vai resultar – concluiu ele. – Não é que eu não confie nela, nada disso.

Fiz menção de tirar *Penny* do colo dele, mas ela foi mais rápida do que eu. Era difícil acreditar que uma gata velha e sedentária conseguisse mexer-se tão depressa num espaço fechado como aquele, mas ela saltou-lhe do colo para o ombro num abrir e fechar de olhos.

Uma pessoa que gostasse de gatos nem pestanejaria. Um condutor que não era um tipo de gatos não conseguiria evitá-lo.

– O que se passa? – questionei, desapertando o cinto de segurança. Debrucei-me para tirar *Penny* do seu novo poleiro, mas ela encostou a cabeça ao pescoço dele. – Parece que usas um *aftershave* à base de erva-dos-gatos ou qualquer coisa do género.

– Queres afastá-la de mim? – Ele parecia um pouco tenso. – Estou a sentir-lhe o bafo.

Era estranho que nunca tivesse sido obrigada a recorrer à magia com *Penny* até dispor de poderes mágicos. Ela parecia antecipar cada nova competência que eu adquiria. Lancei o feitiço a que recorrera debaixo da árvore, mas desta vez sem efeito.

– Não estou a brincar – disse Luke. – Começo a ficar com comichão nos olhos e acho que vou espirrar.

– Por causa do bafo da gata? – Não tive a intenção de mostrar-me tão cética.

– Afasta-a de mim, está bem?

– Desde quanto és alérgico a gatos?

– Chloe, vá lá. Ajuda-me. Usa um pouco dessa tua magia. Até parece que estão a deitar-me sal nos olhos.

– Estou a tentar, mas o feitiço não a atinge – disse eu.

– Ela está a lamber-me a cara, raios. Sinto a pele a arder. Afasta-a de mim.

Fiz outra tentativa para a tirar do ombro dele, mas a gata estava agarrada como fita *Velcro*.

Ele deu um grito.

– Essas unhas são afiadas.

O momento não era para fanfarronices. Abstive-me de comentar e concentrei-me na melhor maneira de lidar com uma gata teimosa e um humano enfurecido.

– A Janice comprou *Cheese Nips* – disse eu com todo o otimismo de que fui capaz. – Isso deve resultar.

Ajoelhei-me na consola, virei-me para trás e procurei o aperitivo salgado nos sacos aos pés da minha amiga adormecida.

– Eu sei que ela os comprou – disse, a falar sozinha. – Devem estar no outro saco.

Ouvi um arrastar de pés, Luke a encher o peito de ar e depois a dizer:

– Pega no volante.

Voltei para o meu banco como pude.

– O quê?

– Pega no volante!

– Eu não...

– Já!

Agarrei no volante e mantive-o firme.

– Qual é o problema? O que aconteceu? Há pouco...

– Não consigo ver.

Ouvi as palavras mas o meu cérebro não conseguiu processá-las no meio da gritaria que ia na minha cabeça.

– Começa a abrandar. Vou desviar-me para a berma. Aviso-te quando tiveres de parar.

Já estávamos na faixa da direita, o que nos ajudava.

– O que se passa? – Janice enfiou a cabeça entre os nossos bancos. – Aconteceu alguma coisa?

– Os olhos do Luke – expliquei, sem desviar os olhos da estrada à minha frente. – Acho que ele está a ter uma reação alérgica qualquer.

Janice disse uma coisa que não posso reproduzir.

– Agarra na *Penny* – disse eu. – Mantém-na afastada do Luke.

Raios a partissem! A gata saltou com elegância para o monte de lã ao lado de Janice e acomodou-se.

Luke mantinha os braços rígidos ao lado do corpo. O suor escorria-lhe pela face.

– Abranda mais um bocadinho – disse eu. – Não, não aceleres. O travão! O travão!

Eu não diria que a minha vida passou de relance à minha frente, mas apareceram sem dúvida algumas cenas essenciais.

A berma era larga e estava livre. Conduzi o *Buick* para lá. Agora só tínhamos de parar antes que chocássemos com o renque de pinheiros que assinalava o ponto em que acabava a berma e começava a floresta.

A respiração de Luke era roufenha, difícil. Tive a sensação que ele ia em piloto automático, mais apoiado na memória musculada do que no pensamento consciente.

– *Okay*, agora trava mais – disse eu. – Devagar... para... isso mesmo. Conseguimos. Formidável!

Estávamos safos. Concentrei-me totalmente em Luke e senti um arrepio na espinha. A cara dele estava vermelha e manchada. Os olhos, tão inchados que nem se abriam. A respiração parecia ainda mais roufenha e difícil que antes.

Ele estava em dificuldade e a minha magia era completamente inútil para combater o que quer que estava a provocar-lhe esta reação.

CHLOE

–Ele não está a respirar bem – disse eu a Janice enquanto tentava controlar o meu pânico crescente. – Acho que ele está mesmo atrapalhado.

– Não te preocupes. – Janice era um oásis de calma. – Eu estou aqui. Vamos tirá-lo do carro para eu poder trabalhar.

Penny ignorou-nos enquanto tentávamos puxar Luke do interior do carro e estendê-lo na relva adjacente à berma. Era como deslocar noventa quilos de peso morto.

Ele fugia-nos. Eu sentia-o em todas as células do meu corpo. Desejei de todo o coração que Suzanne Marsden nunca houvesse aparecido em Sugar Maple. Se ela não se tivesse afogado, não teria oferecido a Luke o cargo de chefe da polícia e nós não nos teríamos conhecido e apaixonado. E, se nada disso tivesse acontecido, ele não estaria no fio da navalha entre dois mundos.

Janice ajoelhou-se junto de Luke e passou-lhe as mãos pelo peito e ao longo do pescoço. Espalmou os dedos sobre a cara dele, falando baixinho numa língua que eu nunca conheceria. Luke jazia imóvel. Já não tinha a pele vermelha nem manchada; a palidez fantasmagórica da morte humana afastava a vermelhidão.

Conservei a mão dele na minha, grata pelo calor. O pulso dele estava fraco, mas o coração continuava a bater.

Já vira Janice operar milagres. Os seus poderes curativos eram fortes. Se alguém podia dar a volta a isto era ela. Mas mesmo assim eu estava aterrada.

– Ele é humano, Janice – disse. – Alguma vez trabalhaste com um mortal puro?

– Não a este ponto, mas neste momento só lhe resto eu – respondeu ela.

– E se ele entrou numa espécie de estado de choque? – indaguei. – Talvez fosse melhor levá-lo a um hospital. – Eu via a *Anatomia de Grey*.

– Choque! – Janice ficou eufórica. – É isso... – As mãos dela mal se viam ao descrever movimentos circulares sobre o corpo dele. A voz dela subia e descia de tom enquanto pronunciava as estranhas palavras.

– Vá lá! Vá lá! – disse eu em surdina.

Os olhos de Janice fecharam-se. A boca dela mexia-se mas eu já não ouvia as palavras. Ela partira para qualquer lugar a que eu não tinha acesso, nas profundezas do seu conhecimento e da sua magia.

– O que diabo está você a fazer? – Luke sentou-se de repente e fulminou Janice com o olhar. A palidez, a respiração entrecortada, os olhos inchados... tudo desaparecera. Ele era corpulento e saudável e estava furioso.

– Um simples obrigado seria suficiente – respondeu ela de chofre, retribuindo o olhar.

– A Janice acabou de te salvar a vida, idiota. – Eu ria e chorava ao mesmo tempo e abracei-o. Ele afastou-se ligeiramente e fitou-me.

– Estou a falar a sério, o que aconteceu?

– Os teus olhos... perdeste os... – Franzi o sobrolho. – Não te lembras.

Ele não se lembrava. O episódio era uma branca total para ele.

– Não me lembro de quê? – perguntou ele.

Pu-lo ao corrente dos pormenores.

– Merda! – exclamou. – Estás a brincar comigo?

Todos nós sabíamos que a pergunta era retórica.

Ele levantou-se e sacudiu a terra das calças de ganga. A sua cor regressara ao normal. Até eu tinha dificuldade em acreditar que os últimos minutos não houvessem passado de um sonho mau.

– Não te mexas – ordenei-lhe. – Eu devia ter feito isto há horas.

Lancei um feitiço protetor simples mas eficaz e depois dupliquei-o por precaução.

– Obrigado – agradeceu Luke. – Isso protege-me dos gatos?

Janice e eu olhámos uma para a outra. Ele continuava a não compreender que os gatos viviam acima da lei e da magia.

Levei a mão ao puxador da porta do lado do condutor.

Luke franziu o sobrolho.

– Não devia ser o homem a abrir a porta do carro?

– Sem ofensa – respondi –, mas até agora atiraste-nos para uma berma e cegaste temporariamente.

– Tu detestas conduzir – lembrou-me ele.

– Sim – reconheci –, mas acontece que ainda detesto mais espetar-me.

– Conduzo bastante bem.

– Mas não hoje.

– Acusas-me porque tens um carro miserável sem pneus de neve nem tração às quatro rodas?

– Eu não estou a acusar ninguém, Luke, mas mesmo assim vou conduzir.

Okay, talvez eu o acusasse mas não de uma maneira desagradável. Estávamos a pé há mais de vinte e quatro horas. Eu envolvera-me numa luta feroz com Isadora, perdera a minha terra natal, desencadeara uma tempestade de neve, chocara com uma barreira de proteção, caíra seis metros quase ao encontro da morte certa e rematara a brincadeira com uma cegueira temporária.

Ele era apenas humano e os humanos tinham as suas limitações físicas. Não faltava muito para que eu atingisse também os meus limites, mas a costela mágica da minha linhagem levar-me-ia um pouco mais longe.

Eu ainda era nova na dança homem-mulher. Às vezes, também reagia com uma frontalidade excessiva. Amava-o. Não queria magoá-lo.

– Tu compreendes, certo? Teremos muito que fazer quando chegarmos a Salem. Podias dormir uma soneca ou apenas relaxar.

Vi o queixo de Luke a sofrer toda a espécie de contorções antes de falar.

– O carro é teu – disse por fim. Em seguida, contornou o carro, entrou e sentou-se do lado do passageiro.

– Não tenho voto na matéria? – perguntou Janice. – Estaríamos melhor se fosse a gata a conduzir.

– Não te ouvi ofereceres-te para conduzir.

Janice resmungou qualquer coisa desagradável acerca do meu *Buick* e depois sentou-se no

banco traseiro.

Reajustei os espelhos e apertei o cinto de segurança. Não vos vou mentir. Não estava ansiosa por me fazer à autoestrada. (Não era assim tão doida para sair da minha faixa e voltar para casa.) Mas não podia adiar eternamente.

Entre na faixa de rodagem e mal começara a andar ao longo da berma, a ganhar velocidade, quando um pinheiro caiu no chão, um metro à nossa frente, sem mais nem menos.

Pus o carro em ponto morto e desliguei o motor.

Ninguém disse uma palavra. Quando uma árvore com doze metros de altura não nos atingia por um triz, não havia muito a dizer.

Venceste, Universo. Reconheço. Não queres que vamos para Salem. Mensagem recebida.

– O que se seguirá? – Janice quebrou o silêncio. – Macacos voadores?

Soltámos uma gargalhada nervosa.

– Julguei ver sinais de fumo a dizer RENDE-TE, CHLOE, por cima da nossa cabeça – acrescentou Luke.

Eu teria rido se a minha atenção não se houvesse desviado para outra coisa.

– Olhem – disse eu, apontando para a autoestrada. – Eles vão na direção da árvore como se ela lá não estivesse.

– Merda! – Luke inclinou-se para a frente e olhou através do para-brisas. – Aquele *Porsche* nem sequer abrandou.

Janice deu um grito quando um autocarro escolar amarelo passou por nós sem problema.

Saltei do carro e corri para a árvore caída. Correção: choquei com ela e depois tropecei. Para mim, a árvore era muito real.

O mesmo aconteceu a Luke e a Janice.

– Magia? – perguntou Luke.

– Oh, sim – respondi. – Sem dúvida nenhuma.

– Truques de segunda – observou Janice com um desprezo manifesto. – Coisas de amadores.

– Despertou-me a atenção – admiti.

Além disso, provava que Luke tinha razão. Se alguma coisa ou alguém tentava afastar-nos com tanto afinco, então era para Salem que devíamos ir.

Mas chegar lá era outra história.

– O que teria acontecido se aquela árvore caísse em cima do carro? – perguntei a Janice.

– É fácil – respondeu ela. – Teríamos morrido.

– Sem dúvida? – perguntou Luke.

– Zero – respondeu ela. – Existe na nossa realidade e isso é que interessa.

– Chamaste-lhe um truque de segunda, mas a mim parece-me bastante sofisticado. – Há uns meses que eu andava a estudar o *Livro dos Feitiços* e nunca ouvira falar da criação de realidades paralelas. – Quem possui esse tipo de magia?

– A velha escola – respondeu ela, apoucando-a com um gesto da mão. – Impressionante, sim, e às vezes perigosa, mas um pouco ultrapassada.

– Então quem a usava? – insisti.

Ela encolheu os ombros.

– Sobretudo as fadas, mas pelo que a minha avó me contou, era bastante vulgar na época em que o grupo de Salem se instalou em Sugar Maple. Aparentemente, todos a controlavam até certo

ponto.

– A Isadora recorreu a ela alguma vez? – perguntou Luke.

– Que eu saiba, não. Como disse, trata-se da velha escola e um pouco reles. Quando o país conquistou a independência, já estava esquecida há muito.

Falar da história de Sugar Maple provocava-me sempre desconforto. Durante a maior parte da minha vida, fora meia humana, sem poderes mágicos nem perspetivas de vir a adquiri-los no futuro. A história passada da minha terra natal parecia tão poeirenta e irrelevante como os cupões de supermercado fora de prazo.

– Quem me dera ter prestado mais atenção às histórias da Sorcha quando era pequena – disse eu. A minha mãe adotiva pertencia à história viva e eu desperdiçara uma montanha de oportunidades.

– Podes desfazer isto? – perguntou Luke, apontando para a árvore monstruosa.

– Não – respondi, e Janice abanou a cabeça. – Mas posso contorná-la.

Foi exatamente o que tentei fazer, mas a árvore bloqueava sempre o caminho.

– Deixa-me tentar – sugeri Janice, reprimindo o ódio que tinha ao meu pobre e sitiado *Buick*.

Sentou-se ao volante e eu fui para o banco de trás com a *Penny*.

– Ai! – Desviei o tricô dela. – Muda para uma única agulha circular, está bem? Estas de duas pontas são assassinas.

Janice mexeu nos espelhos, respirou fundo e conduziu na direção da árvore.

– Jan! – gritei, enquanto Luke fazia entredentes um comentário nada elogioso. – Que diabo é isso?

– A árvore mexeu-se!

– Isto não é bom – disse eu quando uns ramos frondosos apareceram por cima de nós.

– Achas? – perguntou Janice.

– Recue! – gritou Luke. – Já!

Ela engatou a marcha atrás e recuámos no momento em que uma árvore caiu no sítio em que nos encontrávamos um segundo antes.

– Vamo-nos embora daqui. – Talvez fosse a frase mais desnecessária que pronunciei na minha vida.

– Vamos. A nossa sorte não dura sempre – disse Luke.

O que a demorava tanto? Pelo rumo que as coisas estavam a tomar, a nossa sorte não duraria mais cinco segundos.

– Estou a tentar – disse Janice. – A alavanca das mudanças encravou.

Luke debruçou-se na consola e tentou engatar a primeira, mas não aconteceu nada.

Atirei-me para o espaço entre eles e fiz uma tentativa. Resultou. Mas em vez de carregar no acelerador, Janice saltou do carro.

– Conduz – disse ela.

Nada a opor. O carro decidiu por nós. Janice e eu trocámos de lugar. Ajustei os espelhos, apertei o cinto e carreguei no acelerador.

E mesmo a tempo.

Um buraco de proporções verdadeiramente monstruosas abriu-se atrás de nós quando reentrámos na autoestrada. A última coisa que vi pelo retrovisor foi as árvores a serem sugadas para o vácuo.

Tive de combater o impulso para carregar no travão e olhar outra vez.

– Estás bem? – perguntou Luke quando passei para a faixa do meio.

– Não. Estou assustada – respondi.

– Serias maluca se não estivesses.

– Sempre que acho que conseguimos controlar o que está a acontecer, há algo que salta e me dá uma dentada no traseiro.

Os belos olhos verdes de Luke faiscaram pela primeira vez em horas.

– Bem-vinda ao meu mundo, Hobbs.

De várias maneiras.

– Espera um segundo – disse eu. – Tu foste criado perto de Salem.

– A duas vilas de distância.

Apoderou-se de mim um turbilhão de emoções contraditórias.

– A tua... família ainda lá vive?

– Tenho um irmão em San Diego e uma irmã em Oregon. Todos os outros se instalaram perto dos meus pais.

– Exceto tu.

Os olhos dele ficaram mais brilhantes.

– Tenho as minhas razões.

– Há tanta coisa que eu não sei a teu respeito.

– Temos andado um pouco preocupados ultimamente.

Dei uma gargalhada sonora.

– Isso é dizer pouco.

Ouviu-se uma tosse teatral vinda do banco traseiro.

– Não nos esquecemos de si, Janice – disse Luke.

– Posso ser uma cabra intrometida, mas nunca foi o meu estilo ouvir as conversas dos amigos.

Abri a boca para protestar.

– Não te atrevas! Isto interessa-me. – Ela inclinou-se para a frente e fitou Luke com uma curiosidade insensível. – Então quantos são vocês, os MacKenzie, afinal?

– Sete filhos – respondeu ele, sorrindo ao ver o meu ar escandalizado. – Eu sou o do meio.

– Eles sabem onde você está? – perguntou Janice.

– Sabem que estou em Vermont.

– Costuma falar com eles?

Ele puxou o cinto de segurança com força, inclinou-se para a frente e tocou no rádio.

– Há algum tempo que estou incontactável.

– Foi por isso que saí de Boston?

– Janice! – Deitei-lhe um olhar furibundo pelo espelho retrovisor.

– O que foi? – perguntou ela com os olhos arregalados, a máscara da inocência. – A minha mãe respinga se eu não lhe enviar chamadas azuis pelo menos duas vezes por dia. – Enviar chamadas azuis era o equivalente mágico de um *Blackberry* ou de um *smartphone*. – Mandava logo uma equipa de espíritos do lar à minha procura.

– Não és obrigado a responder-lhe – disse a Luke. Janice soubera por portas e travessas que Luke saíra da polícia e de Boston. Toda a gente sabia em Sugar Maple.

– *E-mails* – respondeu Luke. – Uma ou outra mensagem instantânea. Quase todos eles estão no

Facebook, portanto, eu sei o que andam a fazer.

– Os teus irmãos e irmãs estão no Facebook? – perguntei.

– E as minhas sobrinhas, sobrinhos e cunhados.

– Quem me dera ter o meu computador portátil – desejou Janice, e todos nos rimos.

Os meus pensamentos estavam completamente dispersos. Janice provinha de uma grande família, mas, aparentemente, os MacKenzie superavam-na.

– Tens saudades deles? – Não sei ao certo porque perguntei. A pergunta parecia ter vida própria.

– Há muito tempo que vivo sozinho. Raios, os meus irmãos mais velhos saíram de casa antes de eu começar o liceu. Cada um seguiu o seu caminho.

Talvez, mas a maioria ficara na cidade onde tinha crescido. Pareciam-me uma família muito unida. Porque se afastara ele?

Não insistas, disse-me a voz da razão em jeito de aviso. *Ele está disposto a desistir de todos para ficar contigo. Isso não é suficiente?*

Mas a família era o meu calcanhar de Aquiles. Eu não me conseguia afastar dos do meu sangue, nem sequer por amor, e receava que um dia Luke pudesse sentir o mesmo.

Mais uma vez, eu não tinha laços de sangue com ninguém. Se tivesse, talvez contasse com eles, tal como os outros, mortais e mágicos, pareciam contar.

Mas eu não acreditava nisso.

LUKE

Era difícil explicar a dinâmica familiar a uma mulher que não tinha família. Eu fora criado no seio de um grande clã, nuclear e aumentado, e mesmo assim não sabia o que os fazia vibrar.

A verdade era que nunca pensara muito no assunto. A família era como o ar, a água ou a televisão por cabo. A família era um facto da vida. Umas vezes aborrecido. Outras divertido. Outras ainda a única coisa que fazia com que todas as outras valessem a pena.

Quando Karen e eu nos casámos, sabíamos exatamente quais eram as expectativas. Havia uma casa à nossa espera no clã MacKenzie, uma casa confortável onde a nossa família recém-formada podia instalar-se e criar raízes que durariam para sempre.

Só que neste mundo nada durava para sempre. Nem a nossa família. Nem a nossa menina. Quando a vida nos deu um murro nos dentes, o nosso casamento foi por água abaixo e arrastou os nossos sonhos.

Ao aceitar o lugar em Sugar Maple, só me apetecia desaparecer e a pequena vila de Vermont parecia o sítio indicado para isso.

Eu desapareci, é verdade, mas não da maneira que planeava.

Prometera guardar os segredos de Sugar Maple quando aceitei o cargo de chefe da polícia e não quebraria a promessa, mesmo que Sugar Maple desaparecesse para sempre. Mas mais cedo ou mais tarde, a minha antiga vida bater-me-ia à porta e quando tal acontecesse teria de responder.

Esperava deveras que isso não acontecesse hoje.

CHLOE

Íamos a meio caminho de Salem quando ficámos sem gasolina.

– Não posso acreditar – disse eu quando o motor começou a dar estalos. – Segundo o mostrador, ainda resta um oitavo do depósito.

– O teu carro tem cem anos – lembrou Janice do banco traseiro. – Nem imaginas o que indica o manómetro.

Pensei em gracejar à custa do tricô, mas o momento não era oportuno.

Luke inclinou a cabeça e escutou o som.

– Está quase vazio mas não totalmente. Há uma estação de serviço a cerca de oitocentos metros. Aposto que conseguimos lá chegar.

– Aposto que não conseguimos.

Eu tinha razão. O motor desligou-se a menos de noventa metros do posto de abastecimento ao lado de um Hungry Camper All-You-Can-Eat Buffet. Depois de enfrentar tempestades de neve hostis, um mergulho de seis metros numa vala e árvores assassinas, um depósito de combustível vazio parecia um passeio no parque.

– Tens uma lata de gasolina no porta-bagagens? – perguntou Luke.

– Está a gozar, não estás? – Eu só enchia o depósito uma vez por ano.

– Fiquem aqui – disse ele. – Eu trato disto.

– Quando isto acabar, passo uma semana a dormir – disse Janice assim que Luke se afastou na direção do posto de abastecimento mais adiante.

– Há cerca de duas horas que deixei de sentir cansaço – comentei. – Agora, estou em coma funcional.

– Lembras-te de todas aquelas coisas horríveis que eu disse sobre o teu humano? Retiro-as. Podias ter feito pior.

– Eu fiz pior – esclareci, recordando a história conturbada do meu namoro. – Tu e a Lynette mimosearam-me com todos os vampiros, lobisomens, *selkies*, *trolls* e seres metamórficos da costa leste.

– Eu tinha fugido com aquele último *selkie* se o Lorcan soubesse cozinhar sozinho. – Lorcan era o marido e companheiro dela, um *selkie* irlandês que vivia uma parte do ano nas profundezas de Snow Lake.

– Sempre tiveste um fraquinho por tipos com suíças – recordei e fui recompensada com um novelo de Malabrigo na cabeça.

Um carro ripostou ao longe e demos ambas um salto como se nos houvessem agulhoado.

– Não sei o que acontece contigo, mas eu continuo à espera que apareça o outro sapato.

– Também eu, e receio que o outro sapato pertença ao Forbes, o gigante da montanha.

– Sinto a falta do Forbes – lamentou Janice. – E da Lilith, do Archie, da Midge e...

– Do Frank, da Manny e da Rose do Lar, da Lynette e do Cyrus – acrescentei.

– Eles não voltam – disse Janice tranquilamente. – Estamos a fazer isto porque temos de tentar, porque não conseguiríamos ficar de bem connosco se não o fizéssemos, mas a verdade é que eles não voltam.

– Não sabes.

– Ora, Chloe. Admite. Sugar Maple desapareceu e nós estamos por nossa conta.

– Não – afirmei. – Recuso-me a acreditar nisso.

O espírito combativo pareceu abandoná-la. Olhou para a estação de serviço através da janela.

– O Luke deve estar a chegar a todo o momento. Quero dizer-te uma coisa mas não aceito que discutas comigo ou tentes fazer-me mudar de ideias.

– Não estou a gostar do que ouço.

De um modo geral, Janice era toda espevitada, mas neste momento parecia mais aberta e vulnerável que nunca. Pegou-me na mão e ensanduichou-a entre as suas.

– Se não encontrarmos a vila... – ela engoliu em seco com tal esforço que eu dei por isso. – Se não encontrarmos Sugar Maple e a minha família, vou furar o véu.

– Janice! – Furar o véu era o equivalente mágico da morte para os mortais. Apesar de não ser uma decisão tão final nem tão drástica, era irrevogável. Acontecesse o que acontecesse, ela nunca mais poderia viver neste domínio. – Não te deixo fazer tal coisa.

Os seus olhos recuperaram em parte o brilho e a vivacidade.

– Querida, se não tivesses o Luke, eu nunca te abandonaria, mas a tua vida está estabilizada. Tens os teus poderes e o teu humano. Sentirás a falta de Sugar Maple e de todos nós, mas ficarás bem. Sobreviverás.

Eu ia protestar, mas ela mandou-me calar com um olhar penetrante.

– Sabes que é verdade. Eu quero a minha família e, se não puder tê-la comigo neste domínio, juntar-me-ei a ela noutro.

Havia tantas coisas que queria dizer-lhe, mas não sabia ao certo se tinha esse direito. Ela era mais do que minha amiga. Era esposa, mãe, filha e irmã e se pudesse voltar a juntar-se àqueles de quem gostava tinha todo o direito de o fazer.

Ninguém fica, Chloe. Mais tarde ou mais cedo, todos te abandonam.

Não era exatamente uma linha de pensamento que eu quisesse explorar.

Janice pegou de novo no seu tricô e concentrou-se na meia. Os seus dedos compridos e elegantes manejavam as cinco agulhas de duas pontas com a facilidade de quem tinha experiência. Eu sabia qual o momento exato em que ela deslizava para a zona e o mundo real desaparecia. Os ombros descaíam, o queixo descontraía-se e as rugas entre as sobrancelhas tornavam-se mais suaves.

Peguei na minha meia, fiz três malhas e voltei a pô-la de parte. Em condições normais, experimentava uma sensação palpável de alegria quando fazia tricô. Adorava tudo o que dizia respeito a esta atividade, que nunca deixava de alisar as pontas esfarrapadas da minha alma.

E agora? Nem por isso. Larguei a meia e espreitei pela janela. Nem sinais de Luke. Olhei para o relógio do tabliê. Ele partira há meia hora. Quanto tempo levava a percorrer trezentos metros, a pagar e a encher uma lata de gasolina e a voltar?

A gata *Penny* emergiu do seu casulo de lã, bocejou, espreguiçou-se, saltou para as costas do meu banco e instalou-se em cima dos meus ombros.

Et tu, cattus? Por um momento senti-me a Kim Novak em *Sortilégio de Amor*, com o seu gato enrolado aos ombros como se fosse um xaile de penas.

Mas *Penny* não era particularmente sociável e eu não era de todo a Kim Novak. Fiz menção de lhe passar a mão pelo dorso, mas ela bufou e levantou a pata direita, pronta a atacar-me.

– Ei! – Afastei-me dela. – Desde quando reages assim?

Penny, claro está, não me respondeu. Agarrou-se ao encosto do banco, enterrando as unhas no estofado de couro quebradiço e obrigou-me a baixar a cabeça.

Não estás a ajudar, pensei. Onde estava toda aquela sabedoria mágica que ela gostava de partilhar ao primeiro sinal de uma lata de *Fancy Feast*?

Eu vira esta gata a funcionar como canal de ligação com a minha mãe adotiva e com Gunnar, o filho de Isadora. O som da voz suave de barítono de Gunnar a sair da mesma boca que devorava ratos de lã como se fossem chocolates era inesquecível. Além disso, era muito útil e eficaz. Quando um gato falava, tendíamos a ouvi-lo.

Então, porque não tentava a Lynette comunicar connosco por intermédio da *Penny*? Lorcan Meany sabia das capacidades de *Penny* e tinha poderes para aceder a elas. Então, porque não tentava?

Não gostei de nenhuma das respostas que inventei.

Os minutos passavam. Continuava a não haver sinais de Luke.

– Quanto tempo leva a encher uma lata de gasolina? – perguntei a Janice.

Janice levantou a cabeça.

– Depende do tempo que levas a arranjar uma lata para encher.

– Fica aqui para o caso de o Luke aparecer – disse eu. – Vou ver o que o demora tanto.

Janice levantou a meia em jeito de continência.

– Mais uma vez vais ajudá-lo numa emergência.

– Ficas aqui, está bem?

Ela fez um sinal afirmativo.

– Fico aqui.

O sol estava quente e amarelo como manteiga. No céu azul não se via uma nuvem. Era uma daquelas tardes esplendorosas no início da primavera que nos fazia sentir alegres por estarmos vivos. Até se ouviam os pássaros a cantar por cima da nossa cabeça.

Pássaros a cantar?

Eu seguia ao longo da faixa de entrada para uma estação de serviço de autoestrada no Norte de Massachusetts. Devia ouvir o ruído dos camiões a chocalhar no asfalto, as buzínadas dos automóveis que disputavam um lugar nas bombas de gasolina, os risos de entusiasmo das crianças que corriam umas atrás das outras em direção ao restaurante.

Parei e olhei à volta.

Onde estava toda a gente?

A estação de serviço era uma cidade-fantasma de uma limpeza imaculada. Fez-me lembrar algo saído de um romance de Stephen King, o que não era nada bom, visto que King não era um especialista em finais felizes.

Virei-me para a autoestrada. Seis faixas de rodagem e não se via um veículo.

Incluindo o meu *Buick*.

Eu não conseguia respirar. Era como se o ar me pressionasse. Ou todos haviam desaparecido ou eu estava encurralada numa estranha realidade paralela. Nenhuma das hipóteses me empolgava.

Talvez tivesse visto os episódios todos de *Columbo* e *Crime, Disse Ela*, mas isso não queria dizer que eu fosse detetive. Era fácil estar sentada no sofá com uma embalagem de *Chips Ahoy* e um *Cherry Garcia* e deslindar os problemas dos outros. Mas quando os problemas eram nossos, não havia nada de fácil nisso.

Uma coisa eu sabia: ficar ali espedada não me levaria a parte nenhuma. Tinha de me mexer. Tinha de fazer alguma coisa, mesmo que não soubesse por onde começar.

As portas da estação de serviço estavam trancadas. Espreitei pela janela do restaurante. Parecia o cenário de um filme à espera que os atores chegassem e lhe dessem vida. Contornei o edifício até às traseiras e atravessei o parque de estacionamento em direção às bombas de gasolina mais limpas do planeta. Nem manchas de óleo. Nem cheiro a combustível. As bombas brilhavam como peças de museu.

– Luke! – A minha voz atravessou o vácuo. – Luke, estás a ouvir-me?

Não houve resposta. Não sequer o canto dos pássaros que ouvira antes. A sensação aterradora de isolamento, de solidão, era aguda. Tinha dificuldade em controlar as minhas emoções, mas sabia que, se me distraísse por um instante que fosse, estaria perdida.

O azul do céu deu lugar a um cinzento-carvão. O sol cor de manteiga desapareceu atrás de um muro de nuvens. Mini-tornados pequenos como esquilos enrolaram-se nos meus tornozelos, fazendo-me girar como um pião de criança. Quando o granizo começou a cair, já eu estava seriamente cansada da metáfora do tempo.

– Isto é o melhor que conseguiste arranjar? – gritei eu ao vento gelado. – Está a ficar um pouco

ultrapassado.

O lado mágico da minha linhagem resumia-se a sussurros e insinuações. O lado humano queria saltar. Nesse momento, era ele que estava a ganhar.

Não nos querem em Salem? Mandem um *e-mail*. Tentem a mensagem instantânea. Façam algo totalmente insano, materializem-se e digam-mo cara a cara.

O granizo parou. Mas antes que eu pudesse regozijar-me por ter vencido a batalha do tempo, os céus abriram-se e despejaram o oceano Atlântico em cima da minha cabeça. Pelo menos, parecia um oceano inteiro. Aquela chuva era bíblica.

Raios de luz roxa saíram-me das pontas dos dedos. Atravessaram a chuvada com um silvo ensurdecedor. Era como se eu estivesse prestes a entrar em combustão espontânea. Se não estava já no fim da minha corda, aproximava-me a passos largos.

– Cobardes! – gritei à chuva. – O que se segue? Gafanhotos e sapos? Se têm alguma coisa a dizer, digam!

Regra Hobbs #1: Se alguma vez forem confrontados com padrões meteorológicos paranormais, não se armem em espertos. Agarrem num chapéu de chuva e num par de Wellies e aguentem-se.

Infelizmente, só me apercebi disso quando já estava no meio de uma trovoadá, amarrada a um raio dirigido mesmo para o centro do inferno.

– Vamos conversar – gritei, quando o lamento agudo de energia prestes a ser libertada me encheu a cabeça. Nada como uma injeção do *Dr. Phil* para resolver tudo. – Não façam nada de que virão a arrepender-se mais tarde.

Até eu quase me ri da minha ameaça. Com quem brincava? Estava lixada.

Vocês não vão impedir-me. Podem demorar-me, mas hei de conseguir chegar a Salem e saber a verdade acerca de Sugar Maple. Vocês não hão de vencer. Não enquanto eu for viva e...

Talvez eu não devesse ter dito isto.

LUKE

–Estou a falar verdade – protestou Chloe. – Havia uma cidade fantasma ali.

– Havia, Luke? – perguntou Janice. – Você também lá esteve.

Eu não tirava os olhos de Chloe.

– Aquilo estava apinhado. Acabei por ter de pedir ajuda a um dos polícias estaduais.

– Polícias estaduais? – Chloe olhou para mim, incrédula. – Não se via viva alma. O restaurante estava encerrado e sem ninguém. A bomba de gasolina estava fechada. Nem pessoas. Nem automóveis.

– Chloe, querida, estiveste a sonhar – disse Janice. – Estiveste sempre no carro comigo.

– Isso é impossível. Eu disse-te que ia à procura do Luke. Não te lembras?

– Deves ter mudado de ideias porque ficaste aí mesmo, sentada ao volante.

Os olhos grandes e dourados de Chloe encheram-se de lágrimas.

– Juro que estou a dizer a verdade. Eu estava sozinha lá fora quando a tempestade começou e...

– Que tempestade? – perguntei.

– Não houve tempestade nenhuma – confirmou Janice.

– Eu não estou doida – protestou Chloe. – Sei o que vi. – Ela enumerou os minitornados, o granizo e a chuva torrencial para começar.

– Olha para a tua roupa. Está seca – insistiu Janice.

– Isso não quer dizer nada.

– Tu estavas lá fora ao frio quando eu voltei – disse eu. – Nós os dois é que te trouxemos para aqui.

Por instantes, julguei que a tinha perdido para sempre.

– Achas que imaginei tudo?

– Não acho que ela tenha imaginado nada.

Fitei Janice.

– Então porque diabo é que ela não parece ter sido apanhada por uma tempestade?

– Lá está você a pensar como um humano.

– Vamos recomeçar?

– Você está fora desta dimensão – lembrou Janice. – Está formatado para acreditar nos seus sentidos.

– Em que outra coisa havia eu de acreditar?

– Vê? – Janice mostrou-se triunfante. – Isso prova que eu tenho razão. Após quatro meses em Sugar Maple, você ainda não percebe.

Calei-me, porque ela tinha razão. Eu não percebia. Tentava, mas toda aquela maldita coisa continuava a ser um mistério para mim.

– Oh, bolas! – exclamou Chloe. – Estou a ver aonde queres chegar com isto, Janice.

– Esclarece-me, porque estou a zero – disse eu.

Fiquei impressionado. Janice deixou passar a oportunidade sem um comentário.

– Dimensões paralelas, o mesmo de que já falámos – explicou Chloe, enquanto Janice concordava, com um movimento de cabeça. – Quem quer que está a tentar afastar-nos de Salem levou-me num tapete mágico com o propósito de me assustar.

– Mais do que assustar-te – atalhou Janice. – Aposto que essa viagem era só de ida.

Eu não estava a gostar muito disto.

– Chamei-os – disse Chloe com um sorrisinho. – Desafiei-os a deixarem de brincar com o tempo e a enfrentarem-me cara a cara.

– Isso foi quando voltaste para junto de nós? – perguntei, tentando dar sentido à sua história de Alice no País das Maravilhas.

– Não – respondeu ela. – Isso foi quando fui sugada por um minitornado que estava decidido a transformar-me num batido de leite e baunilha.

Outro lindo dia no bairro...

– Então como escapaste? – perguntou Janice. – Um feitiço? Golpes de karaté? Desembucha!

– Tentei tudo: feitiços, amuletos, bruxedos, força bruta, pedidos, súplicas, apelos aos antepassados. Nada resultou. – Ela esboçou um sorriso. – Estava mesmo enrascada quando me libertaram.

– Quando te libertaram? – Isto não seguia o paradigma que eu encontrara na polícia. – Tu não tinhas poderes e libertaram-te?

Ela fez um sinal afirmativo.

– A seguir, dei por mim dentro do carro e vocês estavam na marmelada.

Sorri.

– Isso era reanimação cárdio-respiratória.

– Dizes tu.

– Ei! – resmungou Janice. – Podem arranjar um quarto mais tarde. Eu quero mais informação. Quem te libertou exatamente?

– *Okay* – disse Chloe. – Isso é que é estranho.

Como se o resto da história não fosse uma piada à Mary Poppins.

Ela olhou para as mãos, examinando a sua manicura inexistente.

– Acho que foi a minha mãe.

CHLOE

Fiquei à espera de uma reação, mas não houve nenhuma.

Okay.

Tentaria outra vez.

– Não a vi nem nada mas senti o perfume dela.

Vá lá, pessoal. Deem-me alguma coisa.

Luke, com a sua cara de polícia, franziu o sobrolho.

– Como o Chanel, queres tu dizer?

Abanei a cabeça.

– Um que ela própria criou. É a minha primeira recordação dela.

Quando morreu, a fórmula morreu com ela.

– E achas que o cheiraste?

– Não acho que o cheirei. Sei que o cheirei.

– Há mais de vinte anos que ela morreu. Como podes ter a certeza?

– Estás a gozar, não estás?

Ele semicerrou os olhos.

– Não, não estou.

– Ela era minha mãe. Eu era pequena. Eu idolatrava-a. Lembro-me bem do seu cheiro, do seu riso, da maneira como a lâ voava nas suas mãos quando ela estava sentada à roda de fiar.

– Portanto, achas que a tua mãe, a mesma mulher que partiu voluntariamente quanto tu tinhas seis anos, arranjou uma maneira de te ajudar?

Não vou chorar... Não vou chorar...

Luke vestia a pele de polícia. Embora não o desejasse, o seu tom magoava.

– Cheirei o perfume dela. Senti uma presença benigna à minha volta. Quem mais podia ter sido?

Janice emitiu um som desagradável.

– Além de duas dúzias de outros espíritos?

– Janice, não...

– Não foi a tua mãe – disse ela.

– Pareces muito certa disso. – Também parecia muito irritada, o que me inquietou.

– Eu *tenho* a certeza. Não é possível ter sido a Guinevere a ajudar-te.

– Gunnar ajudou-nos na cascata – recordei-lhe. – E a Sorcha ajudou-me antes. Porque não a minha mãe?

Janice parecia aborrecida e triste em doses iguais.

– Querida, essa não era a Guinevere que todos nós conhecemos.

– O que diabo quer isso dizer? – Comecei a sentir comichão na ponta dos dedos, um sinal seguro de que desataria a lançar chispas de fúria a qualquer momento.

– Quer dizer o que quer dizer – respondeu Janice. – Tu não eras a primeira prioridade da tua mãe e Sugar Maple muito menos. Quando ela optou por te deixar para acompanhar o teu pai, abandonou-nos a todos. Ela não quis saber, Chloe. Nem de ti. Nem da Sorcha. Nem de nenhum de nós. E muito menos de Sugar Maple. – Ela estendeu-me a mão, mas o meu olhar imobilizou-a. – Não quero ser rude, querida, mas mesmo que ela pudesse escolher, não imagino a Guinevere a vir em socorro de ninguém.

Tudo o que Janice disse era verdade. A minha mãe gostara muito de mim, mas não o suficiente para fazer grandes sacrifícios. E não o suficiente para arranjar maneira de aliviar o meu sofrimento. A ideia de que ela apareceria de repente na minha vida para impedir que eu encontrasse um fim precoce na estação de serviço de uma autoestrada no centro de Massachusetts era bastante ridícula.

Mas o aroma do perfume dela... a sensação de estar rodeada de amor...

Ninguém podia dizer-me que isso não era real.

*

Daí em diante, tudo rolou sobre esferas.

O *Buick* comportou-se como um *Maserati*. Os poucos litros de gasolina que Luke arranjou na estação de serviço chegaram para encher o depósito. A gata *Penny* dormiu, bocejou, pediu que lhe coçassem a cabeça e não precisou do tabuleiro do areão.

Quando nos encontrávamos a uns cento e trinta quilómetros de Salem, passei o volante a Luke. O trânsito fora aumentando e, como eu não conduzo a mais de cinquenta exceto se for obrigada a isso, considerei que se tratou de um gesto humanitário da minha parte.

Não sei se Luke acreditou na minha história, mas apoiou-me à mesma. Era uma das muitas razões pelas quais eu o amava. Toda a questão das dimensões paralelas era forçosamente difícil de processar para um polícia de mente linear. Antes de os meus poderes se manifestarem, eu própria tivera dificuldade em lidar com ela... e crescera em Sugar Maple, rodeada de magia.

A cerca de cinquenta quilómetros de Salem, abri uma fresta da janela e respirei fundo.

– Cheira-me a mar – disse.

Luke e Janice riram-se.

– Cheira-me a pólen – acrescentou Janice.

– Mais uns trinta quilómetros e já podes sentir o cheiro da maresia – disse Luke.

– A sério – insisti. – Cheira a sal lá fora.

– O Lorcan afirma que consegue sentir o cheiro a maresia quando está no nosso alpendre das traseiras – disse Janice. – Ele diz... – A voz embargou-se-lhe e ela escondeu a face na meia quase pronta.

Desapertei o meu cinto de segurança e consegui virar-me para o banco de trás. A minha amiga forte e linda parecia pequena, frágil e dolorosamente vulnerável. Pousei a mão no ombro dela.

– Raios! – disse ela. – Jurei que não chorava.

– Não há nada de mal em chorar – comentou Luke.

– Ele tem razão – admiti. – Desabafa.

Ela procurou um lenço de papel e assoou-se.

– Que se lixem as lágrimas – disse ela. – Daqui a nada estaremos em Salem. O que faremos quando lá chegarmos?

Luke ligou o pisca-pisca e passou lentamente para a faixa da esquerda.

– Daremos uma sova aos tipos maus e salvaremos Sugar Maple.

Pareceu-me um plano.

LUKE
UNS QUILÓMETROS A NORTE DE SALEM,
MASSACHUSETTS

– Há um Target uns quilómetros mais adiante – disse eu. – Vamos parar para comprar roupa lavada, artigos de higiene e uma transportadora para gatos.

– Não creio que precisemos dela. A *Penny* voltou ao que era – disse Janice.

– O Luke tem razão – disse Chloe. – Para quê correr riscos?

Eu já tinha a minha dose de subir às árvores por um dia.

– Mais alguma coisa? – perguntei.

– Telemóveis descartáveis.

– Telemóveis? – Janice fez um gesto de indiferença que eu vi pelo retrovisor. – Temos as chamadas azuis.

– O Luke não tem. Se não tivermos telemóveis, ele não pode contactar connosco.

– Eu descartava a hipótese das chamadas azuis, a menos que tenhas a certeza de que estás sozinha.

O método de comunicação delas funcionava, mas não era provável que falar para uma mão-cheia de fogo azul passasse despercebido.

Chloe desfez o rabo-de-cavalo, passou as mãos pelo cabelo, apanhou-o outra vez e atou-o com um daquelas fitas elásticas coloridas.

– Como sabes que há um Target mais à frente? – perguntou-me ela.

– Cresci aqui, lembra-te?

– Esqueci-me completamente – admitiu ela. – A que distância estamos da tua terra natal?

– A poucos quilómetros – respondi. – Fica mais ou menos a meio caminho entre o Target e Salem. – Eu trabalhava no verão a levar e a trazer turistas de Cape Ann para as excursões de observação de baleias.

Fiquei à espera da pergunta seguinte, que era óbvia, mas Chloe calou-se. Era completamente impossível eu explicar isto à minha família, portanto, para quê tentar? Estávamos aqui para ver se descobríamos uma maneira de resgatar Sugar Maple e não para jogar ao Conheça os MacKenzie.

Depois de a minha filha ter morrido num acidente, afastara-me da família e de toda a bagagem, boa e má, que o acompanhava. Não estava preparado para abarcar tantas recordações. Era uma das características das grandes famílias: é muito mais fácil desaparecer quando há mais cinco irmãos, cinco cunhados e trinta e três netos. Só dariam pela minha falta no Dia de Ação de Graças.

No parque de estacionamento do Target reinava a confusão habitual de carrinhos de compras fugitivos, crianças a chorar e clientes à procura de um lugar junto da entrada.

– Há um ao pé da porta – disse Janice, apontando por cima do meu ombro.

– Esta banheira ocupava o dobro do espaço do *Toyota* que está ao lado. – Descobri dois lugares

na parte de trás do parque.

– Vens, Jan? – perguntou Chloe assim que desapertou o cinto.

– Fico aqui a tomar conta da *Penelope*.

– Ela está bem? – perguntei a Chloe enquanto atravessávamos o parque.

– Não. Ela não está nada bem – respondeu dando-me o braço.

Falou-me da decisão de Janice de furar o véu se não conseguíssemos devolver Sugar Maple ao lugar que ocupara em Vermont.

– Isso permitir-lhe-ia juntar-se à família?

– Provavelmente – respondeu ela. – Não é garantido, mas talvez permitisse.

– Tentaste dissuadi-la?

– Disse-lhe o que pensava, mas... – Ela olhou para um *Cruiser PT* vermelho que procurava um lugar. – Não chegaremos a isso. Vamos recuperar Sugar Maple e todos voltarão ao que eram.

Não havia nada que eu pudesse contrapor. Ela sabia que estava tudo contra nós. Não era preciso lembrar-lhe.

Os Target são como os Burger King e os Walmart: se já vimos um, já vimos todos. Podíamos estar em Montana.

– Vou ver as transportadoras para gatos – disse Chloe.

– É melhor seres tu a tratar disso – disse eu com uma risada. – Vou buscar uns telemóveis pré-pagos e encontro-me contigo na caixa.

Ela desapareceu na secção de artigos para animais. Eu dirigi-me à secção de eletrónica, onde dei de caras com uma parede cheia de telemóveis. Ninguém precisava de tantas opções. Procurei muitos minutos por pouco dinheiro e levei três por precaução.

– Posso pagar isto à saída? – perguntei à funcionária adolescente debruçada no balcão, a ver um exemplar de *Teen People* com um daqueles rapazes-vampiros na capa.

– Como queira – respondeu ela sem levantar a cabeça.

Dirigi-me para o corredor dos artigos para animais, onde vira a Chloe pela última vez. Ela não estava lá, mas calculava onde a encontraria.

Abordei um homem de meia idade com uma bata encarnada e um distintivo onde se lia SAM.

– Lãs? – perguntei eu, e ele olhou para mim com um ar apático. – Fios de lã. – Fingi que tricotava. – Botinhas de bebé. Mantas. Camisolas.

Ele apontou para o canto oposto da loja.

– Ali, ao lado dos artigos de costura.

Agradei-lhe e dei três passos nessa direção quando alguém me chamou.

– Luke?

Eu conhecia aquela voz de qualquer lado. Baixei a cabeça e continuei a andar.

– MacKenzie, espera!

Apanhado.

Dei meia volta e lá estava a minha velha amiga Fran Kelly, a assistente administrativa da minha antiga esquadra, que pusera todo o caso de Sugar Maple em movimento para mim. Empurrava um carrinho a abarrotar de brinquedos, roupas de criança e uma embalagem gigantesca de dez rolos de papel de cozinha.

– Frannie! – Ri-me quando ela abandonou o carrinho e correu para mim. – O que diabo andas a fazer em North Reading?

Ela atirou-se a mim e deu-me um abraço tão forte que faria o orgulho de um pugilista.

– Eu podia fazer-te a mesma pergunta. Julguei que ainda estavas naquele ermo em Vermont.

Definitivamente não era o momento mais indicado para eu me abrir. Olhei de relance à minha volta. Nem sinais de Chloe. Eu esperava que a sorte não nos abandonasse.

– Tive de vir tratar de um assunto a Salem. – Livrei-me do abraço e olhei para ela. – Há mouro na costa? Estás com um aspeto formidável!

A Fran austera e lógica com quem eu trabalhara vinha vestida de vermelho-vivo e parecia muito mais nova.

– Como já não fazes parte da corporação, escusas de me dar graxa. – Ela agarrou num dos telemóveis descartáveis que eu levava na mão. – O que diabo é isto? Vendes droga lá em Sugar Maple?

– Vocês, os das grandes cidades, são muito desconfiados. – Tirei-lhe o telemóvel. – Então como vai a malta do antigamente?

Fran falou-me de amigos comuns e eu tentava descobrir uma maneira de fugir antes que ela começasse a fazer-me perguntas sobre Sugar Maple.

– O que aconteceu à Karen? Descobriste porque andava ela à tua procura?

Se eu contasse o que acontecera realmente à minha ex-mulher, Fran desataria a fugir, aos gritos, para a cidade mais próxima. A única opção era mentir.

– Ela telefonou-me algumas vezes, mas nunca chegámos a falar.

– O teu irmão Ronnie disse que soube que ela tinha partido para oeste para começar de novo.

– É possível – respondi, sentindo-me um miserável. – Não faço parte da lista dela de cartões de boas festas. – Mudei de assunto. – Então, o que estás aqui a fazer?

– Vendemos a casa e mudámo-nos para um complexo de séniores em Landingham Road, para estarmos mais perto dos velhos. O teu irmão ajudou-nos.

– Compraram ao Ronnie? – O meu irmão mais velho era um agente imobiliário de sucesso, com conhecimentos em toda a região.

– Ele telefonou-nos, negociou um bom preço e nunca nos largou. Um tipo porreiro.

Fora este mesmo tipo que se especializara em Atomic Wedgies quando eu era pequeno.

– Fala-me da vida lá nas berças – disse ela com um sorriso de orelha a orelha.

– Não há muito a dizer. Já sabes que é uma vilória, sem criminalidade, com muitos turistas sazonais.

Ela agitou a mão muito bem tratada.

– Não quero saber disso. Fala-me da mulher.

– Qual mulher?

– Qual mulher? A tua namorada.

– Quem disse que eu tinha uma namorada?

– Tu – respondeu ela. – Da última vez que falámos.

Por onde andavam os raios luminosos ocasionais quando eu precisava deles?

– Outros tempos – respondi, esperando que ela se contentasse com isto.

– Ela veio contigo?

– Hum...

Fran não era parva. Reconhecia um sim quando não o ouvia.

– Onde está ela? – Deu uma volta de cento e oitenta graus, examinando a loja à procura de

Chloe. – Quero conhecê-la.

– Sabes como são as mulheres – disse eu, esperando que ela não me desse com uma caixa de *Legó* na cabeça por causa do comentário sexista. – Terapia de loja.

Fran olhou para o relógio e gemeu.

– São quase cinco horas. O Jack está à minha espera no centro sénior. – Ficou a pensar. – Já sei! Porque é que tu e a...?

– Chloe.

O sorriso dela abriu-se mais do que nunca.

– Porque é que tu e a Chloe não aparecem para jantar esta noite?

– Isso era ótimo, Fran, mas já temos planos.

Ela fingiu que dava uma palmada na testa.

– Vais arranjar tempo para a família enquanto cá estiveres?

– Fazes tantas perguntas, Kelly.

– Continua a ser a melhor maneira de obter respostas.

– Esta noite tenho um jantar de negócios. E se guardássemos isso para outro dia?

Os olhos cor de avelã de Fran abriram-se muito por trás dos óculos sem aros.

– Com certeza, mas não sejas bicho do mato – disse ela.

Dei-lhe um abraço à minha maneira e foi então que Chloe apareceu, carregada de fios de cores vivas e a arrastar uma transportadora para gatos.

– Santa mãe de Deus! – exclamou Fran em surdina. – Tu namoras com a Uma Thurman!

CHLOE

Uma Thurman? Apeteceu-me beijar a amiga de cabelos grisalhos de Luke. Se ela achava que eu era parecida com a atriz loura e esbelta, isso significava que pelo menos uma parte do feitiço de Aerynn continuava ativo e a funcionar.

– Você também faz tricô – disse ela, apontando para a pilha de Red Heart e Lion Brand que eu trazia nos braços.

– Tenho uma loja de lãs na minha terra. – Custou-me verdadeiramente pronunciar estas palavras.

– Carvão para Newcastle – disse a amiga de Luke e rimo-nos ambas. Eu sabia que ela estava morta por me perguntar por que motivo é que eu comprava fibra acrílica.

– Chloe Hobbs.

– Fran Kelly.

Arregalei os olhos. Reconheci o nome.

– Você trabalhou com o Luke em Boston. – Ele telefonara-lhe a pedir informações sobre Karen quando a ex-mulher apareceu em Sugar Maple.

– As histórias que eu podia contar-lhe acerca deste menino... – Ela virou-se para Luke. – Vou insistir em que cumpras a tua promessa. A Chloe precisa de estar bem informada.

Ela disse isto com tanto afeto que a minha timidez natural se evaporou.

– Eu adorava.

O telemóvel que Fran trazia pendurado na alça da mala começou a tocar « It's Raining Men ».

– O meu marido é o homem mais impaciente de Massachusetts – disse ela, soltando uma gargalhada terna. – É melhor ir andando antes que ele me troque por uma daquelas viúvas cheias de botox.

– Se ele te trocar, avisa-me – disse Luke, dando-lhe mais um abraço.

Ela olhou para mim e um sorriso sincero emoldurou-lhe a face.

– Prometo.

– Ela é fabulosa – comentei, vendo Fran a correr para as filas das caixas.

Luke concordou, com gesto de cabeça, mas não disse nada.

– Ela gosta mesmo de ti.

Ele pronunciou as palavras que em geral reservava aos programas de televisão por cabo.

– Não gostas dela? – Luke parecera-me sincero. Esta era uma faceta dele que eu ainda não conhecia e isso enervou-me.

– A Fran é como uma irmã para mim – disse ele enquanto escolhíamos umas lanternas baratas e pilhas suplementares. – O problema está aí.

Tudo o que eu conhecia sobre famílias tradicionais aprendera ao ver *Cosby* e *The Waltons*. Isto não condizia.

– Julgava que as irmãs fixes eram uma coisa boa.

Ele abanou a cabeça, exasperado.

– A Frannie comprou uma casa ao meu irmão. O mais certo é ela estar neste momento ao telemóvel a participar-lhe que estou cá.

– O que significa que eles vão querer ver-te.

– E a ti.

– Acho que não acreditaríamos que estamos cá para ver se conseguimos fazer regressar uma vila mágica a esta dimensão.

Ele desatou a rir, apesar do seu mau humor.

– Quase valia a pena dizer-lhes só para ver a cara deles.

E o mais divertido era que podíamos dizer a verdade e jurar sobre uma pilha de Bíblias e sobre o *Livro dos Feitiços* e o nosso segredo continuaria escondido bem à vista de todos. Havia certas verdades em que ninguém acreditava, nem sequer quando se materializavam na presença das pessoas.

Janice estava a abarrotar de novidades quando voltámos para o carro.

– Uma velha qualquer com umas *sweatpants* deselegantes andava a espreitar o *Buick*. Tentou disfarçar, mas aposto que memorizou a matrícula.

Luke olhou para mim.

– Eu bem te disse.

Dei umas dicas a Janice acerca de Fran e da cadeia de mexericos que ia direita ao clã MacKenzie.

– Eu não sou ninguém – disse Janice. – Não tens explicações a dar-me.

– O que tencionas fazer? – perguntei a Luke.

Ele ligou o motor.

– Nada.

– Não vais telefonar?

– Não há razão para isso.

– Mas eles vão saber que estás cá.

– E depois?

– Não ficam ofendidos?

– Sim – respondeu ele com um sorrisinho. – Os meus irmãos vão encher o meu *voicemail* de mensagens. As minhas irmãs vão tentar contactar-me e encher a minha caixa de correio de conselhos que eu não pedi. Se elas soubessem lançar chamadas azuis, as tuas mãos estariam a arder neste momento.

– Parece que sabes bem como funcionam as famílias numerosas.

Ele fez um sinal afirmativo.

– Sei muito bem.

Eu não sabia. Só sabia que ele tinha a oportunidade de estar com a família e não a aproveitava.

– É por minha causa, não é? – perguntei. – Percebi como ficaste atrapalhado quando eu apareci e tu estavas a conversar com a Fran.

– Não é por tua causa – respondeu. – É porque me afastei depois da Karen e cortei. Foi como se eu não existisse nos últimos anos.

– Eles estão zangados contigo.

Ele encolheu os ombros.

– Zangados, confusos, magoados. Tudo.

Calei-me. Nada como descobrir que nos transformámos numa pessoa idiota, obcecada por si própria e ingénuo. Ainda melhor se o homem que amávamos era aquele que nos punha ao corrente dos factos pertinentes.

Prometi a mim própria que perguntaria a Janice como era a dinâmica intrafamiliar. Era óbvio que as *sitcoms* não me haviam esclarecido cabalmente. A única coisa que sabia era que, se a sorte me houvesse bafejado com parentes consanguíneos, eu ficaria arrasada só de pensar que lhes causara qualquer espécie de sofrimento.

Mais uma vez, pensei também que a memória das deusas do tricô Elizabeth Zimmerman e Cat Bordhi devia ser materializada em Mount Rushmore, ao lado de Washington, Lincoln, Jefferson e Roosevelt.

Um quarto de hora depois, entrámos em Salem.

– Não há macacos voadores – disse Janice do banco de trás.

– Isso já não é mau – respondi, guardando o meu tricô no saco das lãs que comprara.

Embora não atribuíssemos muita importância ao facto, entrar na cidade de Salem era formidável para as duas. Eu continuava à espera do tremor de terra, da tempestade de neve ou dos relâmpagos que nos aniquilariam, mas nada aconteceu.

Sinceramente, até agora não havia nada assim tão memorável. A Salem do século XXI era uma cidadezinha simpática com uma história sinistra e a promessa de marisco excelente e fresco. O forte sentimento de antecipação que eu experimentara há uns anos tinha desaparecido.

– Como te sentes aí atrás? – perguntei a Janice ao passarmos por uma oficina de automóveis que parecia ter mudado de ramo.

– Nada mal – respondeu ela. – Não estou a hiperventilar nem me apetece partir o vidro de trás para salvar a vida.

– Isso já não é mau – disse Luke.

Talvez fosse mais do que ele esperava. E sem dúvida muito mais do que eu esperara.

– E agora? – perguntei a Luke.

– Arranjamos quartos, montamos uma base de operações e pensamos no que faremos a seguir.

Concordámos que o alojamento teria de ser barato, asseado e numa zona limítrofe de Salem. A cidade estava cheia de B&Bs que, apesar de encantadores, eram demasiado próximos e pessoais para as nossas necessidades. Precisávamos de um sítio em que pudessemos entrar e sair sem dar nas vistas.

– A menos que as coisas tenham mudado, só há um motel na cidade – informou Luke. – O Windjammer perto de Cat Cove. Como estamos na época baixa, deve haver quartos vagos.

– Por falar em gatos, o que faremos com a *Penny*?

– Escondêmo-la – respondeu o chefe da polícia de Sugar Maple. – Se ela não começar com aqueles malditos uivos, estamos com sorte.

Penny abriu um olho dourado e voltou a fechá-lo. Fosse qual fosse a loucura que se apoderara dela antes, já se dissipara e eu esperava que a situação não se alterasse enquanto estívéssemos no motel.

Salem começara por ser uma pequena aldeia piscatória que crescera ao longo do tempo e se tornara uma pequena cidade muito apreciada pelos turistas. O *kitsch* disputava o espaço com a história, que disputava o espaço com o progresso, e tudo isto atraía um número significativo de

turistas. É claro que havia muitas referências às bruxas, mas a cidade era mais do que um celebrado parque temático.

No entanto, Janice tinha uma perspectiva diferente.

– Eles ganham dinheiro com a infelicidade – disse ela, abanando a cabeça. – Vidas destruídas, e eles organizam excursões à custa das bruxas.

– Eu conduzi um dos *trolleys* das excursões das bruxas – contou Luke com naturalidade. – Parecia que estava no Disney World.

– Julgavas que era a brincar? – perguntei, a pensar nas histórias que ouvira quando era pequena. Histórias que raramente tinham finais felizes.

– As mortes foram trágicas – admitiu ele –, mas todos os dias morrem pessoas inocentes e sempre morrerão. Para ser sincero, nunca houve nada na história de Salem que me parecesse real.

– Porque você não acreditava em bruxas – atalhou Janice.

– Talvez um ou dois de nós, os miúdos irlandeses, acreditassem em fantasmas. Mas em bruxas? – Ele abanou a cabeça. – Só a minha professora da primeira classe é que cabia nessa categoria.

A resposta de Janice foi enérgica e impossível de reproduzir.

– Não vos censuro – disse Luke. – Se eu pertencesse a essa história, é provável que também odiasse os mortais, mas lembrem-se que os mortais inocentes é que foram enforcados e não as bruxas.

Ele tinha razão. As bruxas, as feiticeiras, os vampiros e os duendes haviam fugido todos para Sugar Maple.

Todavia, Janice não encarava as coisas dessa maneira e mostrou o seu desagrado.

– Vá lá, Jan – incitei. – Já foi há tanto tempo. Tu sabes que ele tem razão.

Além disso, Janice nunca tentara disfarçar a sua aversão aos mortais.

– Agora estamos do mesmo lado – disse Luke quando o Windjammer, um aprazível motel de dois pisos, se deu a ver. – Só isso é que interessa.

LUKE

Tomei notas das mudanças que se haviam operado desde que trabalhara em Salem na adolescência. Alguns velhos favoritos tinham desaparecido, substituídos por outros. A antiga barbearia com o poste às riscas encarnadas e brancas era agora um *spa* e um centro de massagens terapêuticas. A minha pizzeria preferida dera lugar a um restaurante com lugares sentados que aceitava reservas.

O Windjammer, um pouco mais velho, um pouco mais degradado, ainda lá estava. Os nossos aposentos ficavam nas traseiras do prédio. O rececionista propôs-me um quarto no rés do chão, perto da entrada, mas recusei. Queria que as nossas idas e vindas passassem o mais despercebidas possível.

Vejamos: um homem só a registar-se com um clone da Uma Thurman e uma sócia da Julia Roberts atrairia as atenções, sem dúvida nenhuma.

Tirei um punhado de brochuras do expositor, uma mistura de excursões, atrações e restaurantes, e dirigi-me para o carro.

– Tiveste sorte? – perguntou Chloe.

– Os quartos são contíguos – respondi. – Talvez até tenham vista.

O quarto de Janice tinha duas camas; o meu e de Chloe, uma cama de casal. Tínhamos uma vista da enseada, mas o nevoeiro da tarde começava a adensar-se e dentro de uma hora não conseguiríamos ver nada para além do parque de estacionamento.

Não me agradava muito a ideia de ficarmos em quartos separados. Não que procurasse alguma perversão sexual, mas estaríamos mais seguros. Nenhum de nós sabia o que esperar aqui em Salem e o polícia que havia em mim queria precaver-se. Mas Janice desejava a sua privacidade e, como observou, as portas e as janelas não tinham qualquer importância no mundo dela e de Chloe.

Eu não dispunha de argumentos para contrapor.

Chloe comprara para todos nós calças de ganga, *T-shirts*, *sweatshirts*, roupa interior, escovas de dentes e outros artigos de higiene. Arranjámo-nos e reunimo-nos outra vez no nosso quarto, com um aspeto muito mais apresentável.

– São quase sete horas – disse eu. – Se vamos sair e comer qualquer coisa, é melhor irmos andando.

– Pessoal, acho que vou ficar por aqui – declarou Janice. – Tragam-me um pãozinho de lagosta, está bem?

– Com uma dose extra de maionese? – perguntou Chloe.

Janice fez um sorriso cansado.

– Há outra maneira?

– Passámos o dia inteiro sentados no carro – disse Chloe. – Andar a pé e apanhar ar puro fazia-te bem.

Janice abanou a cabeça.

– Eu estou bem. Fico a ver má televisão e a olhar pela *Penny*.

Chloe deitou-me um olhar que não passou despercebido a Janice.

– Luke, não achas que a Janice devia vir connosco?

Ao ver a tristeza profunda nos olhos de Janice e a completa exaustão, não fui capaz de insistir.

– Acho que ela fica bem – disse eu pouco depois.

– Não – disse Chloe. – A sério. Não sabemos o que vamos encontrar nesta cidade. Não podemos deixá-la aqui sozinha. – Os olhos dela dirigiam-me toda a espécie de pedidos de socorro.

– Não vou cometer nenhuma loucura, se é isso que te preocupa – esclareceu Janice.

– Sim, é exatamente isso que me preocupa – retorquiu Chloe, sem perder a oportunidade. – Tenho medo que nos deixes.

– Só depois de comer o meu pãozinho de lagosta – disse Janice e eu ri-me com ela. – Vou ver televisão e talvez tentar contactar com a Lynette ou com os miúdos através das faíscas azuis. Não espero uma resposta, mas... – O seu encolher de ombros disse tudo.

– Anda – disse eu, pegando na mão de Chloe. – Se queres ir buscar esses pãezinhos de lagosta antes de as lojas fecharem, é melhor despacharmo-nos.

– Estarás aqui quando voltarmos? – perguntou Chloe a Janice.

– Juro pelas Cookie A – respondeu Janice e Chloe sorriu.

– É uma piada sobre tricô? – perguntei a Chloe, assim que saímos ao encontro da atmosfera fresca e salgada do anoitecer.

– Não se alguma vez fizeste um par de meias Cookie A em tricô – respondeu ela, apertando a minha mão. – Elas são uma religião.

Atravessámos o parque de estacionamento em silêncio e descemos o caminho que ia dar à rua. O ar estava fresco e o aroma lembrava-me o da minha terra.

– Amanhã vou procurar um operador turístico – disse, enquanto esperávamos que o trânsito abrandasse para atravessarmos a autoestrada estreita.

Chloe olhou para mim como se eu tivesse uns parafusos a menos.

– Vais inscrever-te numa excursão de três horas, professor?

Ignorei a referência a Gilligan.

– Uma das brochuras que vi na receção pareceu-me bastante interessante. – O operador turístico era especialista na história oculta da cidade despida de todas as vestimentas comerciais.

– Talvez nos aponte um caminho em que ainda não pensámos.

– Uma pedra virada ao contrário?

Sorri.

– Uma coisa desse género. Nunca se sabe donde vem a próxima ideia luminosa. Uma vez, estive envolvido na investigação de um homicídio que nos trocou as voltas porque um detetive virou à esquerda em vez de virar à direita e tropeçou na pista que nos conduziu ao esclarecimento do caso.

Como o Fisherman's Catch tinha um balcão virado para a rua, encomendámos cinco pãezinhos de lagosta, salada de couve crua e cafés e iniciámos o caminho de regresso ao motel.

De vez em quando, Chloe espreitava por cima do ombro ou olhava de relance para a esquerda ou para a direita.

– Estás bem? – perguntei enquanto caminhávamos.

– Estou – respondeu ela e depois olhou para mim. – É que tudo parece tão vulgar. Pensei que tudo faria sentido quando cá chegássemos. – Ela procurava as palavras certas. – Julguei que haveria uma espécie de zumbido no ar, uma espécie de consciência de que existia algo mais do que a vista alcançava.

– Como em Sugar Maple – rematei.

– Exatamente, mas não há nada. Este sítio é tão vulgar, tão... humano como parece.

A Chloe que eu conhecia e por quem me apaixonara não se sentia deprimida. Entristecia. Irritava-se. Sentia-se feliz. Mas não deprimida.

E nunca derrotada.

– Há mais de vinte e quatro horas que não dormimos – lembrei-lhe. – Sucederam imensas coisas. Uma boa refeição e umas horas de sono e tudo começará a fazer sentido.

– Acreditas nisso? – perguntou ela.

– Não, mas esperava que tu acreditasses – respondi.

De regresso ao motel, batemos à porta que ligava o nosso quarto ao de Janice e em seguida destrancámo-la do nosso lado.

– Pãezinhos de lagosta – anunciou Chloe. – Anda daí.

Ouvimos o estalido da fechadura dela, a porta abriu-se e uma Janice Meany esfuziante entrou de repente no nosso quarto.

– Não vão acreditar no que eu descobri!

– A chama azul funcionou! – exclamou Chloe. – Conseguiste contactar com alguém de Sugar Maple!

Um lampejo de desapontamento atravessou a cara de Janice.

– Não, mas temos televisão por Internet nos quartos e acesso à banda larga. A grande tempestade que assolou a nossa terra foi referida na meteorologia. Dizem que a nossa região estará inacessível pelo menos durante mais três dias. – Ela olhou para o monte de papéis do motel que tinha na mão. – Luke, é melhor você fazer uns telefonemas para as coisas acalmarem. Numa das notícias disseram que as autoridades do estado estavam preocupadas porque não sabiam de ninguém de Sugar Maple.

Com todos os obstáculos que havíamos encontrado no caminho para Salem, eu descurara completamente a responsabilidade de manter o contacto com as autoridades. Se tencionássemos prosseguir com este estratagemas, impunha-se que nos preocupássemos minimamente com a nossa segurança.

– Bom trabalho, Janice – disse eu. – Se alguma vez resolver livrar-se do seu secador, posso usar os seus préstimos na corporação.

Não censurei nem Janice nem Chloe por se irem. Uma corporação constituída por um único homem merecia umas boas gargalhadas. Mas a gratidão era real. Janice pusera-nos de novo na linha.

Dividimos a comida e resolvemos ligar-nos ao mundo exterior. Acedemos todos ao nosso *voicemail* para saber se tínhamos mensagens e ficámos igualmente atolados.

– É melhor irmos direitos ao assunto – disse. Estávamos no quarto de Janice, que tinha uma cama suplementar e uma secretária de tamanho considerável.

– Grande tempestade, estradas em mau estado – referiu Janice com um sorrisinho.

– Não existe um perigo imediato – constatei. – Temos mantimentos suficientes para os nossos

cidadãos nos próximos dias. A ajuda do estado não é necessária nesta fase.

– Os doentes crónicos do Lar de Sugar Maple foram realojados antes de a ponte desabar e de as estradas ficarem intransitáveis – disse Chloe. – E todas as aulas e *workshops* na Stick & Strings serão adiados.

Eram tudo tretas, mas eu tinha de admitir que eram tretas das boas. Se não nos contradíssemos, podíamos contar pelo menos com mais dois dias até que a realidade batesse à porta do que antes era Sugar Maple.

Janice também descobrira uma Hobbs Popcorn na lista telefónica, mas uma pesquisa *online* convenceu-a de que não tinha ligação nenhuma com a linhagem Hobbs à qual Chloe pertencia. Admito que via Salem com outros olhos ao observar as reações de Chloe e Janice à cidade da qual os seus antepassados tinham fugido há tantos anos.

Infelizmente, Janice não teve sorte ao tentar contactar a família e Lynette através da chama azul, o que me lembrou que havia algo mais em causa do que um conjunto aleatório de estabelecimentos mimosos e paisagens pitorescas.

A gata *Penny* dormia a sono solto em cima da cama suplementar e, como Janice parecia desejosa de companhia, Chloe foi buscar o tabuleiro do areão e os recipientes da água e da comida. Em seguida, demos as boas-noites. Pouco passava das dez quando eu e Chloe voltámos para o nosso quarto.

– Eles têm um daqueles reservatórios de água quente na casa de banho e uns pacotes de cacau. Queres? – perguntou ela.

– Não há uísque?

Ela abanou a cabeça.

– Não há uísque.

– Dispenso.

Ela desapareceu na casa de banho para fazer o que tinha a fazer antes de ir para a cama. Quando me preparava para ver os Red Sox na televisão, senti o telemóvel a vibrar na anca. Eu enviara pelo menos uma dúzia de mensagens de resposta. Não era aconselhável deixá-las ir parar ao *voicemail* esta noite.

– Namoras com a Uma Thurman?

Recostei-me na cabeceira da cama.

– A Frannie deve ter-te telefonado assim que chegou a casa.

– Ela telefonou-me do carro – disse Ronnie com uma gargalhada bem-disposta. – O assunto era demasiado interessante para esperar. – Ouvi-o a dedilhar o teclado do computador. – Então, quem é ela e quando a conheceremos?

– Chama-se Chloe. Tem uma loja em Vermont. E dentro em breve.

– É tudo o que tens para me dizer?

– É tudo o que tenho para te dizer.

– A Fran diz que ela é uma sócia da Thurman.

– Dizem-lhe isso muitas vezes.

– A Fran também disse que tinhas um ar cansado.

– Sim? – Reprimi um bocejo. – Muitas reuniões, pouco tempo. Sabes como é.

– Todos nós temos estado muito preocupados contigo. – Ele fez uma pausa. O meu irmão não era melhor que eu a lidar com as emoções. – Devias ter-nos avisado que tencionavas mudar-te

para o país do Ben & Jerry. Um dia, a mãe telefonou para o teu emprego e eles disseram que já lá não estavas. Que raio de maneira de saber.

A bomba da culpa. Onde estariam as famílias sem ela?

– Foi tudo muito rápido – respondi, o que era verdade. – Eles tinham um homicídio em mãos e precisavam de um chefe da polícia. Tomei posse um dia depois de receber o telefonema.

– Eles disseram à mãe que era temporário.

– Já não é.

– Ficas por lá? – Ele mostrou-se surpreendido.

– Parece que sim. – Ouvi outra vez o som do teclado. – Quem estás a contactar?

– A Meghan. Ela pediu-me para te dizer olá.

Meghan era a minha segunda irmã mais nova e talvez a minha preferida.

– Diz à Megan que eu quero o meu *White Album* de volta.

Mais teclas a serem dedilhadas. O riso de Ronnie era profundo e real, tal como ele.

– Nem queiras saber o que ela diz. – Uma pequena pausa. – E se nos encontrássemos amanhã ao pequeno-almoço? Podíamos comer alguma coisa na cidade. Dá-me uma oportunidade de conhecer a Uma.

– Chloe.

– Eu sei – disse ele. – Ainda bem que estás de volta, pá. Já não era sem tempo.

– Sim. Pois – disse eu.

– Então e o pequeno-almoço? Se não vos der jeito, podem vir os dois jantar a nossa casa. A Denise adorava ver-te e as miúdas ficavam radiantes.

– Tenho um compromisso, Ronnie. Reuniões à porta fechada durante todo o dia.

– Mesmo assim, tens de comer.

– Estou ocupado até às dez da noite.

Eu detestava mentir-lhe. Detestava ainda mais o facto de ele saber que eu estava a mentir. Não há muitos tipos porreiros neste mundo e ele era um deles. Os tipos porreiros mereciam melhor.

– És um homem muito ocupado, chefe – disse Ronnie com brandura. – Não há problema. Encontramo-nos noutra altura.

– Dá um abraço à Deni e às miúdas por mim.

– Prometo. Tenho saudades tuas, pá – disse ele e depois desligou antes que eu pudesse despedir-me.

CHLOE

Em geral, tomo um duche, mas a banheira do motel era branca, funda e estava impecavelmente limpa e não consegui resistir. Enchi-a o mais que pude de água a uma temperatura pouco menos que dolorosa e mergulhei, agradecida, nas suas profundezas.

A voz de Luke, que respondia a telefonemas sucessivos, estrondeava agradavelmente através da parede fina como papel que separava a casa de banho do quarto. Até aí, só me respondera uma tricoteadeira de Long Island, muito aborrecida, que me responsabilizava pessoalmente pela camada de cinquenta e tal centímetros de neve que a impedira de ir à Stick & Strings.

Não pude deixar de perguntar a mim própria o que diria ela se soubesse que eu era pessoalmente responsável pela tempestade.

Até agora, Salem revelara-se um completo desperdício de tempo. Para uma cidade com fama de ter ligações sobrenaturais, pareceu-me irremediavelmente mortal. Sempre me interrogara se alguém estivera por trás quando Aerynn conduzira os não humanos para a liberdade na cidade índia de Sinzibukvud.

Eu tinha a certeza que voltaríamos de mãos vazias no dia seguinte.

Não queria pensar no futuro. Sempre soubera que viveria em Sugar Maple. Isso nunca estivera em causa. Era uma descendente de Aerynn e Sugar Maple era da minha responsabilidade, tal como fora para as mulheres Hobbs que me tinham antecedido.

Concluir que eu podia ser aquela que fracassara em relação à vila e aos seus habitantes pesava fortemente no meu coração.

A água estava quente e calmante e senti-me em segurança pela primeira vez desde que eu e Luke tínhamos entrado na clareira e descoberto que Sugar Maple desaparecera. Sabia que a segurança era relativa quando lidávamos com o sobrenatural, mas nesse momento era tudo o que eu possuía.

Sentia os olhos pesados e um cansaço profundo fez-me escorregar na banheira ao ponto de ficar submersa até ao queixo. O som da voz de Luke era ritmado e apaziguador como uma canção de embalar. O sono, irresistível, fez-me resvalar para aquele delicioso estúdio entre os sonhos e a vigília.

– Portanto é a rapariga. – A voz era suave e feminina, com um sotaque vagamente britânico.

– Parece que ela precisa de uma boa refeição. – Esta voz também era feminina, mas mais clara, mais áspera.

Mexi-me na banheira e mergulhei mais um pouco, à procura de companheiras de sonhos mais agradáveis. Onde estava a minha fantasia de rebanho-de-cabras-caxemira que me permitia esconder? Este seria um momento adequado para uma representação.

– Não estou muito impressionada – declarou a voz feminina. – Ela não tem a beleza da mãe.

– Inveja como sempre, Tabitha – disse a voz mais clara e áspera. – Ela é o cuspo de Aerynn e mais nada.

Senti um arrepio de mal-estar na pele nua e estremeci, mas não acordei.

– Um final a condizer, Dorcas – disse a voz feminina. – É aqui que ela está finalmente e é aqui que ficará, se é que eu tenho uma palavra a dizer.

De súbito, duas mãos castigadas pelo tempo agarraram-me na cabeça e empurraram-na para debaixo de água. Esta era exatamente o tipo de brincadeira que Janice adorava e eu desprezava. Recorri a um velho movimento de autodefesa de um filme de Charlie Chan, libertei-me e, com um movimento ascendente dos braços, voltei à superfície para respirar.

Afastei a água ensaboada dos olhos e dei comigo a olhar para duas mulheres baixas e gordas com trajes de época, saídas de um má reconstituição de *As Bruxas de Salem*. Uma usava um xaile encorpado de lã cinzenta traçado no peito e atado atrás e a outra um xaile de casamento de lã fiada à mão que parecia leve como uma pena.

Eu já disse que conseguia ver através delas?

– Saiam! – Apontei para a porta e elas riram-se. Quem podia censurá-las? Talvez não se servissem de uma porta desde 1692. – Não estou a brincar. Saiam imediatamente!

– A nudez não é vergonha, menina – disse a mais nova com a sua voz levemente cantante. – É tão natural como a mudança das estações.

– Estou-me nas tintas para a nudez – tartamudeei, embora agarrasse numa toalha. – Vocês tentaram afogar-me!

– Até no feito é parecida com a Aerynn – observou a mulher mais velha, claramente desfrutando da minha angústia. – Até as Hobbs soçobram, isso é que é.

– Isso e os humanos – proferiu a mulher mais nova com um movimento sábio da cabeça. – É como se estivessem apostadas em deitar fora a sua magia.

– Não sei quem vocês são nem quero saber – declarei eu. – Vão-se embora. Não são bem-vindas aqui.

– Estás condenada ao fracasso – disse a mulher mais nova. – É melhor partires já antes que seja demasiado tarde. Se nós quiséssemos acabar com a tua existência e com a do teu consorte humano, nada poderias fazer para nos impedir.

– Julgas que o Farol de Bramford é a resposta, mas nunca foi nem nunca será – informou a mulher mais velha. – Volta para trás enquanto é tempo.

– Não sei do que estão a falar – disse eu, agarrando-me ainda mais à toalha. – Nunca ouvi falar do Farol de Bramford e se alguma vez tentarem fazer isto outra vez eu...

Não tinha importância. Elas já haviam desaparecido.

*

– Chloe. – A mão no meu ombro era quente e forte. – Acorda.

– Vão-se embora – murmurei. – Porque não me dão ouvidos?

– Vá lá, Hobbs. É quase meia-noite. Vamos.

– O que... – Abri os olhos e era Luke e não aquelas duas galinhas tremendamente críticas a olhar para mim. Eu continuava dentro da banheira, com um toalhão ensopado por cima do peito.

– Para onde foram?

Ele brindou-me com o seu ar façanhudo de polícia.

– Quem?

– Os espíritos.

– Viste espíritos?

– Dois – respondi, enquanto me levantava e procurava uma toalha enxuta. – E não eram muito simpáticos.

– Tens a certeza de que não estavas a sonhar?

Hesitei.

– A certeza absoluta.

– Não vi ninguém.

– Eram fantasmas, Luke. Não queriam que tu os visses. – Apontei para o toalhão ensochado caído na borda da banheira. – Porque julgas que me tapei com essa estúpida toalha?

– Isso faz parte de algum ritual do banho das meninas?

Ignorei-o.

– O Farol de Bramford – disse eu. – É lá que encontraremos a resposta.

Só que havia um pequeno problema.

O Farol de Bramford não existia.

Luke tentou todos os motores de busca e não encontrou nada. Consultámos a lista telefónica que estava em cima da mesa de cabeceira e os mapas para turistas empilhados em cima da secretária, uma cortesia do posto de turismo.

– Eu não inventei – disse eu, encostada ao seu ombro enquanto ele clicava em todos os *links* possíveis. – Elas disseram para nos afastarmos do Farol de Bramford.

Mas Luke não disse nada.

– Achas que imaginei tudo, não achas?

– Não sei o que pensar. – Ele pôs de parte o teclado e puxou-me para o seu colo. – Estou cansado de puxar pela cabeça.

Encostei a face à coxa dele. A minha pele absorveu o calor dele e fê-lo seu. Depois de um dia de confusão e de caos, eu estava onde precisava de estar.

As mãos dele deslizaram ao longo das minhas costelas, da minha espinha e dos meus seios, deixando um rasto de faíscas brancas e prateadas. Ele debruçou-se sobre mim e senti o seu bafo no meu ouvido. O calor deu rapidamente lugar ao desejo e pouco depois estávamos nus na cama do motel.

O mundo desapareceu. Deitei-me de costas no colchão macio e abri-me, abri o meu coração a ele, como nunca me abrira, o que simultaneamente me assustou e excitou. Tudo o que eu julgava saber acerca da minha vida, do meu futuro, tinha desaparecido hoje com Sugar Maple e agora só Luke existia.

Este homem demasiado mortal.

Luke quisera afastar-se da vida que conhecera, da família que adorava, e construir um lar comigo em Sugar Maple, e aqui estava eu agora, sem saber se conseguiria sobreviver noutra qualquer.

Mas não era em nada disto que eu pensava quando fizemos amor nessa noite.

Por instantes, não pensei em coisa nenhuma.

LUKE

Se dormir fosse um desporto, Chloe faria parte da equipa olímpica. Dessem-lhe uma almofada e um cobertor e ela desaparecia.

Por pensar nisto, ela estava a dormir quando a conheci. Entrei na Sticks & Strings naquela primeira manhã e encontrei-a enroscada no sofá ao pé da lareira. Estava descalça. Os pés eram compridos e elegantes. As mãos também eram compridas e elegantes, mas ela roía as unhas. A seu lado via-se um cobertor vermelho-vivo enrolado no chão. Uma gata preta gorda dormia profundamente num cesto daquilo a que as pessoas que faziam tricô chamavam fios de lã.

Ambas ressonavam.

E, sim, foi amor à primeira vista.

Esta noite, ela adormeceu uns minutos depois de acabarmos de fazer amor, enrolada e colada a mim. Uma vez, por graça, disse-lhe que ela parecia um míssil à procura de calor, mas a sua expressão fez-me arrepende de ter aberto estupidamente a boca. Todo aquele problema de ser meia humana e meia feiticeira ainda era um assunto sensível para ela e provavelmente seria sempre. Acho que a necessidade de contacto humano a envergonhava. Tive de lembrar a mim próprio que ela não crescera rodeada de irmãos e irmãs que viviam para se arreliar uns aos outros até chorarem ou acabarem no psicoterapeuta.

Fiquei ali deitado ao pé dela durante muito tempo, a ouvir o som da sua respiração, a água a bater no molhe não muito longe da janela, o roçar dos lençóis sempre que mudávamos de posição.

Isto basta. O pensamento apareceu em todo o seu esplendor, inegável. Se isto era tudo o que tínhamos, seria suficiente para mim. Eu era muito agarrado à casa e à família. Sempre fora. Tomara a decisão de me afastar do mundo que conhecia e integrar-me no de Chloe e sentia-me bem desde que ela lá estivesse comigo.

Ou eu viesse a estar, com o tempo. Eu tinha feito muitos progressos nos quatro meses que vivera em Sugar Maple. Agentes funerários que eram vampiros, bibliotecários que eram *trolls* e seres metamórficos que se transformavam em periquitos no lava-louças da cozinha. Acreditem em mim. Habituo-nos a qualquer coisa se tentarmos bastante. E eu tentara. Queria este trabalho. O destino de Chloe fora selado há séculos por forças que eu nunca compreenderia. Ela não podia escolher a vida que tinha. Mas eu podia.

E escolhi Chloe.

Escolhi Sugar Maple.

Mas agora tudo mudara. Aqui estava eu, de novo no mundo que deixara para trás e de novo ao alcance dos meus antigos sonhos. Podia arranjar emprego numa força policial local. Ter um ordenado decente. Regalias. Uma reforma à minha espera. E isso seria muito menos perigoso do que perseguir demónios e lutar com fadas guerreiras. Talvez Chloe pudesse abrir outra loja como a Sticks & Strings. Comprariamos uma água-furtada nos arredores, dois carros, convidariamos a família para churrascos nas tardes ociosas de verão e assistiríamos aos jogos da supertaça no

inverno.

Eu estaria a mentir se dissesse que isto não me agradava muito a todos os níveis. Após anos e anos a ver o pior da minha espécie nas ruas de Boston, o sonho suburbano parecia bastante atraente. Mas, por muito que eu tentasse, não conseguia encaixar Chloe na fotografia. Ela não era vulgar. Não era regular. Não estaria certo pedir-lhe que fosse o que não era.

E, por muito que ela tentasse viver como uma mortal, falharia porque já não era um ser mortal. Em poucos meses, os seus poderes tinham-se multiplicado drasticamente e não havia motivo para pensar que não continuariam a multiplicar-se. Eu vira o que ela era capaz de fazer quando lutara com Isadora na cascata e isso era só o princípio.

Ou seria, se conseguíssemos encontrar Sugar Maple e devolvê-la à sua dimensão.

Se falhássemos, o futuro era uma incógnita.

Por volta das duas da manhã, Chloe virou-se e agarrou-se à almofada em vez de mim. Levantei-me da cama com todo o cuidado, fui à casa de banho e em seguida deixei-me ficar perto da janela panorâmica durante muito tempo, a olhar lá para fora, para o parque e para a enseada. O foco de luz de um farol apareceu fugazmente por trás do nevoeiro denso que cobria tudo.

Eu estava na minha terra.

Chloe não estava.

Só muito tempo depois é que voltei para a cama.

E demorei ainda mais a adormecer.

CHLOE

Acordei pouco depois das seis. Continuava cansada e atordoada, mas umas chávenas de café resolveriam isto.

Luke já fora buscar o pequeno-almoço e a secretária do nosso quarto estava atulhada de iguarias.

Bati à porta de comunicação com o quarto de Janice.

– Pequeno-almoço! É melhor despachares-te ou os pães desaparecem.

A fechadura deu um estalido. A porta abriu-se. A gata *Penny* entrou de rompante no nosso quarto e saltou para o meu colo.

– Essa gata é maluca – disse Janice quando se juntou a nós à volta do bufê improvisado. – Dormiu a noite toda em cima da minha cabeça.

– Isso surpreende-te? – perguntei, arqueando uma sobrancelha. – Sabes como são os gatos.

– Os meus gatos não pesam quinze quilos nem cheiram a *Egg McMuffin*.

Penny deu uma volta no meu colo e deitou uns olhos a Janice que teriam esmagado uma mulher mais pequena.

– Aguenta-te, gata.

Janice deitou quatro saquetas de açúcar no café e juntou-lhe mais duas embalagens de natas.

Por graça, acotovelámo-nos ao agarrar nos pães, nos *donuts* e nas natas.

Por fim, Luke e eu instalámo-nos em cima da cama e Janice sentou-se na cadeira da secretária. *Penny* afastou-se para o canto para saborear *Fancy Feast* e um bocadinho de pão

com queijo-creme de salmão.

– A chama azul apareceu duas vezes durante a noite – contou Janice.

Fiquei imóvel.

– Quem era?

– Isso gostava eu de saber. Não tinha sinal identificador. Foi só uma chispa e depois, nada. – Ela mexia e remexia na chávina. – Duvido que alguém de Salem saiba da existência da chama azul.

Olhei para Luke e depois para ela.

– Não estas tão certa disso. Eu tive visitas ontem à noite.

Falei-lhe das duas pacóvias que tinham aparecido quando eu estava na banheira.

– Então, onde fica esse Farol de Bramford?

– Procurámos no Google, mas não tivemos sorte nenhuma – respondeu Luke. – Umhas subdivisões aqui e ali. Mais nada. – Ele não se descoseu, mas eu sabia que ele pensava que eu sonhara tudo aquilo.

– Merda! – Janice recostou-se na cadeira. O seu desespero era palpável.

Luke reapareceu por trás da sua cara de polícia.

– Se vamos fazer algum progresso, teremos de nos separar.

Concordei. Não posso afirmar que fiquei satisfeita, mas a tarefa era imensa e o nosso tempo escasseava.

– Janice? – perguntou Luke. – Concorda?

Ela abanou a cabeça.

– Não posso. – Os olhos dela encheram-se de lágrimas. – Não consigo sair.

– Não faz mal – disse Luke, abandonando a sua fachada de polícia por instantes e mostrando o homem real. – Pode encarregar-se dos telefones e da Internet.

Procurávamos um indício qualquer de que nem todos os seres mágicos houvessem seguido Aerynn para aquilo que viera a ser Sugar Maple. Dizia-me a experiência que os seres mágicos possuíam muitos traços comuns com os humanos. As hipóteses de não ter sido possível congregar toda a gente em torno de um plano de ação eram astronómicas. Alguém devia ter ficado para trás e deixado um rasto no tempo que nos competia descobrir.

– Quero ir sondar a beira-mar – disse eu a Luke quando atravessávamos o parque de estacionamento em direção ao carro. – Talvez alguém saiba alguma coisa sobre o Farol de Bramford.

– Nem pensar nisso – concluiu Luke. – Eu vou à beira-mar. Tu comesas a procurar na cidade.

– Eu vou à beira-mar.

– Não é uma grande ideia.

– Eu sei tomar conta de mim.

– As docas nem sempre são os locais mais aconselháveis.

– Não há problema. Eu tenho poderes mágicos. – Os humanos não me assustavam. As fadas eram outra história.

– Eu fui criado nestes sítios. Tens de confiar em mim neste aspeto.

Em Sugar Maple, era eu que tinha a maioria das respostas. Acho que preferia essa situação.

– Então o que faço eu na cidade? Ando por aí a perguntar onde estão as fadas?

– Porque não tentas procurar alguns daqueles símbolos tão apreciados em Sugar Maple?

– Não é má ideia. – Deitei um olhar conciliador na direção dele. – É quase como se tivesses vivido sempre assim.

– Pois. Quase – disse ele com um sorriso.

Clãs, famílias e indivíduos todos possuíam os seus próprios avatares, por assim dizer. Símbolos facilmente reconhecíveis que estavam entretecidos na nossa arte e na nossa história. Sugar Maple era, como seria de esperar, uma folha do bordo-sacarino. As fadas da Nova Inglaterra eram representadas pelo símbolo do infinito. A lápide da minha mãe ostentava um sol a brilhar; a do meu pai, uma lua em quarto crescente.

– Explica-me outra vez porque vamos fazer isto – pedi eu.

– Porque existe uma boa hipótese de que nem todos tenham fugido para Sugar Maple durante os Julgamentos das Bruxas e de muitos conhecimentos incluídos no *Livro dos Feitiços* terem ficado aqui com eles. Talvez na tradição oral, talvez transmitidos de outra maneira qualquer.

Encolhi os ombros.

– Talvez, e um milagre trará Sugar Maple de volta.

– Tens alguma ideia melhor?

– Não.

– Então avançamos com o plano B.

Luke procuraria informações sobre o misterioso Farol de Bramford e eu iria para o centro da cidade. Encontrar-nos-íamos no motel à hora do almoço para trocar impressões com Janice.

Seguimos ao longo de Washington Square e contornámos o Jardim de Salem, onde vi o coreto vazio que aparentemente servira de modelo ao que embelezava o relvado de Sugar Maple. Provocava uma sensação ao mesmo tempo familiar e estranha.

– Quando é que aquele coreto foi construído? – perguntei a Luke.

Ele ficou a pensar.

– Creio que talvez há um século.

– Não em mil seiscentos e noventa e dois.

Luke abanou a cabeça.

– Nem nada que se pareça. – Ele olhou para mim. – Porquê?

– O coreto do relvado é igualzinho a este.

– E daí?

– A nossa população fundadora fugiu de Salem durante os Julgamentos das Bruxas, dois séculos antes.

Ele calou-se por instantes.

– Isso faz com que a réplica do coreto seja um pouco estranha.

Concordei.

– Era o que eu estava a pensar.

Eu também pensava que a teoria original de Luke sobre a hipótese de alguns seres mágicos haverem ficado para trás tinha mais mérito do que eu imaginara ao princípio.

Então, onde estavam eles?

Eu estava disposta a manter-me aberta ao que quer que existisse ali (dentro dos limites da razão, evidentemente), mas não houve sondas de pensamentos, nem chamaz azuis, nem nada que tentasse estabelecer contacto. Começava a pensar que talvez os dois espíritos que eu vira no banho na noite anterior fossem, afinal, produto do cansaço.

Luke saiu do carro no terceiro piso de uma garagem perto do posto de turismo e deu-me as chaves assim que saímos do pequeno elevador.

– Leva o carro para o hotel quando estiveres despachada. Encontramo-nos lá para almoçar.

– Tem cuidado.

Ele sabia lidar com aquilo que o seu mundo lhe punha no caminho, mas o meu mundo era toda uma outra história.

Puxou-me e deu-me um abraço rápido.

– Tens o telemóvel contigo. Programei o meu número e o da Janice. Usa-o se for preciso.

Fiquei no passeio a vê-lo afastar-se. Não dispúnhamos de muito tempo. A única maneira de conseguirmos fazer o que era necessário implicava que nos separássemos. Eu aceitava isso, o que não queria dizer que me agradasse.

Muito menos num sítio como o Salem. Dirigi-me para o posto de turismo, depois segui ao longo de New Liberty e virei à direita para Brown, na expectativa que o peso de toda aquela história trágica assentasse nos meus ombros. Mas não senti nada.

Nenhum contacto com aquilo que me rodeava.

Nenhuma sensação de que a magia alguma vez tivesse passado por aqui, exceto talvez no Dia das Bruxas para os turistas.

Salem não me interessava. Que durasse muito e prosperasse, mas não significava nada para mim. O que me preocupava era o facto de recear que tivéssemos sido enganados. No caminho para Oz, Dorothy e o Espantalho não tinham enfrentado nem metade dos obstáculos com que havíamos deparado na viagem para Salem. Árvores irritadas que deixavam cair maçãs em cima da nossa cabeça? Uma insignificância. Eu preferia isso a chocar com uma barreira de proteção.

Então, porquê todo este drama? Alguém ou alguma coisa andava a divertir-se à nossa custa ou tentava de facto manter-nos longe de Salem? Sentia-me mais confusa que nunca.

A verdade é que eu poderia estar em Boise. Não sentia a presença dos antepassados de maneira nenhuma. Era óbvio que Aerynn não deixara laços de sangue atrás de si.

No que dizia respeito a Salem, eu não sentia o amor.

Mas se havia alguma coisa que Luke e muitos anos a ver *Law & Order* me haviam ensinado era continuar alerta.

Mesmo que tudo parecesse inútil.

LUKE

O trabalho de detetive é muitíssimo mais fácil quando sabemos o que procuramos. Não só eu não sabia o que procurava como ignorava por onde começar.

A frente marítima não oferecia muitas hipóteses, mas era um sítio tão bom como qualquer outro. As origens de Salem estavam muito ligadas ao mar. Se alguns dos antepassados de Aerynn tivessem ficado para trás, o mais provável era que se reunissem naquele sítio. Ficava longe do centro da cidade onde vivia a maioria da população e seria fácil fugir por mar se os sarilhos voltassem.

Não era grande coisa, mas de momento não dispunha de mais nada.

Os faróis não me saíam da cabeça desde que me levantara. Fora até à janela para ver o farol que, segundo calculava, estaria lá fora a espalhar a sua luz através do nevoeiro.

Pelo menos era o que eu julgava. O nevoeiro matinal dissipara-se. A visibilidade era grande. E não se avistavam faróis da nossa janela. Contudo, tínhamos uma vista formidável de New Pinky's Crab Shack, mas acho que não foi isso que me manteve a pé na noite anterior.

Depois, mais uma vez, tudo era possível.

Não ficara radiante por me separar de Chloe, mas não havia alternativa. Parti a um ritmo razoável, tentando disfarçar a química policial e adotar uma fachada local mais benévola. Não era difícil. Em grande parte, eu era da terra. Passara dois anos a fazer trabalho comunitário nesta cidade quando andava no colégio. Ganhara peso a comer sanduíches de *chop suey* e revirara os olhos, tal como os outros trabalhadores sazonais, ao ver os turistas que passavam as férias à procura de coisas que não existiam.

Ironia.

Tínhamos de gostar dela.

Existia uma particularidade em Salem: nunca estávamos longe da água. Comecei perto de Central Wharf e segui para Derby.

Nos primeiros meses do ano, os barcos de recreio ainda não se encontravam no exterior. Aqui e ali, barcos a remos embatiam nos cais aos quais estavam amarrados. Na montra de uma loja de artigos de desporto encerrada via-se uma placa: ALUGAM-SE CAIAQUES.

O Sol subia no céu. A manhã começava a aquecer. O cheiro a peixe era intenso mas não desagradável. A primavera neste lugarejo remoto era caprichosa – sobretudo à beira-mar –, mas os sinais eram bons.

Parei junto do habitual aglomerado de estabelecimentos que se encontram à beira-mar.

– Sabe onde posso encontrar o Farol de Bramford? – perguntei ao gerente de uma loja de aluguer de barcos junto da Orla Marítima Histórica.

O homem interrompeu a leitura da *Sports Illustrated* e levantou a cabeça.

– Bramford? Nunca ouvi falar.

Tentei os mecânicos da oficina de reparação de motores.

– Farol de Bramford?

– Tem a certeza de que não se enganou na cidade? – perguntou o mais velho do grupo.

– Agradeço na mesma – disse e continuei a andar.

Inclinei a cabeça num gesto de saudação a dois jovens de *T-shirts* e cintos de cabedal que estavam encostados a um barracão abandonado em frente da Casa das Sete Empenas. As palavras ISCO E APETRECHOS DE PESCA estavam pintadas na porta em letras brancas desbotadas. Uma *Harley* ganhava fôlego três metros mais adiante. Se eu pertencesse à polícia de Salem, faria um comentário sobre o abuso, verificaria se tudo estava como devia e depois seguiria o meu caminho.

Mas como não era polícia aqui, parei e perguntei:

– Sabem onde fica o Farol de Bramford?

Talvez não me tivessem ouvido.

– Onde fica o Farol de Bramford? – perguntei outra vez.

Olhares apáticos que fariam a inveja de um polícia. Interpretei-os como um não e continuei a andar.

Era difícil acreditar que Salem fora uma aldeia piscatória florescente noutros tempos. Agora, resumia-se a uma comunidade costeira com mariscos fabulosos e muitos turistas.

E, tanto quanto eu podia afirmar, sem magia.

CHLOE

Como se verificou, Salem esperara pelo momento adequado para me fazer saber que eu não era bem-vinda.

Aconteceu primeiro na Casa das Bruxas. O edifício estava a ser remodelado e os visitantes eram convidados a entrar pelas traseiras. Experimentei seguir pelo caminho, mas foi o mesmo que andar num tapete rolante. Por muito que tentasse, não ia a lado nenhum.

Ainda mais estranho era o facto de ninguém à minha volta reparar em mim. As outras pessoas iam e vinham sem problema. Crianças pequenas passavam por mim a correr, como atletas experientes, enquanto eu metaforicamente caminhava sobre a água.

Apesar de não ser uma grande fã da humilhação, atravessei à pressa Washington Square North na direção de Salem Common com o objetivo de ver o coreto que fora replicado em Sugar Maple. Grande plano, hein? Era uma pena eu não conseguir pô-lo em prática.

– Não tem graça nenhuma – disse entredentes a um *jogger* consternado que se espreguiçava junto de mim.

Quem precisava do parque, afinal? Umás árvores, uma relva suja e maltratada a que o inverno roubara a cor. Uns *joggers* com um ar triste e umas pessoas a passear os cães. Nada que me fosse útil.

Soprava um vento persistente vindo do mar. Estremeci e desejei ter vestido uma daquelas *sweatshirts* que comprara no Target. Passara a maior parte da vida a sentir-me só, mas a sensação de me encontrar realmente só era nova. Onde estavam os turistas? Esperava ver montes deles a correr de um lado para outro nas ruas e becos, a tirar fotografias, a filmar e, de um modo geral, a absorver todos os conhecimentos que pudessem sobre bruxas.

E, enquanto eu fazia perguntas a que não podia dar resposta, onde estavam as pessoas da

cidade? O local parecia – sem jogos de palavras – mais uma cidade fantasma do que uma Meca turística.

Mais uma vez, como quase sempre parecia Sugar Maple. Estávamos apenas no início de abril, recordei. A maior parte da Nova Inglaterra ainda espregueava por cima do seu ombro coletivo, à espera do último nevão. Se Salem tivesse alguma semelhança com Sugar Maple, a época turística só começaria em força daí a cerca de um mês.

Segui a Red Line (que era mesmo uma linha vermelha pintada no meio do passeio), embrenhando-me mais no coração da cidade. As casas iam de magníficos prédios de dois pisos em tijolo a cabanas de ripas a precisar urgentemente de pintura e de reparações no telhado. Haviam sido construídas ao acaso ao longo dos séculos. Umavam ficavam a poucos centímetros das suas vizinhas. Outras encontravam-se encurraladas em lotes exíguos. Outras ainda erguiam-se, majestosas, no cimo de um outeiro. Por muito que tentasse, não fui capaz de relacionar isto com a situação difícil de Sugar Maple.

Alguna vez sonharam que estavam nuas no supermercado e que todos os vossos vizinhos tinham escolhido esse dia para ir comprar leite? Sentia-me mais acanhada do que quando tinha doze anos, o que não era pouco. Não que sentisse exatamente que estava a ser observada, mas uma vaga comichão instalou-se entre as minhas omoplatas e não saía de lá.

Avistei um café na Washington perto da Lynde. Não tinha fome, mas a ideia de uma transfusão de manteiga e açúcar era irresistível.

Porém, o primeiro problema foi que não consegui entrar pela porta da frente.

O outro problema foi que ninguém deu mostras de reparar em mim.

Por instantes, pensei se seria invisível, mas um velho de bengala fuzilou-me com o olhar ao sair do estabelecimento. Agarrei na porta, mas dei um grito quando um choque elétrico me obrigou a recuar.

Já estamos a divertir-nos?

Luke considerava que eu possuía um temperamento inflamável, mas isso não era verdade. Aquelas chamas que irromperam subitamente das pontas dos meus dedos não passavam de uma coincidência.

Como se todas os estabelecimentos de Salem me virassem as costas.

Começava a sentir-me uma formiga minúscula num piquenique.

Como até agora a Red Line não funcionara muito bem, virei para outra rua secundária onde esperava que a receção fosse um pouco mais calorosa. Passei por um cabeleireiro, um estabelecimento *kitsch* para turistas especializado em bolas de cristal reluzentes em todas as cores do arco-íris, três lojas de velas e um paraíso de colchas e ia a passar por uma loja de antiguidades poeirenta quando vi aquilo.

As rodas de fiar modernas eram lindas – rápidas, silenciosas e infalíveis –, mas eu era doidinha pelas rodas melancólicas e românticas do passado.

Não era todos os dias que se via uma roda de fiar de um castelo irlandês. Eu tivera a sorte de aprender a fiar numa, mas a maioria das fiandeiras não saberia por onde começar.

Tinha de ver a roda de perto. Tinha de lhe tocar, passar os dedos pela madeira polida, vê-la fazer aquilo para que fora criada: fiar seda e transformá-la em ouro como que por magia.

Encolhi-me para me defender da eletroterapia involuntária e fiz menção de tocar no puxador da porta. Este não me provocou nenhum choque, não me mordeu, nem me transformou num

daqueles miúdos do *reality show Jersey Shore*. A porta abriu-se mesmo.

Ora era aqui que a coisa podia tornar-se perigosa. Podia formar-se uma onda de maré invisível, atirar-me para a rua e eu cair sobre o meu traseiro ossudo. Ou podia ser transformada num gigantesco cubo de gelo. E havia sempre a possibilidade de cair morta.

Esqueçam. Era inútil pôr ideias na cabeça das pessoas.

Mais uma vez, não aconteceu nada. Entrei na loja silenciosa e inspirei o aroma maravilhoso da cera de abelhas, do *potpourri* e da História. Sou uma grande fã de aglomerações, mas este local estava apinhado até para os meus padrões mais gravemente afetados.

As antiguidades bizarras disputavam o espaço com bugigangas *kitsch* dos anos 1950. Um par de índios de tabacaria flanqueava a entrada em arco para a outra sala de exposição. Uma figura de cera de Teddy Roosevelt estava encostada a um piano à minha frente. Chávenas, pires, bules e pratos decorativos de louça saudavam-nos em várias filas de prateleiras de madeira de bordo que revestiam a parede à minha esquerda. Um cesto ratado do tamanho de um *Mini Cooper* ocupava o centro da sala e estava repleto de agulhas de tricô visivelmente centenárias.

Eu tinha encontrado a minha gente.

– Está alguém? – gritei.

Nenhuma resposta.

– Está alguém?

Deixar uma fabulosa roda de fiar antiga abandonada não era uma ideia brilhante. Podia entrar um grupo itinerante de tricoteadeiras e fazê-la desaparecer.

Nenhuma resposta. Seria Salem tão desprovida de criminalidade que o proprietário fosse tomar um café sem fechar a porta do estabelecimento? Tanto quanto eu sabia, só Sugar Maple possuía essa demografia específica e até eu fechava as portas da Sticks & Strings para me defender de tricoteadeiras à procura de Wollmeise.

Mas não era proibido tocar, pois não?

Tive um momento de Bela Adormecida quando passei a mão pela madeira acetinada. Bordo-doce, mais concretamente. Que importância tinha? Senti um nó na garganta ao absorver o seu aroma e tive saudades de casa. Admiti a hipótese de picar o dedo (nunca percebi exatamente onde é que uma menina de conto de fadas podia picar o dedo, mas sem dúvida que isso fazia render a história), mas não estava à espera de ver um brilho amarelo-limão concentrado na base da roda de fiar. Nem o pequeno símbolo de infinito gravado numa das pernas. Como não dera eu por eles?

Acho que devo ter sustido o fôlego por instantes. O meu coração batia tão depressa que me fazia doer o peito.

O brilho era o equivalente nas fadas às impressões digitais nos humanos. Não havia dois brilhos iguais. As variações subtis de cor podiam não ser perceptíveis para os que não eram fadas, mas identificavam zonas de origem, clãs e famílias no seio de clãs com maior precisão do que o ADN.

Mais uma coisa. Os sinais de brilho tinham a vida de uma banana madura.

Por outras palavras, aquelas pegadas eram recentes.

E isso significava que a comunidade das fadas estava viva e sã e vivia em Salem, Massachusetts.

E que eu fora diretamente ao encontro de uma armadilha.

LUKE

Eu não ia a parte nenhuma. Tudo isto do Farol de Bramford era um beco sem saída. Era tempo de recomeçar a avançar.

Vi as horas no meu telemóvel. Passava pouco das dez. De acordo com a brochura, a Holly's Day Tours estaria aberta ao público. Dirigi-me para oeste pela Derby, passei por In a Pig's Eye e avistei a pequena fachada do estabelecimento.

A maior parte do trabalho de um detetive consistia em fazer perguntas; o mais importante era fazer as perguntas certas às pessoas certas. Nesse ponto, teria sorte se Holly falasse comigo. Até agora não encontrara residentes em Salem que se aventurassem para além dos monossílabos.

Por enquanto, tudo bem.

Um gato malhado observou-me do cimo de uma estante encostada à parede do fundo. As prateleiras estavam cheias de livros ostensivamente antigos, uns com encadernações de tecido, outros de couro. Ocupavam todo o espaço disponível. Com a lombada para fora. Na vertical. Na horizontal. Tudo servia.

Era óbvio que a Holly's Day Tours estava interessada em informação e não no valor dos livros antigos, o que, considerando a proximidade do mar, talvez fosse uma coisa.

– Só um segundo. Não se vá embora! – gritou uma voz feminina muito jovem.

O gato saltou para o chão e deixou-se escorregar para me examinar. Encostou o nariz ao meu tornozelo esquerdo, depois ao direito, deu meia volta e regressou ao seu poleiro no cimo da estante.

Eu não sabia ao certo se tinha passado ou reprovado no exame.

– Só mais um segundo – cantarolou a voz musical. – Por favor, não se vá embora!

– Eu não vou a parte nenhuma – respondi.

Esperar nem sempre era mau. Deu-me a oportunidade de admirar as fotografias e os quadros nas paredes, os prémios e os recortes emoldurados. A Holly's Day Tours não seguia o paradigma vulgar de Salem. Pelo que pude ver, a ênfase era pouca ou nenhuma nos Julgamentos das Bruxas e na habitual tralha paranormal que sustentava a cidade. A Holly's era especializada em história, arquitetura e arte de marear.

Holly tinha pelo menos mais quarenta anos do que a sua voz dava a entender. Era uma mulher alta e atraente, cabelo ruivo com abundância de cãs, ombros largos e o tipo de sorriso que transcendia a idade.

Os polícias nunca gostavam de ninguém à primeira vista, mas para mim Holly foi uma exceção à regra.

– Em que lhe posso ser útil? – perguntou ela. – A Excursão Panorâmica de Uma Hora, a Special Gilligan de Três Horas ou a Extravaganza Holly de Um Dia?

Dei uma gargalhada. Hoje não havia escapadela possível.

– E que tal a Quero Saber a Sua Oferta de Dez Minutos?

Ela riu-se comigo.

– Entro a matar, não é? É que há tanta coisa para ver aqui que não tem relação nenhuma com um chapéu bicudo de bruxa. Não que haja alguma coisa de mal no chapéu bicudo das bruxas, mas quando apanho uma em carne e osso aqui não consigo conter-me. – Ela estendeu a mão. – Sou a Holly.

– Luke.

– Então, o que tem hoje em mente, Luke?

– Não a habitual visita à Casa das Bruxas. As pessoas que quero impressionar já viram quase tudo. – Não estava a mentir se incluísse anacondas mágicas, cascatas encantadas e *Buicks* voadores.

– Isso é excelente, porque eu não faço a habitual visita à Casa das Bruxas. Orgulho-me de revelar facetas novas do diamante raro que é Salem, Massachusetts.

Se mais alguém tivesse dito isto, eu teria fugido para a saída. Vindo de Holly, parecia sincero.

– Portanto, não acredita nessas coisas das bruxas e da feitiçaria.

– Não ponha na minha boca o que eu não disse, Luke. Nunca afirmei que não acredito. Disse apenas que a história é muito mais interessante do que museus de cera e bruxas animadas levariam a pensar.

Decidi arriscar.

– Então talvez conheça o Farol de Bramford.

Ela arregalou os olhos.

– *Você* sabe da existência do Farol de Bramford?

Finalmente, havia alguém que não olhava para mim como se eu fosse doido.

– A minha amiga ouviu falar dele a uma sócia que foi criada nestas bandas.

Ela semicerrou os olhos e fitou-me.

– O que *sabe* verdadeiramente acerca do farol?

– Muito pouco.

– Meu caro, não posso levá-lo a visitar o Farol de Bramford. Não existe desde a Guerra da Independência.

Um quarto de hora e cinquenta dólares depois, eu estava junto de Holly à beira do molhe perto do hotel, a olhar para o sítio em que vira aquele brilho estranho.

– Ficava situado a cem metros mais para lá – dizia Holly quando apontou para o mesmo sítio que eu calculara nessa manhã. A coisa estava a melhorar. – Dizem que o velho o construiu sozinho num pequeno rochedo e que depois o destruiu quando perdeu a mulher que amava. Agora, até o rochedo desapareceu.

– Um só homem construiu um farol?

Holly encolheu ligeiramente os ombros impressionantes.

– As lendas possuem uma lógica muito própria.

– Então, até que ponto acredita nessa lenda?

– Acredito em tudo e em nada. – Ela suspirou. – A primeira referência ao farol em relatos da época foi feita cerca de cinco anos antes do primeiro enforcamento. Ele desapareceu algures entre mil setecentos e setenta e seis e mil setecentos e oitenta.

A minha credulidade aumentou.

– Ontem à noite, vi um feixe de luz naquele sítio.

– A quem o diz – confidenciou Holly. – Há marinheiros que têm visto essa luz entre

Marblehead e Rockport desde que o velho o destruiu. Mas, quando rompe o dia, não está lá nada.

– E como explicam eles isso?

– Não explicam. Eu podia mostrar-lhe centenas de diários de bordo de capitães que se referem a um feixe de luz intensa que apareceu mesmo a tempo de os salvar de um desastre e depois desapareceu.

– A divina providência?

– Ou apenas sorte.

– Até parece que você acredita em magia, não parece?

– Meu caro, se vive neste mundo há algum tempo e não acredita em magia, há algo de errado em si – sentenciou Holly.

– Então quem era o homem? Ele tem nome?

– O homem que construiu o farol chamava-se Samuel.

– Sem apelido?

– Puxe pela cabeça – disse ela, piscando o olho.

Gemi.

– Bramford.

– Exatamente.

– O que sabe mais acerca dele além da tragédia amorosa?

– Sei que ele sofreu a pior das perseguições.

Isto chamou-me a atenção.

– Julgavam que ele era um feiticeiro?

– Ele era curandeiro – respondeu Holly, cautelosa. – Isso foi o suficiente para atrair uma grande dose de atenção naquela época perigosa.

– Mas há mais.

Ela fez um sinal afirmativo.

– Há mais. Tenho um disco rígido cheio de outras coisas.

Regressámos ao estabelecimento no *Jeep* azul-claro dela. Holly fechou a porta à chave e virou a placa para ENCERRADO.

– Estou a roubar-lhe muito tempo – disse eu. Tentei dar-lhe mais cinquenta dólares mas ela recusou. Eu tinha razão. Holly era uma preciosidade.

– Esta fica por minha conta – ofereceu ela. – É a minha obsessão secreta. Gostaria de partilhá-la com alguém.

Sentámo-nos à secretária e ela ligou o computador.

– Passei tudo a pente fino – disse ela. – Alguns originais estão em meu poder; outros são do domínio público, outros ainda pertencem a vários museus e coleções particulares.

– Tem a minha atenção – declarei.

– Bem me parecia. – Ela clicou diversas vezes e um desenho ténue de um jovem encheu o ecrã.

Debrucei-me mais.

– Samuel?

Ela fez um sinal afirmativo.

– Mais ou menos na altura em que começou a construir o farol.

Ela clicou de novo no ecrã. Apareceu um retrato a óleo, bom mas nada de especial.

– Samuel – disse eu. – Talvez uns quinze anos depois.

E não tinham sido nada bons. O seu olhar revelava uma tristeza quase insuportável. Eu conhecia aquele olhar. Vi-o ao espelho durante anos depois da morte de Steffie.

– Você é bom observador.

– Sou polícia – retorqui. – Pagam-me para reparar nas coisas.

– Isso explica as perguntas. – Ela afastou-se ligeiramente de mim. – Esta visita tem algum cunho oficial?

– Não. Estritamente pessoal – respondi.

Ela ficou visivelmente mais descontraída. Era no que dava ser polícia. Culpados ou não, a maioria dos civis respaldava-se quando estávamos por perto. Holly não era exceção.

Ela clicou de novo e apareceu outro desenho retirado de um jornal do início de 1750.

– Nota alguma coisa?

Inclinei-me o mais possível para o ecrã sem distorcer a imagem.

– Ele não envelheceu.

– Ora é aqui que a coisa se torna interessante.

Holly pôs em movimento uma sequência de imagens que nos conduziram através dos séculos XVIII, XIX e XX. Lá estava ele nas docas com um grupo de pescadores e o produto da sua pesca diária no tempo de Lexington e Concord. E lá estava ele no meio da multidão a festejar a abertura de um banco pouco depois da Guerra Civil. Uma reunião na igreja aproximadamente na viragem do século XX. Um título da Segunda Guerra Mundial.

Forrest Gump estava vivo e são e vivia em Salem.

– Alguma coisa mais recente? – perguntei.

– A imagem dele apareceu no blogue de um turista há umas semanas mas ainda está no meu ficheiro Para Examinar.

– Ambos sabemos que não pode ser o mesmo homem.

– É claro que não, mas ele está aí, de qualquer modo – disse ela. Sorriu na minha direção. – Já fez a analogia com o Forrest Gump, não fez?

– Há dez segundos.

– A lógica diz que é uma coincidência, mas os meus olhos dizem-me algo mais.

– E o seu íntimo? – perguntei.

– O meu íntimo diz que se trata de Samuel Bramford em todas as imagens.

– O que é impossível.

– Meu caro, quando chegar à minha idade, saberá que nada é impossível – concluiu ela, dando-me uma palmadinha na mão.

CHLOE

A maioria das fiandeiras concorda que cada roda de fiar tem a sua personalidade. Algumas são suaves. Outras são lentas. Outras ainda dão luta mas produzem um fio magnífico.

Mas eu nunca ouvi falar de uma roda de fiar que se desviasse e deitasse a fiandeira ao chão.

Não a vi aproximar-se. Estava tão entretida a observar o brilho amarelo e o símbolo de infinito que tudo o resto se desvaneceu. A roda ambulante, no canto oposto, viu uma oportunidade e atingiu-me na cabeça com o seu volante.

Felizmente para mim, foi só um toque, mas, caramba, não é de esperar que uma roda de fiar se vire contra nós.

– Não tem graça nenhuma – disse, recusando-me a esfregar a têmpora atingida pelo volante. – Eu vi o brilho. Vi o símbolo. Talvez consiga ver-te também.

Ouí um ruído e, ao voltar-me, vi a roda ambulante a deslocar-se na minha direção. E não vinha só. Rodas de todas as épocas e de todos os estilos caíam do teto, saltavam das paredes e marchavam, vindas do corredor.

– Acabem com isso – disse eu, simulando mais coragem do que na verdade tinha. – Eu tenho fósforos e não me ensaio nada de lhes pegar fogo.

Virei-me. Seis rodas de fiar escocesas alinhavam-se atrás de mim como guardas prisionais.

– Esta é a velha escola – disse eu, tentando combinar o escárnio com o riso. – O que se segue? A maçã envenenada?

Um suspiro longo e exasperado encheu a sala.

– A Branca de Neve deu uma dentada na maçã, filha. Esse teu povo não te ensinou nada? A Bela Adormecida picou o dedo na roda de fiar.

– A vossa gente não vos ensinou a ter maneiras? – ripostei. – O anonimato é o refúgio dos cobardes.

Na sala irrompeu um riso feminino estridente. Explosões de luz rodearam-me os tornozelos e enrolaram-se à volta das minhas pernas, subindo em espiral pelo meu tronco como uma videira *kudzu*. Rechacei uma falange de luzes que tentava transformar-se num colar.

Não te assustes, disse eu a mim própria. *Mostra-te furiosa*.

O medo limitava os meus poderes. A raiva fortalecia-os.

Fios de luzes de cores vivas como uma árvore de Natal com atitude atravessavam o ar à minha frente e deixavam um rasto de calor.

Oh, bolas! De repente, percebi o que eram. Sondas de fadas que agiam como um grupo de escuteiros perante o chefe de um clã. Mapeavam o meu corpo, determinavam os pontos fortes e os pontos fracos e reportavam à origem.

E, se a memória não me falhava, não hesitariam em infligir um pequeno dano colateral pelo caminho.

Uma das rodas escocesas embateu nas minhas costas. Antes que eu pudesse reagir, outra atingiu-me com mais força. Depois, uma terceira e uma quarta.

– Parem – avisei. – Vocês têm mesmo de acabar com isso.

O que fez com que eu caísse ao chão outra vez, empurrada pelas duas últimas rodas escocesas.

Levantei-me com dificuldade, mas uma Ashford atravessou a sala e atingiu-me no ombro direito. Pouco depois, uma Louet embateu no esquerdo. Kromskis, Schachts, Lendrums, choviam sobre mim como pedras de granizo gigantescas. Acocorei-me no chão, com os braços por cima da cabeça, como num daqueles filmes do fim do mundo do tempo da guerra fria. Nunca percebi como é que as nossas costas podiam salvar-nos de uma bomba atômica, mas as minhas costas estavam a fazer um bom trabalho ao absorver as pancadas das rodas atacantes.

E, caso não saibam, as rodas de fiar são lutadoras ferozes. Claro, parecem muito frágeis e tímidas, mas, acreditem em mim, deram-me uma boa sova.

A única coisa mais vexatória do que levar uma sova de uma roda de fiar seria sofrer o ataque de uma harpia.

Onde estava a minha raiva? Onde estava o meu fogo? Eu não tinha nada. Quanto mais as rodas de fiar me batiam, mais eu me submetia.

Eu não era nada assim. O cansaço transformava os meus braços e pernas em borracha. Tinha dificuldade em articular as ideias. Sentia-me como o Espantalho do *Feiticeiro de Oz* depois da Bruxa Má do Oeste o perseguir na seara.

– Não admira que ela tenha perdido Sugar Maple – disse uma voz feminina sem corpo. – É completamente incapaz.

– Estúpida, diria eu. – Outra voz feminina. – Olha para ela ali caída como um molusco.

– A pobre não consegue defender-se – acrescentou uma terceira voz feminina. – Falta-lhe coragem.

– É verdade, irmã – cantarolou uma quarta voz. – Faltou-lhe a coragem para reclamar a sua própria terra antes que fosse demasiado tarde.

– Está no sangue. Olhem para o clã dela e percebem porquê – disse uma quinta.

– Ela escolheu o lado dos humanos, como a mãe, e o sangue humano será a ruína dela – disse a primeira voz. – E passados todos estes séculos, estaremos cá para ver o que acontece.

As vozes delas subiam e desciam de tom e juntavam-se-lhes outras, que se misturavam, escarminhas e divertidas. Eu não conseguia ouvir. Recusava-me a ouvir. Elas estavam enganadas. Eu adorava Sugar Maple. Fizera tudo o que estava ao meu alcance para impedir que ela fosse arrastada para o outro lado do nevoeiro. Talvez não soubesse exatamente o que tinha acontecido, mas apostava que a vila não entrara pelo portal das fadas na cascata.

Senti uma onda de fúria e olhei para as pontas dos meus dedos, na expectativa de começar a vê-las ficar vermelhas e depois lançar chamas que, esperava eu, arrasassem completamente este local.

Mas não houve nada.

Tinha a sensação de que a força vital estava a abandonar-me, mas não sabia como nem porquê. As minhas pernas tremiam. A minha visão começava a turvar-se. Sentia que o mecanismo do meu pensamento não era tão claro como dez minutos antes. Como eu não combatiera demónios nem safra triunfante, podia morrer sepultada debaixo de um monte de rodas de fiar fabricadas em série.

Se tivesse energia, ter-me-ia rido alto só de pensar nisto. Ou seja, apunhalada por agulhas circulares Addi Lace, talvez. Ou presa numa teia de Outback Mohair pegajosa ou mesmo

enlouquecida por malhas caídas num remate de quinhentas e tal. Pelo menos, isso implicaria uma certa dignidade.

Então levanta-te.

A voz de barítono era cheia e imperiosa e parecia situar-se algures nas profundezas do meu peito.

Tu consegues fazer isto, Chloe. Tens de o fazer, caso contrário, Sugar Maple estará condenada para sempre.

As minhas costelas vibraram com o som.

Quem és tu? Enviei o pensamento para o universo, mas ele voltou a mim.

Faz isso já! Confia no teu coração para saberes a verdade.

O que queria isto dizer agora? Se alguma vez eu fosse Rainha das Outras Dimensões proibiria para sempre a conversa balofa.

Confiar no meu coração para fazer o quê? Deixa de falar por enigmas, Voz, e diz-me o que hei de fazer.

Senti a resposta antes de a ouvir.

Podias começar por levantar-te.

Acreditem que albergo dentro de mim uma idiota.

Uma das rodas de fiar escocesas recuou e embateu no meu flanco como se fosse um ariete. Malditas fossem aquelas rodas frágeis. Magoavam a valer. O que havia eu de fazer, ficar ali caída até acabar por sucumbir a uma roda vingativa enquanto aquelas harpias invisíveis faziam apostas sobre o tempo que Luke levaria a arranjar outra pessoa qualquer?

Bem, sim. Era exatamente isso que aconteceria se eu não fizesse o que a Voz dizia e não levantasse o rabo do chão e ripostasse.

Afastei as rodas de fiar das minhas costas como um cão a sacudir a água do pelo depois do banho. Elas voaram para o outro lado da sala, despedaçaram-se contra a parede e as lascas de madeira voaram em todas as direções. A fiandeira que havia em mim sentiu a dor aguda do remorso, mas a feiticeira até achou bem. As pernas tremiam-me, mas consegui manter-me na vertical quando bloqueei com o braço uma carda elétrica que me bombardeou.

À carda seguiu-se uma falange de dobradeiras e depois uma barragem de fusos que me fez sentir como Londres durante o Blitz. Afugentei-as como mosquitos. Irromperam chamas das pontas dos meus dedos. Os meus olhos cuspiram setas de luz.

E depois aquilo acabou.

Nem o clangor das trombetas. Nem os aplausos da multidão.

As rodas voltaram para o corredor, encostaram-se de novo às paredes. As cardas, as dobradeiras, os fusos e os pentes regressaram aos sítios em que se encontravam. Num abrir e fechar de olhos, dei comigo ao lado da roda escocesa mais uma vez, com a mão pousada ao de leve na madeira acetinada. O aroma inebriante a cera de abelhas, a *potpourri* e a história estava em toda a parte.

Bem como a sensação de que eu estava a ser observada. De repente, tive de sair dali.

Virei-me para a porta, mas ela não estava lá, nem a roda de fiar, e de súbito a loja subiu, subiu, subiu em direção ao céu azul como um balão de aniversário e deixou-me sozinha em cima de um rochedo, numa ilha no meio do mar.

A única coisa que faltava era a gigantesca onda de maré com o meu nome.

Olhei para trás e vi um tornado de água a deslocar-se na minha direção.
Quem disse que não era possível ter tudo?

LUKE

Despedi-me de Holly pouco depois da uma hora e só porque ela tinha um grupo de excursionistas à espera na cidade.

– Leve isto – disse ela, entregando-me um grosso envelope castanho. – Imprimi algumas coisas para si. Talvez você ponha o seu instinto de polícia a trabalhar e me explique isto tudo.

Agradei-lhe o tempo que me dispensara e tentei mais uma vez pagar-lhe as informações mas ela não aceitou.

– Eu é que lhe devia pagar – disse ela. – Você foi a primeira pessoa que demonstrou algum interesse pelo pobre Samuel.

– Aprecio um bom mistério – respondi, sentindo-me um pouco desprezível por não lhe contar a verdade. – E você é uma contadora de histórias formidável.

Ela olhou para o relógio.

– Mas não uma grande profissional. A minha excursão espera-me. – Beijou-me na face esquerda e depois na direita. – Dê-me ideias para uma excursão e eu arranjurei tempo.

Fico a dever-lhe uma, pensei ao vê-la afastar-se à pressa. Com um pouco de sorte, eu teria oportunidade de a recompensar dentro de pouco tempo.

Graças a Holly, eu tinha a versão Sugar Maple do Santo Graal e estava ansioso por contar a Chloe o que descobrira sobre Samuel Bramford e o farol com o nome dele. Não podia provar coisa nenhuma, pelo menos segundo a definição humana de prova, mas o meu íntimo dizia-me que tinha tropeçado na chave de que precisávamos para abrir algumas portas.

Estava eu embrenhado nos meus pensamentos quando uma mulher pequena de cabelos brancos compridos e lustrosos apareceu no meu caminho e me obrigou a parar.

– Desculpe – disse eu, desviando-me dela. – Ia distraído.

Ela apareceu à minha frente outra vez.

– Desculpe mais uma vez – repeti e desviei-me para o outro lado.

Juro que ela não se mexeu, não deu um único passo. Ficou ali.

Os seus olhos eram cinzento-claros, tão claros que quase nem tinham cor. Os pelos da minha nuca eriçaram-se.

– Tenho estado à espera. – Os brincos de cristal, claros como os seus olhos, balouçaram, acompanhando o movimento da cabeça. – Nunca perdi a esperança.

Aparentemente, não era só nas grandes cidades que havia loucos. Baixei a cabeça com delicadeza e tentei de novo contorná-la. Ela era velha de mais para o universo gótico e eu era velho de mais para me interessar por isso.

– Diga-lhe. – Uma mão esguia de alabastro saiu de uma manga enorme e agarrou-me no braço. – Diga à Chloe que ele está à espera.

A mulher desapareceu antes que eu pudesse dizer uma palavra, o que talvez fosse bom porque não me teria lembrado de nada coerente se tentasse.

Exceto: « Quem diabo é *ele*? »

Parece que eu tinha razão acerca de Salem.

Tínhamos combinado encontrar-nos ao meio-dia e eu já levava mais de uma hora de atraso.

Regressei ao motel quase a correr e entrei no quarto que partilhava com Chloe.

– Chloe! – gritei. – Estás cá?

Num quarto com casa de banho não havia muitos sítios para alguém se esconder.

Bati à porta de comunicação com o quarto de Janice.

– Está alguém?

A fechadura deu um estalido e a porta abriu-se.

– Espero que tenha trazido comida – disse Janice quando a gata *Penny* entrou de rompante no quarto. – Tenho estado a namorar o *Fancy Feast*.

– Julguei que você podia passar vários dias sem comer.

Ela ignorou o meu comentário.

– Sobraram pães desta manhã?

Apontei para a secretária.

– Sirva-se.

Ela agarrou num e deu-lhe uma dentada.

– Então onde está a Chloe?

– Julguei que estava consigo.

Abanei a cabeça.

– Combinámos encontrar-nos aqui.

– Não há sinais dela.

– Ela não telefonou?

– Eu tinha-lhe dito.

Levantei as mãos com as palmas viradas para fora.

– Não há problema. Só estou a perguntar.

– Desculpe – disse ela, com um ar tão arrependido quanto era possível à temível Janice Meany. – Fico impossível quando tenho fome.

– Não teve sorte com os telefones?

Ela deu outra dentada no pão.

– Tentei ligar para o Wiccan e para comunidades pagãs, mas respondeu-me sempre o *voicemail*. Deixei mensagens mas ninguém telefonou.

– Porque não tentar a chama azul?

– Se eu utilizasse a chama azul num humano seria presa por fogo posto.

Esquecia-me sempre da diferença entre a magia e a religião wicca.

Ela enfiou o resto do pão na boca, mastigou-o e engoliu-o.

– O que faria você?

Apontei para o envelope grosso que estava em cima da cama.

– Explico-lhe quando a Chloe chegar. A história é demasiado longa para contar duas vezes.

– Nem sequer um vislumbre?

– E que tal duas perguntas em vez disso?

Ela acedeu.

– Aerynn estava grávida quando partiu de Salem?

Janice deu uma gargalhada sonora.

– Isso foi há mais de três séculos! Como quer que eu saiba?

– Julguei que você conhecia todas as histórias e lendas antigas sobre as origens de Sugar Maple.

– A Lilith é que é a especialista – respondeu ela com modéstia, referindo-se à bela *troll* norueguesa que era a bibliotecária e a historiadora da vila. – Mas eu não me atrapalho.

– Nunca pensou sequer quem seria o pai dos filhos de Aerynn?

– Nunca pensei muito nisso.

– Não foi uma concepção imaculada.

– E também não foi feliz para sempre – retorquiu Janice.

– E como sabe?

– Pelo facto de as mulheres Hobbs serem reconhecidamente perdedoras no que respeita ao amor. Isso faz parte da herança delas.

Amavam só uma vez e nem sempre se regiam pelo bom senso. Janice não pronunciou estas palavras, mas eu ouvi-as à mesma.

– As coisas serão diferentes com a Chloe e comigo – disse eu.

Janice brindou-me com um sorriso do género *Veremos*.

– Então, o primeiro filho de Aerynn nasceu em Sugar Maple?

– Primeiro filho – A expressão de Janice alterou-se ligeiramente. – O único filho, quer você dizer.

– Eu não sabia que ela só teve um filho.

Agora, Janice parecia verdadeiramente atrapalhada. – As mulheres Hobbs só têm um filho – disse ela. – Uma rapariga.

– Você está a brincar.

– É um facto historicamente comprovado.

– É algo biológico?

– Isso seria uma coincidência incrível, não acha?

Ela levou a melhor. Um único filho. Sempre uma rapariga. A cadeia permanecia ininterrupta.

Deixámos cair o assunto por acordo tácito. Pus a informação de parte para outro dia.

Janice entregou-se à tarefa de comer o resto dos pães. Liguei para o telemóvel de Chloe, que me remeteu imediatamente para o *voicemail*.

– Estou no motel com a Janice – disse eu. – É uma e vinte. Telefona-me.

Verifiquei as mensagens. Respondi a umas. Ignorei as outras. A mensagem da mulher com olhos de gelo repetia-se num círculo interminável no meu cérebro. Melhor do que um círculo interminável da revelação de Janice sobre as mulheres Hobbs e o seu padrão reprodutivo. Liguei a televisão e desliguei-a. Janice estava ao pé da janela, a olhar para a água.

A gata *Penny* estava...

– Onde está a *Penny*? – perguntei.

– A dormir em cima da cama – respondeu Janice.

– Não nesta cama.

– Estava aí há um minuto.

– Veja no seu quarto – pedi. – Vou verificar a casa de banho.

Janice espreitava debaixo da cama quando entrei no quarto dela.

– Merda! Ela desapareceu – disse eu.

– Ela não pode ter saído – retorquiu Janice, levantando-se e sacudindo o pó das calças de

ganga. – As portas estão fechadas e as janelas também.

– Mas saiu.

– A Chloe vai matar-me – disse Janice.

– Provavelmente, mas a Chloe também não está aqui – concluí.

– Acha que há alguma ligação?

– Estamos na Cidade das Bruxas a arranjar maneira de fazer regressar uma vila mágica à nossa dimensão. Acho que está tudo ligado.

O olhar dela desviou-se para as portas de correr. Janice arregalou os olhos castanhos.

– O que foi? Há algum problema? – perguntei.

Ela atravessou o quarto a correr e inclinou-se junto das portas.

– Está a ver aquilo? – disse ela, apontando para a calha metálica que servia de apoio às portas.

– O chão? A esquadria das portas?

– O brilho.

– Merda! – exclamei. – Diga-me que está a brincar.

– Não estou a brincar. O chão está repleto de brilho verde-árvore, verde-amarelado e púrpura.

– Ela levantou-se e correu para o roupeiro. – Abriu a porta. – Mais brilho púrpura. Este sítio está infestado de fadas.

– Com essa conversa, não admira que haja um problema entre vós.

– Não acha mesmo que está a ser engraçado, pois não?

Eu achava que sim, mas, aparentemente, este não era o momento indicado para explicar o pendor da minha família para o humor negro.

– Consegue identificar alguém?

Ela abanou a cabeça.

– Estas cores são todas novas para mim. Só podem ser daqui. – Janice levantou-se e agarrou na costura da sua *T-shirt* rosa-choque. – Você sabe o que isto significa.

Com os diabos, pois. Eu era polícia, não era?

– Ou as fadas se reinstalaram aqui depois de os problemas com as bruxas terminarem...

– Ou algumas nunca partiram, para começar – concluiu ela por mim.

– E agora a Chloe desapareceu.

– E a *Penny* – acrescentou Janice.

– Não quero saber da...

– Sim, quer.

Ela tinha razão. Eu queria saber. A gata *Penny* estava inextrincavelmente ligada a Chloe e a Sugar Maple e talvez a Salem.

– Pegue nas suas coisas – ordenei. – Temos de encontrá-las já.

– Eu não saio daqui.

– Não pode ficar aqui sozinha.

– Você não pode obrigar-me. Tenho poderes mágicos, se é que se esqueceu.

– Fie-se nisso – comentei. – Quer goste quer não, é melhor ficarmos juntos. – Suavizei o meu tom. – Você sabe que tenho razão, Janice.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

– Eu não sei nada.

Pousei a mão no ombro dela por instantes.

– Nem eu.

Concordámos que se impunha concentrarmos os nossos esforços em encontrar Chloe. *Penny* não saíra por uma porta para animais nem se escapulira enquanto nós recebíamos a correspondência. A gata executara uma fuga digna de Houdini. Encontrá-la-íamos quando ela quisesse e não antes.

E, a menos que me enganasse, ela estava com Chloe.

– O detetive é você – disse Janice. – Por onde começamos?

– Tente a chama azul – sugeri. – Veja se a Chloe responde.

Janice pôs as mãos em concha, concentrou-se e deu um grito quando as chamas azuis lhe subiram pelos braços até aos ombros.

Eu não sabia se havia de deitar água por cima dela ou fazer um exorcismo.

– É a primeira vez – disse ela, descrevendo círculos com os braços como um moinho de vento.

– Passemos à segunda fase. O tempo está a passar – avisei.

Ela correu para o quarto, encheu um grande saco com várias coisas e em seguida pendurou-o ao ombro.

– Estou pronta.

Mas havia um problema: eu não conseguia abrir a porta.

– Merda! – protestei, manuseando o puxador. – A maldita gata fechou-nos aqui.

Janice tentou reprimir um sorriso.

– Você não pensa mesmo que foi a gata.

– Ai não que não penso. Estamos aqui. Ela não está. Faça as contas.

Outra coisa que um cão normal nunca faria.

– Deixe-me tentar. – Janice agarrou no puxador, tentou fazê-lo girar e depois soltou um chorrilho de pragas.

Okay, havia duas portas. Podíamos usar a do quarto dela.

Mas essa porta também estava trancada.

– Podíamos sair pela janela. A varanda fica a três metros do chão.

Bastava saltar.

Janice ficou horrorizada.

– Espere aí – pediu ela, e desapareceu numa nuvem de fumo roxo.

Dois segundos depois, a porta do quarto abriu-se e eu vi um pássaro preto e branco, com um bico afiado, do outro lado. O pássaro era elegante.

– Janice?

Isto nunca mais acabava.

Perderam-se algumas penas no processo, mas ela conseguiu voltar ao seu aspeto normal.

– É assim que se abre uma porta – explicou ela.

– Dispensa o uso de uma chave – admiti. – Mas porque não me fez sair consigo por artes mágicas?

– Ainda não domino essa técnica. Provavelmente, destruiria os seus átomos e enviaria metade de si para o outro mundo.

As escadas ficavam no extremo oposto do caminho. Estávamos quase a chegar quando um uivo atravessou o ar e eu vi a gata *Penny* empoleirada no parapeito sobranceiro ao parque de estacionamento.

Janice fez menção de se dirigir a ela, mas eu retive-a.

– Espere – avisei-a. – Pode ser uma armadilha.

– É a Penny.

– Talvez, mas ontem aquela gata passou das marcas. Aposto que isto faz parte do plano dela.

– Ela limitou-se a subir a uma árvore, MacKenzie. Esqueça isso.

– Ela deixou-me numa espécie de coma, Janice.

– E agora você está bem. Onde quer chegar? – perguntou ela na minha cara. – Estamos a falar da Penny. Ponha de lado as suas limitações humanas e pense nisso. Se acontecer alguma coisa à Penny, a Chloe ficará destroçada.

– Ela tem mil anos. – Eu estava a exagerar mas não muito. – Sobreviveu a guerras, epidemias, et cetera. Uma tarde ao sol em Salem não a matará.

E se matasse? Desde que conhecia Chloe que vira o impossível acontecer todos os dias. Só porque alguma coisa não acontecera antes isso não queria dizer que não acontecesse hoje.

– Está bem – concordei. – Levamos a gata.

Outro uivo no momento exato. Olhei para Janice e ergui as sobranceiras o melhor que pude, à moda de Spock

Não havia nada pior que ser gozado por um gato.

– Já ganhaste o dia, bafo de salmão – disse eu, dirigindo-me lentamente para ela.

Ela bufou baixinho.

Janice enfiou a mão na algibeira e tirou um bocadinho de pão.

– Anda, *Pen*. Tu sabes que adoras isto.

Se adorava, esquecerá-se. A gata começou a andar devagarinho, num passo furtivo, ao longo do parapeito.

– Aqui, bichana. – Senti-me um idiota, mas talvez resultasse. – Aqui, bichana.

O olhar de troça de Penny deixou-me crispado.

– Faça alguma coisa – exigi a Janice. – Você é que tem poderes. Lance um feitiço sobre ela.

– Não posso.

– Não pode o quê?

– Os poderes da Penny são mais fortes que os meus na melhor das hipóteses. Além disso, todo aquele problema da chave esgotou as minhas reservas. Neste momento, não tenho nada.

Precisamente o que eu precisava de ouvir.

Penny deitou-me um olhar penetrante, soltou uma bola de pelo que faria inveja a um leão da montanha e saltou do parapeito para o declive relvado lá em baixo. Sacudiu o pelo, examinou a pata dianteira direita e em seguida desceu lentamente.

– Eu não acredito! – Janice precipitou-se para a bola de pelo em cima do parapeito.

– Ela solta uma todos os dias – afirmei, acrescentando isto à lista das coisas que os cães não fazem. – Acho que não é preciso alertar os média.

– Esqueci-me que você não consegue ver.

– Vejo o suficiente.

– Você não percebe. – Ela olhou para o monte nojento de pelo molhado como se este fosse um diamante raro. – Há brilho em todo ele.

Não percebi logo.

– Como o brilho das fadas, quer você dizer?

– Exatamente como o brilho das fadas. – Janice fitou-me. – Elas estavam a servir-se da *Penny* para nos deter.

– Fala no passado?

– Podemos ter esperança.

– Eu vou atrás dela.

– E eu vou atrás de si.

Subi para o parapeito, baixei-me o mais possível e depois saltei.

– Não tem importância – gritou Janice atrás de mim. – Eu desço pelas escadas.

Penny era mais lesta do que aparentava. O que nos parecia um vulgar passeio a pé era de facto uma correria vertiginosa. Desatei a correr, mas, por muito depressa que me deslocasse, não conseguia encurtar a distância que nos separava.

Para onde ia ela? Os gatos detestavam água. Se ela continuasse a correr daquela maneira, candidatava-se a um grande banho.

Acelerei.

Ela fez o mesmo.

Mais cinquenta metros e ela estaria dentro de água.

Correção: ela não estava dentro de água, estava sobre a água. Sentada na água, mais precisamente, a lambar a pata dianteira esquerda entre bocejos ociosos.

Raios, aquela gata era boa.

Entre na água. Estava fria à moda da Nova Inglaterra, ou seja, suficientemente fria para fazer estalar alguns ossos. Com um simples passo, a água que me dava pelos tornozelos cobriu-me a cabeça e eu comecei a andar. *Penny*, que continuava a lambar o pelo com naturalidade, não prestou atenção. Comecei a nadar *crawl* sem dificuldade. Não sabia o que faria quando chegasse ao pé da gata mas primeiro tinha de lá chegar.

Mais seis metros... três... um metro e meio...

Penny deixou de lambar o pelo.

– Vá lá, rapariga – segredei. – Não te irrites. O Timmy está encurralado na mina.

Um cão teria compreendido a piada.

Penny levantou-se. Espreguiçou-se. Aproximei-me mais, inclinando-me para que o meu ombro esquerdo ficasse encostado a ela. Os gatos adoravam sentar-se nos ombros das pessoas. Eu tinha visto *Penny* a rondar o ombro de Chloe um milhão de vezes.

As unhas dela eram afiadas como navalhas quando ela entrou a bordo. Cheirava mesmo a salmão.

– Pensaste na Jenny Craig ultimamente? – murmurei, esforçando-me por mantê-la acima do nível da água.

Ela bateu-me com uma pata indolente.

– Apanhou-a! – gritou Janice da margem. – Não a deixe fugir!

Senti qualquer coisa a mexer-se debaixo de mim. Pelo rumo que as coisas levavam, talvez fosse uma grande baleia branca. Tentei afastar-me do seu caminho, mas ela aproximou-me mais e tocou-me nas pernas. Aliás, eu tinha a certeza de que havia mais do que uma, fosse lá o que fosse aquilo.

– Vá lá! – berrou Janice. – Qual é a demora?

Raios! O que diabo se passava? Tentei libertar-me com as pernas, mas uma mão – pelo menos

eu julgava que era uma mão – agarrou-me o tornozelo direito e puxou. Esperneeí com o pé esquerdo, mas uma mão agarrou também o tornozelo desse lado.

Eu começava a sentir-me como o osso da sorte no Dia de Ação de Graças.

Felizmente, eu tinha uma coisa que os ossos da sorte vulgares não tinham: o feitiço protetor que Chloe urdira à minha volta na autoestrada. Talvez bastasse eu deixar-me levar e ver aonde ia parar.

E talvez eu ainda acreditasse no Pai Natal...

As mãos puxaram-me os tornozelos com mais força e mergulhei. O que diabo era aquilo? De olhos abertos e através da água turva e salgada, vi sereias a flutuar por baixo de mim, enquanto *Penny* se debatia desesperadamente lá em cima, com a boca escancarada num uivo silencioso.

As sereias agarraram-me pelas pernas, o que noutra contexto poderia não ser tão mau. Olhei como pude para a luz difusa e vi Janice a debater-se a poucos metros de *Penny*, completamente em pânico. Estava enrolada numa rede de pesca.

Esperneeí, mas as sereias eram persistentes. Enrolaram-se à volta das minhas pernas como cracas e começaram a puxar-me mais para o fundo. *Penny* agarrara-se à rede que envolvia Janice e olhavam ambas para mim, o humano residente, pedindo ajuda.

É difícil destruir os condicionamentos culturais. Eu nunca tinha batido numa mulher na minha vida e, se o fator curva era um indício, as sereias que me rodeavam eram sem dúvida mulheres. Mas quando as mulheres em questão tentavam matar-nos, a coisa mudava de figura.

Esperneeí com força. Duas sereias, uma morena e outra loura, soltaram-me e não foi preciso mais nada. Lancei-me através da água subitamente quente e turva para o local em que avistara Janice e *Penny*. Os meus pulmões ansiavam por ar. O meu cérebro era um mar de algas. Continuei a avançar, rezando para que a primeira coisa com que chocasse fosse uma feiticeira ruiva de Sugar Maple e não um tubarão com um fraquinho por B negativo.

Os meus dedos roçaram em qualquer coisa fina que parecia uma corda. A rede de pesca! Agarrei-me a Janice, que se debatia, e ignorei o facto de *Penny* estar a transformar-se numa sanduiche de gato no meio de nós porque, de repente, aquelas sereias vieram por trás de mim e empurraram-me.

Sabem como nos sentimos quando estamos à beira de um precipício e olhamos lá para baixo?

Isto era pior.

Janice, a gata *Penny* e eu descíamos vertiginosamente para o fundo do mar como se fôssemos propulcionados a jato. Curiosamente, a descida era suave, como se nos deslocássemos dentro de um tubo de ar.

O que, como se verificou, era verdade. Eu não sabia quanto tempo duraria a bolsa de ar, mas os meus pulmões inspiravam o máximo que podiam. Chamei a atenção de Janice, mostrei-lhe que respirava e em seguida passei um dedo pelos bigodes de *Penny*. Ela abriu a boca para protestar e o ar de surpresa na sua cara de felino quando começou a respirar foi impagável.

– Luke! – A voz de Janice era fraca e roufenha. – O que está a acontecer?

– Não sei – respondi e avisei-a que não gastasse oxigénio a falar.

Quando nos encontramos a rodopiar no fundo do mar dentro de um túnel de ar, as coisas fogem bastante ao nosso controlo.

Era o mesmo que ir ao Oceanário mas com uma diferença: nós é que estávamos no tanque grande. Era demasiado cedo para o bodião, mas o bacalhau, o peixe-galo de olhos grandes e o

sereno e galefim repararam em nós. Eu não acreditava que *Penny* voltasse a olhar para a sua lata de peixe especial *Fancy Feast* da mesma maneira.

Começava a interrogar-me se acabaríamos por ser empurrados para a boca de uma baleia, quando a trajetória se alterou de repente e o tubo se encheu de uma luz branca e brilhante e, quer gostássemos quer não, começámos a dirigir-nos para ela.

CHLOE

Nada preparava uma rapariga para ser arrastada no interior de uma tromba de água. Não me interessa quantas vezes viram *Twister*: observar a Helen Hunt e o Bill Paxton a agachar-se debaixo de uma ponte não ajuda nada.

Ou seja, quem teria esperado que o impacto fosse mais suave do que um murmúrio? Ou que a sensação de trespassar o funil se assemelhasse a entrar num daqueles jacúzis fantásticos como Janice instalara no *spa* do seu salão? A água era macia como seda e cheirava a alfazema e a pinho. Quente... leve... profundamente relaxante. Se Janice conseguisse aproveitar esta sensação para o seu *spa*, o mundo seria dela.

A luta deixou-me numa enorme prostração e recostei-me no casulo de calor que por acaso era uma gigantesca tromba de água. Ninguém em seu perfeito juízo desejava passar um segundo sequer no epicentro de qualquer tempestade, muito menos uma tão potencialmente mortífera como um tornado alimentado por água, mas a sensação de paz que eu experimentava era inebriante. Pretendia aproveitá-la ao máximo.

As palavras Não te preocupes ecoaram dentro de mim como um mantra. A minha ansiedade em relação a Luke, Janice e à gata *Penny*, em relação a Sugar Maple e aos amigos que eu adorava e ao nosso futuro comum havia desaparecido.

De repente, percebi que estava a ser transportada por um exército de tricotadeiras, dúzias delas, todas em traje de época, espíritos irmãos de há muitos séculos. *Hippies* e jovens mundanas dos anos vinte, Gibson Girls e beldades da Guerra Civil, colonos e pioneiros rústicos. Eles davam as mãos e evitavam que me afundasse. Murmuravam o meu nome como uma litania em tons que eram ternos, amáveis e estranhamente reconfortantes. Tentei falar, mas nenhum som saiu da minha boca. Só se ouvia o afluxo suave das suas vozes a encher os espaços onde a água não estava.

O meu sentido de orientação era suspeito na melhor das hipóteses, mesmo com a ajuda de marcos, placas toponímicas e GPS. Despejassem-me num mar agitado azul-aço que, para mim, era o mesmo que estar em Marte. A terra firme não passava de uma recordação. O céu misturava-se com o oceano. O oceano era absorvido pelo céu. Eu não sabia se voava ou se me afogava. Só sabia que estava em segurança.

Afastava-me à deriva, arriscando-me a desaparecer por completo, quando um raio de luz prateada atravessou todo aquele vazio e um pequeno farol preto e branco se ergueu ao longe.

A minha mente encheu-se de ruído branco. O meu coração resvalou para as costelas. Sustive a respiração. Toda a adrenalina que não me enchera as veias quando vi aquele funil de água se libertou nesse momento. Era como se o meu estômago vazio tivesse consumido duas panelas de café expresso. Não estava propriamente assustada, mas encontrava-me num estado de alerta quase doloroso.

O farol aproximou-se. Exceto no tamanho, era idêntico à réplica *kitsch* de três metros de altura que se erguia no centro de Sugar Maple. Sempre me interrogara sobre o seu significado, mas

atribuíra a sua presença a mais uma singela homenagem a Salem, tal como os nomes que havíamos escolhido para as ruas e para a ponte.

Um caminho rutilante de ouro e prata saía da base do farol. Levantei-me, equilibrando-me sem esforço sobre as ondas espumosas e avancei para ele. Desejei que Luke estivesse ali comigo e ao mesmo tempo fiquei satisfeita por ele não estar. Não me lembro de caminhar, mas encontrei-me em frente de uma porta caiada de branco com um batente baço em forma de âncora.

Bati duas vezes, como se estivesse no meio de um daqueles filmes onde todos exceto a heroína sabiam o que a esperava do outro lado da porta.

Não és obrigada a fazer isto. Podes usar a tua magia e partir.

Estaria a mentir se dissesse que não pensei nesta hipótese. Nunca fora uma grande fã do desconhecido. Se seguisse o meu caminho, o futuro chegaria com um atrelado que nos permitiria ver as atrações vindouras.

Levantei o batente para insistir quando ouvi uns passos arrastados do outro lado da porta e uma voz de cana rachada a resmungar qualquer coisa que me pareceu: «Calminha. Não tenho asas nos pés como outros que eu conheço.»

A porta abriu-se. A princípio não vi ninguém, mas depois os meus olhos pousaram numa mulher muito pequena e rechonchuda de face rosada e engelhada e o cabelo espetado cor de ranúnculo.

– Levas trezentos anos a aparecer e esperas que eu corra para a porta assim que bates. Bem, menina, não é assim que as coisas funcionam por aqui.

– Desculpe, mas não era essa a minha ideia – disse, eriçando-me com o tom dela.

– Oh, que descarada me saíste. – Ela mirou-me com uns olhos enormes castanho-escuros. – Não exatamente o que Ele Próprio espera.

Ele Próprio?

– Então, não foi a senhora que me trouxe para aqui?

A gargalhada dela foi uma mistura de cacarejo e de canto de galo.

– Não sou pessoa para arranjar sarilhos quando os que existem em casa já bastam. Foi Ele Próprio e talvez se arrependa.

– Posso entrar?

Dei comigo numa casa de entrada do tamanho de um selo postal.

– Chamo-me Chloe – disse eu, estendendo a mão direita.

Ela ignorou-a com um ar de desprezo.

– Eu sei quem és. Tens sorte por não ser demasiado tarde.

– Demasiado tarde para quê?

– Como se tu não soubesses.

– Eu não sei.

– Espera aqui e não toques em nada que não seja teu – advertiu ela.

O que praticamente incluía tudo, exceto a roupa que eu trazia no corpo.

Eu nunca tinha entrado num farol. O cheiro a maresia era forte e uma névoa indistinta conferia um brilho vidrado às paredes de tijolo exposto. Uma escada de caracol dominava o espaço, e ri-me, admirada, quando a velha rodopiou à volta dela como fumo a subir por uma chaminé.

Deixei de rir um segundo depois quando foi a minha vez de ser projetada para o lado, a rodopiar, através de uma porta de madeira pintada de branco, e entrar no que parecia ser a sala de espera de um dentista do século XVIII.

Pouco depois, o lado da parede abriu-se como um fecho de correr e Luke, Janice e *Penny* entraram às cambalhotas numa onda espumosa de água do mar que se espalhou no chão e me chegou aos tornozelos.

– Luke!

A expressão dele quase me fez esquecer que estávamos fechados num farol no meio do mar.

Ele abraçou-me com tanta força que eu mal conseguia respirar.

– Estava com medo de te ter perdido.

– Impossível – segredei-lhe ao ouvido. – Isso nunca vai acontecer.

Penny, que nos estivera a observar, escolheu esse momento para soltar uma bola de pelo de proporções verdadeiramente monumentais.

– Comentário editorial – disse Janice. – É melhor terem cuidado ou eu faço o mesmo.

Luke e eu separámo-nos com relutância.

– Alguém faz ideia do que está a acontecer? – perguntei.

– Íamos perguntar-te o mesmo – declarou Janice. – Como vieste aqui parar?

Encolhi os ombros com naturalidade.

– Apenas a tua habitual onda de maré e um esquadrão de operacionais da marinha do sexo feminino.

– Nós podemos bater isso – disse Luke com um sorriso. – E que tal meia dúzia de sereias arrasadoras?

Janice deitou-lhe um olhar fulminante.

– Sereias arrasadoras? – perguntou ela. – Em que mar esteve você?

– Você viu-as – disse ele. – Coelhinhas da *Playboy* com barbatanas.

Desta vez, Janice não foi capaz de conter o riso.

– Olá! Bea Arthur com barbatanas? Angela Lansbury nua da cintura para cima e com cauda?

A Bruxa Má do *Feiticeiro de Oz* sem a sua... – Ela perscrutou-o. – Chegou a ver-lhes a cara?

– Não – respondeu Luke. – Elas estavam de costas.

Janice agitou as mãos no ar formando uma espécie de oito e um ecrã abriu-se à nossa frente.

Eu não tencionava perder isto. Posicionei-me diante do ecrã, mesmo ao lado de Luke.

Ali estava ele claramente em alta definição, a lutar contra a corrente ao mesmo tempo que tentava salvar *Penny*, quando apareceram seis sereias flexíveis e sinuosas vindas das profundezas obscuras que o puxaram para baixo. Era fácil perceber porque é que os marinheiros deixavam que os seus barcos se despedaçassem nos rochedos só para estarem junto delas. A sedução atravessava todas as fronteiras. Senti o beliscão desagradável do ciúme.

Ainda estamos a divertir-nos?

– Presta atenção! – disse Janice piscando-me o olho. – Não queiras perder a grande revelação.

– Isto não vai acabar bem, pois não? – perguntou Luke em surdina quando as sereias se dirigiram em espiral para a câmara.

– Oh, acho que acaba lindamente – respondeu Janice, desatando a rir outra vez.

Ela tinha razão. A sereia com a longa cabeleira dourada era uma sócia de Bea Arthur. A ruiva podia ter sido irmã gêmea de Angela Lansbury. Achei que a morena fazia lembrar velhos

recortes de jornais de Mamie Eisenhower, mas teria de ir ao Google para me certificar.

– Não tenhas tanta pena de ti próprio, mas os espíritos têm sentido de humor – disse eu, fazendo um grande esforço para não me rir.

– Não sei bem se isto tem graça, mas nos quartos do motel havia sinais de infestação de fadas.

O meu riso cessou depressa.

– Eu vi brilho na loja de antiguidades.

Falei-lhes do Ataque das Rodas de Fiar.

– Reconheceste algum sinal de brilho? – perguntou Janice.

Abanei a cabeça.

– E tu?

– Ninguém, mas tenho a certeza que reconheci dois ramos: os Weaver e os Oliver – respondeu Janice.

Os Weaver eram os donos da Estalagem de Sugar Maple e, até Luke chegar à vila, a família figurava entre os meus melhores amigos.

– Os Oliver são a nova família que veio de Ottawa, não são?

Janice fez um sinal afirmativo.

– Eu conheço-os – disse Luke. – Está a insinuar que os Oliver podem ser sócias?

– Estou apenas a dizer que existe uma ligação entre os Oliver e as marcas brilhantes de Salem – esclareceu Janice.

Um exame rápido da sala não revelou nada.

– Há quanto tempo estás aqui? – perguntou-me Janice.

– Há mais uns segundos que vocês – respondi. – Viste aquela porteira velha de cabelos amarelos?

– Só as sereias do Luke – disse Janice piscando ostensivamente o olho.

Luke levantou-se e verifiquei que estávamos todos mais ou menos limpos e enxutos. Mais tarde pensaria como. Neste momento, sentia-me aliviada por ter menos um problema. O olhar dele passeou pela sala daquela sua maneira metódica, enquanto nos punha ao corrente das informações sobre o Farol de Bramford que recebera da operadora turística.

– Acha que é onde estamos? – perguntou Janice.

– É uma aposta bastante segura. – Ele andava de um lado para o outro no pequeno espaço de espera. – Seria de esperar que aparecesse alguém para nos dizer alguma coisa.

– Não dirias isso se tivesses encontrado a Ranúnculo. – Falei-lhes um pouco da governanta rabugenta e da sua preocupação com Ele Próprio.

– Ele Próprio? – estranhou Luke. – O que diabo é isso? Demos à costa em Massachusetts ou em Ballycastle?

– Quem sabe? – retorqui. – Podemos estar em qualquer lado.

– Ainda estamos em Salem – afirmou Janice. – Sinto isso à nossa volta.

– Estamos sozinhos? – perguntou Luke.

Janice hesitou.

– Não exatamente.

– Não são as fadas – disse eu, sentindo o afluxo de adrenalina.

– Não creio – respondeu Janice, olhando à nossa volta. – A menos que elas tenham inventado brilho invisível.

– Então, quem? – perguntou Luke.

Não foi preciso esperarmos muito pela resposta.

LUKE

Chloe foi a primeira a desaparecer no cimo da escada de caracol. Um segundo depois, Janice rodopiou à volta da estrutura curvilínea. *Penny* desatou a correr atrás delas pelos seus próprios meios.

Depois, foi a minha vez.

Eu já tinha sido transportado. Sabia que me sentiria como uma frigideira de ovos mexidos quando aquilo acabasse. Mas, se retirássemos o fator surpresa-vergastada-medo, até era fixe, um pouco à maneira de Harry Potter.

Uma amostra de mulher esperava ao cimo da escada. A cara dela parecia uma maçã ressequida. O cabelo era amarelo-pastel. Ao pé dela, alguns criminosos que eu tinha conhecido pareciam amistosos.

Ela separara Chloe do grupo no outro lado da sala redonda. Janice e eu ficámos, constrangidos, ao cimo da escada.

– O que te disse eu? – perguntou a velha, ralhando com Chloe, que estava imóvel. – Nem penses em mexer um músculo, rapariga.

Dei um passo em frente.

– O que diabo está você...

Má ideia. Um choque elétrico atravessou-me o corpo e deixou-me estatelado no chão, aos pés de Janice.

Chloe virou-se para a porteira e disse:

– Toque-lhe outra vez e eu prego consigo na próxima dimensão. – Das pontas dos dedos saíram chispas que sublinharam a ameaça dela.

– Ele é humano – disse a velha. – Não tem lugar aqui.

– Eu sou meia humana – ripostou Chloe. – Tenho lugar aqui?

A velha abriu a boca mirrada para falar mas parou de repente.

É tudo, Elspeth. Agora podes sair.

A voz era de barítono e encheu a sala. Olhei à volta, à procura de altifalantes, mas não me admirei de não ver nenhum.

Janice fez um pequeno ruído e cruzou os braços. *Penny* levantou-se e descreveu um círculo à volta da sala. Os olhos de Chloe abriram-se um pouco mais quando me fitou por cima do cabelo amarelo e encrespado da velha.

Ela também não sabia o que estava a acontecer. Raios!

– Não me diga o que devo fazer passados todos estes anos – declarou a velha. – Não suportarei a presença de um humano exceto se souber porquê.

Basta, Elspeth. A voz parecia empurrar as paredes para fora com a sua força.

Elsbeth, furiosa, assobiou como uma panela de pressão. Senti o calor a três metros de distância. Chloe avançou para o meio de nós, quase desafiando a velha a retirar-se.

– Tu não mandas nada aqui, rapariga – disse Elspeth, agitando um dedo nodoso na direção de

Chloe. – Não julgues que podes aproveitar-te de Ele Próprio só porque perdeste Sugar Maple e precisas...

Elspeth! A sala abanou com a intensidade da voz dele.

A velha de cabelo amarelo desapareceu antes que o som se dissipasse.

Penny farejou cautelosamente o sítio em que a velha se encontrava e afastou-se à pressa.

– Ela não se foi mesmo embora – disse Chloe, baixando-se para coçar *Penny* atrás da orelha direita. – Escutem.

Demorou um pouco, mas ouvi a voz da mulher a criar suaves torvelinhos de som sem significado.

– Ela está a tornar-se invisível. Uau! – exclamou Janice.

– Eu sei – disse Chloe. – Estou a anos de distância de experimentar sequer.

– A invisibilidade? – indaguei. – Como a nave *Klingon Bird of Prey* em *Star Trek*?

Chloe fez um sinal afirmativo.

– Mas nós fomos os primeiros a pensar nisso.

Outra coisa a lembrar-nos que já não estávamos no Kansas.

– Quanto tempo acham que vão fazer-nos esperar? – perguntei a Janice e Chloe.

– Quem sabe? Agora tudo depende deles – respondeu Chloe.

Chloe, a mestra de zen calma e paciente? Eu levaria algum tempo a habituar-me.

Chloe encaminhou-se para a enorme poltrona de orelhas azul-acinzentado que se encontrava de canto junto de uma das três janelas visíveis. No assento estava um livro aberto virado para baixo. Um cesto de lã amarelo-limão ocupava o espaço entre a poltrona e a parede, com um par de agulhas de tricô em marfim, muito compridas e espetadas no meio da lã.

– Isto está completamente errado – declarou ela, retirando as agulhas e colocando-as sobre a lã.

– Porquê? – perguntei. – Parece o sítio lógico para arrumar as agulhas.

– Se quiseres cortar a lã e destruir uma amizade.

– E arrasar a floresta tropical? – perguntei.

– Estou a falar a sério – afirmou ela. – Se alguma vez começares a tricotar, não faças isso.

O perigo não era grande neste ponto.

Estantes curvilíneas abraçavam uma grande extensão de parede. Chloe apressou-se a investigar.

– *Moby Dick*. Primeira edição com encadernação de couro – constatou passando um dedo pela lombada. – Não adoras isto?

Encolhi os ombros. Eu era mais um fã de Tom Clancy / Robert B. Parker.

Ela continuou a examinar a estante.

– *O Velho e o Mar*, de Hemingway, *A Tempestade Perfeita*, de Sebastian Junger, encadernado e em edição de bolso. Uma pilha de diários de bordo sabe-se lá de quando. – Ela inclinou-se e tirou um montão de revistas da prateleira do fundo.

– Janice! – A voz dela era praticamente um guincho. – Revistas de tricô! Incluindo...

– *Interweave Knits*, primavera de dois mil e quatro? – perguntou Janice. – Aquela que traz a camisola da Marilyn na capa?

– Essa mesmo.

Chloe e Janice iniciaram a versão das tricotateiras da dança de júbilo, o que, considerando que

nos haviam levado à força para um farol que podia ou não ser real, no meio de um oceano que podia ou não ser real, se assemelhava muito a dançar um *slow* ao som da orquestra do *Titanic*.

Mas talvez fosse só eu.

Tirei uma revista da estante.

– Que autocolante vermelho é este na lombada?

Pelo menos seis revistas haviam sido assinaladas daquela maneira. A minha também tinha um *Post-it* amarelo colado numa das últimas páginas.

Chloe tirou outra da pilha. Folheou-a até chegar a uma página do meio assinalada com um *Post-it*.

Janice fez o mesmo.

Nas três páginas havia referências ostensivas a Chloe ou à Sticks & Strings.

– Não sei se me sinto assustada ou lisonjeada – disse Chloe, voltando a arrumar as revistas na estante.

– Depende de quem está por trás disto – respondi.

Chloe forçou uma gargalhada.

– Tenho a certeza que a velha Elspeth não anda a fazer um livro de recortes para mim.

Infelizmente, a velha Elspeth dera-se a ver e estava ao lado de Chloe com um pergaminho enrolado na mão esquerda.

– Se fosse eu que mandasse, rapariga, voltavas para a tua terra e nunca mais de lá saías.

– Força! – Chloe nem pestanejou. – Mande-nos de volta para Sugar Maple e poupe uns bons quilómetros ao meu *Buick*.

Janice observava a cena enquanto Chloe assumia uma atitude de confronto. *Penny* assistia a tudo do peitoril extremamente estreito de uma janela à minha direita.

Elspeth fez um movimento circular com o pergaminho e um ténue raio de luz desenrolou-se em direção à parte de trás da sala. Ou da frente. Ou talvez de um dos lados. Era difícil dizer, porque a sala em questão era redonda.

– Segue a luz – ordenou Elspeth, agitando o pergaminho –, mas não te esqueças de uma coisa: se tocares num cabelo da cabeça dele, conhecerás a minha ira, rapariga. Não cometas nenhum erro.

– Eu nem sequer sei quem é *ele* – disse Chloe. – Porque havia de lhe fazer mal?

– Eu conheço as da tua laia – retorquiu ela, enxotando-nos. Tive a sensação de que nos morderia as canelas se não andássemos mais depressa. – Agora vai. Ele está à espera.

A velha pronunciou a palavra *ele* da mesma maneira que outras pessoas pronunciavam *Sua Majestade* ou *Sua Santidade*.

– Quem é ele? – perguntou Chloe enquanto seguíamos o raio de luz que acompanhava a curva.

– Um nome vinha a calhar.

A velha fechou a boca carnuda e fez outro movimento com o avental para nos enxotar.

Contornámos a escada. A luz natural entrava pela janela e espalhava-se nas tábuas largas do soalho de pinho.

– Por aqui, Chloe. – A voz de barítono outra vez, mas mais perto. Detetei a leve rouquidão da idade que desgastava os tons melódiosos.

Nesta parte da estrutura, a luz era ensombrada por uma cortina opaca cor de marfim e os meus olhos levaram algum tempo a adaptar-se à mudança. Aqui, o mobiliário era escasso e

resumia-se a uma mesa de pinho escura, uma roda de fiar e alguns cestos cheios de lã.

– Aproxima-te mais, Chloe – convidou o homem com voz de barítono.

Mais do que vê-lo, acima de tudo senti-o, o que foi suficiente. Eu trabalhava num mundo onde o controlo era tudo. Se o perdêssemos, o mais provável era perdermos a vida. Esta situação fugia ao nosso controlo. Uma voz sem corpo detinha todas as cartas e, assim que Chloe desse o primeiro passo, o jogo ficaria na mão dele.

O velho estava sentado numa cadeira de balouço de madeira perto da janela. O lado de policia do meu cérebro registou os pormenores que processaria mais tarde. Vestia umas calças cinzentas desbotadas, calçava umas botas pesadas de operário e uma daquelas camisolas à pescador com muitos torcidos que Chloe adorava tricotar. Ela afirmava que todas as camisolas à pescador contavam uma história. Perguntei a mim próprio qual seria a dele.

O homem parecia um velho lobo-do-mar. A sua pele, tisonada pelo sol, ostentava rugas cavadas. A cabeça estava toda coberta de cabelos brancos que lhe chegavam aos ombros como a juba de um leão. Os olhos eram fundos e encovados. Não consegui distinguir a sua cor do sítio em que me encontrava, mas apostava que eram azuis.

Nos retratos, os olhos de Samuel Bramford eram azuis.

Ouvi Chloe a tomar fôlego demoradamente. Endireitou os ombros, avançou e apresentou-se.

– Olha o que tu fizeste! – Elspeth passou por mim e correu para Chloe. – Ele não devia levantar-se! Ele sabe que não devia levantar-se! Está a exhibir-se para ti.

Elsbeth encostou a palma da mão à testa do homem e cacarejou. Encheu um copo de água que tirou de um cântaro de barro e estendeu-lho, mas não desviou o olhar de Chloe. Ele disse qualquer coisa à sua enfermeira maníaca em voz baixa. Ela virou-se, deitou-nos um olhar fulminante e depois, agitando o avental, desceu a escada, a rodopiar, até ao piso térreo.

O homem pronunciou o nome de Chloe em surdina e os seus olhos fecharam-se. Encostou a cabeça à cadeira. Uma lágrima rolou na sua face desgastada pelo tempo.

– Quem é o senhor? – perguntou Chloe. – Porque nos trouxe para aqui?

Ele abriu os olhos e encarou Chloe.

– Sou Samuel Bramford e o parceiro de Aerynn.

CHLOE

Ouvi as palavras, mas o meu cérebro não conseguiu processá-las.

– Sou o parceiro de Aerynn – repetiu ele e desta vez percebi.

O ar irrompeu de mim como se tivesse levado um murro. Dobrei-me pela cintura e fechei os olhos para me defender da onda de atordoamento que ameaçava deitar-me ao chão como um saco de pedras.

O parceiro de Aerynn... o amante dela... o pai da filha dela... Ele é do meu sangue... do meu sangue!

Ele estendeu-me a mão, mas não consegui mexer-me.

– Não era assim que eu queria que nos conhecêssemos, mas as circunstâncias determinaram essa necessidade – explicou ele.

O meu cérebro começou a fazer as contas.

– O senhor é o meu penta-tetra-tri-bi...

– São demasiadas gerações para contar, filha, mas a ligação é forte e resiste.

Outra vez aquela sensação entorpecedora de assombro.

– És a imagem da Aerynn. – A voz dele embargou-se ao pronunciar estas palavras. – Esperei muito por este momento.

– Sabia da minha existência.

– Muito antes de começares a respirar.

– Sabia o que aconteceu aos meus pais?

Ele fez um sinal afirmativo. Os seus olhos não largaram os meus.

– E nunca...

– Essa decisão foi tomada há muitos anos e não podia ser contrariada.

– Qual decisão? – indaguei. – Alguém decidiu que eu cresceria sem os meus pais? Alguém decidiu que ficaria sozinha? Gostava de saber algo mais sobre todas essas decisões.

– Eu esperava que a transição fosse fácil, mas não temos tempo a perder.

– Transição? – Ouvei o meu nível de decibéis a aumentar. – Qual transição?

Ele olhou para mim como se eu fosse uma filha querida mas atrasada.

– A liderança que passará para ti quando eu finalmente rasgar o véu.

– O que ele já teria feito se não fosses tu, rapariga! – A voz de Elspeth ouviu-se vinda do fundo da escada.

Eu ouvira estas mesmas palavras há uns anos, quando a minha mãe adotiva, Sorcha, se sacrificara e não rasgara o véu para ficar neste mundo e me criar. Eu carregaria o peso desse sacrifício para o resto da minha vida. Recusava-me a carregar também o peso do sacrifício deste desconhecido.

– Elspeth, basta. – Não foi o que Samuel Bramford disse, mas a maneira como o disse. Senti verdadeiramente que Elspeth se retirou de cena.

– Eu não queria vir aqui – disse eu, quase desafiando o velho a contradizer-se ou a

interromper-me. – Queria ficar em Sugar Maple. Esta ideia foi do Luke. Salem não significa nada para mim.

Os seus olhos azul-marinho concentraram-se nos meus.

– Eu sei.

– O senhor não enviou mensagens nem coisa nenhuma para nos influenciar, pois não? – perguntei, agitando os cabelos no ar.

Como humano, Luke teria ficado muito suscetível.

– Se eu dispusesse desse poder, teria desencorajado os três.

– Ainda bem – disse eu. – É bom saber.

– Estás na defensiva.

Eu não disse nada.

– É compreensível. Tu cometeste erros.

Eu cometi erros? Mais uma vez, eu não disse nada.

– Sentes-te atraída pelos humanos e foi aí que não procedeste bem.

– Eu sou meia humana – ripostei. – Partilho o sangue deles.

– Somos iguais na nossa compaixão pelas espécies.

– Não se trata de compaixão – declarei. – É uma questão de sangue.

O suspiro dele fez estremecer a sala.

– Sabes tão pouco da tua herança.

Corei, reagindo à sua crítica.

– A minha mãe e o meu pai não estavam lá para me ensinar. – *Nem tu, aliás.*

– Os meus pais tinham poderes mágicos, mas eu nunca os conheci – disse ele. – Fui criado por um casal de humanos que me aceitou como se fosse um filho.

– Eles conheciam a sua realidade?

– Os meus pais biológicos tinham acolhido os Bramford durante uma revolta índia uns anos antes. Os laços de afeto entre eles eram fortes.

Eu não queria sentir nada por Samuel, mas não consegui conter-me.

– Isso deve ter sido tremendamente perigoso para eles.

Dado o que todos nós sabíamos da mentalidade do século XVII, ter poderes mágicos era o mesmo que casar com o diabo. A descoberta de que eles tinham adotado uma criança com poderes mágicos equivaleria a uma sentença de morte.

– Só me apercebi da dimensão do perigo quando os problemas começaram e Salem se dividiu em fações.

– Ou seja, os humanos contra os mágicos – concluiu Luke. Detetei o leve tom de ressentimento na voz dele.

– Esta luta é intemporal – afirmou Samuel, olhando de relance para Luke – e o mais provável é nunca se resolver. Mas o nosso problema, ontem como hoje, era a magia contra a magia.

– As fadas – rematou Janice. – Acho que a minha avó me contou alguma coisa a respeito disso.

Bramford sorriu-lhe com afeto e, para minha surpresa, senti a punhalada do ciúme. Cravei as pontas dos dedos na palma das mãos para evitar que as chispas irrompessem e chamuscassem a juba de cabelos brancos do velho. Afinal, o que significava tudo isto?

– Uma das razões por que gosto dos humanos é que eles não falam por enigmas. – Reagi como

uma cabra de primeira categoria, mas não consegui conter-me.

– E tu falas antes de pensar – concluiu Samuel. – És muito parecida com a Aerynn em tudo.

Eu sabia que se tratava de um elogio, mas remeti-me ao silêncio. Era mais seguro.

– Ela era voluntariosa e impulsiva.

Bem, afinal talvez não fosse um elogio.

– Não tenho poderes mágicos para fazer com que acredites em mim, Chloe, mas se tens esperança de recuperar Sugar Maple, vais ouvir a minha história.

– Avance – disse eu, cruzando os braços. – Sou toda ouvidos.

– Aerynn é a razão de ser de Sugar Maple e tu és o motivo pelo qual a vila desapareceu – retorquiu.

Se queres pôr a coisa nesses termos...

– Espere aí – interveio Luke, avançando. – O senhor estava aqui num farol enquanto nós lutávamos com Isadora em Sugar Maple. Não faz a mínima ideia do que aconteceu.

Deitei a Luke um olhar de aviso. Samuel Bramford podia ser velho, mas eu tinha a sensação que os poderes dele iam muito para além de tudo o que tínhamos enfrentado.

E havia o facto de, parente de sangue ou não, eu ainda não me ter convencido que ele estivesse do nosso lado. Era difícil distinguir os amigos dos inimigos neste caso sem uma avaliação dos resultados.

– Eu cometi erros – admiti. – Mas as fadas não empurraram a vila para o outro lado do nevoeiro. Disso tenho a certeza.

– E quem disse que o fizeram? – Aparentemente, as palavras de Samuel exigiram-lhe um esforço enorme e dei comigo quase com pena dele outra vez. – Ninguém te roubou Sugar Maple, Chloe. O teu empenho não foi suficientemente forte para a manteres, portanto, a vila foi-te retirada para sua própria protecção.

– Não foi suficientemente forte? – Ri-me na cara dele. – Ninguém gosta mais de Sugar Maple do que eu.

Até então, a minha vida desenvolvera-se dentro dos limites da vila e esperava que fosse sempre assim. Em que mundo tresloucado é que isto constituía um perigo?

– Pensa, Chloe – aconselhou Samuel, encostando a cabeça ao espaldar da cadeira. – Conhece a verdade para que o caminho seja iluminado.

Soltei um gemido.

– Poupe-me a sabedoria da treta, se não se importa.

– Temperança – avisou ele. – Pensa antes de falar, filha, ou nunca alcançarás tudo o que podes.

Agora ele parecia Mr. Miyagi do *Karate Kid* original. Porque tinha de ser tudo lardeado com metáforas e frito em paleio de autoajuda?

– O senhor afirmou que não estou empenhada em Sugar Maple – disse com toda a contenção de que fui capaz. – Quero saber o que isso significa.

Samuel encostou a cabeça ao espaldar da cadeira outra vez e fechou os olhos. Troquei olhares com Luke e Janice. A minha amiga apontou para a escada, mas abanei a cabeça. Tínhamos vindo aqui para obter respostas e eu só partiria quando as soubesse.

Esperámos. Esperámos mais.

– Ele está a respirar? – perguntou Janice em surdina.

Eu não tinha a certeza. Aproximei-me mais.

– Ainda sou desta dimensão.

Dei um salto para trás. Ele tinha os olhos fechados. Não mexera um músculo. Mas a sua voz encheu a sala como uma orquestra filarmónica numa sala de concerto.

– Aerynn era tão sábia como poderosa – acrescentou ele. – Há muito tempo, compreendeu que a segurança total de Sugar Maple dependia do empenho forte e inabalável da sua líder.

O homem tinha o condão de dizer muito em poucas palavras, não conhecia ninguém assim. Senti-me instantaneamente pequena e tola, mas não arrependida. Uma rapariga tinha de definir os seus limites.

– Havia uma dissensão fatal na tua vila – prosseguiu ele. – Tu permitiste que os assuntos do coração te distraíssem.

– Eu lutei com Isadora – sublinhei. – Fui à cascata para impedir que ela levasse a vila.

– Quando viste a criança, perdeste a noção de tudo o que estava para além das suas lágrimas.

Portanto, ele sabia da filha morta de Luke, Steffie, e da luta travada pelo espírito dela. Interessante.

– Eu reagi ao problema que tinha em mãos.

– Enquanto Sugar Maple se esgueirava.

– Eu não sabia que Sugar Maple se esgueirava.

– Uma verdadeira líder saberia.

Por uma vez, calei a boca, mas a verdade é que voltaria a fazer o mesmo. A menina solitária que ainda vivia dentro de mim optaria sempre por ajudar Steffie.

– Não tens nada a dizer em tua defesa? – perguntou ele pouco depois, quebrando o silêncio.

– E o senhor tem? – retorqui. – Ignora-me há quase trinta anos humanos e depois faz tudo o que pode para nos manter afastados daqui...

– Não foi ele – atalhou Luke.

– O Luke tem razão – disse Janice. – Foi a fada local.

Dei meia volta e olhei para eles.

– Onde foram buscar essa ideia?

Janice explicou o que se passara com *Penny* e a bola de pelo brilhante.

– Assim que ela se viu livre de toda aquela porcaria, dirigiu-se para a água e nós fomos atrás dela.

– Foi deliberado – acrescentou Luke. – A gata tinha um plano.

Samuel riu-se.

– Na realidade, eu é que tinha o plano. *Penelope* ajudou-me a executá-lo. Precisava de trazer-te até mim e esta foi a única maneira.

– Então, inventa sereias e ondas de mar é para me trazer aqui? Porque não se limitou a convocar-me para uma reunião de família sem todo este dramatismo?

Ah!, pensei. Experimente desenrascar-se dessa, senhor Feiticeiro.

– A magia antiga é forte e eu estou velho. Usei os meus recursos para libertar *Penelope* e, além de te libertar da estação de serviço, não fui capaz de te proteger de maldades aleatórias. Tiveste de ser tu a desenvenilhar-te.

Maldades aleatórias. Era uma maneira de dizer. Espera aí...

– Está a dizer-me que foi o senhor que me fez sair da estação de serviço? – *Ele está a mentir,*

Chloe. Tu sabes que ele está a mentir.

– Julgaste que foi a tua mãe, não é verdade? – Ele mostrou-se arrependido. – Não foi intencional.

Debitou uma história retorcida qualquer sobre permitir que o meu subconsciente partilhasse uma das suas boas recordações mais fortes com o propósito de me descontraír ao ponto de me libertar do jugo das fadas.

– Lamento se leste mais do que lá estava, Chloe.

Ou seja, pensar que talvez a minha mãe gostasse realmente de mim e velasse por mim?

Janice tinha razão. Eu devia saber melhor.

Obriguei os meus pensamentos a afastarem-se do passado. Já me bastavam os problemas que tinha de esclarecer com ele aqui e agora.

– Então, porque não nos contactou assim que chegámos a Salem? – perguntei. – Porquê todo aquele disparate do tipo capa e espada? Eu e a Janice podíamos ter lançado um feitiço que não envolvesse autoestradas submarinas e trombas de água.

– Se eu vos avisasse, teria aberto um canal para sondas de pensamentos.

– As sondas de pensamentos não precisam de canais.

– Lembra-te que aqui usamos a magia antiga. Não podia arriscar-me a que colocassem mais um obstáculo no teu caminho.

Fui obrigada a reconhecer este mérito ao velho: tinha resposta para tudo.

– E o senhor acredita que ficar no meu caminho me ajudará a recuperar Sugar Maple.

– Ficares no teu caminho ajudar-te-á a recuperar Sugar Maple.

– A minha terra natal.

– A tua herança.

– Sugar Maple é a minha herança.

– Não! – Os olhos dele abriram-se e uma explosão de luz iluminou a sala. – Sem isto, não tens nada.

CHLOE
SALEM, 1692

A cabana cheirava a feno e a ovelhas, a maresia e a fumo de lenha. Atravessei a porta com a facilidade de um espírito e instalei-me em cima da mesa de tripé encostada à parede do fundo, toscamente estucada, da sala.

A neve pesada cobria as portadas fechadas, mas o fogo que crepitava na lareira enorme tornava a habitação surpreendentemente agradável e luminosa. Junto da lareira, um gato preto rebolado dormia tranquilamente em cima de um cesto de lã.

– *Penelope?*

Não era possível. *Penny* estava estendida nos ombros ossudos de Samuel quando eu saí.

O clone de *Penny* levantou a cabeça ao ouvir o seu nome, piscou um enorme olho dourado e voltou a adormecer.

Senti um arrepio na espinha quando percebi o que se passava. *Isto está mesmo a acontecer*, disse eu com os meus botões. *Eu estou onde tudo começou*.

Aquela era a minha *Penny* e não era, e obviamente eu não era a única que conhecia a diferença.

Samuel não tivera forças suficientes para me acompanhar nesta viagem ao passado nem para mandar Luke ou Janice comigo. Mas a magia de que dispunha era muito forte. Mudei do século XXI para o fim do século XVII num ápice, sem nenhum dos aspetos espantosos que em geral caracterizam o transporte astral.

Senti, mais do que vi, a paisagem para além da pequena cabana caiada. O porto estava repleto de barcos de pesca que se preparavam para zarpar para Stellwagen. Estradas de terra batida conduziam ao centro da pequena vila da Nova Inglaterra que hoje conhecíamos como Salem. O silêncio era denso e profundo, ininterrupto pelo zumbido incessante que assinalava os anos após a Revolução Industrial que ainda estava para vir.

Duas jovens, adolescentes na realidade, entraram na sala com as mãos cheias de véus e de lã. Usavam vestidos simples de lã castanho-claro e aventais brancos por cima das saias rodadas. Uma era pequena, morena e bela como só um membro das fadas podia ser. Tinha uns olhos grandes e verdes como o mar, emoldurados por pestanas escuras que lançavam uma sombra sobre os maldades esculturais. Um rasto fino de brilho roxo-azulado seguia-a quando ela andava.

A outra jovem era alta e magra, com pernas e braços compridos e cabelos louros desgrenhados que lhe saíam de baixo da touca branca engomada. Ria-se ostensivamente e tinha uns olhos grandes e dourados e, por instantes, julguei que o coração deixara de bater dentro do meu peito quando percebi quem ela era.

Aerynn Hobbs.

Aerynn, que levava os perseguidos de Salem para Sinzibukwud.

Aerynn, que era a mãe de todos nós, uma feiticeira cuja magia permanecia lendária e inigualável.

A feiticeira cujo sangue corria nas minhas veias, cujo legado ensombrava a minha própria respiração, todas as decisões que eu tomava, a feiticeira que eu viria a ser.

Eu queria tocar-lhe na mão. Queria olhá-la nos olhos e ver-me refletida neles.

Ela só existe como reflexo. A voz de Samuel estrondeou no meu peito. Não podes contactar com ela.

Mas Penny viu-me, disse eu no meu íntimo. Piscou-me o olho.

Observa e aprende, filha. Aerynn sentou-se à sua roda de fiar, a mesma que pertencera à minha mãe e à mãe dela. A mesma que Janice salvara antes de fugir de Sugar Maple no meu Buick.

– Tens a certeza, Da'Elle? Eu podia preparar o índigo assim que a lã estivesse fiada e conseguir um efeito mais agradável.

A morena abanou a cabeça.

– É lisa que eu quero. Com os problemas que temos, lisa é melhor.

A minha mãe, Guinevere, fora a fiandeira mais dotada que eu conhecera. Mesmo em pequena, eu sabia que estava em presença de alguém muito especial. Mas ver Aerynn à sua roda de fiar era ver a magia acontecer diante dos nossos olhos.

A lã corria através dos dedos dela numa chuva de faíscas douradas e prateadas que eu conhecia muito bem e era transformada num fio tão fino como a teia de uma aranha num abrir e fechar de olhos. Eu era capaz de ficar ali sentada, empoleirada na pesada mesa de pinho, a observá-la para sempre.

Tu és a imagem dela. Vês?

Fiz um sinal afirmativo, sem pretender quebrar o encantamento que me atingia.

– A casa de culto já não é segura – disse a fada de cabelo escuro quando se sentou no banco corrido com as agulhas e o novelo de lã. – Mary Hopson passou a palavra a Willem e disse que temos de ir para debaixo do chão.

– São horas. – Os olhos de Aerynn nunca se afastavam da sua roda. – Temos de partir sem demora, Da'Elle – disse ela, e o meu ritmo cardíaco aumentou. – A loucura está a bater à porta.

– Os humanos possuem uma capacidade ilimitada para o mal – disse Da'Elle. – Expulsam-nos das nossas terras do outro lado do mar e agora expulsam-nos das nossas terras no Novo Mundo. O nosso único recurso é partirmos para o outro lado do nevoeiro, onde pertencemos, e deixar este mundo para eles.

– Pertencemos a esta dimensão – afirmou Aerynn. – Os nossos antepassados assim decretaram.

O rosto encantador de Da'Elle toldou-se.

– E há muito que eles furaram o véu. – O tricotar dela era todo feito de ângulos acentuados e movimentos bruscos. – Eles é que deviam ir atrás dos humanos e matá-los durante o sono.

– Nesse caso, não seríamos melhores do que aqueles que nos oprimiram.

– Mas sobreviveríamos – retorquiu Da'Elle, puxando o fio de lã com força para fazer uma malha. – Não é por isso que lutamos?

Aerynn abanou a cabeça, não disse nada e concentrou-se no seu trabalho. Senti uma onda de apreensão entre as omoplatas. Houve qualquer coisa na maneira como Da'Elle olhou para Aerynn que me gelou o sangue. Conhecia aquele olhar. Sentira o golpe dos seus dentes aguçados.

Isadora, pensei, e senti a verdade nos meus ossos. Isadora era uma das descendentes das belas

e jovens fadas. Estaria eu a assistir ao início da guerra entre as nossas famílias?

– Como está o teu Samuel? – perguntou Da'Elle num tom despreocupado.

– Está bem, obrigada. Deve chegar do mar um destes dias.

A boca de Da'Elle crispou-se.

– Vocês estão apaixonados.

Aerynn corou. Eu sorri com os meus botões. Afinal, aquilo era hereditário.

– Não tentámos esconder nada.

– E o que pensam do assunto do pai humano dele?

– Samuel foi adotado pelos pais humanos quando era bebé – respondeu Aerynn à cautela –, mas eles sabiam desde o início que ele é cem por cento mágico e receberam-no como tal.

O riso de Da'Elle tinha o som do vidro a partir-se.

– E tu acreditaste nisso.

– Eles têm vivido no meio de nós todos os dias desde que existimos. Sabes que isto é verdade, tão bem como eu.

– Tu sabes porque isso é o que Samuel quer que tu saibas.

Pequenas chispas de raiva dançaram nas pontas dos dedos de Aerynn. Ela fincou-os na palma da mão e continuou a fiar.

– É óbvio que ele te enfeitiçou – disse Da'Elle. – Não há outro motivo para que te agarres obstinadamente a essa ideia de migrar para norte.

A gargalhada de Aerynn foi insegura.

– Tenho a certeza que não estou enfeitiçada.

– E isso faz parte do feitiço – concluiu a bela fada. – Ele enfeitiçou-te e tu não te apercebeste.

– Eu amo-o – declarou Aerynn com simplicidade. – Não há aqui magia nenhuma.

A gargalhada de Da'Elle denunciou uma certa amargura.

– O Samuel pode ser mágico, mas em muitos aspetos é mais humano do que feiticeiro.

– Graças a Joshua e Rebecca Bramford, ele viu o melhor que a raça pode dar.

– E agora nós estamos a ver o pior.

Aerynn inclinou a cabeça em sinal de concordância.

– E é por isso que iremos para norte na primavera. Só faltam umas semanas, Da'Elle.

– Os enforcamentos vão continuar. Podíamos estar a dançar no ar muito antes do degelo.

– Acho que temos tempo.

– Precisamos de estar de acordo – avisou Da'Elle, com o brilho a sair-lhe das mãos e dos pés.

– A nossa unidade é a nossa força.

– E a nossa força só aumentará se ficarmos nesta dimensão – disse Aerynn. – Construiremos a nossa vila no Norte, onde estaremos a salvo da perseguição. – Ela parou de fiar e olhou para a companheira. – Todos juntos, como os antepassados queriam, a partilhar o nosso saber e as nossas riquezas.

– A comunidade tem de ser toda da mesma opinião – repetiu Da'Elle. – Foi assim desde o início no País Antigo.

– Eles irão atrás de nós – deduziu Aerynn. – O Norte é a promessa de liberdade.

Da'Elle pousou o seu tricô e fitou a minha antepassada.

– E as fadas podem prometer isso e muito mais do outro lado do nevoeiro.

– Vocês podem fazer muitas promessas, mas só eu tenho o poder de criar uma vila.

– Talvez isso não seja sempre assim e, enquanto viveres nesta dimensão, estarás sempre à mercê dos caprichos dos humanos – concluiu Da'Elle. – Levarás o nosso povo e conduzi-lo-ás à servidão.

– Nunca! – exclamou Aerynn. – A minha magia é forte. Arranjarei uma maneira de proteger a nossa nova terra ao longo do tempo, um feitiço que não se quebrará enquanto existir a nossa vila.

– A tua magia é nova. Os teus poderes ainda não foram testados. – Da'Elle apontou para além da cabana. – No fim, serão eles a decidir o nosso futuro.

E, no fim, foi assim que aconteceu. A voz de Samuel encheu-me a cabeça. Mas esse momento de verdade ainda se encontra no futuro.

E tu e Aerynn? Porque não foram com ela?

Como verás, não era esse o meu destino. Ele expirou devagar. Nem era o dela.

Não acredito nisso. Podiam ter arranjado uma maneira de ficarem juntos. Eram ambos mágicos. Os vossos poderes sobrepõem-se a tudo o que alguma vez conheci. Não me digas que era impossível vocês os dois passarem a vida juntos.

*

O velho era bondoso. Sem dúvida nenhuma. Mal terminei a minha frase, vi-me empoleirada num enorme bordo sacarino atrás da casa. O céu estava escuro e cheio de estrelas. Sem os sons ambiente do século XXI, dei comigo a readaptar-me outra vez ao silêncio profundo de que eles gostavam. O pio distante de um mocho pareceu-me um trovão.

O jovem Samuel foi o primeiro a chegar. Era alto, forte e de uma beleza estonteante. A magia irradiava dele como a luz das estrelas enquanto esperava por Aerynn. O seu rosto sério desfez-se num sorriso afoito quando ela apareceu vinda do lado da casa. Não trocaram uma palavra. Nem era necessário. Senti-me uma *voyeuse* ao vê-los dissolverem-se juntos nas sombras.

Tentei a todo o custo não ouvir, mas os suspiros e os risinhos pintaram um quadro que me deixou destroçada. Às vezes, era preferível não saber o que o futuro reservava.

– O pior está em cima de nós – disse o jovem e atraente Samuel ao abraçar Aerynn. – Os anciães da cidade irão atrás de ti e de todos nós daqui a duas noites e não poderemos impedir que isso aconteça.

Mas tu podes, pensei. Para que servia a magia se não para proteger aqueles de quem gostávamos?

Ouvi Aerynn a encher o peito de ar. Seguiu-se um longo silêncio.

– Partiremos amanhã depois do anoitecer – disse ela por fim. – Isso deve dar-nos tempo para reunir toda a gente.

– Da'Elle não partirá com facilidade.

– Mas virá – disse Aerynn. – As nossas tribos estão unidas há séculos e séculos. O nosso conhecimento provém da mesma fonte.

– Ela irá para o outro lado do nevoeiro com as irmãs.

– Ela virá connosco – disse Aerynn com mais confiança do que eu teria sentido no seu lugar. – Pertence tanto a este mundo como nós. – Senti-a sorrir. – Além disso, tu possuis algo que ela aprecia tanto como nós. Ela irá para onde ele for.

– O talismã? – perguntou Samuel.

– Estamos ligados a ele, todos nós. As fadas sentem o seu forte apelo tanto como nós.

– Mas esse apelo empurrá-las-á para as terras do Norte.

– Para onde for o talismã, iremos nós. Ele manteve-nos juntos aqui nas colónias e manter-nos-á juntos na nossa terra no Norte.

Talismã? pensei. *Que talismã?* Nunca ninguém me falou num talismã.

– Construir uma vila é uma tarefa difícil – disse o jovem Samuel.

– Mas nós somos capazes – respondeu Aerynn. – Juntos, podemos construir um santuário onde ficaremos todos a salvo do mal.

– Os humanos não são o único perigo que enfrentamos. O nosso maior perigo pode vir de dentro.

– Eu não sou parva, Samuel. Vejo com clareza o que nos espera, mas vamos construir o santuário com que sonho e nem o meu maior inimigo se aproximará de nós. Eu sei.

– Não sei ao certo se um sítio desses pode existir neste mundo ou noutra qualquer.

– Pode – respondeu ela. – E vai existir. É o nosso destino.

O plano era simples: o clã de Aerynn reunir-se-ia à saída da cidade na noite seguinte, quando estivesse lua nova. Com Aerynn na posse do talismã, Da'Elle e o seu povo não teriam alternativa e seriam obrigados a segui-la.

– Se acontecer alguma coisa e eu não estiver lá antes do nascer do Sol...

– Chhhiu! – Aerynn encostou os dedos aos lábios. – Não digas isso. Estarás lá comigo.

– Eles vão trazer-me debaixo de olho, Aerynn. Não os conduzirei a ti.

– Eu preciso de ti e não partirei sem ti.

– Sim – disse ele. – Partirás. – Samuel tirou uma pequena bolsa do interior da capa. – Para fazeres a viagem em segurança, só precisarás disto.

Ela espreitou lá para dentro.

– O talismã – disse ela, com a voz embargada. – Ele deveria manter-se na tua posse até partirmos para norte. Ficarás vulnerável.

– Só se me atrasar – disse ele, num tom que não denunciava medo.

– Isto é o fim para nós? – perguntou ela. – É esta a tua maneira de dizer adeus? Porque se é...

Ele silenciou-a com um beijo.

– Eu nunca direi adeus – prometeu ele. – O que sinto por ti é eterno.

Ela empurrou a bolsa para ele.

– Então, leva isto contigo quando nos voltarmos a encontrar.

– Gostava que ficasses com ele.

Por fim, Aerynn concordou, mas o medo estava patente no seu rosto.

– Estarás aqui à hora marcada – pediu ela. – Este é o nosso verdadeiro destino.

– Se eu não estiver, terás de partir sem mim – acrescentou ele.

– Tu nunca...

– Sim, partirás porque eu te peço.

– Samuel! – Parecia um aviso. – Não...

– Ouve. Se eu lá não estiver é porque o motivo é grave. Aproveita o tempo para te afastares de nós. Dirige-te para norte de acordo com a rota que planeámos e eu irei ter contigo assim que puder.

– O deserto é vasto. Como conseguirás?

– Usa o poder do talismã para me chamares e eu seguirei o rasto da magia até nos juntarmos outra vez.

O meu coração sofria pelos dois jovens estouvados. Eu queria acreditar que eles encontrariam o caminho para Sugar Maple e envelheceriam juntos, mas sabia que isso não iria acontecer. Sugar Maple era o destino de Aerynn mas não o de Samuel. Eles descobririam esse facto dentro de pouco tempo.

LUKE

Chloe saíra da sala há menos de um minuto, mas quando voltou eu percebi que tudo mudara.

O velho continuava no mesmo estado de profunda meditação em que mergulhara momentos antes de Chloe desaparecer.

– Conta – pediu Janice, correndo para junto de Chloe. – Onde foste? O que viste?

Chloe tinha o ar atordoado de quem vira coisas que nós só podíamos imaginar.

– Deixe-a em paz, Jan. Ela acabou de chegar.

Chloe olhou para Janice e depois para mim. Percebi que se esforçava por se concentrar em nós, na sala, nesta dimensão da realidade.

– Aerynn – disse ela com uma voz ciciada. – Eu vi a Aerynn.

Descreveu a mulher em pormenor, até mesmo a lâ que fiava na sua roda.

– Caramba! – exclamou Janice. – Com mil raios! Estás a falar a sério?

As duas tricoteadeiras desataram a rir e percebi que uma parte da tensão nervosa abandonava o corpo de Chloe.

– Há mais – acrescentou Chloe, e falou-nos da antepassada de Isadora, Da’Elle, e do início da luta que acabara por formatar Sugar Maple.

Janice crivou-a de perguntas acerca dos cabelos, do vestuário e das competências de tricô de Da’Elle, mas Chloe estava centrada noutras coisas.

– Eles amavam-se – disse ela, referindo-se a Aerynn e ao velho que agora dormitava na cadeira de balouço. – Amavam-se profunda, sinceramente.

– Isso surpreende-te? – Eu não percebia aonde ela queria chegar.

– Aerynn e Samuel amavam-se e mesmo assim acabaram separados. Os meus pais amavam-se e a minha mãe escolheu a morte humana para ficar com o meu pai. – A tristeza do seu olhar atingiu-me como se me tivessem dado um murro no estômago. – Parece que ignoramos o que é um final feliz, MacKenzie. As raparigas Hobbs têm de facto uma incapacidade congénita de acertar.

– Eu não me assusto com facilidade.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

– Talvez devesses assustar-te.

– A Chloe tem razão.

O velho estava acordado e a ouvir tudo.

– Há motivos para se assustar.

– Há sempre motivos para nos assustarmos – admiti, encarando-o. – É a condição humana.

Aprendemos a contorná-la.

Ele concordou. Eu daria a minha conta bancária para saber o que lhe ia no pensamento. Não era todos os dias que um homem se encontrava na presença de um mágico.

– Vou contar-te o que sei acerca da tua situação. – A voz dele tinha a ressonância de um radialista dos velhos tempos. – Depois, digo-te o que precisas de fazer para recuperar Sugar

Maple.

– Não, não vais! – Elspeth subiu a escada a rodopiar como um dervixe amarelo-vivo. – Descansa! – exclamou ela. – Precisas de descansar! Eles fizeram a cama, pois então deitem-se nela. Isto não te diz respeito agora.

– Elspeth é a minha mais velha e querida amiga – explicou-nos ele quando a velha tocou com as costas da mão engelhada na testa dele. – É curandeira e tem-me aliviado muito enquanto espero a minha hora.

– E já passou muito da hora dele – cacarejou Elspeth. – Se não o tivesses feito esperar estes anos todos, há muito que ele teria rasgado o véu.

– Isso parece um pouco ríspido – disse eu. – Já não o quer por cá?

Elspeth ignorou-me. Aparentemente os humanos não eram dignos da atenção dela.

– Janice também é curandeira – disse Chloe à velha. – A curandeira mais poderosa de Sugar Maple.

– Como se isso fosse alguma coisa de especial – desdenhou Elspeth entre dentes. Virou o seu olhar de verruma para Janice. – Tu descendes da linha da minha irmã Rebecca.

Janice ficou boquiaberta.

– Desapareça!

– Não farei tal coisa – respondeu Elspeth de chofre.

– Isso é uma reação de surpresa – observou Samuel, piscando os olhos azuis.

Janice fitou a velha com um misto de horror e de excitação.

– Está a dizer que somos parentes?

– Qual é o problema com o teu povo? – perguntou Elspeth, abanando a cabeça amarelo-vivo. – Não te ensinou nada? Uma criança devia conhecer a sua linhagem até ao último primo em quarto grau antes de completar sete anos.

Fui obrigada a render-me a Janice. Ela não cedia um milímetro em relação à velha.

– Talvez eles tivessem vergonha de alguns ramos da nossa árvore genealógica.

Elspeth observou Janice com cautela.

– A tua magia tem algum préstimo? – perguntou ela.

– Depende do que tiver em mente – respondeu Janice.

As duas mulheres olharam uma para a outra com curiosidade. Não detetei nenhuma semelhança física, mas em espírito eram feitas do mesmo tecido.

– Segura no meu avental – ordenou Elspeth.

E desapareceram as duas.

– Tenho motivos para me preocupar? – perguntou Chloe a Samuel.

– Elspeth tem bom coração. Valoriza a família acima de tudo. Não fará mal nenhum a Janice.

– Fale-me do talismã – pediu Chloe.

– Que talismã? – perguntei.

Ela voltou a relatar a conversa entre Aerynn e Samuel quando era mais novo.

Samuel não tirou os olhos de nós.

– O talismã está no cerne do nosso clã e também do clã das fadas de Nova Inglaterra.

Eu sabia que o relógio mágico e o relógio humano funcionavam cada um à sua maneira, mas a verdade era que o tempo estava a passar. Em Vermont, a neve começaria a derreter e seria o caos. A única coisa para a qual não tínhamos tempo era para um passeio pela rua da memória

paranormal.

– A nossa primeira terra, há milênios, era no Norte de Gales. Onde vivíamos antes perdeu-se para a história, mas foi em Gales que crescemos juntos e formámos uma comunidade.

– Incluindo as fadas? – perguntou Chloe.

– Éramos todos um só – respondeu ele.

Além disso, eram os guardiães de uma mina de ouro que foi descoberta algures em meados da Idade do Bronze europeia.

– Há ouro em Gales? Julguei que só extraíam carvão.

– O nosso ouro era lendário pela sua beleza e escassez – explicou Samuel. – Os mercadores vinham de terras distantes para trocar os seus produtos pelo nosso tesouro. No entanto, os Romanos tinham outras ideias. Chegaram com os seus exércitos e as suas legiões de escravos e passado pouco tempo a nossa comunidade pacífica e próspera foi expulsa. O mundo estava a mudar. As antigas religiões estavam a ser substituídas pelas novas. A magia era encarada com desconfiança. Atravessámos as Ilhas Britânicas de lés a lés à procura de um refúgio. Instalámo-nos em povoações sucessivas, mas fomos expulsos por humanos que temiam o que não conseguiam compreender. No entanto, apesar de tudo, ficámos juntos.

– O talismã – insistiu Chloe. – O que tem isto a ver com o talismã de que o senhor e Aerynn falavam?

– Cada membro da nossa comunidade levou uma pequena pepita de ouro da nossa terra ancestral em Gales. Durante um inverno prolongado e traiçoeiro na Suécia, um dos nossos artesãos fundiu as pepitas e em seguida transformou o minério num disco que representava os nossos dois clãs, os mágicos e as fadas, ligados por uma abóbada celeste. Um símbolo, se quiseres, do laço especial que partilhávamos e partilharíamos sempre.

– Sem magia? – perguntei.

– Há sempre magia – respondeu ele.

– Então qual é o problema? – perguntou Chloe. – Vocês tinham o disco. O disco era mágico. Cada um de vós tinha poderes inimagináveis para os mortais. Porque trocaram o Velho Mundo pelo Novo?

– A princípio, os nossos poderes não eram suficientemente fortes para derrotar os humanos.

– Nem mesmo com o disco? – perguntei.

Ele abanou a cabeça.

– Com o tempo, o nosso clã percebeu que a raça humana estava a evoluir para uma espécie mais tolerante e adaptável e continuaria a progredir. Portanto, recusou-se a lutar.

– Mas mesmo assim trocaram o Velho Mundo pelo Novo – insistiu Chloe.

– O mundo deles adorava fervorosamente os novos costumes. Os acusados de bruxaria foram queimados na fogueira em todo o continente. Os nossos anciães, temendo o pior, deixaram o talismã entregue aos meus pais por uma questão de segurança e ou rasgaram o véu ou fugiram para o outro lado do nevoeiro.

– E a sabedoria foi com eles – concluiu Chloe.

Samuel fez um sinal afirmativo.

– Sem a sabedoria ou um herdeiro visível, faltava ao nosso clã a liderança necessária para sobreviver.

– Como fugiram eles? – perguntei, puxando pela história, apesar do tempo que continuava a

passar. – Usaram os poderes que lhes restavam?

– Nessa época, os poderes deles não permitiam transportar o clã para o outro lado do mar – explicou, abanando a cabeça com um ar pensativo. – Embarcaram num navio destinado ao Novo Mundo e colocaram o seu destino nas mãos dos ventos e das águas.

O que veio a revelar-se a escolha certa.

Os anos passados na Colónia de Massachusetts foram bons. Os dois clãs viveram e trabalharam em harmonia e tornaram-se prósperos. Os artesãos orientaram os seus talentos para as atividades relacionadas com fibras, as preferidas pela população local. Tornaram-se fiandeiros, tecelões e tricoteiros em grande número que produziram as camisolas à pescador de que Chloe tanto gostava.

Chloe inclinou-se cautelosamente para a frente e tocou na manga da camisola do velho.

– Foi... foi a Aerynn que lhe fez isto?

A gargalhada dele foi surpreendentemente vigorosa e entusiástica.

– Ela fiou a lã, mas eu é que tricotei a camisola.

Fiquei admirado ao ver os olhos dourados de Chloe encherem-se de lágrimas.

– É linda.

Ele apontou para um torcido intrincado que se desenvolvia ao meio da camisola.

– Isto representa a união do clã Hobbs com os Bramford.

Chloe concentrou-se no desenho.

– Um painel de dezoito malhas flanqueado por dois painéis de seis. – Ela fitou-o e sorriu pela primeira vez desde que se haviam encontrado. – O senhor é doido.

– Eu era jovem e tinha as mãos mais flexíveis – respondeu ele com um sorriso. – Os teus talentos ultrapassam os meus.

Chloe corou e abanou a cabeça.

– Nem pensar nisso.

Eu era completamente favorável aos laços familiares, mas tínhamos uma vila para recuperar. Desviei a conversa do tricô e canalizei-a para o assunto que ali nos levava.

– Quando começaram a mudar as coisas? – perguntei.

Bramford observou-me e mais uma vez tive a sensação que ele antecipava os meus pensamentos.

– Tal como as famílias humanas, tínhamos os nossos desentendimentos, mas o nosso compromisso com o bem supremo da comunidade sobrepunha-se sempre.

A Carta Régia de Massachusetts fora cancelada em 1684 e o futuro era nebuloso. Não que alguém tivesse muito tempo para se preocupar com cartas régias: as tribos de índios nativos haviam iniciado uma escalada de violência que alastrou à costa do Maine.

Mas a situação piorou rapidamente quando a filha e a sobrinha do reverendo Parris deram sinais daquilo a que os puritanos chamavam possessão demoníaca e decorria o período terrível dos Julgamentos das Bruxas. *Nada de novo aqui*, pensei. Podia ter recitado a informação a dormir.

– Em vez de nos unirmos mais, a velha desconfiança dos humanos separou-nos. Aerynn queria mudar-se e dirigir-se para as zonas inóspitas do Norte, enquanto a maior parte das fadas de Da'Elle desejava empurrar a nossa comunidade para o outro lado do nevoeiro, o reino delas. – Ele suspirou. – E depois havia os que consideravam que Salem era a nossa terra e, como tal, valia

a pena lutar por ela.

– E o senhor? – perguntou Chloe.

– Eu compreendia os sentimentos deles, mas o meu coração pertencia a Aerynn e sempre pertencerá. Aceitara a ideia de que deixaria este local para trás e, juntos, construiríamos um oásis para o nosso grupo de proscritos mágicos.

Não sei o que aconteceu, mas de súbito as palavras dele ganharam cor e dimensão. Vi uma mulher, tão parecida com a Chloe que parecia sua irmã gêmea, nos braços de um homem que era claramente o jovem Samuel Bramford. O amor deles era real. Palpável. Ele sentia por ela o que eu sentia por Chloe, uma emoção tão profunda que me assustava.

Ele quisera seguir Aerynn para o desconhecido pelo mesmo motivo em que eu me encontrava no farol de um mágico: o amor.

– O que correu mal? – perguntei. Sabia que ele não mudara de ideias. O seu amor pela antepassada de Chloe era tão constante como as marés ao largo do farol.

Os olhos dele voltaram a fechar-se e as cores adensaram-se à sua volta. O som tornou-se mais retumbante. Mais uma vez as suas palavras ganharam vida e eu farejei o medo enquanto Aerynn e os seguidores e Da'Elle e a maioria dos seus aguardavam Samuel no meio das sombras. Por fim, justamente antes da primeira luz, ela fez um sinal e eles diluíram-se no nevoeiro e dirigiram-se para norte.

E depois vi Samuel suspenso sobre chamas cáusticas que lhe lambiam as plantas dos pés e o faziam gritar de dor. Embora magro e semiconsciente, ele resistia às exigências dos seus captores.

– Não sei nada a esse respeito – respondia ele quando o pressionaram para que fornecesse informações sobre o desaparecimento de Aerynn com o talismã e mais de cinquenta seguidores. – A minha vida é aqui em Salem. *Eu* estou aqui em Salem.

– Onde está o talismã? – As chamas subiram mais, até à barriga das pernas de Samuel, e envolveram-lhe os joelhos na tentativa de lhe destruir o corpo e o espírito.

O seu grito agudo e lancinante encheu-me a cabeça. Mas ainda assim ele não disse nada. As chamas cor de laranja, vermelhas e pretas envolveram-no. O cheiro a enxofre pôs-me a cabeça à roda.

– Diz-nos! – gritaram elas. – Diz-nos já!

As imagens esmoreceram e em seguida desapareceram. Eu duvidava que o mesmo acontecesse à memória. A raça humana fizera coisas terríveis aos seres mágicos, mas o que estes haviam feito a si próprios merecia um julgamento igualmente severo.

– Viram o pior daqueles que eram meus amigos, mas a realidade dos seus atos estava longe de ser simples – disse Samuel, abrindo os olhos outra vez e encarando-me. – Os Julgamentos das Bruxas fizeram coisas terríveis a todos os que viviam nesta cidade, viraram amigos contra amigos, pais contra filhos. Não fomos imunes à insanidade que o medo e a desconfiança podem gerar.

– Porque não usou a sua magia contra as fadas? – perguntou Chloe. – Combater o fogo com o fogo.

– Eu ainda estava no princípio da vida. Aerynn era de longe a mais poderosa do nosso clã. Sem o talismã, a minha magia não era suficientemente forte para eu dar luta na noite em que fui capturado.

– E mais tarde? – insistiu Chloe. – É óbvio que os danos não foram permanentes. Porque não recorreu ao talismã para descobrir onde se instalara Aerynn?

– Eu estava cheio de orgulho da juventude e de poderes a desabrochar – respondeu ele após um longo silêncio. – Quando dei o talismã a Aerynn, não tomei providências para comunicar com ele.

Se ele tivesse tentado localizar o talismã, teria revelado o seu paradeiro aos que haviam escolhido ficar para trás e, ao fazê-lo, comprometeria a capacidade de controlo de Aerynn.

– Casa e família – conclui eu. – As duas únicas coisas por que vale a pena lutar.

Samuel concordou.

– As fadas culpavam Aerynn pela partida de Da'Elle. – As fadas tinham visto poder em Da'Elle como em mais ninguém. Haviam depositado as suas esperanças na jovem, mas esta virara as costas a tudo o que sabia e partira para norte com Aerynn e os seus seguidores. – Algumas julgaram que Aerynn lançara um feitiço sobre Da'Elle servindo-se do talismã e dispuseram-se a fazer o que fosse preciso para quebrar o enguiço.

Incluindo assassinar Aerynn, se necessário.

Chloe recostou-se na cadeira e o seu rosto era uma máscara de angústia.

– Portanto, deixou-a partir – concluiu ela.

– Ela estava grávida da nossa filha. Eu não queria pôr em perigo nenhuma delas.

– Deixou-as partir – repetiu ela.

Ele virou-se para mim.

– O tempo, para nós, não é o mesmo que é para um humano. Nós esperaríamos e um dia voltaríamos a juntar-nos.

Mas o tempo, mágico ou humano, não esteve do lado deles. A comunidade das fadas em Salem era pequena, mas a sua raiva provocada pela perda de Da'Elle era enorme. Aerynn tornou-se o alvo dessa raiva implacável.

– Elas vigiavam todos os meus movimentos – continuou ele, abanando a cabeça tristemente. – As sondas violavam a intimidade dos meus pensamentos de hora a hora. Para proteger a minha alma gêmea, fui obrigado a bani-la dos meus pensamentos, do meu coração.

– Mas não consegui – disse eu.

– Não – respondeu ele. – Não consegui. Pelo menos, não completamente.

De vez em quando, ele vigiava o progresso de Sugar Maple através dos olhos da gata *Penelope*, que privara com Aerynn desde o berço. As estações sucederam-se e a memória dos problemas atenuou-se, perdeu a carga da paixão. Ele consolou-se ao pensar que cada ano os aproximava mais do reencontro. Chegaria o dia em que os antigos obstáculos desapareceriam e com eles a necessidade de sigilo e de precaução.

Até lá, só podia esperar.

O tempo passou. Demasiado tempo, como se viu.

Um dia, o impensável aconteceu e Aerynn rasgou o véu.

– Como soube que ela partiu se perderam o contacto depois de Aerynn sair de Salem? – perguntei.

O sorriso dele foi amargo e doce.

– Ela veio despedir-se.

CHLOE

Seria preciso uma semana para explicar as tradições que envolviam a rutura do véu. Esforcei-me por condensá-las na medida do possível para não atrasar Luke.

– A nossa essência, a nossa alma, se preferir, viaja nesta dimensão antes de rasgar o véu e concede bênçãos àqueles de quem gostamos. – Olhei para Samuel. – Expliquei-me bem? – Muito poucos habitantes da vila nos tinham deixado durante o meu tempo na Terra, portanto, a minha experiência era mínima.

O velho concordou, com um gesto de cabeça, e Luke parecia aproximar-se rapidamente de uma sobrecarga mágica. Quem podia censurá-lo? Eu própria me sentia prestes a afogar-me nela.

– Mas a escolha é sempre vossa, certo? – perguntou Luke. – Vocês é que decidem quando rasgam o véu.

– Mesmo que nos tenham concedido um determinado período – acrescentou Samuel. – O meu é mais longo do que a maioria.

E o de Aerynn fora consideravelmente reduzido quando ela sacrificara uma parte da sua força vital para dar mais poderes ao talismã.

Eu crescera ciente de que lutava em condições de inferioridade. Nunca uma mulher Hobbs conseguira arranjar um homem e conservá-lo. «Para sempre» não estava no nosso ADN. A única coisa que podíamos fazer era desfrutar cada dia que vivíamos com o homem que amávamos e não nos surpreendermos quando o destino seguisse o seu caminho. Eu não escondera este facto a Luke, mas saber e compreender eram duas coisas completamente distintas.

Eu viveria mais tempo que ele. Provavelmente muito mais. Chegaria o dia em que ele exalaria o último suspiro e eu seria obrigada a continuar sem ele, a avançar no tempo escondida na velha solidão que tão bem conhecia. Esse era o reverso da magia que reclamara quando me apaixonei.

Ele compreendia agora e a expressão do seu olhar deixou-me arrasada. Queria tocar-lhe e garantir-lhe que as coisas seriam diferentes para nós, mas a verdade é que sabia que isso não seria possível. A minha linhagem semi-humana limaria um pouco as arestas, mas não o suficiente. Mais cedo ou mais tarde, chegaria a nossa vez de dizer adeus.

– Porque não se juntou a ela? – perguntei ao velho, ignorando deliberadamente que a pergunta era insensível. – Se o senhor a amava como afirma, o que o manteve nesta dimensão se podiam ambos estar juntos na dela?

Fui obrigada a reconhecer-lhe o mérito: ele não estremeceu nem desviou o olhar.

– Eu fiquei porque nós sabíamos que chegaria o momento em que tu precisarias da ajuda da família.

Não pude deixar de rir em voz alta. A palavra *família* nem sequer fazia parte do meu vocabulário.

A amargura na minha voz era inconfundível.

– O senhor acreditou que eu viria a Salem, ao seu encontro, apesar de eu desconhecer a sua existência até há vinte minutos.

– Sim.

– Eu disse-lhe que a ideia não foi minha. – Este facto merecia ser repetido.

– Mas estás aqui à mesma.

Nos filmes de que eu gostava, nos livros que eu lia mil vezes, era neste ponto que o sábio e velho avô abria os braços e a jovem neta carente corria para eles e todos os problemas dela se resolviam numa conversa íntima à lareira. Mas, embora eu tivesse passado a vida ansiosa por isso, não fazia a mínima ideia de qual seria o primeiro passo a dar.

Nem tão-pouco sabia se queria dá-lo.

– Eu quero a minha vila de volta e preciso da sua ajuda para isso – expliquei a Samuel Bramford. – É o único motivo pelo qual mantemos esta conversa.

Contei-lhe exatamente o que acontecera e como tentara e não conseguira ter acesso ao *Livro dos Feitiços* para que este me ajudasse.

– O *Livro* não encerra a resposta que procuras.

– Então, onde está ela?

– Já devias saber isso nesta altura.

– E o senhor devia fazer-se acompanhar de um tradutor, porque não compreendo uma palavra do que diz – ripostei.

– Chloe. – Luke avisou-me, mas eu já não queria saber dos sentimentos de ninguém.

– Tu compreendes o que ele diz? – perguntei a Luke, desafiando-o. – Compreendeste uma única palavra que ele disse desde que cá chegámos? – Agitei os braços no ar como um moinho de vento frustrado. – Tu próprio disseste que as horas estavam a passar. Estamos a perder tempo, Luke. – Deitei um olhar mortal na direção de Bramford. – *Ele* está a desperdiçar o nosso tempo!

O que era necessário para enfurecer o velho? O olhar paciente que me deitou estava cheio de algo que se parecia muito com amor.

O que era completamente ridículo. Não nos conhecíamos um ao outro. Nunca nos conheceríamos de facto um ao outro. Não era possível gostar de alguém que não conhecíamos. Diziam que o sangue era mais denso que a água, mas eu não podia prová-lo. Nunca tivera a oportunidade de amar ou de ser amada por alguém que fosse do meu sangue.

E, no entanto, em resposta, senti uma onda de emoção que preferia morrer a reconhecer.

– Tu não precisas do *Livro*, Chloe. – A voz de Bramford parecia sair de todas as partes da sala da torre. – Só precisas do que está na tua cabeça e no teu coração.

– É uma grande ajuda – ironizei, ainda mais irritada do que tencionava. – Se me disser que a vida é como uma caixa de chocolates, saio daqui.

Ele deu uma gargalhada, uma gargalhada sonora e prolongada que me fez estalar a cabeça.

– Percebeu a referência? – perguntei.

– Há muito tempo que estou à vossa espera – retorquiu ele. – Os DVD e o tricô emparelham bem.

Pobre Luke. Já era difícil os leigos compreenderem os que faziam tricô. Talvez fosse impossível compreender os feiticeiros que tricotavam enquanto viam *Forrest Gump*.

Mas, mais uma vez, recusei-me a permitir que a emoção toldasse o meu objetivo. Não queria sentir nada por este desconhecido que afirmava ser a alma gémea de Aerynn e o pai da filha

dela.

– Então, como recupero Sugar Maple? – voltei a concentrar-me no assunto que tinha em mãos e continuaria a fazer o mesmo até lhe arrancar uma resposta.

– Como a perdeste? – contrapôs ele.

– Já falámos nisto. Eu não a perdi – respondi, com uma calma mortal. – Ela desapareceu.

– Porque não te empenhaste o suficiente para a conservar. As tuas lealdades dividiram-se. O teu amor pelo Luke cegou-te para os perigos que Sugar Maple corria.

– Isso não é verdade! Porque julga que estávamos na cascata? Eu fui lá para evitar que Isadora empurrasse a vila para o outro lado do nevoeiro.

– O bem-estar da criança tornou-se a tua prioridade. A segurança da vila vinha em segundo lugar, a uma grande distância do primeiro.

– A alma da criança era a prioridade de Isadora. Faz ideia do que a Isadora tinha planeado para aquela menina? – Uma imensa dimensão negra de solidão eterna que devia estar reservada às piores criaturas que alguma vez caminharam sobre a Terra. A filha de Luke merecia melhor.

– Estás enganada. A criança foi um simples instrumento de Isadora para retirar Sugar Maple do teu controlo e empurrá-la para o outro lado do nevoeiro, mas tu reviste-te na difícil situação dela e agiste com o coração. O teu compromisso para com Sugar Maple é que vacilou.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas que tentei afastar. Como tinha dito, a rapariga solitária que havia dentro de mim nunca andava longe da superfície.

– Por um momento, comprometi o meu coração e a minha alma para salvar Steffie. Como era possível que isso provocasse o desaparecimento de Sugar Maple? – perguntei a Samuel.

– O talismã observou a tua falta de empenho numa altura em que os residentes em Sugar Maple precisavam mais que nunca da tua liderança e retirou-ta.

Olhei para Luke, mas ele vestira completamente a pele de polícia e a sua expressão era impenetrável. Atirei-me de cabeça sozinha.

– Então, está a dizer que o talismã, uma peça de joalharia antiga, uma recordação, se apoderou da nossa terra?

Tive de reconhecer o mérito do velho. Ele nem pestanejou quando se entregou à explicação.

– Desde a sua criação que o talismã tem sido procurado não só como símbolo de unidade mas também como prova de força. Começou com Aerynn, que o imbiuiu da capacidade de proteger Sugar Maple, e todas as descendentes dela aumentaram os poderes do talismã, reforçando ainda mais a supremacia do clã Hobbs.

– A minha mãe não o fez – disse eu. – Ela saiu desta dimensão poucos anos terrenos depois de a própria mãe furar o véu.

– Uma rara exceção à regra – reconheceu Samuel – e que enfraqueceu a cadeia. O período compreendido entre a partida de Guinevere e a assumpção dos teus poderes foi fértil em perigos.

Franzi o sobrolho.

– Perigos? A vila prosperou!

– Isso era o que os residentes de Sugar Maple queriam que pensasses – respondeu Samuel. – Tu esforçavas-te por encontrar o teu caminho no mundo, combatias a solidão, aguardavas o dia em que os teus poderes se manifestassem. Eles não queriam que soubesses que, cada dia que passava, o talismã se aproximava mais de passar a dever obediência a Isadora.

Agora é que a conversara descambara por completo.

– Mas o talismã pertencia às descendentes de Aerynn. Mesmo que Isadora o roubasse, ele só respondia a uma Hobbs.

Samuel abanou a cabeça com um ar pesaroso.

– Antes de Aerynn e Da'Elle partirem de Salem, os poderes delas eram praticamente iguais. O talismã deu a Aerynn a vantagem que lhe conferiu uma posição de liderança. Da'Elle só foi com ela para Sugar Maple porque acalentava a esperança de se apoderar do talismã, regressar a Salem e reconstruir a comunidade que os Julgamentos das Bruxas tinham dizimado. Com o tempo, partir para o outro lado do nevoeiro substituiu o regresso a Salem no coração dos descendentes de Da'Elle, mas o apetite pelo talismã só aumentou.

– Julguei que Sugar Maple era o meu destino e o da minha mãe e da mãe dela, e assim sucessivamente até Aerynn. – Isto era como descobrir que o Pai Natal não existia, mas pior.

– Deste modo, a linha de Aerynn revelou-se sábia e forte, mas acreditas que as fadas aceitariam de bom grado ficar numa situação de subalternidade em relação aos seus descendentes se não houvesse hipótese de um dia subirem ao poder? – Ele fez uma breve pausa para recuperar o fôlego. – A resposta é não, Chloe. A liderança de Sugar Maple sempre foi determinada pela posse do talismã e sempre será.

– Então, nunca nada mudou – concluí. – Temos os mesmos problemas com Isadora e os seus seguidores que Aerynn teve com Da'Elle e os seus.

– O rancor é grande e vem de longe – prosseguiu Samuel, olhando de relance para Luke. – O tratamento que receberam dos humanos instilou uma forte desconfiança que o tempo só serviu para intensificar. Quando a tua mãe Guinevere se apaixonou pelo teu pai humano, as linhas de batalha foram traçadas. No entanto, a morte deles só arrefeceu momentaneamente as chamas, visto que tu levantaste um problema ainda maior.

– Eles detestavam a ideia de uma líder com sangue humano – disse eu. – É o seu maior pesadelo.

– Não – discordou Samuel. – O maior pesadelo é pensarem no filho que tu e Luke terão um dia.

Um filho cujo sangue era três quartos humano e só um quarto mágico.

– O facto de pensarem que chegaria o dia em que uma líder que era mais humana que mágica assumiria o controlo reforçado pelo poder do talismã pôs os nervos em franja ao clã de Isadora.

Fora preciso chegar a ex-mulher de Luke para destruir tudo à nossa volta.

– Aerynn não era vidente, mas compreendia a natureza da comunidade. Eles só sobreviveriam no mundo dos mortais se os mágicos e os clãs das fadas continuassem a viver em paz. Ela sabia que chegaria o momento em que a guerra recomeçaria e o santuário que ela construía em Sugar Maple correria o risco de se desmoronar.

E fora assim que Aerynn procurara alcançar o talismã, o disco de ouro galês que Samuel deixara ao seu cuidado na noite em que ela fugira de Salem e o dotara de poderes próprios que sobreviveriam muito à permanência dela nesta dimensão.

– Julguei que o talismã já tinha magia – disse Luke.

– Você ouviu bem – disse Samuel, abanando a cabeça leonina. – Mas Aerynn tinha mais alguma coisa em mente.

– O talismã tornar-se-ia uma entidade, um ser vivo com intelecto, discernimento e um forte sentido de responsabilidade em relação ao futuro de Sugar Maple. Deixaria de ser um objeto

inanimado destinado a aumentar o poder de um indivíduo. As opções que ele fizesse serviriam os interesses mais nobres da vila. Tudo o resto seria secundário.

– Se o talismã alguma vez detetasse que uma mulher Hobbs tinha perdido o controlo das duas fações e que estava iminente um golpe, seria ativado um mecanismo de segurança e Sugar Maple seria bloqueada.

– Bloqueada?

Imaginei uma prisão de alta segurança com guardas e grades de ferro.

– Não é essa a terminologia moderna? – perguntou Samuel. – Ouvi falar disso em *Law & Order*.

Luke garantiu-lhe que a terminologia estava correta.

– A vila seria relegada para outra dimensão até que, ou se, o problema se resolvesse.

Foi como se me tivessem dado um murro no estômago. Perder a vila na luta com Isadora teria sido mais fácil de aceitar que isto. Eu perdera-a no momento em que me apaixonara e a deixara fugir por entre os dedos.

– A minha mãe virou as costas a Sugar Maple quando se juntou ao meu pai na morte reservada aos mortais. Porque não foi acionado o mecanismo de bloqueio?

– Apesar da agitação que a morte da tua mãe provocou, a vila continuou unida em pensamento. As fadas e os mágicos viviam em paz como Aerynn esperara. Sorchá estava lá para te orientar até à idade adulta e os habitantes dispunham-se a esperar que os teus poderes desabrochassem. Foram bons tempos para Sugar Maple. Tempos felizes.

– E depois eu cresci e destruí tudo ao apaixonar-me por um mortal e não por um urso gigante bem-humorado de Ohio ou por um *selkie* do Maine. Alguém que trouxesse mais magia para a fórmula genética das Hobbs.

Samuel não desviou o olhar do meu.

– Não escolhemos o nosso destino, filha, nem nesta dimensão nem noutra que eu conheça. O destino é que nos escolhe.

– Então, diga-me o que hei de fazer – pedi. – Não me conte histórias. Não me mostre filmes que eu já conheço. Diga-me o que hei de fazer para recuperar a minha terra natal.

– Reivindica os teus direitos – respondeu ele sem demora, denunciando uma maior exaltação.

– Se acreditas que Sugar Maple é o teu destino, então ergue a tua voz e luta pelo que te pertence.

– Nos últimos meses, não tenho feito outra coisa que não seja lutar por Sugar Maple. Não fui criada para ser guerreira! – A única coisa com que eu gostava de lutar era com uns torcidos teimosos numa camisola à pescador.

Ele levantou-se. Era muito mais alto que eu. A fúria irradiava dele em ondas de vermelho e preto que se elevavam e lutavam como cobras por cima da sua cabeça. Pelo menos, eu sabia agora donde vinha o meu mau feitio.

– Ainda não és uma guerreira – gritou ele. – Não sabes o que isso significa. Lutaste para salvar o teu parceiro. Lutaste para salvar a filha dele. Mas não lutaste sequer uma vez para salvar a tua terra. – Fitou-me com uma expressão que quase me obrigou a ajoelhar. – És suficientemente mulher para lutar, Chloe, ou serás a Hobbs que perde tudo?

LUKE

Íamos para casa. De acordo com Samuel, as fadas de Salem tinham estado perto de nós desde que Sugar Maple desaparecera, o que lhes permitira controlar a gata *Penny* e manipular os seus atos durante a nossa viagem por estrada após a saída dos infernos. Ele tinha mais ou menos a certeza de que elas tencionavam reclamar os direitos à vila assim que conseguissem encontrar o talismã.

– Os mortais julgam que têm boa memória – disse Samuel quando uma mesa de pinho cheia de lagosta cozida, caranguejos, camarões, espigas de milho amarelo e batatas brancas de neve apareceu no meio da sala –, mas as fadas guardarão ressentimento durante milénios.

– O talismã não entregaria a vila às fadas, pois não? – perguntou Chloe.

– Se o talismã considerasse que as fadas eram as melhores guardiãs de Sugar Maple, então sim, isso seria possível.

– Elas tentaram matar-nos – contou Chloe. – Atiraram-nos do cimo de um penhasco. Cegaram o Luke. Se o talismã é assim tão esperto como diz, como seria possível que entregasse Sugar Maple a seres como estes?

– As fadas lutam por aquilo em que acreditam – ripostou Samuel. – Estão dispostas a arriscar tudo para alcançar o seu objetivo.

– Como os nazis – retorquiu Chloe. – Como Pol Pot. Não é só a ferocidade e a obstinação que contam.

Samuel sorriu quando Elspeth e Janice se materializaram ao lado dele. Tive a sensação de que fora ele a escolher o momento.

– Sentem-se – convidou ele. – Saboreiem o banquete. Todos iremos precisar de alimento para enfrentar o que temos pela frente.

Chloe obedeceu. Estava muito corada e nos seus olhos havia um brilho invulgar. Ainda não terminara a conversa com Samuel. Nem por sombras.

Eu? Estava morto de medo. Já lutara com as fadas duas vezes e teria batido a bota se primeiro Gunnar e depois Chloe não tivessem vindo em meu auxílio. As minhas perspetivas não pareciam muito favoráveis.

Embora Samuel me houvesse garantido que não nos regíamos pelo relógio humano no farol e tivessem decorrido apenas uns segundos no mundo real desde a nossa chegada, senti de novo o aguilhão da urgência.

– Ele está uma pilha de nervos – observou Elspeth, olhando para mim. – Deve ser uma característica humana.

Janice riu-se e segredou qualquer coisa que fez cacarejar a velha enquanto esta partia uma perna de lagosta com os dedos deformados.

– Vocês as duas dão-se bem – observou Chloe. – Portanto, o sangue é realmente mais denso que a água.

Janice ignorou o tom acintoso de Chloe.

– Tomei uma decisão – informou ela, depositando a carapaça vazia do caranguejo na tigela apropriada. – Tu não vais gostar, mas eu resolvi ficar aqui com a Elspeth e o Samuel até que Sugar Maple... – Faltaram-lhe as palavras.

– Ficar aqui? – Chloe levantou-se de um salto. – Porque havias de querer ficar aqui?

Pousei a mão no braço de Chloe em jeito de aviso, mas ela afastou-a com um gesto brusco. A família de Janice desaparecera e talvez não voltasse. Elspeth era do seu sangue. Havia um lugar para ela aqui. Era uma situação que até um humano podia compreender.

Os olhos de Janice chisparam, mas ela conseguiu manter a frieza.

– Elspeth é a melhor curandeira que conheci até agora. Posso aprender muito com ela.

– E ela pode ajudar-me a tratar do Ele Próprio – acrescentou Elspeth, virando a cabeça amarela na direção de Samuel. – Ele exige muita atenção, é verdade. E um par de mãos suplementar vinha mesmo a calhar por aqui.

Tive a sensação de que não havia nada que Elspeth não conseguisse gerir sozinha. O seu ato inesperado de amabilidade para com Janice deixou-me estupefacto. Depois, apercebi-me do seu ar preocupado ao olhar para Samuel, levemente descaído na sua cadeira de capitão, e lembrei-me das palavras que ela pronunciara.

Samuel comentara que a liderança do clã passaria para Chloe quando ele rasgasse o véu e Elspeth, furiosa, dissera: « O que ele já teria feito se não fosses tu, rapariga! »

De repente, percebi que ela não estava a mentir. Samuel apoiava-se totalmente na força de vontade. Só a sua determinação em aproximar Chloe do destino dela o mantinha nesta dimensão.

Olhei para Chloe. Saberia ela quão perto estava Samuel de partir desta dimensão? Eu não tinha a certeza. Além disso, não sabia bem até que ponto ela se preocupava com isso. Neste momento, só Sugar Maple era importante.

Acabámos de comer e Elspeth fez desaparecer os pratos por artes mágicas com um movimento rápido do avental. Ocupou o seu posto ao lado de Samuel e praticamente desafiou-nos a questionar o seu direito a estar ali. Nenhum de nós era louco a esse ponto.

– Vou precisar da sua ajuda para encontrar o meu carro – disse Chloe a Samuel. – Acho que ainda está na garagem perto do centro comercial.

– Não vais precisar do teu carro – respondeu Samuel. – Providencie outro meio de transporte.

Ela arregalou os olhos.

– Julguei que não tinha poderes para efetuar um transporte de longa distância.

– Mas não me faltam os recursos para arranjar uma alternativa – retorquiu ele. – Serás levada ao teu destino rapidamente e em segurança.

– Nós os dois? – perguntei, só para me certificar.

Chloe olhou para mim.

– Tu ficas aqui.

– O diabo é que fico. Eu vou contigo.

– Isso não vai acontecer.

– Não é negociável – afirmei. – Estamos nisto juntos.

– Chame-o à razão – pediu ela a Samuel. – Ele é mortal. Não tem hipótese nenhuma contra um exército de fadas.

– Chloe tem razão – concordou Samuel. – Entrar na luta seria um ato suicida.

Virei-me para Chloe.

– Deixar-me-ias avançar para a luta sozinho?
A expressão dela suavizou-se.
– Isso é diferente.
– Porquê?
– Tu sabes porquê. – Ela baixou a voz – Eu sou mágica, Luke. Compreendo o que temos pela frente. Posso os instrumentos necessários para lutar contra isto. Elas exterminavam-te nos primeiros dez segundos.
– Pois então que me exterminem – decidi. – Estamos nisto juntos.
Ela olhou para Janice à procura de apoio.
– Diz alguma coisa, Jan. Sabes o que vamos enfrentar. – Mas Janice abanou a cabeça e não disse nada. – Bolas, Luke! Não quero que morras.
– A sua coragem é admirável, mas temerária – disse Samuel. – Não podemos fazer nada para que mude de ideias?
– Podiam matar-me, mas não estou certo que isso me travesse – respondi.
Samuel observou-me durante algum tempo.
– Odeia profundamente as fadas?
Não desviei o olhar.
– Amo profundamente a Chloe.
– Nesse caso, vou dar-lhe os instrumentos para se mover no campo de batalha.
Até eu sabia que este não era o momento indicado para discursos machistas nem para recusar ajuda. Precisava de todo o apoio que conseguisse arranjar.
– Que tipo de instrumentos? – perguntou Chloe. Não parecia muito entusiasmada.
– Magia – respondeu Samuel. – É a única coisa que o salvará.
Com os diabos! Eu imaginava um fato de super-herói igual ao que o tipo usava em *O Homem de Ferro*.
Mas os planos do velho iam mais além. Ele propôs conceder-me poderes temporários que me permitiriam não só sobreviver à luta que se avizinhava como ajudar a vencê-la.
– Vinte e quatro horas no máximo – disse ele. – Não mais.
– Não há problema – concordei. – Não precisaremos de mais tempo.
O velho e eu sabíamos que a luta nunca se prolongaria tanto.

CHLOE

– Faz alguma coisa – supliquei a Janice. – O Luke não sabe no que se vai meter.
– Ele sabe – afirmou Janice. – Por isso é que aceitou a proposta de Samuel.
– Lança um feitiço qualquer sobre ele. Tem de haver alguma maneira de o manter aqui em segurança.
– Ele é o teu humano – disse Janice, abanando a cabeça. – Não o conheces? Até eu sei que só uma bomba o afastará de ti.
– Então, lança uma bomba. Ele não pode voltar comigo, Janice. Algo terrível vai acontecer.
Ou talvez já estivesse a acontecer. Samuel avisara-me. Senti a minha atenção a desviar-se de Sugar Maple e a concentrar-se em Luke, o que era meio caminho andado para perder a minha

terra natal e todos os que nela viviam para sempre.

– Ele é um homem adulto – disse Janice. – Sabe o que quer. Deixa-o fazer as suas próprias escolhas, Chloe. É a vida dele.

Samuel concedera a Luke vinte e quatro horas de magia e dera-lhe um curso rápido sobre a maneira de a utilizar. Luke estava agachado junto da cadeira de Samuel e absorvia tudo o que o velho tinha a dizer, como se a sua vida dependesse disso.

Vinte e quatro horas de magia e talvez uns dez minutos para aprender a usá-la.

A perspetiva não me agradava.

Elspeth entregou-me um saquinho com ervas que, segundo me garantiu, me manteria concentrada no trabalho que tinha em mãos.

Abracei Janice com força.

– Cuida da *Penny* por mim – pedi. – Não deixes que ela tente seguir-me.

– Com as lagostas todas que aqui estão, ela nem dará pela tua saída.

– E toma conta do *Buick*.

– Estava a pensar em deixar que a maré alta o levasse para o mar. – Ela sorriu, apesar de ter os olhos marejados de lágrimas. – Depois de pôr a salvo a tua lã.

Era bom rir. Palpitou-me que não me riria muito no futuro próximo.

Elspeth observava-me com um ar um pouco menos hostil.

– Vocês, os novos, não sabem nada da magia antiga – disse ela. – Cuidado com o que esperam! É aí que reside o verdadeiro perigo.

– Elspeth tem razão – concordou Samuel quando nos juntámos a ele e a Luke. – A magia antiga assenta nos vossos medos mais básicos. Elas não hesitarão em intercetar a vossa memória. Esforcem-se por esvaziar a vossa mente e por se concentrar na luta. Não permitam que elas vos desviem do caminho para vos enfraquecerem e destruírem.

Fez-se silêncio na sala. O que mais havia a dizer?

– Então, como voltaremos para Sugar Maple? – perguntou Luke.

Okay. Falta isso.

– Agora você tem poderes mágicos – respondeu Samuel. – Utilizaremos o transporte astral.

Íamos lutar com as fadas de Nova Inglaterra pelo controlo de uma vila mágica. Metermo-nos num calhambeque amachucado de nada servia. Eu não tencionava dizer nada a Luke, mas a ideia de sermos teleguiados de Salem para o Norte de Vermont fazia com que conduzir sobre o gelo parecesse canja.

E, considerando o que nos esperava, era bastante engraçado.

Finalmente, estávamos prontos para partir.

Abracei Janice, dei um beijo no cimo da cabeça de *Penny*, retribuí o grave aceno de cabeça de Elspeth e em seguida olhei nos olhos o homem que fora o parceiro de Aerynn.

– Compreendes o que é necessário? – perguntou ele.

– Compreendo.

– Empenho total – reiterou ele. – Menos que isso e elas arranjarão uma maneira de vos destruir.

– Tem de aperfeiçoar os seus discursos motivadores – disse eu. – Esse dá-me vontade de saltar pela janela e nadar até à costa.

– No teu mundo, essas observações são consideradas espirituosas.

Encolhi os ombros.

– Melindrosas talvez fosse um termo mais correto.

– Eu sei que elas vos permitem esconder as emoções.

– Não tenho a certeza que saiba alguma coisa a meu respeito, Samuel – respondi tranquilamente. – Mas aprecio a ajuda que nos deu.

Recusei-me a reconhecer o tremor da minha voz. O facto de este homem ser do meu sangue encheu-me de uma tristeza indescritível. Como a minha vida teria sido diferente se ele me houvesse contactado há dez ou vinte anos. Mas agora era demasiado tarde.

– Desejo-vos uma boa velocidade – disse ele, tocando-me na mão. Por instantes, a minha amargura dissipou-se e deu lugar ao reconhecimento.

Nós somos um só, pensei ao encará-lo. *Eu sei isso*.

E eu estarei sempre contigo.

Comecei a sorrir.

– O senhor é melhor do que um ventríloquo – disse e, para minha surpresa, ele riu-se.

Alto.

De uma maneira que tocou o lado humano do meu coração.

E depois, sem mais nem menos, partimos.

LUKE

A voz de barítono de Samuel ainda retinia nos meus ouvidos quando aterrei de cabeça no ramo de um bordo coberto de neve.

Acho que tinha resposta para a pergunta « Já chegámos?»

– Luke! – A voz de Chloe vinha de algures ali perto. – Onde estás?

– Em cima de uma árvore – gritei. – E tu, onde estás?

– Num monte de neve.

– Estás bem?

– A gelar – respondeu ela. – Acho que conseguimos.

Endireitei-me e deixei-me escorregar para o chão almofadado pela neve.

– Tens razão. – Eu sabia exatamente onde nos encontrávamos.

Avistei Chloe a uns seis metros quando ela se desenvencilhou do monte de neve com a força dos músculos. Avancei a custo e cruzei-me com ela a meio caminho.

– Estás com um aspeto horrível – disse ela com uma risadinha.

– O teu também não é muito melhor – respondi, e rimo-nos os dois.

Tínhamos percorrido centenas de quilómetros num abrir e fechar de olhos. O facto de não estarmos reduzidos a uns salpicos de protoplasma parecia bastante surpreendente. Nada partido, nem sequer o ramo de uma árvore.

– Ele é bom – afirmou ela, olhando à volta.

– De uma precisão matemática.

– Ele não dispunha de poder suficiente para fazer isto sozinho. – A voz de Chloe falhou inesperadamente e ela tossiu para disfarçar. – Elspeth disse-me que ele pediu favores a amigos de outras dimensões.

– Samuel deu-me os poderes dele, não deu?

– E mais ainda – disse ela. – Caso contrário, talvez não tivesses chegado inteiro.

– Graças aos poderes mágicos.

– É a última oportunidade de mudares de ideias – comentou ela. – Porque não te serves desses poderes mágicos e vais para um local seguro, como o Afeganistão ou o Iraque?

– Porque te amo e estou nisto para sempre – respondi.

A expressão dos seus lindos olhos dourados disse tudo.

Era impossível perdermos.

Encontrávamo-nos junto da clareira em que estávamos na noite em que lutámos com Isadora na cascata. Ao luar, vimos a floresta densa que ocupava o lugar de Sugar Maple. Com exceção das montanhas de neve a derreter-se, nada se alterara.

– Acho que ainda lá está – disse Chloe –, mas só teremos a certeza quando atravessarmos aquela barreira de espuma da memória que as fadas de Salem ergueram.

– E como o conseguiremos, fazes ideia?

Ela delineou um plano simples que tinha pelo menos uma ou duas hipóteses de resultar.

Segundo Samuel, esta fora a primeira vez que o talismã executara o plano de segurança e por conseguinte não havia referências históricas que permitissem determinar para onde levava ele Sugar Maple. O velho estava convencido de que a vila continuava fisicamente no mesmo local, mas numa dimensão temporal diferente. Essa teoria explicava duas perguntas que me atormentavam: o aparecimento de Janice no *Buick* com algum atraso e o aspeto intacto, quase primordial, da floresta.

– Não penses de mais – avisou Chloe. – Isso é que me trama sempre. Samuel disse que elas usarão magia antiga.

– O que significa isso? – Magia antiga, magia nova. A diferença não era clara para mim.

– A magia nova transportou-nos de Salem para Sugar Maple. A magia antiga aprisionou-me numa estação de serviço deserta.

– Não percebo.

– A magia antiga é mais pessoal. Atua sobre os nossos medos, portanto, faz o possível por manter a lucidez. Não lhes dê nada a que se possam agarrar.

– Isso não devia ser um problema. Perderei muito tempo a tentar evitar que me transformem num *basset*.

Ela sorriu, mas eu senti o seu nervosismo.

– Deixa que os teus poderes sejam uma extensão de ti próprio e das tuas capacidades. Dessa maneira, não arranjarás sarilhos.

– Quando isto terminar... – disse eu

Ela deu-me um beijo rápido na boca.

– ... Ainda estaremos juntos.

Começámos a atravessar o campo na direção da floresta que dominava o local em que antes se erguia Sugar Maple. Um passo, dois passos... ao terceiro eu caminhava sobre a neve a derreter-se, sem me enterrar nela. Uma gargalhada de surpresa e de assombro ecoou à nossa volta. Chloe, com os olhos a dançar, fez-me sinal para descer um pouco. Mas, com os diabos, quantas vezes na vossa vida é que conseguem levantar?

Porque era o que eu fazia. Caminhava no ar, pelo menos oito centímetros acima da neve. A última vez que me sentira tão excitado fora quando abatera dois criminosos numa operação que envolvera uma invasão domiciliária. E deixem-me que vos diga que isto foi muito melhor.

Dei passos maiores, cada vez mais rápidos, certo de que poderia descolar e voar se me apetecesse.

– Luke. – A voz de Chloe soou a avisar. – Tens de te refrear.

Ela tinha razão. Infelizmente, não havia tempo para desfrutar desta capacidade.

Chegámos ao renque de bordos em poucos segundos e desta vez firmámo-nos e começámos a escalar o muro invisível. Esperava uma subida na vertical, mas a superfície era ligeiramente curva, quase em abóbada.

Quando nos encontrávamos a seis metros do solo, Chloe parou.

– Não vale a pena subir mais – afirmou.

Encheu o peito de ar, reposicionou-se e em seguida deixou-se ir com a mão direita. Curvou os dedos duas vezes, apontou para um local a cerca de um metro e meio e fechou os olhos.

A princípio, senti o calor. Um silvo quase inaudível a que se seguiu uma chuva de fálhas que lhe saíram das pontas dos dedos. Observei, impressionado, quando ela abriu os olhos e se

concentrou nas fálhas, refinando-as, direcionando-as, até elas se transformarem em chamas dignas de um maçarico industrial.

Apareceu um buraco do tamanho de uma moeda de cinquenta cêntimos. Um cheiro levemente sulfuroso chegou até mim. A concentração de Chloe não se alterou. As chamas aqueceram. O buraco tornou-se cada vez maior até permitir a passagem de um homem adulto.

O que foi ótimo, visto que um segundo depois fomos ambos sugados através dele e mergulhámos no inferno.

CHLOE

Nada me preparou para a escuridão quando o buraco que havíamos atravessado se fechou atrás de nós. As noites sem luar custavam a passar no Norte de Vermont. Longe das luzes das grandes cidades, a escuridão densa e aveludada absorvia tudo aquilo em que tocava.

Mas isto era diferente. Esta escuridão tinha peso e dimensão. O silêncio era profundo.

– Não te mexas – ordenei a Luke e ele resmungou qualquer coisa, exprimindo o seu assentimento. Podíamos estar por cima de um rio infestado de piranhas ou à beira de um precipício. Era uma incógnita.

Passaram uns segundos. Esperava que os nossos olhos se adaptassem à escuridão intensa, mas não tivemos essa sorte.

– Talvez estejamos numa gruta – disse Luke.

Senti um aperto no estômago ao pensar em morcegos. Afastei logo a imagem da minha mente. Não valia a pena dar mais armas ao inimigo.

– Não estamos numa gruta – discordei, com mais certeza do que sentia. – As grutas cheiram a frio e a humidade.

E isto era tudo menos frio. Aliás, estava a tornar-se sufocante.

Eu não tinha um bom pressentimento.

Nem Luke.

– Não podes abrir outro buraco? Começo a sentir-me como um hambúrguer na grelha.

Tentei, mas não aconteceu nada.

– Raios! – murmurei, enquanto as ondas de calor se fechavam à nossa volta. – Não está a acontecer nada.

Tentei outra vez. Nada.

– Ouviste aquilo? – perguntou Luke.

– Referes-te àquele chapinhar?

– E o mau cheiro?

Farejei o ar sobreaquecido.

– Ovos podres e alcatrão.

E algo mais sinistro, mais malévolo.

– Merda! – exclamou Luke. – Estou a arder.

– Também eu. – O suor provocava-me um ardor nos olhos e escorria-me pelas costas. –

Devem estar uns quarenta graus aqui.

– Isto é pior do que Phoenix em julho – disse.

Eu não sabia. Nunca estivera em mais lado nenhum exceto em Sugar Maple em julho.

Tentei arranjar uma saída para nós, mas o poder de fogo de que dispunha era reduzido pelo calor que abaulava as paredes. Até as plantas dos meus pés tinham começado a arder.

A imaginação é um instrumento poderoso. Quase sempre o que imaginamos é muito mais assustador do que a realidade.

Desta vez, não.

As paredes que nos rodeavam começaram a emitir uma luz cor de laranja esbatido graças à qual os pormenores ganharam nitidez. Encontrávamo-nos sobre um afloramento rochoso sobranceiro a um mar de lava rubra borbulhante e fumegante que transbordava e escorria para as entranhas da Terra. De vez em quando, no espaço de segundos, um enorme jato de lava irrompia do centro desse mar e queimava-nos a cara com o seu calor insuportável ao passar por nós numa chuva de faíscas de várias cores.

Este mar de lava encapelado estendia-se até perder de vista e era pontuado por mais de uma dúzia de rochas de diversos tamanhos que ainda não haviam sido engolidas.

– Já vi isto no canal Discovery – comentou Luke. – Estamos dentro de um vulcão em atividade.

O que ambos sabíamos que era impossível, visto que teríamos sido reduzidos a torradas no primeiro nanossegundo.

– Isto não é real – lembrei a ambos. – Isto é uma ilusão. Magia antiga especializada em ilusões.

Mesmo assim, tive de admitir que era de boa qualidade.

E, se bem me lembrava do que Samuel me dissera acerca da magia antiga, era igualmente mortífera.

Não parecia possível, mas o calor intensificara-se ao ponto de ter dificuldade em manter-me de pé. O suor que escorria secara por completo. A minha boca estava seca como areia do deserto. Sentia-me tonta, gelada e a arder ao mesmo tempo. Construir uma frase tornava-se um desafio.

Se possível, Luke sofria ainda mais. Nem sequer a camada suplementar de magia era suficiente para proteger o seu corpo mortal da investida violenta.

– Mudei de opinião – conseguí ele dizer, apontando para o inferno por baixo de nós. – Isto não é apenas um vulcão, isto é o inferno.

Luke passara oito anos num colégio católico. A noção de inferno como um local específico estava enraizada nele desde tenra idade. Teria sido fácil para as fadas agarrar nas memórias dele e formatá-las em seu próprio proveito.

– Deita fora os teus pensamentos – supliquei. – Não lhes dê nada que possam usar contra nós.

Pensei nos medos que eu já ultrapassara. Conduzir a mais de cinquenta quilómetros por hora, conduzir com gelo, conduzir em geral, cobras, aranhas, coelhos, insetos rastejantes, espaços fechados, lâ quebradiça, filmes de terror...

Para! Ordenei ao meu cérebro que se esvaziasse, o que era muito mais fácil de dizer do que de fazer. Porque não prestara eu mais atenção a Janice quando ela tentara ensinar-me a meditar? *Respira fundo*, ela começava sempre assim.

Mas sempre que eu respirava, sentia os pulmões queimados por dentro, o que aumentava a sensação de extremo estonteamento. Não sabia bem se fora a Terra que se inclinara subitamente no seu eixo ou se fora eu. Também não sabia o que era pior.

Fui obrigada a sentar-me. Era-me indiferente que as rochas debaixo de mim estivessem muito

quentes. Se não me sentasse nos dez segundos seguintes, cairia de cabeça no magma mortífero.

Sai daqui, insistiu uma voz dentro da minha cabeça. Tu não precisas disto. Podias construir uma vida em Salem com Luke. Abrir outra loja de lãs. Começar de novo sem a bagagem da velha Sugar Maple. Estamos no século XXI. Não te atoles em decisões tomadas há séculos.

Era difícil contestar esta lógica. Ponto final nas lutas. Nos esforços para provar as minhas capacidades. Nas desculpas pelas decisões da minha mãe. Tudo seria brilhante e novo outra vez, incluindo eu própria.

Bastava-me pegar na mão de Luke, admitir a derrota e regressar ao mundo dos mortais, onde seria Chloe Hobbs, tricoteadeira, fiandeira e dona de uma loja. Uma humana alta, loura e embasbacada que viveria apenas metade de uma vida sem magia.

E não era precisamente isso que elas desejavam que eu fizesse: começar a duvidar da minha determinação? Começar a duvidar do meu amor a Sugar Maple, da minha ligação profunda e duradoura a todos os que lá viviam? Se perdemos o nosso passado, perdemos tudo. Samuel avisara-me acerca disto e tivera razão. Elas estavam a tentar desgastar-me com as antigas armas do medo e do sofrimento físico. Eu precisava de me manter concentrada, caso contrário perderia esta luta antes de ela começar.

Mas como era possível lutar sem ver?

Sentia seres à minha volta mas que até agora não se haviam mostrado. De vez em quando, ouvia um leve restolhar, captava um aroma desconhecido no ar sobreaquecido, sentia uma presença suficientemente perto para eu lhe tocar, mas o que quer que era mantinha-se escondido.

A cara de Luke estava bege-clara, cor de chá com leite. Os seus lindos olhos verdes estavam vidrados e orlados de vermelho. Toquei-lhe na testa e fiquei assustada ao ver como ele tinha a pele gelada, um contraste tão grande com o calor insuportável que fazia neste espaço fechado e abobadado.

– Senta-te antes que desmaies – sugeri-lhe. – Estás com um aspeto horrível.

– Estou bem.

O macho estava vivo e mostrava-se.

– Não parece – retorqui.

– Está calor – disse ele sem mais nem menos. – O que queres?

Não podia obrigá-lo a sentar-se sem gastar uma magia preciosa de que iria necessitar mais tarde. Além disso, agora ele dispunha de poderes mágicos e não temia usá-los.

Ao meu lado, o corpo dele ficou hirto.

– O que é? – perguntei. – Vês alguma coisa?

– Mesmo em frente, na posição das oito horas.

Olhei na direção que ele me apontou.

– Tens alguma ideia? – perguntou ele.

– Consegues vê-las? – perguntei, admirada.

– E tu?

Fiz um sinal afirmativo. Duas velhas rechonchudas estavam sentadas à roda de fiar, a pairar, indiferentes às chamas que dançavam à sua volta e ao jato de lava que irrompia debaixo delas em intervalos de poucos segundos.

Mais uma vez, porque se haviam elas de preocupar?

Os fantasmas Tabitha e Dorcas, as minhas velhas amigas da banheira, já tinham morrido.

CHLOE

–São os fantasmas da banheira – disse eu quando elas interromperam o que estavam a fazer e começaram a olhar. – As que tentaram afogar-me.

– Elas não são reais. – Foi a vez de ele me lembrar. – Esvazia a tua mente e elas desaparecerão.

Fiquei completamente reduzida a ruído branco, mas elas nem se mexeram.

– Bolas! – exclamei. – Elas deviam ter desaparecido.

– *Deviam ter* manteiga e não nabos – gritou a velha chamada Dorcas.

– Nós avisámos-te – cantarolou Tabitha. – Não sei porque optaste por dificultar tanto a tua vida.

– Teimosa como a mãe – concordou Dorcas. – Direitinha ao humano que ela aceitou como consorte.

Tabitha concordou e recomeçou a fiar.

– Esta é mais forte do que a última. A morte foi uma bênção para a Guinevere e para o seu parceiro.

– Calem-se! – Cerrei os punhos ao lado do corpo. – Não permitirei que falem dos meus pais dessa maneira.

– Ignora, Chloe – aconselhou Luke tranquilamente. – Elas estão a atrair-te. – A cor parecia ter voltado à cara dele. – Não deixes que te distraiam.

– Devias estar preocupada – comentou Dorcas com uma vozinha melíflua. – O teu humano não conseguirá sobreviver ao que se avizinha.

– As vossas ameaças não nos assustam! – gritei, ao encurtar a distância que me separava da rocha mais próxima. – Vocês tentaram afastar-me de Samuel, da minha própria família!

– Ignora – repetiu Luke, desta vez com mais intensidade. – Elas estão a insinuar-se. Não mordas o isco.

– Elas tentaram afogar-me no motel – ripostei. – Como sabes que não são elas o inimigo que aqui vimos derrotar? És humano. Não compreendes a maneira de pensar delas. Não podes...

Conhecem aquele velho ditado, Saltem, que a rede logo aparece? Só me veio isto à cabeça quando, de repente, Luke se lançou no ar e aterrou no cimo da rocha mais próxima. Talvez *aterrou* não seja o termo adequado. Chocou com ela e agora agarrava-se à sua superfície e esforçava-se por se equilibrar e manter no cimo.

Uma terrível sequência de palavras com cinco letras saiu-me da boca quando ele chegou ao cimo, se equilibrou e depois saltou para a seguinte. Luke dispunha somente dos poderes mais básicos e não tinha experiência. Eu só podia esperar que Samuel lhe tivesse dito que nem sequer a magia operava milagres.

Ele saltou para a rocha seguinte e depois para a outra, aproximando-se mais dos dois espíritos, que haviam interrompido o seu trabalho mais uma vez e se riam dele com um prazer sardónico, enquanto a lava irrompia a poucos metros do sítio em que ele se encontrava, empoeirado na rocha escorregadia.

Eu, depois, percebi o que estava a acontecer. Dorcas e Tabitha não sabiam que Luke tinha poderes temporários. Julgavam que ele era aquele macho mortal médio e tresloucado a meter-se no que não era chamado e prestes a pagar o preço por isso. Os dois espíritos estavam na primeira fila, prontas a testemunhar o desastre iminente, um desastre que, segundo julgavam, me destruiria e atiraria para sempre o talismã para o campo delas.

Luke fazia isto com o propósito de distraí-las, para que eu pudesse preparar-me para enfrentar os verdadeiros candidatos à liderança de Sugar Maple. O que significava que tinha de ignorar o facto de o único homem que amava se encontrar num equilíbrio precário, a três metros do centro de um vulcão em atividade.

Mas queria isso dizer que teria de ficar ali espedada sem fazer nada para o ajudar?

Fiz aparecer por artes mágicas uma corda de salvação que só ele visse e enrolei-a no poste de amarração que também fizera surgir e que estava agora firmemente atado à saliência rochosa. Bastava-me chamar-lhe a atenção, atirar-lhe a corda e a magia que ela encerrava encarregar-se-ia do resto.

Infelizmente, as fadas tinham outras ideias.

Uns pontinhos de luz emergiram das sombras e dançaram ao longo dos meus braços e da minha barriga. Emaranharam-se na corda de salvação com uma precisão sinistra e, com uma série de movimentos sincronizados, desfizeram-na.

Como mosquitos numa noite de verão, o grupo de fadas em missão de reconhecimento estava sedento de sangue.

Em geral, os mágicos eram imunes às suas artimanhas, mas a minha linhagem semi-humana tornava-me vulnerável. Nenhuma das fadas de Sugar Maple explorara a minha fraqueza. Não estou certa de alguma vez ter visto um grupo de fadas em missão de reconhecimento antes do incidente na loja de antiguidades. Apesar de Isadora não gostar de mim, tolerara-me com a deferência que eu merecia como presidente da Câmara oficiosa e líder da vila e eu retribuía o respeito.

As fadas de Salem não se importavam muito com a deferência nem com o respeito. Eu era o inimigo e elas usariam tudo o que estivesse ao seu alcance para me derrubar, incluindo mapear o meu corpo e virar a minha própria biologia contra mim.

Os pontinhos de luz rodearam-me a cabeça como uma grinalda. Senti o calor a pressionar-me as têmporas, a testa, os ouvidos. Já teriam compilado informação ou ainda teria tempo de travá-las antes que elas pudessem aceder aos meus segredos?

Recorri aos ensinamentos do meu *Livro dos Feitiços*, visualizei uma página de instruções e depois disse três vezes:

– Envolver, emaranhar, encurralar.

Fui recompensada com a imagem daquelas bestinhas importunas a serem enfiadas numa bolsa de veludo preto e atiradas para o centro do vulcão.

Mais tarde, teria tempo para me regozijar por haver evitado uma catástrofe.

Recolhi-me nas sombras e fiz um esforço para desanuviar a minha mente. Acima de tudo, queria enviar ajuda a Luke, mas cada tentativa de lhe atirar uma corda de salvação resultava num aumento da lava que já ameaçava arrastá-lo.

Dorcas e Tabitha pairavam à solta e davam gargalhadas estrondosas ao verem-no agarrado ao cimo de outra rocha. As rodas de fiar abandonadas jaziam ao lado delas. A rocha atrás delas

emitia uma espécie de brilho vítreo. Em determinados pontos, estava incandescente.

Como só as rodas de fiar me permitiam ter uma noção de escala, tinha dificuldade em avaliar a dimensão do espaço em que nos encontrávamos, mas parti do princípio que seria equivalente ao de Sugar Maple. Altura e profundidade? O infinito era uma boa aposta.

Clarões de luz branca, como nuvens, pontuavam o céu escuro de forma aleatória. Eram demasiado grandes para um grupo em missão de reconhecimento. Sustive o fôlego quando uma série de correntes de prata reluzente estalaram e avançaram na direção de Luke, que estava agora equilibrado na última rocha.

Não tenhas medo, disse a mim própria. *Não tenhas medo*. Enchi a mente apenas com meadas de seda pura tingidas em tons de rubi, safira e topázio.

As correntes prateadas assobiaram no ar durante a sua trajetória. Luke agachou-se a tempo. As gargalhadas de Dorcas e Tabitha ressoaram no ar sulfuroso e sobreaquecido quando elas se precipitaram para ele.

Não tenhas medo... Não tenhas medo.

Com um gesto desprovido de ânimo, ele fez menção de atingir os fantasmas rechonchudos, tropeçou e apoiou-se num joelho enquanto a lava incandescente borbulhava aos seus pés.

Dorcas agarrou numa das correntes. Tabitha agarrou noutra. Fizeram-nas girar como se fossem cobóis num rodeo. Os círculos de metal brilhante caíram sobre a cabeça de Luke e enrolaram-se-lhe ao pescoço.

Não tenhas medo... não tenhas medo... não tenhas medo... concentra-te no que te rodeia... não permitas que te distraiam...

A bilis veio-me à boca quando Luke se engasgou e levou a mão ao pescoço. Aquelas raparigas não brincavam em serviço. Apesar dos anos de experiência de Luke, não sabia bem se ele estava preparado para enfrentar duas velhas senhoras. Mesmo que elas tivessem morrido há uns séculos.

Bolas... não penses... esvazia o cérebro... não tenhas medo... não tenhas medo... não lhes des nada que possam usar contra ele.

Os espíritos rodopiaram sobre ele, a rir-se, a fazer troça. Ele tinha falta de ar, tentava freneticamente agarrar as luzes que lhe envolviam o pescoço. Se se apercebia da presença de Tabitha e Dorcas, não o deu a entender até ao momento em que, com um uivo, se libertou da força que o reprimia e se lançou na direção dos dois espíritos como se fosse um obus.

No momento em que eles colidiram, uma explosão projetou-me de encontro à parede rochosa e tirou-me o ar dos pulmões ressequidos. Escorreguei ao longo da parede até bater com o rabo no afloramento estreito e agarrei-me a ele, cega pelo espetáculo caótico de fogo de artifício que se desenrolava à minha frente. Cada abalo provocava sucessivas ondas de choque no meu corpo. Quando o espetáculo de luz terminou, não fiquei admirada ao ver que Luke tinha desaparecido, assim como Tabitha e Dorcas.

Está bem... está tudo bem... ele é polícia... sabe o que está a fazer... talvez seja um plano qualquer que ele e Sam...

Fiz um esforço para deixar de pensar, de sentir, de fazer qualquer coisa que o pusesse em perigo. Ele desbravara o caminho. Agora competia-me fazer o resto.

Se eu soubesse o que era...

O vulcão, que cuspira jatos de lava de trinta metros de altura em intervalos de poucos

segundos, apaziguou-se. A temperatura começou a descer consideravelmente e eu reparei que estava a tremer. A escuridão aveludada que nos acolhera voltou, mas desta vez pontuada por um céu estrelado que me deixou sem fôlego. Uma estrela, mais brilhante do que as outras, aparecia e desaparecia com a precisão de um metrônomo.

Dois fantasmas, lava, fogo de artifício, e acabara tudo? Não me parecia. Talvez as reações de Luke tivessem feito descarrilar o plano, fosse este qual fosse, e elas estivessem a reagrupar-se.

Por mim, tudo bem. Eu fora apanhada de surpresa na loja de antiguidades quando as rodas de fiar se haviam unido contra mim e...

Tentei afastar as imagens mas era demasiado tarde. Elas dançavam literalmente diante dos meus olhos. Seis rodas de fiar escocesas pairavam à minha frente como colibris enormes. Uma roda ambulante embateu na minha anca direita.

Rodas de fiar.

A sério?

Se isto era magia antiga, eu não estava impressionada. A este ritmo, o talismã saltaria para os meus braços e prometeria a sua eterna devoção.

Agarrei na roda ambulante e atirei-a às rodas escocesas. Ela atingiu a primeira, a segunda, todas até chegar à última, destruindo uma de cada vez. A madeira acetinada desfez-se em milhares de farpas que se espalharam na escuridão estrelada como pólen na primavera.

Antes que pudesse congratular-me pelo trabalho bem feito, sete esferas luminosas apareceram diante de mim no sítio antes ocupado pelas rodas de fiar. Giraram no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, libertando uma chuva de brilho amarelo-manteiga, verde-lima, cor de tangerina, castanho, azul-marinho, cor de orquídea e amarelo-limão. Noutras circunstâncias, este teria sido um verdadeiro momento *Kodak*.

– Então, cá estamos – salmodiou a esfera verde-lima. Reconheci a voz da loja de antiguidades de Salem. – Temos estado à espera disto.

– Mas há um problema – disse a esfera amarelo-limão, também com uma voz que eu já ouvira.

– Pensamos que te sentirias mais aclimatada noutro lugar qualquer – cantarolou a esfera cor de tangerina. As outras quatro menearam-se no meio do seu rodopio e concordaram com um murmúrio.

Eu não morria de amores pelo sítio onde estava, mas era melhor do que o diabo que conhecemos. Não que eu tivesse voto na matéria. O interior do inferno vulcânico foi substituído instantaneamente por uma paisagem que eu conhecia muito bem: a estação de serviço abandonada da autoestrada onde levava um pontapé no rabo e só a intervenção oportuna de Samuel me salvara.

Okay. Eu podia lidar com isto. Era como os efeitos de ecrã verdes no cenário de um filme: só eram reais na medida em que nós permitíssemos. E recusava-me a deixar que isto fosse algo mais que uma distração menor.

Mas, é curioso: apesar de o céu estrelado ter escurecido, aquela mesma estrela solitária continuava a cintilar no ponto mais alto.

Fosse ela o que fosse.

Disse a mim própria que era tudo uma fachada, que nada do que via ou sentia tinha algum fundamento na minha realidade, mas o meu medo da solidão entranhado nos ossos era mais forte

que a lógica. A cena parecia retirada de um romance de Stephen King depois do apocalipse. Um misterioso híbrido de normalidade e bizzarria que intervinha em todas as noites escuras que eu passara a desejar uma família, uma casa, um sítio a que pertencesse.

Estava em frente de uma estação de serviço abandonada no meio de um deserto que se estendia até ao infinito em todas as direções. Não se ouviam pássaros a cantar. Nem o ruído distante de uma autoestrada. Nem sequer o leve assobio do vento que soprava em todo aquele ermo. Apenas... nada.

– Ela não gosta – observou uma das esferas.

– Olha para a maneira como ela respira – atalhou outra. – A qualquer momento ela vai precisar de um saco de papel para não desmaiar!

As outras esferas reboaram-se a rir, entrechocando-se, no que parecia ser o equivalente ao cumprimento dos atletas quando batiam nas mãos espalmadas uns dos outros.

– Não me interessa se a magia dela é muito forte – disse uma terceira. – Ela continua a ser semi-humana, e onde está escrito que um humano pode chefiar um clã?

Deixa-as falar, pensei. Elas queriam que eu perdesse as estribeiras e esquecesse o motivo por que estava ali, mas isso não ia acontecer.

Seria preciso muito mais do que umas graçolas extraviadas para me fazer esquecer que o futuro de Sugar Maple e de todos os que lá viviam estava na corda bamba.

Desta vez, eu estava pronta para o que atirassem para o meu caminho.

Insultos? Viessem eles.

Rodas de fiar com mau génio? Não havia problema.

Um cubículo sem janela, sem ventilação, sem saída e com aranhas nas paredes?

Talvez eu estivesse em apuros.

CHLOE

Era óbvio que tinham retirado as coisas boas. Eu estava à entrada da estação de serviço abandonada, do lado de dentro, e sentia-me como os cientistas de *Parque Jurássico* antes de T. Rex aparecer em cena. Um estandarte onde se lia TUDO O QUE VOCÊ PODE COMER E MAIS estava pendurado, de esguelha, por cima da porta trancada do bufê outrora popular. As portas de acesso às casas de banho tinham sido entaipadas. Chávenas de café amachucadas e palhinhas dobradas juncavam o chão de mosaico riscado. Ainda sentia o cheiro a batatas fritas e a suor no ar suboxigenado.

Queria sair.

Queria sair *já*.

Respira fundo, disse a mim própria. Nada era o que parecia. Tanto quanto sabia, ainda me encontrava no campo coberto de neve entre a floresta e a antiga pegada de Sugar Maple e estes episódios resumiam-se a uma série de jogos mentais destinados a fazer-me vergar.

Respirar fundo outra vez. Endireitar os ombros. Ter um plano B em mente. Sair disto o mais depressa possível.

Infelizmente, a saída desapareceu. E o bufê. E o corredor cheio de lixo. Eu estava num cubículo sem janela, sem ventilação e sem saída. Mais uma vez, a única constante era a estrela cintilante que parecia pairar acima de tudo, apesar de o teto ser tão baixo que roçava no cimo da minha cabeça. As paredes pressionavam o espaço interior e começava a sentir-me um *panini* quando uma coisa macia me aflorou a nuca. Consegui dar meia volta neste terrível caixão vertical e vi o xaile tricotado à mão mais lindo que se podia imaginar colado à parede. Cintilava como diamantes espalhados num campo de neve inundado de luar.

Percebi imediatamente que não havia carreiras de ponto de liga envolvidas neste modelo. Era pura técnica de malha arrendada, longas carreiras umas a seguir às outras e bordados com contas misturados com reduções complexas e perfeitamente equilibradas.

Talvez fosse preciso ser tricoteira para compreender, mas eu passava a vida a manusear fios extremamente delgados que transformava em peças maravilhosas. Sonhava com pontos. O amor pela fibra estava entrelaçado no meu ADN desde sempre.

Todas as minhas tentativas para esvaziar a mente por completo se esfumaram quando toquei naquele xaile fascinante. Era como se tivesse uma nuvem de sonhos nas mãos. Cristais puros como diamantes haviam sido tricotados e incorporados no xaile em intervalos meticulosamente calculados. O nível de perfeição ultrapassava muito tudo o que julgava possível. Eu era boa, mas, tanto quanto sabia, ninguém era assim tão bom.

Este deve ter sido o primeiro indício de que estava demasiado enamorada para pensar com clareza.

Oh, o fio de seda fino como uma teia de aranha! Oh, o brilho estonteante dos cristais!

Oh, os milhares de aranhas peludas a saltar daquela complexa teia de beleza para a minha cabeça, para os meus ombros, para os meus braços.

Abri a boca para gritar e dois dos monstros penugentos empoleiraram-se no meu lábio inferior, libertando sucos acres que me escorreram para a boca e me provocaram náuseas. O cubículo era do tamanho de uma antiga cabina telefônica. As paredes estavam cobertas de aracnídeos. O xaile ficava completamente obliterado por elas. Cheiravam a mofo e a calor e, quanto mais eu as enxotava do meu corpo e as retirava dos cabelos, mais depressa elas voltavam.

As minhas pernas, desde os tornozelos até às coxas, estavam repletas de aranhas peludas, gordas e quentes. Sentí a picada das suas cerdas quando se enfiaram debaixo das calças de ganga e começaram a trepar. Matei, bati, gritei, atirei-me contra a parede coberta de aranhas, na tentativa desvairada de matar o maior número possível antes que elas fizessem um avanço à maneira de *Star Trek* e se enfiassem nos meus ouvidos e se escondessem no meu córtex cerebral.

O lado mágico do meu cérebro sabia que estas aranhas eram ilusões gentilmente cedidas pelas fadas, mas o lado humano controlava-o. Porque a maior parte do meu cérebro fechou-se completamente e fiquei reduzida a um estado de terror primitivo, acéfalo e gritante. Se fosse a conduzir o meu *Buick*, ter-me-ia atirado de uma ponte para fugir a estes seres horrendos. Faria tudo para lhes escapar.

Elas estavam dentro da minha *T-shirt*, a rastejar para o meu sutiã, a contornar a minha orelha esquerda, a atravessar a cara em direção ao nariz, a deslizar nos meus joelhos e a treparem pelas coxas até eu ficar reduzida a um grito prolongado.

Estavam no botão das minhas calças de ganga, na argola do fecho de correr, nos pespontos das algibeiras. Uma mergulhou no meu ouvido e uma onda de fúria ergueu-se dentro de mim e percebi que encontrara a minha resposta.

Esforcei-me por afastar o medo e deixar que a raiva ocupasse o seu lugar. E, quando mais irritada estava, maior era a dormência que sentia nas pontas dos dedos...

Aqui vai um conselho que ninguém me pediu. Se alguma vez ficarem encurralados num cubículo com sete milhões de aranhas, acolham a vossa raiva interior. Às vezes, o meu génio é a única coisa que separa uma rapariga da eliminação total.

As chamas irromperam das pontas dos meus dedos, cruzando-se no ar, transformando as aranhas em briquetes de carvão a um ritmo espantoso. O crepitar! O estalar! O cheiro a aranhas queimadas naquele cubículo sem arejamento era de vomitar, mas consegui suportá-lo. Quanto mais eu matava, mais eram as que desapareciam voluntariamente. Por cada uma que eu fazia explodir, outras vinte caíam-me do corpo e desapareciam.

Soltei um grito de triunfo quando as paredes se afastaram e o cubículo se expandiu, tornando-se cada vez mais largo e comprido à medida que as aranhas iam ao encontro do seu criador.

Matei a última e vi-a encolher até ficar reduzida a uma empada de aranha ressequida. Pouco depois, o teto ergueu-se e desapareceu, mas a estrela solitária continuava na mesma posição e soltei uma gargalhada, um misto de exaustão, júbilo e divertimento.

Magia antiga? Mais parecia tecnologia obsoleta.

As fadas observavam-me através de uma câmara de vigilância!

Podiam observar-me como lhes apetecesse. Não que eu me preparasse para fazer um *strip show* para a câmara, a menos que as aranhas mortas tivessem um fraquinho por danças eróticas. Ora aí estava uma maneira vergonhosa de ganhar a vida. Aliás, qualquer coisa que remotamente incluísse dançar estava fora da minha zona de conforto. Pensar em danças eróticas em qualquer

momento, em qualquer lugar, fossem quais fossem os intervenientes, desencadeava um severo ataque de riso.

Ótimo. Agora as fadas podiam observar a líder legítima de Sugar Maple a desfazer-se num riso inútil, como uma criança de cinco anos na igreja.

– Acaba com isso! – ordenei a mim própria. Nervos, era o que era. Um caso grave de síndrome pós-traumática provocada por aranhas. O alívio saía de mim em ataques de riso. Não havia nada de mal nisso desde que conseguisse manter-me concentrada em Sugar Maple.

Abriu-se uma porta no sítio em que antes se encontrava o belo xaile e apressei-me a sair antes que ela pensasse melhor.

Em vez da entrada desolada cheia de chávenas de papel amachucadas e de palhinhas dobradas, dei comigo num corredor estreito, de paredes caiadas, onde de três em três metros havia uma porta, à esquerda e à direita. O teto fora substituído por uma cúpula de vidro. A luz magnífica do Sol inundava o espaço, era refletida pelo chão de mosaicos lustrosos branco-hospital e regressava ao céu.

Acenei à câmara de vigilância na expectativa de aparentar naturalidade e de não me mostrar nada preocupada com esta última viragem dos acontecimentos.

A câmara não retribuiu, mas nem eu considerava que esse fosse o seu dever.

Não sei o que sentem em relação a portas fechadas, mas elas estavam a assustar-me. Aliás, se fosse eu, juntaria às portas fechadas palhaços de circo e máscaras de hóquei. O meu ritmo cardíaco acelerou-se penosamente quando passei por duas portas e depois, ao admitir regressar à normalidade, voltou a aumentar só de pensar que havia mais portas. Por sinal, começou a doer-me o peito e eu pensava já em ligar para o 112 e na pessoa que me faria reanimação cardíaca.

A única coisa que me obrigava a pôr um pé à frente do outro era a esperança de que cada passo me aproximasse mais de devolver Sugar Maple e os amigos que eu adorava ao sítio a que pertenciam.

Mantive-me alerta, não fosse aparecer alguma aranha fugitiva, mas até aí tudo bem. De vez em quando, sentia um arrepio ao longo da espinha, como se fossem pernas fantasma a dançarem na minha pele. Todo o meu corpo ansiava por uma ou duas semanas debaixo de um duche quente, onde a água pudesse livrar-me de todos os resíduos viscosos das aranhas. Uma lobotomia também não seria má ideia, se conseguissem remover a parte do meu cérebro que guardava recordações de ter estado encurralada naquele caixão vertical repleto de aranhas.

Pensar nas aranhas quase embotava a sensação provocada por todas aquelas portas fechadas.

Quase, mas não totalmente.

Gunnar também detestava filmes de terror.

Recusei-me a pensar no meu melhor amigo, que morrerá para salvar Luke.

Luke estava tão vulnerável nessa noite, tão terrivelmente mortal...

Eu também não ia pensar em Luke. Isso equivaleria a abrir o meu coração, os meus sonhos, as minhas esperanças a elas.

Não.

De maneira nenhuma

O corredor terminava em T, o que me obrigava a virar ou para a direita ou para a esquerda. Um leve murmúrio de apreensão como o zumbido das abelhas percorreu-me a pele. A decisão assumia proporções épicas. Gotas de suor escorriam-me pela nuca enquanto estava ali, incapaz

de escolher. Desejei ter uma moeda para atirar ao ar, alguma coisa que evitasse ser eu a optar.

Como me senti inclinada a virar à direita, virei à esquerda. Na altura, isto pareceu-me uma espécie de sentido tresloucado.

Este corredor era idêntico ao outro. Branco como a cal. A luz ofuscante do Sol refletida em toda a parte. A câmara de vigilância a piscar lá no alto.

E aquelas portas. Detestava aquelas portas. Rostos vazios a fitarem-me, a esconder segredos cuja revelação eu não desejava.

Havia coisas terríveis que se escondiam atrás daquelas portas. Objetos roubados. Cadáveres. Assassinos com cutelos do tamanho de pernas de carneiro.

Para com isso! Não lhes dêis mais armas.

Pensa em azulões na primavera. Pensa em lareiras crepitantes nas noites frias de inverno. Pensa num camião cheio de novelos de Malabrido pronta a tricotar.

Passéi pelas duas primeiras portas sem incidentes. Como isto era magia antiga, parecia que elas saíam do cenário de uma casa assombrada. Para quê interferir no sucesso? Desde tempos imemoriais que as casas assombradas assustavam mais os miúdos que as máscaras do Dia das Bruxas. No que dizia respeito a emoções fortes e arrepios, eram uma antiguidade preciosa.

E detesto admitir, mas resultava. O desconhecido assustava-me terrivelmente. Talvez as portas fossem adereços que não conduziam a parte nenhuma, mas ainda assim conseguiam emitir uma vibração malévola.

Forcei-me a afastar os ombros das orelhas e continuei a andar. Se tencionava convencer o talismã, onde quer que ele estivesse, que era eu a indicada para liderar Sugar Maple, teria de mostrar coragem e determinação. Já para não falar da capacidade de dar um pequeno pontapé no traseiro quando fosse necessário.

Esta era uma daquelas alturas em que uma rapariga tinha de agir *como se*.

Avancei pelo corredor, de cabeça erguida, com um passo saltitante que denotava confiança. Primeiro as rodas de fiar, depois as aranhas e agora estas horríveis portas fechadas. Se elas queriam envolver-se em brincadeiras de crianças, por mim tudo bem. Conseguiu lidar com isso e com muito mais.

Pelo menos, era o que pensava até chegar à penúltima porta à direita. Ela abriu-se e um gigante vestido de preto saltou para fora, agarrou-me e encostou a lâmina afiada de um sabre perigosamente curvo à parte mole do meu pescoço.

O aço estava frio e deixei de respirar. Ao menor movimento, seria cortada às fatias como um presunto no Natal.

Não percebia se a criatura era masculina ou feminina. A única coisa de que tinha a certeza era que me queria matar.

Até esse momento, eu agira na convicção de que tudo o que via, tudo o que sentia, era o resultado de uma série elaborada de ilusões criadas pelas minhas muito inventivas adversárias, as fadas. Mas, desta vez, percebi que não era o caso.

Os mágicos conhecem os mágicos. Reconhecemo-nos uns aos outros no meio de uma multidão sem pronunciar uma palavra. Havia magia no ar, sem dúvida nenhuma, mas o sabre que aflorava a pele macia do meu pescoço era deste mundo e destinava-se a eliminar uma feiticeira semimortal.

CHLOE

Sustive o fôlego quando a lâmina me furou a pele. O fio de sangue quente fez-me estremecer ao escorrer lentamente pelo pescoço até entrar na *T-shirt*. Com exceção disto, não senti nada. Nem dor. Nem mal-estar. Somente admiração por ter sido golpeada, talvez com gravidade, e não sentir absolutamente nada.

O vulto vestido de preto reposicionou o sabre até a ponta da lâmina ficar encostada ao sítio mole e vulnerável por baixo do lóbulo da orelha, perto do maxilar. Vi um lampejo de brilho verde-lima a girar lentamente através da minha linha de visão.

Sugar Maple já acabou. Constrói a tua vida noutro lado, com o teu humano e deixa este mundo para nós.

Ouvi a voz vinda de algures dentro de mim. Suave, melódica, inegavelmente feminina, mas imbuída daquele tipo de determinação que nunca acabava bem fosse para quem fosse.

– Este é o meu destino – murmurei. – É a isto que eu pertença.

Tu pertences ao teu humano. Esse é o teu destino. O mundo dos humanos receber-te-á de braços abertos.

A lâmina inclinou-se, pressionando mais a veia que pulsava debaixo da pele.

– Eu pertença a este sítio.

Sugar Maple acabou. O seu tempo acabou. Renascemos mais fortes do que antes na terra que os nossos antepassados reclamaram.

Eu não estava disposta a encetar uma discussão sobre os méritos relativos de Salem *versus* Sugar Maple com alguém ansioso por me trespassar com uma lâmina de cinco por dez centímetros.

– Há espaço para todos nesta dimensão. Reconstruam a vossa comunidade de Salem e nós restabeleceremos a nossa aqui em Sugar Maple. Coexistiremos em paz.

Estas palavras foram um erro.

Ouvi o estalido quando a lâmina rompeu a pele e se enterrou na veia, senti o afluxo rápido do sangue, a sensação quase sexual de algo a ser expelido. Era assim? Era desta maneira que a minha vida devia acabar, era desta maneira que o legado Hobbs devia cessar?

Senti-me como que encurralada num mundo de sonho, a afastar-me de tudo o que era familiar. Fora isto que o meu pai sentira quando a sua vida se aproximava do fim numa estrada coberta de gelo numa noite escura de inverno? Esta sensação vaga e distante, como se tudo o que acontecera antes não passasse de um sonho, como se nada interessasse exceto cedermos, desistirmos, rendermo-nos ao inevitável com que todos os humanos se confrontavam mais cedo ou mais tarde?

Eu gostava do meu lado humano. Gostava que corresse sangue quente nas minhas veias e que eu fosse um elo na longa cadeia da história humana, mas já não era a mesma pessoa. Não podia regressar ao tempo anterior à magia. Os meus poderes faziam parte de mim agora. Eles informavam todos os movimentos, todas as escolhas que eu fazia. O mundo dos mortais – o

mundo de Luke – tinha muito a oferecer, mas Sugar Maple detinha o meu coração e a minha alma e não estava disposta a desistir de tudo.

A minha *T-shirt* estava ensopada em sangue. O corredor estreito andava desvairadamente à roda enquanto tentava manter-me consciente. Tentei cauterizar a ferida com as chamas que me saíam da ponta dos dedos, mas tive de esperar muito tempo. A chama resumia-se a uma crepitação.

Dei um grito de frustração ou pelo menos fiz por isso. A criatura de túnica preta soltou-me de repente e eu escorreguei no chão ensanguentado. O sabre cintilou à luz do Sol e por instantes julguei ver a gata *Penny* a observar-me com a tristeza estampada nos seus olhos dourados.

A câmara de vigilância, a piscar, observava tudo em silêncio.

Estava a morrer. Sabia. Esperei pelo cortejo da vida passada, mas, à parte *Penny* e a criatura vestida de preto, eu estava sozinha.

Ou não estava? Senti uns braços fortes à minha volta, a aconchegarem-me. Um sussurro ao ouvido. Um toque experiente no pescoço. Uma neblina finíssima cor de púrpura que apareceu e se desvaneceu.

Janice, segredei mentalmente. *Estás aí? Eras tu?*

Mas o único som era o pulsar do meu coração cada vez mais forte e mais firme no meu peito. A poça de sangue debaixo de mim desapareceu. Não havia manchas de sangue na minha *T-shirt*.

E, talvez uns segundos depois, a criatura de sabre em punho tentou outra vez.

Não sou exatamente uma atleta, mas quando a nossa vida está por um fio até uma viciada no sofá como eu se podia qualificar para os Jogos Olímpicos. Não sabia para onde corria nem me importava com isso. Qualquer sítio era bom para mim desde que não tivesse uma criatura louca com um sabre afiado na mão.

O chão tremia debaixo dos meus pés enquanto a criatura me perseguia. Cheguei a outra bifurcação e dessa vez virei à direita. Abriu-se uma porta à esquerda e o que parecia ser um milhar de agulhas de tricô – tamanho 15s, 35s e maiores, com comprimentos que eu nunca vira – saiu em voo rasante sobre a minha cabeça, como se fosse uma esquadrilha de caças.

Atirei-me a elas e agarrei pelo menos em três pares de agulhas de madeira tamanho 17s, tão aguçadas que conseguiriam furar uma lata de tinta. Nem queria pensar no que elas poderiam fazer à minha carótida.

As agulhas de tricô dividiram-se em duas trajetórias e abateram-se sobre mim vindas de diversas direções. Uma atravessou-me o braço direito. Outra roçou-me na face esquerda. Quanto mais depressa eu as abatia, mais depressa elas voltavam como mosquitos tresloucados à procura de sangue.

A criatura da túnica preta estava com dificuldade em manter o meu ritmo. Se conseguisse ser um pouco mais veloz, talvez fosse capaz de aumentar bastante a distância entre nós.

O corredor descrevia uma curva acentuada para a direita e depois para a esquerda. Escorreguei e choquei com a parede, recuperei o equilíbrio e continuei a correr. As portas abriam-se e fechavam-se, desviando as agulhas voadoras que pareciam direcionadas para mim como *lasers*. Avistei outra bifurcação e tive uma ideia maluca.

Porquê virar à direita ou à esquerda?

Porque não atravessar a parede?

Não sei bem se foi magia ou adrenalina ou uma combinação furiosa de ambas, mas atravessei

a parede como se ela fosse de papel e fui projetada para um prodígio de inverno.

Montes de neve por todo o lado. Montanhas. Tudo a brilhar debaixo de um céu pálido e invernos. Fitas de gelo atravessavam a neve acumulada e abriam caminhos que não iam dar a parte nenhuma.

Continua a andar. Tens de continuar a andar.

Precipitei-me para o caminho mais próximo, a escorregar e a patinar no gelo, a avançar, imparável.

Ouvi uns passos pesados atrás de mim.

Ouvi um silvo quando o sabre da criatura golpeou o ar.

Afinal, talvez a equipa olímpica não fosse um sonho impossível. Para uma rapariga palerma e desajeitada que não sabia andar numa sala sem derrubar qualquer coisa, eu reagia depressa.

Mesmo assim, não conseguia ganhar tração. A dada altura, tive a certeza de que estava a hidroplanar, mas deslocava-me demasiado depressa para me preocupar com isso. Em condições normais, andar sobre o gelo provoca-me náuseas. Detesto aquela sensação de descontrolo, aquela sensação de desastre iminente que me enche o estômago com algo semelhante ao pânico.

Mas prefiro escorregar no gelo do que entrar num mano a mano com um maniaco gigantesco de sabre na mão.

O caminho estreitou-se. Virei-me um pouco de lado, equilibrei-me com as mãos, continuei a andar e continuaria até haver um motivo para parar.

O que aconteceu trinta metros mais adiante, quando desemboquei numa clareira que me pareceu estranhamente familiar.

O mundo silenciara-se outra vez. Deixei de ouvir passos atrás de mim. Somente o ruído branco almofadado de um mundo coberto de neve.

Eu avançava ao longo da curva de uma estrada de campo de duas faixas, meio coberta de neve, ao anoitecer. Aqui e ali, um veado enfiava um nariz inquiridor na clareira e em seguida voltava a refugiar-se nas sombras.

A temperatura estava a descer. A minha pele parecia gelar de dentro para fora. Admiti a hipótese de fazer aparecer por artes mágicas um casaco com forro de pele e umas luvas tricotadas à mão, mas daí a cinco segundos poderia estar numa praia, debaixo de um sol escaldante. Não valia a pena gastar as minhas reservas de magia enquanto não soubesse o que me esperava ao virar da esquina.

Comecei a percorrer a estrada coberta de neve, de braços abertos para me equilibrar. O piso não estava suficientemente desimpedido para mim e muito menos para dois automóveis que seguissem em direções opostas.

Bolas! Eu tinha de deixar de pôr pensamentos na mente delas. A magia antiga era como um *boomerang*. Se largássemos alguma coisa, podíamos ter a certeza de que ela voltaria para nós atada a uma bomba.

Logo a seguir, ouvi o ronco de um carro a aproximar-se. Virei-me e desatei a correr para me salvar. Escorreguei e bati com um joelho no chão. Senti uma dor até à anca. Consegui levantar-me e voltar para a clareira uns segundos antes de uma *pickup* preta passar e desaparecer.

O crepúsculo dava lugar à noite. Eu não sabia ao certo se isto fazia parte da ilusão. A exaustão, o frio, tudo conspirava para me confundir. Estava cansada de me esquivar às balas, cansada de tentar perceber o que era real, o que tentava matar-me, o que tentava dar-me cabo da cabeça.

Queria que isto acabasse. Queria estar com Luke. Queria que Sugar Maple reaparecesse. Queria rever os meus amigos, caminhar pelas ruas onde brincara em criança, reclamar a minha herança e prosseguir a minha vida.

Era pedir assim tanto?

E foi então que tudo aquilo se desmoronou.

CHLOE

Ouvi o choque antes de o ver. Os travões a chiar. Um grito a elevar-se na escuridão. O ruído do metal contra a madeira.

E depois o silêncio.

Comecei a tremer e desta vez não tinha nada a ver com a baixa de temperatura.

Conhecia aqueles sons. Aqueles sons tinham-me acompanhado durante quase toda a minha vida.

Fiquei colada ao chão, mais uma vez incapaz de evitar o inevitável quando as sete esferas brilhantes voltaram para apreciar o espetáculo.

– Não façam isso – gritei, embora soubesse que de nada serviria. – Por favor, não façam isso.

Elas ficaram a pairar, raios de brilho a pulsar a um qualquer ritmo interior, e revezavam-se passando lentamente pela minha face. Cheiravam vagamente a tomilho, erva cortada e a qualquer coisa que eu não conseguia identificar. O entusiasmo fluía delas como neve derretida. Esperavam que depositasse o meu coração destroçado na neve para elas verem.

Mas deixaram de ser importantes quando vi o carro.

Oh, como gostava do grande *Thunderbird* verde do fim dos anos setenta, com um banco traseiro feito para dormir. Quando era pequena, considerava-o o automóvel mais lindo do mundo. Ele fora o tapete mágico da minha família que nos levava a sítios exóticos como Burlington e Montpelier. Qualquer sítio é exótico quando temos seis anos.

O *T-Bird* não parecia tão bonito assim amachucado, desconjuntado e deitado de lado, com os pneus a girar, os vidros partidos, o vapor a pontuar o ar gélido da noite que vinha da dianteira amolgada. Ouvei o som de uma menina a chorar vindo de perto, mas não me virei para ver. Não pude ignorar o horror à minha frente.

– Ted! – A voz da minha mãe, levemente rouca. Completamente inesquecível. – Oh, por favor, Ted, fala comigo! Diz alguma coisa!

A angústia dela era como outra presença. Embora tivesse sido um dos filhos de Isadora a espalhar o gelo misturado com terra que provocara o desastre, o sentimento de culpa da minha mãe não tinha limites. Se ela não houvesse lançado um feitiço sobre o meu pai que o ligara a ela para sempre, o acidente não teria acontecido.

– Porque me estão a mostrar isto? – gritei.

Porque podemos, foi a resposta.

Dei um grito quando o lado amachucado do carro se levantou e afastou e vi o meu pai deitado nos braços da minha mãe.

Tinham ambos vinte e cinco anos e estavam condenados.

Não tinha fotografias dos meus pais. Nem livros de apontamentos, cartas antigas ou postais de aniversário para me lembrar deles. Com os anos, bloqueara todas as recordações do meu pai, deixara que a raiva em relação à minha mãe ensombresse tudo o resto. Com a passagem dos anos, saíra-me tão bem que ele não era mais que um sussurro nos ventos do tempo.

Mas agora, mil recordações enterradas há muito vinham até mim numa onda de dor suave.

Eu às cavalitas dele através da vila, quando o meu pai mostrava a filhinha a Lilith, Archie, Midge e à família Griggs e a toda a gente da terra que parava para conversar com o jovem e robusto mortal e com a filha que era metade feiticeira.

Como deve ter sido difícil para ele desistir de tudo o que sabia, de tudo o que era, para ficar com a minha mãe e comigo em Sugar Maple. Ficara ressentido? Nunca viria a saber.

As recordações que rodopiavam à minha frente só me mostraram alegria.

Bebi a imagem dele: alto, magro, com o cabelo louro-sujo e olhos castanhos de chocolate derretido que faziam rugas quando se ria. As mãos eram grandes e calosas devido ao seu ofício de carpinteiro. Mãos fortes que faziam com que uma criança se sentisse segura de todas as maneiras.

Eu gostava tanto de si. A percepção equivalia a regressar a casa. Ele não era uma sombra. Não era apenas um nome numa certidão de nascimento há muito esquecida. Uma porção de ADN partilhado.

Era o meu *pai*. O homem completamente mortal a quem eu chamava papá. E, ao ver a minha mãe a embalá-lo enquanto ele se esvaía em sangue nos seus braços, foi como se o perdesse outra vez. Como se perdesse ambos. Como se perdesse a minha infância e o meu futuro num único momento terrível.

– Que pena! – disse a esfera cor de tangerina com uma nota de júbilo na voz. – Tão novo!

– Uma perda de um bom naco de carne humana – respondeu a esfera verde-lima.

– Oh, ele era bonito – comentou a esfera castanha. – A Guinevere sempre teve olho para jovens bonitos. Sempre me interroguei quem viria a seguir se ela não tivesse partido como partiu.

*

A raiva explodiu na minha cabeça. Uma raiva poderosa, devastadora, feia, que me levantou no ar e me fez andar às voltas, numa tentativa insana de destruir aquelas esferas brilhantes com as minhas próprias mãos.

Toda a magia que eu dominava, tudo o que aprendera no *Livro dos Feitiços*, tudo o que Sorcha me ensinara se traduzia numa erupção de vingança perante a qual o vulcão do inferno parecia uma experiência de química infantil.

O pensamento consciente desapareceu. Não queria que as fadas cruéis e maléficas reclamassem a minha adorada terra natal, mas o único motivo bem definido dentro mim que me levava a agir nesse momento era detê-las. Fazê-las pagar pelo facto de um dos seus ter provocado o acidente que tirara a vida ao meu pai.

Quando os soluços se esgotaram no coração destroçado da minha mãe, ataquei-as com mais força. Parti a esfera verde-lima em duas e ri-me ao vê-la eclipsar-se. Enterrei os dentes no verde-lima e cuspi o brilho para cima da outra. Ri-me em voz alta quando cravei os polegares na esfera cor de tangerina e o seu sangue escorreu para os meus dedos.

Chamas minhas conhecidas irromperam das pontas dos meus dedos e incineraram a esfera azul-marinho. O meu coração encheu-se de um forte entusiasmo. A minha necessidade de destruição não conhecia limites.

Podia ter destruído todo o mundo das fadas, todos os antigos seguidores de Isadora, os

descendentes de Da'Elle, os membros do clã que haviam ficado em Salem, destruído cada um deles com uma pancada vigorosa. Cor de orquídea, castanho, amarelo-limão e amarelo-manteiga – combati-as uma por uma e fiz desaparecer as esferas brilhantes.

– Sei que me estão a ouvir! – vociferei, dirigindo-me à noite. – Vocês nunca mais poderão fazer mal àqueles de quem gosto!

Palavras ousadas, insensatas.

Eu já devia saber.

A tua filha, disse uma nova voz. *Durante quanto tempo serás capaz de proteger a filha?*

– Não tenho nenhuma filha – gritei. – Só vos restam os jogos mentais?

À minha frente apareceu outra esfera, mas esta era enorme e cor de ónix. Obliterou o *T-Bird* amachucado e a cena terrível que se desenrolava à minha frente. A esfera brilhava intensamente como gelo numa noite sem Lua. Um leve zumbido emanava dela, persistente, sem tonalidade, suficientemente desestabilizador para me eriçar os pelos da nuca.

De repente, a esfera abriu-se e Luke jorrou de um mar de espuma vermelho-sangue. Estava vivo e inteiro e uma onda de amor, violenta e ferozmente protetora, quase me fez cair de joelhos.

Luke levantou-se e a esfera regenerou-se e subiu uns metros acima das nossas cabeças, onde ficou a pairar. Se me tivessem perguntado na véspera se esferas gigantes e brilhantes vindas do inferno ocupavam os primeiros lugares da minha lista de medos, ter-me-ia rido na vossa cara.

Mas se me fizessem a mesma pergunta agora, eu colocava-as em primeiro lugar.

A esfera começou a descrever círculos baixos sobre a cabeça de Luke.

– Para! – exclamei eu, com uma calma mortal. – Não faças isso.

Os círculos abrandaram o ritmo, remetidos para um arrastar ocioso, e a esfera desceu e aproximou-se mais dele.

– Já te avisei uma vez, mas não te avisarei segunda – ameacei, continuando a aparentar calma.

– Esta luta não é dele. É minha.

Vi a expressão de Luke a neutralizar-se e a regressar ao seu modo de polícia, um sinal seguro de que ele estava prestes a fazer algo de que talvez nos arrependêssemos.

Uma sensação de náusea apoderou-se de mim quando percebi que os poderes temporários dele estavam a desaparecer. Os seus reflexos haviam abrandado para os níveis humanos, o que o tornava vulnerável ao ataque. Vinte e quatro horas, dissera Samuel, mas verifiquei que a estimativa pecara perigosamente por defeito.

Aqui está um presente para ti, mortal, cantarolou uma voz grave e forte quando um ecrã brilhante se desenrolou no cimo da esfera e mostrou uma menina de bicicleta. A referência à filha neste momento, fazia um sentido terrível.

Era a filha de Luke, Steffie. A qualquer momento, ela sairia com aquela bicicleta para a rua e o seu corpinho seria esmagado pelas rodas do automóvel de um vizinho.

A necessidade de destruir encheu-me o coração e a alma. Uma nuvem vermelho-escuro toldou-me a visão. Faria qualquer coisa para poupar o homem que amava à cena da filha a exalar o último suspiro neste mundo.

Sugar Maple já não interessava. Estava-me nas tintas para os talismãs, os clãs, os líderes ou qualquer dos milhares de coisas que obstruíam o caminho do que era verdadeiramente importante.

Isto era importante. O amor era importante. Os maridos, as mulheres, os amantes, os

parceiros, os pais e os filhos, qualquer que fosse a combinação. Detestava o meu mundo de magia por me ter tirado os pais. Detestava o mundo dos mortais de Luke por deixar morrer a filha dele. As coisas não tinham de ser assim e o facto de serem descontrolava-me.

Luke tentou deter-me no momento em que me atirei à esfera, mas os meus poderes, assim como a minha fúria, não estavam ao seu alcance.

Comecei a desfazer a esfera preta aos bocadinhos, servindo-me de tudo o que comandava. As minhas unhas, os meus dentes, a minha magia, a minha raiva. Apontei raios de fogo ao centro dela. Trespassei-a com punhais feitos de anos de solidão.

Enfureci-me com a morte inútil de uma menina e com o sofrimento interminável dos pais. Enfureci-me com o facto de a vila que eu amava, os seres a que chamava família, me haverem sido retirados devido às minhas insuficiências. Enfureci-me com o facto de não ter percebido até onde teria de chegar para vencer.

A minha existência era grotesca. Estava totalmente consciente de tudo o que fazia como nunca estivera. O afluxo de adrenalina provocado pela fúria era incomparavelmente superior ao que a caxemira pura tingida à mão ou um balde de *Ben & Jerry's* alguma vez tinham despertado em mim. Fora isto que Dane sentira quando o carro dos meus pais derrapara no tapete de gelo misturado com terra que ele preparara especialmente para eles? Fora isto que Isadora sentira quando vira Suzanne Marsden a afundar-se nas águas geladas de Snow Lake?

Era assim que nos transformávamos em monstros?

CHLOE

–Chloe! – A voz de Luke chegou até mim vinda de longe. – Chloe, para! Acabou... para... tu conseguiste... tu venceste... está tudo acabado!

A névoa vermelha abriu-se o suficiente para eu perceber que Luke estava junto de mim. Eu continuava a voar, movida pelas sensações, e tinha dificuldade em aperceber-me do que me rodeava.

A camisa dele estava rasgada. Um golpe em ziguezague atravessava-lhe a face do lado esquerdo. Tinha uma vaga recordação dele a lutar ao meu lado, mas a minha raiva obnubilara tudo.

Encontrava-me na companhia de Luke, no meio de um campo deserto com o aspeto desalinhado e esperançoso característico do início da primavera no Norte de Vermont. Algumas manchas de neve salpicavam a imensidão. Aqui e ali, um narciso amarelo punha a cabeça de fora para testar as imediações. O inverno partira, mas a primavera ainda não se decidira completamente.

A neve desaparecera. Assim como o *Thunderbird*. E os restos mortais dos meus progenitores. O ecrã com a imagem de Steffie. As cinzas das esferas que eu destruíra. Os últimos vestígios da raiva que me arrastara para este local no meio da luta.

Era nisto que querias que eu me tornasse, Samuel?, perguntei em silêncio. Eu atravessara a fronteira entre o ser civilizado e o monstro para salvar a terra que amava.

Mas onde estava o talismã? Porque não desfrutava eu do seu brilho dourado neste momento? Talvez tivesse vencido a batalha mas não a guerra.

Sete seres observavam-nos a uns seis metros de distância. Eram do tamanho de crianças humanas, mas indiscutivelmente adultos e dotados da beleza inegável que só as fadas possuíam. Cada um vestia uma túnica lisa da mesma cor das esferas brilhantes que eu vencera pouco antes.

Pareciam frágeis na derrota, como se uma rajada de vento os houvesse despedaçado, quais dentes-de-leão num dia quente de verão.

Forcei-me a recordar que eles eram guerreiros implacáveis e que, na situação inversa, estariam a rejubilar com a minha morte e a de Luke sem reservas.

Falaram a uma voz.

– Fomos derrotados. Estamos prontos a ser banidos para a escuridão eterna.

Portanto, o passo seguinte era este. Eu não sabia ao certo se o *Livro dos Feitiços* tinha instruções para uma situação como esta.

Reconheci que o seu futuro coletivo estava nas minhas mãos de principiante. Eu banira Isadora alegremente e sem remorsos. Ela apoderara-se dos fracos e ceifara vidas por desporto. Bani-la fora um ato acertado.

Estes guerreiros haviam esperado séculos para reclamar um direito prometido pelos seus antepassados e, quando chegara o momento, tinham lutado ferozmente e sem escrúpulos para alcançá-lo.

Não fizera eu a mesma coisa?

– Chloe, eles estão à espera – segredou-me Luke ao ouvido.

Sabia o que ele esperava que eu fizesse. Era o que Samuel me aconselhara a fazer para obter o talismã. Um compromisso total com Sugar Maple que não desse azo a dúvidas de espécie nenhuma. Era exatamente a mesma coisa que eu esperava de mim própria até há meio segundo.

Sabia que a minha decisão me podia custar Sugar Maple, mas, se alguma vez me tornasse uma verdadeira líder, estava na hora de começar.

Dei um passo em frente e olhei para as fadas.

– Não vou banir-vos.

A minha voz era forte. A minha determinação era inabalável.

Se elas sentissem fraqueza, atacariam, mas eu não era fraca. Nunca me sentira tão forte nem tão poderosa na minha vida.

– Vocês têm duas opções – acrescentei, enquanto as fadas observavam e escutavam. – Podem optar por sair desta dimensão e ir para o outro lado do nevoeiro ou ficar aqui em Sugar Maple, criar um espaço no seio da comunidade e viver finalmente em paz.

Senti os olhos de Luke postos em mim e adivinhei-lhe os pensamentos. Eu não estava completamente louca. Construiria salvaguardas para proteger todos os nossos cidadãos, fadas, mágicos e humanos, da discórdia e do mal. À primeira transgressão, todo o clã seria expulso. Finalmente, compreendia os meus inimigos. Compreendia a dimensão do rancor, mas acreditava que não havia outra maneira de atingir o objetivo que Aerynn definira há tantos anos.

Mais uma vez, as fadas falaram a uma voz.

– Sugar Maple não existe. O talismã não voltou para ti.

A minha resposta até a mim me surpreendeu.

– Então, reconstruiremos Sugar Maple juntos e fá-la-emos melhor do que era dantes.

Não esperava que elas pulassem de entusiasmo, mas esperava mais que o silêncio com que acolheram as minhas palavras.

– Preciso de uma decisão. – *Okay*, talvez o trabalho em conjunto tivesse sido uma ideia malucada, mas valia a pena tentar. O outro lado do nevoeiro parecia cada vez mais provável.

– Chloe. – Luke deu um passo em frente. – Olha!

Ele chamou-me a atenção para um pontinho cintilante no céu, a noroeste.

– A câmara de vigilância? – perguntei. – Não é possível.

Luke fitou-me com um ar estranho.

– Que câmara de vigilância?

– Aquela que registou tudo o que se passou no interior da cúpula.

– Não me parece que seja uma câmara de vigilância, Chloe.

Fosse o que fosse, o seu brilho e o seu calor aumentavam a cada segundo que passava. Ouviu-se um murmúrio de excitação das fadas quando aquilo iniciou uma descida rápida e em seguida veio direito a mim.

LUKE

O disco parou a poucos centímetros de Chloe. Um círculo achatado e brilhante de ouro

elaboradamente trabalhado que só podia ser uma coisa: o talismã.

A voz de Samuel ressoou no campo aberto.

Tu és tudo o que ela era e mais ainda, filha. Alcançarás tudo com que Aerynn sonhou antes de morreres.

As lágrimas correram pela face de Chloe quando ela estendeu as mãos e o talismã pousou nelas.

Os sete representantes das fadas aproximaram-se, a rodopiar.

– Juntar-nos-emos a ti neste local e ajudar-te-emos a reconstruir Sugar Maple. É a coisa certa a fazer – disseram em uníssono.

Chloe rejubilou e recebeu-as com um afeto genuíno que eu julgava impossível. Chamem-me um polícia desconfiado e cínico, mas daqui em diante passaria a trazê-las debaixo de olho.

Ela virou-se para mim e brindou-me com um sorriso de alegria e de embaraço em partes iguais.

– Parece uma medalha de ouro dos Jogos Olímpicos – disse ela. – Talvez deva usá-lo ao pescoço.

– Isso seria uma maravilha – respondi quando ela veio ao encontro do meu abraço.

– É pena que não tenha trazido uma vila com ele. – A voz embargou-se-lhe ao pronunciar a última palavra. – Raios! – lamentou ela em voz baixa. – Estive tão perto.

– Ainda aqui estamos – disse eu. – Passámos pelo pior de que elas foram capazes. – Ambos tínhamos histórias para contar e agora dispúnhamos de tempo para contá-las.

Ela olhou para mim enquanto as fadas rodopiavam à nossa volta, executando o equivalente a uma dança de júbilo.

– Espero que aquilo fosse o pior.

– Uma decisão corajosa, Hobbs. Não sei se teria sido tão generoso.

Senti os ombros dela a endireitar-se e a encolher-se.

– Julguei... – Chloe ficou hirta nos meus braços. – A floresta – exclamou ela, afastando-se um pouco para ver melhor. – Desapareceu!

Alguma coisa estava a acontecer. O ar zumbia de energia. As fadas gesticulavam e eu só esperava que isto fosse uma manifestação de entusiasmo e não uma espécie de plano do dia do Juízo Final.

A floresta desapareceu, mas renques de bordos sacarinos ocuparam o seu lugar, repleto de arbustos perenes e de árvores que eu conhecia de vista mas não pelo nome.

– Está a voltar! – exclamou Chloe. – Sugar Maple está a voltar!

Corri para o perímetro da vila. Preparei-me para o embate que sofreria quando chocasse de caras com aquela estranha barreira de espuma da memória que nos impedira a passagem no princípio, mas que não estava lá. Encontrávamo-nos dentro dos limites da vila pela primeira vez desde o incidente na cascata.

– As estradas! – Eu parecia tão excitado como Chloe. – As quadrículas estão a aparecer.

Primeiro, ténues linhas cinzentas no solo coberto de ervas, depois caminhos abertos por cavalos e carroças, seguidos pelo asfalto dos nossos dias.

E onde havia estradas, havia gente. Casas pequenas e grandes cresciam como cogumelos por todo o lado para onde olhássemos. Casinhas de campo mimosas. Prédios robustos de dois andares. Vivendas de madeira, de um e dois pisos, características da região.

E, se havia pessoas, havia estabelecimentos. Lojas fluorescentes para toda a família que eram a seiva de todas as vilórias neste país. Lojas de reparação de eletrodomésticos, charcutarias e mercearias, lojas de roupa, alfaiates, lavandarias e bancos e uma loja muito especial mesmo no centro da vila que pusera Sugar Maple no mapa.

De pé em frente da Sticks & Strings, Chloe começou a chorar. Escondeu a cara nas mãos e soluçou enquanto as pessoas que julgávamos perdidas saíram das sombras e se juntaram à nossa volta.

Paul e Verna Griggs e os filhos. O *troll* Archie e a mulher, a bela Lilith da biblioteca. Lynette, a grande amiga de Chloe, e o marido, Cyrus, do teatro. As raparigas do Fully Caffeinated. Frank, Manny, Rose e o resto das pessoas do Lar de Sugar Maple. Os velhos amigos de Chloe, Renate e Colm Weaver, da Estalagem de Sugar Maple, tinham andado a pairar pelas redondezas. *Pairar* era o termo operacional, visto que eram fadas que faziam uma série de manobras de colibri. Por fim, expandiram-se, adquiriram dimensões mais humanas e aproximaram-se de Chloe.

Os Weaver tinham ficado profundamente irritados com a expulsão de Isadora em dezembro último e haviam sido responsáveis por uma grande parte do caos que fizera com que o talismã tivesse retirado Sugar Maple do mapa. A amizade atingira quase o ponto de rutura e não sabia bem o que ia acontecer.

– Renate – disse Chloe com uma voz calma. – Colm.

Renate abriu a boca para dizer alguma coisa, mas desfez-se em lágrimas e no momento seguinte ela e Chloe abraçavam-se, choravam e diziam todas aquelas coisas que as mulheres dizem umas às outras depois de uma discussão. As outras fadas juntaram-se a elas e imaginei o brilho a voar por toda a parte como *confetti*.

Colm e eu mudámos de posição diversas vezes, pigarreámos e vimos se tínhamos mensagens nos telemóveis.

– Que prazer em vê-lo – disse Colm, estendendo a mão direita.

– Que prazer em vê-lo também – respondi, aceitando o cumprimento.

E assim, sem mais nem menos, regressámos ao ponto de partida, na vila que Chloe lutara para salvar, rodeada pelas pessoas que constituíam a sua família desde que ela nascera.

Com uma única exceção.

Lorcan Meany estava encostado à porta da Cut & Curl de Janice. Era um homem corpulento e largo de ombros, com um espanador de cabelo preto encaracolado e de trato fácil. Não creio que alguma vez o tivesse visto sem ser a sorrir.

Até hoje.

Estava cabisbaixo. Os filhos encontravam-se a pouca distância dele, de mãos nos bolsos e também de cabeça baixa.

Chamei a atenção de Chloe. Ela olhou para Lorcan e deu-me a mão.

Ele levantou a cabeça quando atravessámos a rua e o abordámos. O desapontamento no seu olhar ao ver que Janice não estava connosco teve o efeito de um murro no estômago.

– Ela vem – disse Chloe para o consolar. – Ela está em Salem. Está bem. Eu sei que ela vem.

Puxei Chloe para o lado.

– Talvez ela não esteja bem. Eu é que pedi ajuda à Janice quando estavas em perigo.

E se alguma coisa tivesse corrido mal quando Janice apelara aos seus poderes de curandeira para salvar a amiga?

– A que te referes?

Forneci-lhe a versão abreviada.

– Quando me engalfinhei com aqueles espíritos na cúpula, a explosão projetou-nos para outro domínio. Tu não me vias nem me ouvias, mas eu via tudo o que estava a acontecer-te. Tentei libertar-me e ir ter contigo, mas como o tempo voava juntei todos os poderes que me restavam e estendi a mão à Janice.

– Não creio que Dorcas e Tabitha ficassem muito satisfeitas com essa viragem dos acontecimentos.

– Como achas que acabei dentro daquela esfera de ónix? – Olhei de relance para Lorcan, que estava cada vez mais atormentado. – É melhor contactares o Samuel. Ele saberá onde está a Janice.

Mas, como se verificou, não foi necessário.

De repente, lá vinha *Penny* a galope na nossa direção, como um lustroso cavalo preto. Ouvi-a se ronronar dela a seis metros de distância. Saltou para o ombro de Chloe, mas antes que esta pudesse dizer uma palavra, a gata tossiu uma vez, duas e em seguida cuspiu um gordo canário amarelo.

O canário bateu as asas freneticamente, espirrou, bateu as asas outra vez e depois, numa explosão de fumo cor de púrpura, transformou-se em Janice mesmo à nossa frente.

Uma entrada triunfal.

O ar aparvalhado e radiante de Lorcan quando a mulher lhe caiu nos braços... bem, digamos que até os polícias empedernidos podem ficar com os olhos um pouco embaciados.

À nossa volta, Sugar Maple regressava aos seus padrões familiares. As perguntas ficariam para mais tarde. Neste momento, a prioridade era voltar ao normal. As crianças foram mandadas à pressa para a escola. As raparigas do Fully Caffeinated prepararam-se para a invasão do meio-dia. Paul e os filhos foram consentar o lavatório da casa de banho de Midge Stallworth. Lilith virou a placa da porta da biblioteca para ABERTO. Lynette e Cyrus apressaram-se a regressar ao teatro para acabarem de pintar o cenário da produção seguinte.

Chloe e eu ficámos ali no passeio em frente da Sticks & Strings, abraçados, com *Penny* empoleirada e bem segura no ombro dela, a observar mais um dia da vida de Sugar Maple a desenrolar-se.

Afortunados? Muito mais do que isso.

– Quem me dera que Aerynn pudesse ver isto – segredou Chloe com a boca encostada ao meu pescoço. – Acho que ela ia gostar.

– Talvez ela possa ver.

– Começas a acreditar em magia, não é verdade? – perguntou ela com uma risadinha.

Vilas que desapareciam. Vulcões do inferno. Fantasmas em banheiras. Uma feiticeira com quatrocentos anos que fazia tricô. Esferas brilhantes com atitude. Gatos de combate. E, apesar de tudo isto, um final feliz.

– Magia e amor – comentei, inclinando a cabeça para a beijar. Talvez o amor fosse o melhor truque mágico de todos.

– Luke? – Ela levantou a cabeça e olhou para mim. – Estás bem?

Eu não estava bem. Estava prestes a explodir com todas as emoções que refrudara ao longo de vários dias. Medo. Raiva. Alívio. Alegria. Refreadas e prontas a explodir por todo o lado. Queria

dizer-lhe que o que ela fizera fora extraordinário e magnífico, que ela era uma deusa guerreira, que, quando escrevessem a história de Aerynn e das suas descendentes, o nome de Chloe figuraria em letras grandes a negrito.

Felizmente, um enorme caminhão cinzento da UPS parou à nossa frente e não tive de dizer nada disto.

Joe, o motorista habitual, tocou a buzina e acenou.

– Ei, Chloe. Foi uma tempestade e peras, não foi? Trago pelo menos doze caixas gigantes de lã para si e há mais no armazém.

– Ponha-os a jeito – pediu ela com um sorriso de orelha a orelha. – Nós ajudamos a descarregar.

– Nós? – perguntei, sorrindo. – Eu sou o chefe da polícia desta terra, não tenho nada a ver com lãs.

Mas ela beijou-me na boca, um beijo tão prometededor que teria aprendido a fazer croché se ela me pedisse.

– Eu compenso-te – prometeu ela.

– Então, está bem – respondi, e beijei-a até perder o fôlego.

Os olhos dourados dela brilharam de felicidade. A pele dela era translúcida. Os cabelos louros cintilavam ao sol. Os últimos dias afastaram-se dela como um sonho mau. Chloe estava de volta à sua terra, à vila que amava e pela qual lutava, rodeada pelas pessoas a quem chamava família.

Esta noite, voltaríamos para a casa dela, daríamos de comer às gatas, prepararíamos uma pizza congelada, estender-nos-íamos no sofá, ela a fazer tricô e eu a ler *Dirty Jobs*. Mais tarde, no quarto às escuras, talvez eu conseguisse arranjar uma maneira de lhe dizer tudo o que não era capaz de lhe transmitir à luz do dia.

Dei-lhe a mão e atravessámos a rua a correr, direitos à Sticks & Strings.

Era bom estar em casa.

Samuel furou o véu pouco antes da meia-noite.

Não houve relâmpagos. Nem trovões que abanassem o solo a anunciar a sua partida. Nem visitantes astrais com mensagens de despedida. Estava deitada junto de Luke, a ouvir o som regular da sua respiração, quando de repente percebi que o parceiro de Aerynn partira.

Samuel fizera parte da minha vida durante menos de um dia humano naquele breve período em que me haviam lembrado como era estar ligado a alguém por laços de sangue. Pensar no que isso podia ter sido arrasou-me. As histórias, a sabedoria, até a possibilidade de compensar os anos em que ele optara por permanecer escondido no Farol de Bramford – tudo desaparecera num abrir e fechar de olhos.

As palavras de raiva que lhe dirigi no farol reverberaram no meu cérebro. Quem sabia que o nosso tempo seria tão dolorosamente limitado?

Mas agora ele estava com Aerynn. Ou pelo menos era nisso que eu queria acreditar. Tentei imaginar os dois, belos e no seu melhor, a tentarem construir uma vida juntos noutra dimensão. A vida que devia ter sido deles em Salem há tantos anos.

Afinal, talvez as mulheres Hobbs tivessem finais felizes – bastava-lhes esperar mais tempo que as outras.

O meu breve período com Samuel fora passado num ambiente dominado pela raiva e pelo confronto. Estava demasiado ressentida por causa dos anos perdidos para aproveitar as poucas horas que me haviam sido concedidas.

As lágrimas deslizaram na minha face e caíram na almofada.

– Raios! – exclamei em voz baixa, limpando os olhos com as costas da mão.

A meu lado, Luke murmurou qualquer coisa a dormir e voltou aos seus sonhos. Afastei as pernas de *Lucy* e *Pye*, que dormiam aos pés da cama, e fui à cozinha fazer um bule de chá, o meu remédio para quase tudo.

O bule de chá conduziu a uma embalagem de *Chips Ahoy*, que remeteu para a necessidade de queimar algumas dessas calorias na roda de fiar. Não sei muito bem se fiar é muito benéfico para o sistema cardiovascular, mas opera maravilhas na alma.

Em poucos segundos, cedi aos seus encantos. O único som que se ouvia em casa era o leve estalido da minha roda de fiar. O luar entrava pelas janelas. Os ramos das árvores projetavam sombras misteriosas no chão. O cheiro inebriante do merino e da Leicester azul encheu-me a cabeça.

Este era o meu legado, pensei, enquanto a fibra me escorregava entre os dedos. Sempre que me sentava a uma roda, sempre que pegava nas minhas agulhas, penetrava na minha história, mantinha vivas as tradições que Aerynn e Samuel haviam salvaguardado.

E a magia. Não que fosse esquecer-me dela, mas a verdade é que passara muito mais tempo a tricotar e a fiar do que a lançar feitiços e a lutar por Sugar Maple.

– Chloe.

Virei-me ao ouvir a voz de Luke na entrada. Ao luar que o inundava, vi os estragos que a nossa

luta com as fadas tinha provocado. O lado esquerdo do maxilar estava negro e inchado. Na face esquerda, via-se um golpe aberto. A pele debaixo do olho direito começava a escurecer.

Ele fora ultrapassado desde o início. Podia ter jogado a cartada humana, ter-se afastado, e ninguém o censuraria por isso. Mas lutou sempre ao meu lado e eu amei-o tanto que vi jeitos de o meu coração se abrir como um fruto maduro.

– O que estás a fazer levantado? – perguntei, escondendo as minhas emoções atrás do meu trabalho.

– Acordei e tu não estavas lá. – Ele tentou abafar um bocejo. – Gosto mais quando estás.

Adoro fiar, mas nem os prazeres da roda se podiam comparar ao amor sincero.

– Eu também gosto mais quando estou – respondi e aninhei-me no calor dos seus braços, rindo baixinho da chuva de faíscas provocada pelo contacto dos nossos corpos.

– Achas que ainda faremos faíscas daqui a um ano? – perguntou ele quando elas se dissiparam no quarto inundado de luar.

– Acho que ainda faremos faíscas daqui a cem anos. – Disse-lhe que estava certa de que Samuel furara o véu e ele abraçou-me com força enquanto ouvia as minhas lamentações eivadas de remorso.

– Anda – disse ele assim que a minha tempestade emocional passou. – Temos um dia ocupado pela frente. Vamos dormir.

Quase me esquecera que um grupo alegre de tricoteadeiras de Cincinnatti estava a chegar para um *workshop* de desenhos na manhã seguinte. À tarde, juntar-se-lhe-ia um grupo de senhoras da igreja de Nashua para uma última aula avançada que prometia transformar boas tricoteadeiras em excelentes executantes. Os dois grupos eram formados por participantes repetentes, pessoas que eu aprendera a conhecer e a estimar, mas mesmo assim o dia seria muito longo e atarefado.

Abraçados, percorremos lentamente o corredor até ao quarto.

– Ainda tencionas voltar a Salem amanhã? – perguntei.

– O Paul vai levar-me a Montpelier por volta da hora de almoço. Quando lá chegar, alugo um carro, trato do *Buick*, pago a conta do motel e volto.

Senti um grande nó a formar-se na garganta.

– Detestas o meu *Buick* mas vens a conduzi-lo até casa por mim?

– Acho que sou um taradinho pelo amor.

Afinal, quem precisa de chocolates e de rosas? Às vezes, o amor verdadeiro aparece atrás do volante de um calhambeque cinzento amolgado com matrícula de Vermont. Como as minhas emoções exacerbadas ameaçavam levar a melhor, apressei-me a mudar de assunto.

– Vou preparar-te um pequeno-almoço substancial antes de partires. Só precisarás de parar para comer no regresso.

– Não disseste qualquer coisa acerca de panquecas e *bacon* na manhã antes do caos?

Parecia que isso fora há uma eternidade.

– Panquecas de mirtilos, um rio de xarope de bordo, ovos por cima... calei-me quando um ruído forte abanou a casa. – Ouviste aquilo?

– Ouvia-se o mesmo em Montpelier. – Ele vestiu imediatamente a pele de polícia. – Desde quando é que vêm recolher o lixo às duas da manhã?

– Talvez andem a brincar à apanhada – sugeri. – As coisas não têm corrido propriamente com normalidade por estas bandas nos últimos tempos.

O barulho aumentou.

E aproximou-se muito mais.

Luke inclinou a cabeça.

– Se não soubesse, diria que aquilo parecia o *Buick*.

– Isso é um disparate – retorqui.

Mesmo assim, estávamos em Sugar Maple, onde o termo *disparate* era relativo. Não custava nada ir espreitar.

Abrimos a porta da frente a tempo de assistir a uma exibição de grande nível da Mãe Natureza. O céu produziu relâmpagos que retalharam o firmamento e iluminaram a paisagem como se fosse o 4 de julho a decuplicar.

– Raios! – exclamou Luke quando saímos para o alpendre onde o ruído de um motor invisível quase abafava a conversa. – Parece mesmo o teu carro.

– O meu carro está em Salem. Lembras-te?

Ele deitou-me um olhar especial.

– Tens a certeza?

Formaram-se gotas de suor na minha nuca.

– Tinha, há cinco minutos.

Na curva da estrada, surgiram dois feixes de luz que se dirigiram para nós a toda a velocidade.

Não me mexi, mas Luke apressou-se a atirar-me ao chão e em seguida deitou-se por cima de mim.

O alpendre da frente abanou quando uma coisa enorme e pesada se enfiou nas árvores novas à beira do caminho para a minha casa e depois caiu no chão com um enorme estrondo.

– Acho que não tens de alugar um carro em Montpelier – disse a Luke quando nos levantámos e sacudimos.

– Acho que não – concordou ele.

O meu *Buick* voltara. *Okay*, metade estava enfiada nos rododendros e saía fumo da capota, mas ele voltara, sem dúvida, bem como a roda de fiar de Aerynn e montanhas de fios de lã e de seda que tentavam fugir pelas janelas abertas.

Este teria sido um final quase perfeito para os dias mais descabelados da minha vida quando uma voz muito familiar se fez ouvir das profundezas do meu carro amolgado.

– Não fiques aí espedada, rapariga. Ajuda-me a sair daqui.

Luke e eu olhámos um para o outro. Ele estava tão horrorizado como eu.

– Elspeth? – dissemos em uníssono.

– E quem havia de ser?

Lembrei-me de umas mil pessoas, vivas e mortas, mas consegui dobrar a língua enquanto Luke e eu retirávamos a velha Buttercup do banco traseiro do carro.

Ela trazia a touca de lado e uma meada de caxemira à volta do pescoço. O avental branco liso e as volumosas blusas pretas estavam amarrotados e definitivamente impróprios para usar.

Luke tentou verificar se havia ferimentos, mas ela afugentou-o como se ele fosse uma mosca importuna.

– Afaste as mãos – advertiu ela, evitando ostensivamente que ele lhe tocasse. Não é fácil mostrar desprezo quando mal chegamos ao umbigo de um humano, mas a *troll* de cabelo amarelo saiu-se muito bem.

– Ele estava a tentar ajudá-la – expliquei de chofre, aborrecida com aqueles preconceitos da velha escola. – O que está aqui a fazer, afinal?

O que provavelmente não foi a coisa mais hospitaleira que podia ter dito, mas a amiga de Samuel não despertava o que de melhor havia em mim.

– Foi o Samuel que me mandou – retorquiu ela, inchando como um balão. – Foi o seu último desejo.

Revirei os olhos a Luke e fi-lo sorrir. Até as minhas gatas eram capazes de inventar uma história melhor.

– Está a dizer-me que o último desejo de Samuel foi que você viesse trazer o meu carro.

– Não, rapariga. – Ela empinou os ombros bem almofadados e avançou para a nossa porta, a bater com os pés no chão. – Estou a dizer-te que o último desejo dele é que eu dê à luz o teu bebé.

Tal como Chloe e Janice, gosto muito de fazer tricô durante as viagens por estrada. Deem-me um longo troço de autoestrada desimpedida, uma agulha circular e um novelo gordo e sou uma mulher feliz.

Além disso, não estou só. Fiz um levantamento das minhas amigas tricotateiras e cheguei às seguintes conclusões não científicas:

#1 Projeto preferido em viagens de estrada: Meias

Adoramos meias! Se você faz meias de tricô, talvez goste também de trabalhar em viagens de estrada.

Rho adora fazer meias com base numa laçada mágica (Modelo Lifestyle e modelo Fleegle's Heel sem abertos com o Começo Mágico de Judy [Judy's Magic Cast-On] e o Remate Extraordinariamente Flexível de Jeny):

* Laçada Mágica:

<http://www.knittingdaily.com/blogs/daily/archive/2009/09/16/the-magical-magic-loop.aspx>

* Modelo Lifestyle:

<http://www.klpldesign1.com/lifestylesocks>

* Fleegle's Heel:

<http://fleeglesblog.blogspot.com/2007/09/no-sock-holes-for-you.html>

* Começo Mágico de Judy:

<http://knitty.com/ISSUESpring06/FEATmagiccaston.html>

* Remate Extraordinariamente Flexível de Jeny:

<http://www.knitty.com/ISSUEfall09/FEATjssbo.php>

Marietta leva dois pares de meias já começadas quando viaja e fá-las com fio próprio para meias de tamanho 1s ou 2s.

Cathy R considera que « a escolha de um novo modelo de meia e do fio adequado é crucial para a manutenção da sanidade mental em viagens longas ». Jellidonut tricota duas de cada vez em agulhas circulares e adora quando as pessoas julgam que ela é mágica! Mas Katminder diz tudo: « Meias, meias, meias! »

#2 Projeto Preferido em Viagens de Estrada:

Panos de Cozinha

Surpreendentemente populares. Eu não faço panos de cozinha em tricô. Para mim, é impensável desenvolver todo esse esforço só para, no fim, limpar um tacho. Mas esta é apenas a minha opinião. (Se for outra pessoa a fazê-lo, a coisa muda de figura. Os panos de cozinha tricotados à mão são bonitos e amigos do ambiente.)

Sue3331 traz um conjunto de agulhas curtas e vários novelos de fio de algodão no carro, portanto, tem sempre alguma coisa para fazer. Nicole Simmons e Jeanne Hickling fazem o mesmo. Kathy Minder gosta de fazer um ou dois panos de cozinha de tricô na estrada quando vai visitar amigos ou parentes ao fim de semana. Oferece-os como forma de agradecimento.

#3 Projeto Preferido em Viagens de Estrada: Chapéus

Há um contingente sonoro de tricoteadeiras no nosso blogue, Romancing the Yarn, que juram que os chapéus são os seus projetos de tricô preferidos em viagens de estrada.

Uma vez, Megan Boesen fez três chapéus Jayne enquanto atravessava o Dacota do Sul com a família do marido, mas não percebeu porque não conseguiu encontrar lã de búfalo! (Chapéu Jayne: <http://crafster.org/forum/index.php?topic=19076.20>)

Julie S vota em chapéus... « apenas uma meia lisa, tricotar em círculo, chapéus» .

Lynne Welch gosta de « tricotar coisas não complicadas quando viajo. Faço muitos chapéus (com lã penteada de fio duplo e agulhas tamanho 10: 72 malhas iniciais, 2pm2pl para cerca de 28 centímetros, 2pmj à volta em várias carreiras até chegar às nove malhas, depois cortar o fio e rematar)» .

#4 Projeto Preferido em Viagens de Estrada: Cachecóis

Só me admiro por não ter atingido um nível mais alto no meu levantamento não científico. Os cachecóis são longos e repetitivos. Quando dominamos o tipo de ponto, podemos tricotar ao longo de quilómetros e quilómetros. Um cachecol comprido e intrincado pode acompanhar-nos de Nova Iorque até à Florida e no regresso. (E o que é mais bonito do que alguns metros de malha em ponto de arroz? O cachecol perfeito para homens!)

Ellen H adora fazer cachecóis em viagens de estrada, mas admite que ainda gosta mais de ler. Kozmic afirma: « Depois de dois acidentes desagradáveis com agulhas de duas pontas em viagens de estrada, recomecei a fazer cachecóis de tricô com uma agulha circular.» Estella faz pequenos cachecóis e pequenos xales quando vai na estrada. Jeanne Hickling viaja com o seu Xaile Sunday Morning (que pode encontrar em Ravelry, em <http://www.ravelry.com/patterns/library/Sunday-morning-shawl>).

E Sara Brockunier (uma tricoteadeira que muito aprecio e que pode encontrar em <http://fabricfiberfanatic.com>) adora cachecóis em ponto de arroz.

#5 Projeto Preferido em Viagens de Estrada: Artigos para Bebê

Esta surpreendeu-me. Acho que os artigos para bebê em tricô são enganadores e complexos, mas as minhas amigas tricoteadeiras obrigaram-me a repensar as minhas opções.

Grandma Moo afirma: « Os chapéus e os pequenos brinquedos são os meus preferidos, mas não posso fazer brinquedos se tiver de ajudar nos percursos a seguir. Uma vez, falhámos uma

saída e só nos apercebemos disso setenta quilómetros mais à frente por causa do nariz de um urso.» Holly Aberly-Wetstone só faz casquinhas de bebé na estrada e guarda-os até precisar de oferecer um presente. Atualmente, o seu preferido encontra-se no Ravelry: <http://www.ravelry.com/patterns/library/seamless-baby-kimono>.

Susan Lantz adora o célebre (todo em ponto de liga) Casquinha Baby Surprise, de Elizabeth Zimmerman, em Noro Silk Garden ou Dream na Cor Classy.

#6 Projeto Preferido em Viagens de Estrada: Sacos

Sally, de Riverdale Farms, e Page Pennington concordam que os sacos são projetos de tricô formidáveis para viagens de estrada. Page afirma: « Assim que se começa pelo fundo, basta tricotar à volta até o saco ficar do nosso tamanho, e depois pronto.»

Não se esqueça de forrar!

E o Meu Projeto Preferido em Viagens de Estrada:

Mantas para Abrigos de Animais

Adoro fazer mantas para animais que se encontram em abrigos e esperam ser adotados. Esse bocadinho de ternura e de calor pode fazer uma grande diferença. (Além disso, agrada-me pensar que uma manta colorida pode cativar uma família que pretenda adotar um animal.) Há uns anos, comprei uma tonelada de Red Heart's Light & Lofty da Smiley's: <http://www.smileysyarns.com>.

Light & Lofty é uma fibra acrílica que se pode lavar e secar na máquina e é perfeita para abrigos movimentados, que precisam de artigos que exijam poucos cuidados e possam compensar os animais dos maus tratos sofridos. Uso-a em fio duplo e trabalho-a em croché (sim, croché!) com uma agulha de barbela monstruosa, tamanho N, de plástico. Os abrigos aceitam tudo, desde quadrados de 30 por 30 cm a quadrados de 90 por 90 cm. Os retângulos também servem. Faça um cordão aproximadamente com a largura que escolheu, * croché simples (cs) no segundo cordão a contar da barbela ou faça um meio ponto duplo (mpd) no terceiro, cordão 1, repetir a partir de * na carreira. Vire. Se estiver a fazer croché simples, cordão 1, cs no segundo cs, *cordão 1, cs no seguinte cs, repita a partir de *até ao fim da carreira. Continue a seguir este padrão (Se trabalhar em meio ponto duplo, cordão 2, mpd no segundo mpd, *cordão 2, mpd no seguinte mpd, repita a partir de *até ao fim da carreira.)

Continue até atingir o tamanho desejado ou o fio se acabar. Não se preocupe se ficar a meio de uma carreira. Teça todas as pontas com cuidado. É desejável que faça uma malha relativamente apertada para evitar que as pequenas patas e unhas lá fiquem presas. Se o abrigo da sua zona não as puder aproveitar, procure abrigos que aceitarão de bom grado o seu trabalho em Hugs for Homeless Animals (<http://www.h4ha.org/>).

MINIGORRO DE DAWN BROCCO

Este pequeno gorro é um ornamento para árvore ou para um ovo, rápido de fazer, mas não enfadonho, e indicado para as fêrias. As técnicas incluem torcidos sem agulha e torcer uma malha.

Materiais

Shibui Knits Marino Kid (55 % kid mohair, 45 % lã de merino): 1 meada (100 g) de Chinese Red (cor #1797), agulhas de duas pontas tamanho 6 (4 mm), agulha acessória; agulha de tapeçaria.

Dimensões

18 cm desde a extremidade do gorro (com a virola para cima) até à ponta do pompom; circunferência de 16 cm.

Tensão do Ponto

5,5 pontos e 7,5 carreiras por cada 2,5 cm em ponto de meia com agulhas tamanho 6 (4 mm) ou tamanho para dar tensão; a tensão do ponto não é crucial neste gorro.

Abreviaturas

2/2RC = passe 2 malhas para a agulha acessória e segure por trás, 2pm, 2pm, a partir da ac.

RE = rematar

ac = agulha acessória

CO = começar

adp = agulha de duas pontas

pm – ponto de meia

2pmj = fazer duas malhas juntas em ponto de meia

a = agulha

pl = ponto de liga

rest = restantes

rep = repetir

v = voltas

D = direito

p2pmj = passar duas malhas, separadamente, no sentido da malha, e depois tricotá-las juntas em ponto de meia a partir desta posição

m(s) = malha(s)

AV = avesso

Técnica: Torcer uma Malha

Passa a m seguinte em pl para a agulha da direita, passe o fio para a frente, passe a m por trás

para a agulha da esquerda, vire o trabalho ao contrário (de modo a que o AV fique virado para si). A torção está concluída.

Técnica: Cruzar um Torcido sem uma Agulha Acessória

Para um torcido de 4 ms: Passe as 4 ms para a agulha da mão direita. Prenda as duas últimas entre os dedos e depois segure-as por trás ou pela frente (consoante o padrão), ao mesmo tempo que passa as restantes 2 ms da agulha do lado direito para a agulha do lado esquerdo. Em seguida, coloque de novo as 2 ms que prendeu na agulha da mão esquerda e tricote em pm nesta nova posição.

Este método garante que as ms nunca caem enquanto as reposiciona.

Dica de Tricô

Pode usar p2pmj à vontade, em vez de 2pmj, para dar forma – mas tem de ser consistente.

Viola com Torcidos

CO 42 ms em adps.

Carreira 1: (p11, pm4, p11, pm1) à volta.

Carreira 2: (p11, 2/2RC, p11, pm1) à volta.

Carreiras 3-5: (p11, pm4, p11, pm1) à volta.

Carreira 6: (p11, pm4, p11, pm1) à volta

Carreiras 7-9: (p11, pm4, p11, pm1) à volta

Carreira 10: (p11, 2/2RC, p11, pm1) à volta

Virar a Parte Saliente

Carreira 11: (p15, 2pmj) à volta – 36 malhas restantes.

Base do Gorro

Faça 7 carreiras circulares.

Torça primeiro a malha da carreira seguinte, faça pm à volta, tricotando a malha torcida juntamente com a última malha da carreira. O AV do trabalho está agora virado para si. Este passará a ser o D daqui em diante, portanto, vire o trabalho e a ponta inicial do fio para cima através do meio, para facilitar a tarefa.

Faça 13 carreiras à volta.

Dar Forma ao Gorro

Carreira 1: (pm4, 2pmj) à volta – 30 malhas rest. Faça 6 voltas.

Carreira 2: (pm3, 2pmj) à volta – 24 malhas rest. Faça 6 voltas.

Carreira 3: (pm2, 2pmj) à volta – 18 malhas. Faça 6 voltas.

Carreira 4: (pm1, 2pmj) à volta – 12 malhas. Faça 6 voltas.

Carreira 5: (2pmj) à volta – 6 malhas.

Carreira 6: (2pmj) à volta – 3 malhas. Parta o fio, deixando uma ponta de 7,5 cm; termine puxando a ponta através das 3 malhas rest.

Fazer Pompom

Com a ponta enfiada na agulha de tapeçaria, colocar o dedo no cimo do gorro. Enrole o fio à volta do dedo (para fazer uma laçada) e cosa ao cimo do gorro, rep até 12-15 cm da ponta do fio rest – o que corresponde aproximadamente a 14 laçadas. Passe a agulha de tapeçaria pelo meio das laçadas, junto da base, dê uma volta e passe de novo pelo meio das laçadas. Rep do outro lado das laçadas e depois teça a ponta pelo AV para rematar.

Mergulhe por breves instantes em água fria com o seu detergente preferido ou um especial para lãs. Passe por água à mesma temperatura. Torça ligeiramente. Espalme e ponha a secar.

DAWN BROCCO iniciou a sua carreira de estilista a trabalhar como para a maioria das grandes publicações sobre tricô. Nos últimos quinze anos, optou por edições de autor e atualmente tem mais de cem modelos. O seu estilo abrange design clássico com efeitos modernos e design alternativo inspirado no amor pela natureza. Pode encontrar Dawn Brocco Knitwear Designs em <http://www.dawnbrocco.com> e contactá-la através de dawn@dawnbrocco.com.

Estas meias inserem-se nos moldes de meias em miniatura que se encontram na Internet, ou pode juntar-lhes uma alça e transformá-la num elemento decorativo.

Malhas Iniciais e Dedo

Use o começo turco ou o Começo Mágico de Judy (Judy's Magic Cast-On), para um total de 12 malhas. Comece por segurar o fio entre as duas agulhas com a ponta pendurada em frente da agulha inferior. Passe o fio por cima, de trás para a frente, e por baixo, da frente para trás, seis vezes. No fim do número desejado de laçadas, o seu fio de trabalho está atrás e vem para cima por trás da agulha inferior. Faça deslizar a agulha inferior mais para a direita e superior para a esquerda e comece a tricotar. Vire e faça o mesmo com a segunda agulha. Acho mais fácil dividir a meia por 4 adps ou duas agulhas circulares nesta fase. Em seguida, fazemos os aumentos. 1 pm. Faça 1 – levantando a barra entre as duas malhas ou tricotando na malha por baixo da seguinte. Tricote por cima da carreira até à penúltima malha. Faça 1 – levantando a barra entre as duas malhas ou inserindo na malha por baixo da malha anterior (deste modo, vê-se do outro lado). 1 pm. Vire o trabalho e repita sobre a metade inferior. Depois, faça uma volta completa. Repita até obter o número desejado de 24 malhas sobre todas as agulhas.

Corpo

Tricote em pm até – quando inserir o polegar no dedo da meia – a ponta do trabalho chegar ao nó do seu dedo. Devem ser umas cinco carreiras depois de terminar o dedo da meia.

Reforço

Como o tornozelo é mais largo do que o pé, geralmente é necessário um reforço. Na metade inferior, faça mais uma carreira: 1 pm. Faça 1 – erguendo a barra entre as duas malhas ou inserindo na malha por baixo da malha seguinte. Tricote em pm através do cimo da carreira até à penúltima malha. Faça 1 – levantando a barra entre as duas malhas ou inserindo na malha por baixo da anterior (de modo a que fique voltada para o outro lado). Tricote 1 pm. Para a meia em miniatura, só precisa de uma malha de cada lado da sola. Em seguida, tricote em pm através da parte de cima da meia e comece o calcanhar.

Calcanhar com Carreiras Curtas

Todas as instruções para fazer o calcanhar parecem estranhas e confusas até as experimentarmos. Trabalhe *apenas* sobre a metade inferior da meia.

Carreira 1: Faça 13 malhas em pm (exceto uma do fundo). Movimente o fio de trabalho como se fosse tricotar em pl. Passe a última malha, não trabalhada, da agulha esquerda para a direita. Vire o seu trabalho. Isto chama-se torcer e virar, porque está a torcer uma malha e a virar o

trabalho.

Carreira 2: Passe a primeira malha, não trabalhada, da agulha esquerda para a direita, concluindo o torcer e virar. Tricote a m seguinte em pl e continue em pl até à última malha. Movimento o fio como se fosse tricotar em pm e passar a última malha. Vire.

Carreira 3: Passe a primeira malha e tricote em pm até à última malha antes da malha não trabalhada. Torça e vire.

Carreira 4: Passe a primeira malha e tricote em pl até à malha anterior à malha não trabalhada. Torça e vire.

Repita as Carreiras 3 e 4 até 3 das malhas do calcanhar estarem torcidas e do lado esquerdo, 8 malhas estarem «vivas» no meio e 3 estarem torcidas e do lado direito. Neste ponto, deve estar preparada para fazer uma carreira do direito. Metade do calcanhar está pronta.

Agora, vai fazer a segunda metade do calcanhar:

Carreira 1. Tricote em pm as 8 malhas «vivas» até à primeira malha não trabalhada e torcida. Para trabalhar esta malha, apanhe a malha torcida e tricote-a em pm juntamente com a malha. Apanhe sempre a malha torcida pelo lado de fora da meia. Torça a malha seguinte (de modo a que ela fique agora com dois torcidos) e vire.

Carreira 2: Passe a primeira malha (duplamente torcida) e tricote em pl até à primeira malha não trabalhada e torcida. Apanhe a malha torcida e tricote em pl juntamente com a malha. Torça a malha seguinte e vire.

Nas carreiras seguintes, pegue nas duas malhas torcidas e tricote-as em pm ou em pl juntamente com a malha. Continue até acabar as malhas torcidas de cada carreira. Recomece a tricotar em pm a parte de cima do pé. Quando chegar à parte de baixo do pé e às malhas torcidas que lá estão, pegue nas malhas torcidas e continue a tricotar em pm à volta.

Eliminação das Malhas Extra do Reforço

Agora, temos de eliminar as malhas suplementares que fizemos para o reforço. Ao começar a outra metade inferior da meia, passe 2 malhas e em seguida tricote-as juntas em pm. No fim da parte inferior da meia, tricote 2 juntas em pm. Para a meia em miniatura, só acrescentou 1, portanto, faça isso uma vez.

Tornozelo

Limite-se a tricotar em pm. Mais uma vez, pode usar o seu polegar e o respetivo nó do dedo como guia, ou dobrar a meia no calcanhar e, quando chegar ao começo do estreitamento do dedo do pé, pare.

Nervuras

Umhas nervuras no cimo ficam bem e ajudam a meia a manter-se direita. Três carreiras de pm 1

e pl1 são suficientes. Pode fazer o tornozele inteiro com nervuras, se gostar.

Remate

Nesta fase, tenho o péssimo hábito de recorrer à agulha de croché com barbela. Mas uma simples repetição de 2pmj e retirar a laçada da agulha direita para a agulha esquerda também resulta.

GEORG HAWKS é uma Tserf profissional e criativa de Tsarina of Tsocks and Holiday Yarns. Vive no Norte do estado de Nova Iorque com o marido, dois cães e três gatos. Admite sem rodeios que é viciada em meias, mas recusa-se a procurar ajuda.

Trabalho: <http://holidayyarns.com>

Diversão: <http://thegeorg.blogspot.com>

Contacto: thegeorg@stny.rr.com

Há muito que desconfiava que nasci no século errado, pois os ofícios e os saberes antigos sempre fizeram as minhas delícias. Há poucas coisas que sejam mais empolgantes ou gratificantes para mim do que ver um cordeirinho a dar os primeiros passos e pastoreá-lo até à idade adulta. A lã da primeira tosquia, depois de fiada, produz um fio delgado e macio que é ideal para fazer cachecóis arrendados ou uma camisola com entrançados. Os anos seguintes fornecem mais fibra para camisolas e, com sorte, mais cordeiros para aumentar o rebanho.

Quanto mais complexo é o modelo, mais interessante se torna, creio eu. Não basta reproduzir os modelos em tricô. É engraçado adaptá-los à fição manual, misturar, combinar e experimentar. O que nos pode acontecer de pior? Os resultados são feios? E depois? É fácil desfazer e aproveitar o fio para começar de novo qualquer outra coisa que resulte melhor. Imaginem se a vida fosse igualmente versátil.

Apesar deste gosto pela aventura no país das fibras, constatei que, na maioria dos meus trabalhos de tricô, uso os pontos mais simples. Agradá-me acusar um ferimento na mão que me deixou com três dedos dormentes durante meses, mas a verdade é que adoro o sossego de espírito de tricotar algo tão simples que me permitisse continuar a trabalhar às escuras sem deixar cair uma malha, se eu tivesse cuidado... muito, muito cuidado. Em vez de forçar os meus olhos já cansados, posso descontraí-me na companhia de amigos, ver televisão com a família ou manter os dedos ocupados durante uma reunião tensa e projetar um ar de atenção e de calma que é tão diferente do que verdadeiramente sou, quando aguardo, agitada e irrequieta, a minha vez de falar.

O meu cachecol MARA representa talvez esses pontos simples que prefiro – assim chamado porque, há dez anos, eu levava o meu saco de tricô para reuniões do meu grupo de escrita, o Mid-American Romance Writers, MARA, para simplificar. Quando um cachecol atinge o tamanho adequado, remato-o, acrescento a franja, ofereço-o a alguém que mereça e parto para o seguinte. O modelo é um ponto de arroz solto, em geral com agulhas 9 ou 10 e uma mistura angorá ou mohair. O halo do fio cria um cachecol macio e voluptuoso que esconde um pequeno erro ocasional.

A malha de cada cachecol encerra cem recordações – sorrisos, risotas, barrigadas de riso, algumas resmunguices e frustrações e talvez até algumas lágrimas. Cada cachecol viveu comigo pelo menos uma ou duas crises e conheceu o toque de muitos amigos, pois quem pode resistir ao fascínio sensual de uma lã bem fiada e macia?

O modelo é um simples ponto de arroz, repetido em todo o cachecol. Comece por um número ímpar de laçadas – 25 para uma largura de 17,5 cm, 35 se preferir algo mais próximo de 25 cm de largura. Em cada carreira, pm1, pl1, repita e termine com pm1. Em cada uma das carreiras seguintes, tricote em pm nos pl da carreira anterior e tricote em pl nos pm da carreira anterior. Deste modo, é fácil saber quando se enganou e até onde tem de desmanchar para corrigir o erro. A única opção mais fácil seria um simples ponto de liga, mas o ponto de arroz cria uma malha mais bonita que é reversível. Quando o cachecol atingir o comprimento pretendido, remate e junte as franjas. Ou não. Ofereça-o ou fique com ele, ou, se o resultado não lhe agrada,

desmanche tudo e faça outra coisa.

Só há uma regra que não deve violar ao fazer o cachecol MARA. Tem de usar o fio de que gosta. A lã macia deve provocar uma sensação de prazer na pele. Aconteça o que acontecer à sua volta enquanto faz tricô, a sua lã deve ser uma companheira agradável nas muitas horas que passará com ela.

LAURA PHILLIPS pode ser contactada em laura@laura_phillips.net e www.lauraphillips.net e também em www.thelandofmoo.com.

MEIAS CANELADAS BÁSICAS DE KIM HELMICK
– COM VIROLA

As meias são um projeto de tricô maravilhoso. Como são pequenas e fáceis de transportar, posso fazê-las em qualquer lado. Além disso, dão-nos a oportunidade de aprender todas as técnicas de tricô possíveis e imagináveis sem grandes compromissos de tempo. Diversos tipos de carreiras curtas, trabalho de cores, renda ou entrançado – as meias permitem que quem faz tricô experimente novas técnicas. Este é o meu modelo básico de meia, sem floreados, criado para que até os relativamente principiantes possam ter êxito com o seu primeiro par de meias.

Materiais

Fio de lã de espessura 6 à escolha.

Tensão do Ponto

5,5 a 6 malhas por cada 2,5 cm.

Abreviaturas

pm = ponto de meia

2pmj = 2 malhas juntas em ponto de meia

pmtl = tricotar em ponto de meia pela parte de trás da laçada

pl = ponto de liga

2plj – 2 malhas juntas em ponto de liga

D – direito

p2pmj = passar 2 malhas, separadamente, no sentido do tricô e depois tricotá-las juntas em ponto de meia a partir desta posição

AV – avesso

Canhão

Comece por fazer 48 malhas soltas. (Utilize duas agulhas juntas se for necessário.) Tenha o cuidado de não torcer as malhas.

Trabalhe no padrão pm2, pl2 até a perna da meia atingir o comprimento desejado (10 a 17,5 cm).

Saliência do Calcanhar

Deixe metade do total de malhas (24) de parte por enquanto. Coloque as restantes 24 malhas numa agulha e trabalhe ora para um lado ora para o outro como se segue:

Carreira 1 (D): passe 1, *pm1, passe 1, repita o padrão a partir de * até à última malha, pm1

Carreira 2 (AV): passe 1, pm através da carreira

Repita estas duas carreiras mais 11 ou 12 vezes (termine com a Carreira 2) até a saliência do calcanhar medir aproximadamente 5 cm.

Virar o Calcanhar

Continue sobre as 24 malhas da saliência do calcanhar e comece uma carreira do direito.

Carreira 1: passe 1, pm12, 2pmj, pm1, vire (ficam 8 malhas por trabalhar no fim)

Carreira 2: passe 1, pl3, 2plj, pl1 vire (8 malhas)

Carreira 3: passe 1, pm4, 2pmj, pm1, vire (6 malhas)

Carreira 4: passe 1, pl5, 2plj, pl1, vire (6 malhas)

Carreira 5: passe 1, pm6, 2pmj, pm1, vire (4 malhas)

Carreira 6: passe 1, p7, 2pj, p1, vire (4 malhas)

Carreira 7: passe 1, pm8, 2pmj, pm1, vire (2 malhas)

Carreira 8: passe 1, pl9, 2plj, pl1, vire (2 malhas)

Carreira 9: passe 1, pm10, 2pmj, pm1, vire (0 malhas)

Carreira 10: passe 1, pl11, 2plj, pl1, vire (0 malhas) – ficam 14 malhas na agulha

Apanhar as Malhas do Reforço

Tricote em pm através das 14 malhas do calcanhar. Use uma agulha vazia (agora designada Agulha 1), continue, apanhe e tricote em pm as 12 ou 13 malhas passadas ao longo da saliência do calcanhar. Apanhe uma malha extra no fim (perto das malhas do peito do pé) para evitar um buraco na parte de cima do reforço.

As agulhas 2 e 3 seguram as malhas do peito do pé. Trabalhe no padrão pm2, pl2 com estas duas agulhas.

Pegue na última agulha vazia (agora designada Agulha 4) e apanhe e tricote em pm uma malha extra no início além das 12 ou 13 malhas da parte lateral da saliência do calcanhar. Continue a tricotar em pm 7 malhas (metade das 14) a partir da agulha original, segurando as malhas do calcanhar. Passe as outras 7 malhas para a Agulha 1. Agora, tem uma agulha vazia para continuar a tricotar à volta.

Reduções do Reforço

Volta 1: Agulha 1 – pm7, t as malhas restantes *por trás da laçada* (ptl). (Isto torce as malhas e evita uma fila de pequenos buracos.) Agulhas 2 e 3 – trabalhe no padrão pm2, pl2. Agulha 4 – pl até restarem 7 malhas, pm7.

Volta 2: Agulha 1 – pm até às últimas 3 malhas, 2pmj, pm1. Agulhas 2 e 3 – trabalhe no padrão pm2, pl2. Agulha 4 – pm1, p2pmj, t até ao fim.

Volta 3: Agulha 1 – pm. Agulhas 2 e 3 – trabalhe no padrão pm2, pl2. Agulha 4 – pm

Repita as Voltas 2 e 3 até ficarem 12 malhas nas Agulhas 1 e 4.

Pé

Continue a tricotar em pm as malhas nas Agulhas 1 e 4 (malhas da sola) e siga o padrão canelado

nas agulhas 2 e 3 (malhas do peito do pé) até a meia medir menos 4,5 cm do que o comprimento total do pé. (Pode tentar calçar a meia com cuidado. Tricote em pm o pé até à base do seu dedo grande.)

Reduções do Dedo

Volta 1 (volta de redução). Agulha 1 – t até às últimas 3 malhas, 2pmj, pm l. Agulha 2 – pm l, p2pmj, pm. Agulha 3 – pm até às últimas 3 malhas, 2pmj, pm l. Agulha 4 – pm l, p2pmj, pm.

Volta 2: Tricote em pm todas as malhas à volta.

Volta 3: Tricote em pm todas as malhas à volta.

Volta 4: Repita a Volta 1 (a volta de redução).

Repita as Voltas 3 e 4 (tricote em pm a toda a volta e uma redução à volta) até ficarem 8 malhas em cada agulha. Depois, faça as voltas de redução até ficarem só 4 malhas em cada agulha.

Enxerte o dedo usando o ponto *kitchener*.

Cosa nas pontas.

KIM HELMICK é uma escritora e fotógrafa *freelance* de Iowa, que também edita a revista mensal *Fort Dodge Today*. O seu blogue de tricô e fotografia encontra-se em <http://kshotz.blogspot.com>.

RACHAEL HERRON:
COMO FAZER TRICÔ ÀS ESCURAS

O tato é tão importante como a visão. Uma saliência na malha é tão inspiradora como um sorriso e um canelado pode indicar onde devemos virar a seguir.

Uma agulha de duas pontas, deixada no sítio errado, debaixo de uma almofada, pode ser uma arma letal, se soubermos como é que o nosso inimigo pode adormecer profundamente. Seria difícil provar, claro está. E isso é que interessa.

Às escuras, macio é sempre macio.

O som tranquilizador das agulhas de tricô a tilintar no escuro torna-se ainda mais relaxante – uma cantilena noturna, uma prece, o rosário rítmico do trabalho.

Fazer alguma coisa quando só podemos confiar nas pontas dos nossos dedos para nos orientarem é um bom teste de perícia. Feche os olhos agora. Faça o que está a fazer. Veja até onde consegue ir.

Fazer tricô à noite, devidamente posicionada, é a melhor almofada.

O fio com que trabalha tem de roçar em qualquer coisa. E se, por acaso, roçar na pessoa que está ao seu lado, tire partido disso. Faça com que resulte.

As agulhas fosforescentes são como a viagem do Capitão EO na Disneylândia – foi uma boa ideia para um período limitado de tempo, mas a dor de cabeça valeu a pena?

Quando acorda de um sonho bom, faça malha. Deste modo, agarra o sonho e conserva-o para sempre.

Mantenha uma vela acesa quando está a trabalhar em algo importante. Ele dir-lhe-á que está satisfeito por a camisola estar quase pronta, mas você perceberá o que ele quer dizer verdadeiramente – você está mais bela do que nunca à luz suave da vela e sente quando ele a beija por cima das agulhas.

RACHAEL HERRON é autora de *How to Knit a Love Song* (Avon), o primeiro volume da série Cypress Hollow Yarn. Tem um blogue (<http://www.yarnagogo.com>) e vive em Oakland com a família, muitas rodas de fiar e uma coleção de animais que desafia a enumeração.

A minha mãe ensinou-me a fazer tricô quando era pequena e, apesar de ter aprendido todos os rudimentos, no fim da adolescência iniciou-se um hiato de quarenta anos até voltar a pegar nas agulhas. Foi a minha amiga de liceu, Alice, que me obrigou a voltar ao tricô há cinco anos e desde então... nunca olhei para trás. É raro o dia em que não faço umas carreiras.

No meio de todos os fios maravilhosos hoje disponíveis e de uma profusão de modelos, estou completamente viciada nesta atividade extremamente relaxante. Fazer tricô apazigua-me, dá asas à minha mente e produz encantadores artigos feitos à mão tanto para mim como para oferecer.

Por cortesia da minha amiga Alice Jordan, partilho um modelo muito simples para fazer panos de cozinha ou toalhas de rosto, que são um bom presente para familiares e amigas. Ótimo tanto para a tricoteadeira experiente como para a principiante. Portanto, agarre nesse fio e nessas agulhas e comece!

Fio: 100% algodão (como Sugar and Cream, da Lily)

Agulhas: tamanho 8 (EUA)

Comece por fazer 35 malhas

Carreira 1: pm3, *pm 1, pl1, repita a partir de * até às últimas 3 malhas, pm 1

Carreira 2: pm3, *m 1, pl1, repita a partir de * até às últimas 3 malhas, pm 3

Repetir Carreiras 1 e 2 até a peça medir 19 cm ou o comprimento desejado.

Remate. Teça as pontas.

TERRI DULONG é a autora de *Spinning Forward* e *Casting About* (Kensington), os primeiros dois livros da sua série Cedar Key. Pode visitar Terri em www.terridulong.com e contactá-la em terridulong@bellsouth.net.

Faço tricô desde que fui escuteira, mas não sou especialista na matéria. Muitas vezes perco a paciência e o que aprecio verdadeiramente é a tranquilidade e o prazer do tricô fácil enquanto vejo um filme (não sou capaz de fazer só uma coisa de cada vez). Mas houve tempos em que fazia camisolas de modelos muito complicados. O meu primeiro marido quis uma camisola. «Fá-la com um brontossauro a comer erva», pediu ele, e como eu o amava, disse que ia tentar. Nem imaginava como lá chegar, mas fiz inúmeros desenhos do que me parecia que a camisola devia ser. Depois, usei papel milimétrico e lápis de cor para esboçá-la e finalmente atirei-me ao projeto. Rodeada de novelos de castanho, verde, vermelho, bege e azul-celeste, fiz uma paisagem numa camisola! Demorei quatro meses a fazê-la mas ficou espantosa. Valeu a pena! O meu marido adorou-a e usou-a. Até ao momento em que descobri que ele andava a enganar-me. Tirei a camisola da gaveta dele, dei-lhe uns golpes e deitei-a no lixo. Ele foi buscá-la e tentou cosê-la. Eu cortei-a ainda mais. Agora que voltei a casar, sou feliz e continuo a fazer tricô, sei que não devia ter destruído aquela camisola. O casamento terminou, mas não havia razão para fazer o que fiz àquela camisola maravilhosa.

O nono romance de CAROLINE LEAVITT intitula-se *Pictures of You* (Algonquin Books). Caroline faz crítica literária em *People Weekly* e é colunista do *Boston Globe*. Pode visitá-la em <http://www.carolineleavitt.com>.

JEAN BRASHEAR:
O ENCANTO DA QUARTA VEZ...

Eu era o que se podia chamar um desastre ambulante no tricô (e fui) ou talvez uma história de sucesso moderada, creio. A primeira vez que fiz tricô, tinha oito ou nove anos e estava num acampamento de escuteiros com um chefe que queria que aprendêssemos... depressa. Imaginem uma miúda, umas agulhas muito finas, um maldito fio quebradiço. Juntem-lhe malhas demasiado apertadas, um prazo curto, ninguém em casa que soubesse tricotar, e aí têm uma receita de lágrimas e náuseas. Passaram-se anos até que conseguisse voltar a fazer tricô.

Avanço rápido para a jovem que resolve criar o seu próprio vestido com um *top* de malha ligado a uma cascata de filas de restos de tecido (não perguntem... não faço ideia do que eu estava a pensar). Ainda demasiado traumatizada para fazer tricô, apressei-me a mudar para o croché e, como era pobre, achei que o fio de tapeçaria era o máximo e atirei-me de cabeça. (Sim, ai.) Por sinal, o vestido suscitou uma grande admiração (talvez devido à falta de roupa interior, mas não avancemos por aí), mas o termo *atamancado* não chega para descrever a experiência. Juntem-lhe o calor do verão... O Segundo Desastre.

Vivo no Sul, e não há muita procura para os artigos de tricô quentes (felizmente, hoje há fios próprios para o verão), portanto, nem vos posso explicar o que me passou pela cabeça com o Terceiro Desastre, a saia comprida de malha (em vermelho-vivo, branco, e riscas azuis, nada mais nada menos) que resolvi fazer. Uma saia lisa? Oh, nãããã... como podia eu ser tão racional? Tão circunspecta? (A impulsividade subsiste, até hoje, um desafio que não dominei... com uma dose considerável de teimosia à mistura, uma combinação habitualmente letal.) Era uma saia encorpada, em que as carreiras se sucediam e me cansavam tanto (já para não falar do calor que o trabalho desenvolvia), mas não desisti, ao ponto de a minha avó ter pena de mim e revezar-se comigo. (Embora tenha a certeza absoluta de que ela passava o tempo a abanar a cabeça – o amor é uma coisa maravilhosa, não é? Não só ela se encharcou em suor comigo, como nunca me disse que eu era uma idiota.) Não faço ideia do que aconteceu a essa saia, mas uma aldeia inteira podia aquecer-se dentro do que se tornou uma tenda índia de malha, juro.

Mais tarde, quando tive filhos, recomecei a tricotar e por sinal fiz algumas camisolas... com desenhos, até! Um colete cinzento para o meu amado e uma memorável (nunca permitam que um miúdo de quatro anos escolha o seu próprio fio) às riscas verdes e cor de laranja para o meu filho (também não sei o que aconteceu a essa... uma bênção, IMO) Portanto... o encanto da quarta vez. Mais ou menos.

Só que ainda tenho Medo de Meias (uma meia nas agulhas, no momento em que falamos... está lá há seis meses, e acabei pelo menos uma dúzia de outros projetos entretanto, mas não vou desistir, juro, estou apenas... a ganhar coragem). E conservo uma tendência lamentável para me desenvencilhar sozinha, sem amostras... mas não sou nenhum génio do tricô e a criatividade não é o meu forte. Continuo a não saber o que significam todas as abreviaturas e não quero esforçar-me muito a pensar enquanto faço tricô, porque o faço sobretudo quando vou visitar alguém ou estou a ver alguma coisa, hum, programas de televisão interessantes (porque não pode haver só um, não é verdade?) escolhidos pelo meu amado (para poder estar ao pé dele sem pegar no

comando) e portanto... acho que a moral a extrair é que não é preciso ser uma tricoteadeira dotada como Barbara Bretton nem nenhuma das outras deusas do tricô que permitem que eu as acompanhe apesar de ser claramente a Equipa B... Mesmo assim, fazer tricô pode ser divertido. E terapêutico.

JEAN BRASHEAR, uma romancista premiada, empresta um tom melancólico e singular à ficção feminina em *The Goddess of Fried Okra* (Bell Bridge Books). « Completamente original, estranho e pungente », afirma Susan Wiggs, que integra a lista dos mais vendidos do *New York Times*. Pormenores em www.jeanbrashhear.com.

Acredito firmemente que os presentes feitos por nós são os mais preciosos que podemos oferecer. Todas as fases do processo de criação e de execução se concentram no destinatário do presente, desde a escolha do modelo e do material até à própria concepção. Não podemos deixar de pensar na pessoa enquanto trabalhamos e esses pensamentos, recordações e desejos parecem impregnar o artigo que fazemos unir-se ao presente para sempre. Ele torna-se um daqueles presentes mágicos cujo significado ultrapassa muito o objeto físico.

Esta é a história de um desses presentes especiais.

Quando me mudei para o Noroeste do Pacífico, em 1995, apresentaram-me a uma mulher, Sue, que partilhava vários interesses comigo e tornámo-nos amigas. Ela e o marido encorajaram-me tanto na minha carreira como na minha vida particular. Convidei-os para o meu casamento e foram padrinhos do meu filho mais novo. Contactávamos uns com os outros com frequência e partilhávamos muita coisa. O marido de Sue lutava com graves problemas de saúde e Sue também tinha problemas físicos, mas, quando eu precisava de apoio ou de desabafar, bastava-me telefonar a Sue ou enviar-lhe uma mensagem.

Tentei afincadamente corresponder à amizade, embora admita que muitas vezes me senti impotente para fazer muito mais do que dar um abraço fraterno e oferecer um ombro solidário. Não era agradável sentir que não podia fazer mais, mas esforcei-me. Depois, o impensável aconteceu: o marido de Sue morreu, muito provavelmente devido à interação dos medicamentos receitados pelo médico. A polícia telefonou-nos de madrugada, a mim e ao meu marido, e corremos para casa de Sue. Sei que isto parece mórbido, mas ainda me sinto grata pela possibilidade de me despedir do marido dela e de preservar ao máximo a sua dignidade, ao mesmo tempo que protegi Sue o melhor que pude.

A perda de Sue foi traumática. Nem me atrevo a compreender ou a afirmar que sei o que ela sentiu porque não sei. Ainda não sei. Tentei demonstrar-lhe que gostava muito dela e me preocupava muito com ela, mas Sue mudou-se daquela zona para tentar saber como iria continuar a viver como viúva e o que pretendia fazer. Interrompemos o contacto nos últimos três ou quatro anos, salvo uma ou outra informação ou um ou outro *e-mail*, mas continuei a pensar nela e a querer-lhe bem.

Há cerca de seis meses, recebi um telefonema de Sue a dar-me uma notícia fantástica. Tinha conhecido um homem maravilhoso com quem vivia e queria saber se eu seria sua dama de honor no casamento. Pareceu-me ótima – provavelmente mais animada e positiva do que nunca e verdadeiramente feliz. Tudo o que eu lhe desejava – felicidade e segurança – estava no horizonte. Disse-lhe que estava radiante por ser sua dama de honor e trocámos uma série de informações antes de desligar o telefone.

Soube imediatamente o que queria fazer para o casamento dela. Uma coisa especial. Algo a que ela e eu própria fôssemos sensíveis e que tivesse a ver com o caminho que ambas havíamos percorrido quer em conjunto quer a nível individual. Algo que conseguisse captar as recordações e os sonhos que tínhamos partilhado uma com a outra. Tinha recommçado a fazer tricô depois de ela se mudar. Adorava malha arrendada e lembrei-me que Sue também a apreciava muito, tanto

mais que detestava ter frio mas não gostava de roupa com mangas. Não era a melhor combinação, sobretudo no Noroeste do Pacífico. De repente, soube o que ia fazer: um xaile. O primeiro xaile de malha arrendada feito por mim seria para Sue.

A partir daqui comecei a procurar um modelo. Há muitos modelos por aí e eu sou fã de um *site* chamado Ravelry (www.ravelry.com), onde as pessoas que fazem tricô e croché se reúnem e se podem ver modelos, fios, projetos e até comprar modelos – devo ter guardado dois terços porque sabia que um dia gostaria de os fazer em tricô –, mas quando vi um modelo chamado Oriental Impressions Triangle, de Sylvie Beez, percebi logo que aquele era o xaile indicado para Sue. Se quiser ver o modelo do xaile que eu escolhi, vá a <http://www.ravelry.com/patterns/library/oriental-impressions-triangle>.

Oriental Impressions é um triângulo simétrico em que uma linha central separa dois lados iguais formados por quadrados, triângulos e ilhós. Quando olhei para a amostra do xaile na respetiva página, ele parecia o caminho sinuoso que a minha amizade com Sue seguira, onde não faltava o percurso em conjunto, a separação e depois o reencontro. Uma grande área de ilhós parecia indicar o período de contactos irregulares e depois uma bordadura encantadora que lembrava o olho de uma pena de pavão – algo que sempre associei à felicidade e à beleza.

Uma vez escolhido o modelo, precisava de tomar uma decisão quanto à cor e à fibra. Nessa altura, Sue enviara-me um *link* que remetia para a fotografia do vestido, para que eu soubesse que ela levava um vestido verde-mar, sem mangas, neste segundo casamento. Eu sabia que desejava algo a condizer, mas não queria arriscar-me nem a um contraste total nem a uma aproximação excessiva mas não coincidente. Também queria um xaile quente e voluptuoso, mas não demasiado pesado. Algo que embrulhasse e envolvesse a minha amiga mas que não a sobrecarregasse nem parecesse opressivo em demasia. Uma amiga fizera uma grande peça de malha arrendada em fio Jagger Spun's Zephyr – uma mistura muito leve de lã e seda – e, como eu adorara o toque, decidi-me por uma linda cor de baunilha do mesmo fio para o xaile de Sue.

Quando recebi o fio, o casamento fora adiado para um de maio, de modo a atender a outros compromissos. Comecei com agulhas de tamanho 2 (pequenas!) e deitei mãos à obra. Sou uma principiante na malha arrendada e como nunca trabalhei com um fio tão fino, não posso fazer outras coisas ao mesmo tempo que me ocupo do xaile de Sue. Tenho de estar atenta ao trabalho para não me enganar nas contagens nem deixar cair malhas. Como tenho gatos que adoram lã e querem estar sempre ao pé de mim, não posso trabalhar no rés do chão, onde está a televisão. Portanto, estou a fazer este xaile no meu quarto, com toda a atenção.

Cada malha é acompanhada por pensamentos da nossa amizade, recordações de momentos partilhados e desejos e sonhos para o futuro de Sue. Há fases de concentração intensa, quando tenho uma série complicada de malhas ao longo da carreira de retorno só em ponto de liga. Faz-me lembrar o dá-e-tira de uma amizade – tempos complexos e trabalhosos para alimentar a amizade e, alternadamente, ser alimentada por ela. Apesar de tudo, o fio não se parte. Não há nós nem junções; tudo se resume a um longo, longo fio que nos une.

Neste momento, vou a meio do trabalho e todas as noite me dedico a ele para o acabar a tempo e horas. Há alguns defeitos – enganei-me na contagem uma ou duas vezes –, mas eles não desfeiam o conjunto. Pensei em voltar atrás e corrigi-los, mas resolvi não o fazer. Este xaile de casamento não tem a ver com perfeição nem com ilusões de infalibilidade. Eu sou imperfeita, Sue é imperfeita, a nossa relação tem tido altos e baixos; portanto, é natural que o seu xaile de

casamento conserve os defeitos que tem, não obstante o meu cuidado e a minha atenção.

Até há lágrimas neste xaile. Por diversas vezes, as recordações levaram-me às lágrimas e algumas caíram no fio. Deixei-as secar. Qual a amizade que não envolve lágrimas?

Quero que Sue se embrulhe neste xaile e pense no amor com que foi feito. Ele pode aquecê-la quando ela tiver frio, acariciá-la quando ela se sentir frágil, abraçá-la quando ela precisar de um abraço e ser um símbolo visível da beleza que emerge de anos de amizade, apesar de o todo não estar isento de defeitos, feridas e cicatrizes.

Já escrevi um cartão que o acompanhará e que diz:

*Sue,
Os meus braços para te abraçar,
O meu coração para te amar,
A minha amizade para te apoiar,
A minha energia para alimentar os teus sonhos,
Que a beleza te acompanhe, sempre.*

*Abençoada sejas no dia do teu casamento,
Maura*

MAURA ANDERSON escreve livros técnicos, publicados, de dia, e ficção publicada na Internet, à noite, pelo menos quando não passa o tempo a ler, a tricotar, a fazer joias, ou a ser esposa e mãe. Há quinze anos que vive na bela localidade de Puget Sound com o marido, o filho mais novo e uma série de animais adotados. Há pouco tempo, transpôs o prazer de contar histórias, que sempre a acompanhou, para a escrita e trabalha em vários subgêneros do romance; presentemente, está a escrever um romance de fantasia urbana/*steampunk* situado num Egito alternativo. Todos os dias trazem novas ideias e novos desafios. Pode saber mais sobre Maura e os seus projetos no seu *site*, em <http://www.realmsoftheraven.com>.

Agradecimentos

Um grande obrigada a todos os meus amigos de Romancing the Yarn, designadamente Fran Baker, Maura Anderson, Devon Monk, Dallas Schulze (que me ensinou «fiandês»), Nancy Herkness, Mary Ann Mohanraj, Caroline Leavitt, Janet Spaeth, Elizabeth Delisi, Terri DuLong, Rachael Herron, Jean Brashear, Laura Phillips, Flo Moyer, Cindi Myers, as duas Nicoles, Kim H, Shirley, Mandy, Penny, Adrienne, Monica, Sharon, Cathy, Jill, New Zealand Kim, Kat, Sara, Rho, Renna, Lynda, Leslie, Rusty, Tanya, Michelle, Linda, Pat, Ellen, Carol N, Holly, Anne, Mary, Avó Moo, The Georg, Lynda, Laura, Turtle, Susan, Anonymous 1-2-e-3, e todas as outras pessoas que arranjaram tempo para me visitar nos últimos anos.

Um abraço apertado a Jeremy Bredeson, que me deu um curso revigorante de confiança quando eu mais precisava dela.

Obrigada a Dawn Brocco pelos biscoitos mágicos de especiarias e pela amizade!

Um grande viva às tricotateiras de Fiber Fiction on Ravelry que transformaram numa fonte de prazer a consulta das mensagens diárias. (Pronto, duas vezes por dia.)

Um bem-haja tricotateiro à nossa sobrinha Tricia, que foi seduzida pelo lado sombrio da obsessão pelas fibras.

E, sobretudo, ao meu marido, Roy, que partilhou comigo inúmeras viagens de estrada. Amote, BDH.

Table of Contents

Ficha Técnica

Para Alaskan Sass, Moonshh, Anna92, Lemonsong, Wagsmeows, Twoszee, Treklady, Kristyh1981, Tishkits, Miaknit, Ria19 e todas as maravilhosas

1

CHLOE SUGAR MAPLE, VERMONT

2

CHLOE

3

LUKE

4

CHLOE

5

LUKE

6

CHLOE

7

LUKE

8

CHLOE

9

LUKE

10

CHLOE

11

LUKE

12

LUKE

13

LUKE UNS QUILÓMETROS A NORTE DE SALEM, MASSACHUSETTS

14

CHLOE

15

LUKE

16

CHLOE

17

LUKE

18

LUKE

19

LUKE

20

CHLOE

21

LUKE

22

CHLOE

23

LUKE

24

CHLOE

25

CHLOE SALEM, 1692

26

LUKE

27

CHLOE

28

LUKE

29

LUKE

30

CHLOE

31

CHLOE

32

CHLOE

33

CHLOE

34

CHLOE

Epílogo

CHLOE

RONDA DE PROJETOS DE BARBARA BRETTON PARA VIAGENS DE ESTRADA

MINIGORRO DE DAWN BROCCO

MEIAS EM MINIATURA DE GEORG HAWKS

O CACHECOL MARA DE LAURA PHILLIPS

MEIAS CANELADAS BÁSICAS DE KIM HELMICK – COM VIROLA

RACHAEL HERRON: COMO FAZER TRICÔ ÀS ESCURAS

TERRI DULONG: NÃO OLHE PARA TRÁS!

CAROLINE LEAVITT: A CAMISOLA

JEAN BRASHEAR: O ENCANTO DA QUARTA VEZ...

MAURA ANDERSON: O XAILE DE CASAMENTO

Agradecimentos